



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE - UFRN
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES - CCHLA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA - PPGFIL

RAZÃO E HISTÓRIA EM HEGEL:

a cultura filosófica como liberdade e educação do sujeito

Edson Gonçalves da Silva Filho

NATAL, RN

2019

Edson Gonçalves da Silva Filho

RAZÃO E HISTÓRIA EM HEGEL:

a cultura filosófica como liberdade e educação do sujeito

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte para obtenção do título de mestre em Filosofia.

Orientador: Prof. Dr. Alípio de Sousa Filho.

Natal, RN

2019

Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN

Sistema de Bibliotecas - SISBI

Catálogo de Publicação na Fonte. UFRN - Biblioteca Setorial do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes - CCHLA

Silva Filho, Edson Gonçalves da.

Razão e História em Hegel: a cultura filosófica como liberdade e educação do sujeito / Edson Gonçalves da Silva Filho. - Natal, 2019.

251f.: il. color.

Dissertação (mestrado) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Pós-Graduação em Filosofia, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2019.

Orientador: Prof. Dr. Alípio de Sousa Filho.

1. História - Dissertação. 2. Ciência - Dissertação. 3. Cultura - Dissertação. I. Sousa Filho, Alípio de. II. Título.

Elaborado por Heverton Thiago Luiz da Silva - CRB-15/710

Edson Gonçalves da Silva Filho

RAZÃO E HISTÓRIA EM HEGEL:

a cultura filosófica como liberdade e educação do sujeito

Dissertação apresentada e aprovada em banca examinadora

Prof. Dr. _____

Prof. Dr. _____

Prof. Dr. _____

Natal, RN

2019

AGRADECIMENTOS

Escrever com o corpo todo e não com seus pedaços.

Pensar com a cabeça e o corpo.

Para criar a possibilidade da existência de uma filosofia tem que ter o pão, a carne, o leite, o café, o feijão e o arroz... como também as ideias que abrem possibilidades de criar novos conceitos em tábua de bronze.

Não podemos esquecer do gás que faz o fogo e transforma os alimentos. Isso é nutrição. Sem ela não seríamos nada sobre nada.

A filosofia é uma boa alimentação para o Espírito.

Agradeço a todos aqueles que um dia me concederam a nutrição (alimentação) como o elemento primordial para o uso social do corpo. Em particular, a minha mãe, Maria das Graças da Silva, uma senhora de mais de sessenta anos de idade, que começou a vender coisas na feira do carrasco, localizada na zona leste da cidade de Natal - RN, para me manter estudando nesta instituição de ensino Federal e Superior. Agradeço também ao pessoal da assistência estudantil da UFRN por ter acompanhado meu desempenho na graduação e na pós-graduação como requisito para manutenção da bolsa alimentação, aquisição auxílio moradia e bolsa demanda social CAPES. Sem estes pré-requisitos básicos de existências, não teria desenvolvido essa pesquisa de cunho filosófica.

A minha gratidão, em especial, aos professores Walter Glenn Erikson e Alípio de Sousa Filho por terem apoiado a execução deste estudo. Os diálogos filosóficos e científicos promovidos por estes educadores em sala de aula e fora dela, proporcionaram reflexões profundas acerca do trabalho teórico e conceitual tecidos em Filosofia segundo a insistência no uso livre da Razão que não foi levada para Cruz.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

A vida ética é a formação (*Bildung*) absoluta, porque no eterno se encontra a aniquilação empírica real de todas as determinidades e a mudança de todas. É o desinteresse absoluto, porque no eterno nada há de privado. É - e também cada um dos seus movimentos - a suprema liberdade e beleza, visto que o ser-real e a configuração do eterno são a sua beleza. A vida ética é sem sofrimento e bem-aventurada; com efeito, suprimiu-se nela toda a diferença e toda a dor. É o divino, absoluto real existente, o que é, sem véu algum, sem que seja preciso primeiro elevá-lo à idealidade da divindade e extraí-lo antes do fenômeno e da intuição empírica; ela é imediatamente intuição absoluta.

- Hegel

O sistema de vida ética.

Espera-se hoje por um Karl Marx, por alguém que proteste tal como ele fez como opositor de Hegel, contra o fato de se estar tratando esse grande pensador como um 'cachorro morto'.

- Gadamer

Hegel - Husserl - Heidegger.

RESUMO

Esta dissertação tem o objetivo de analisar, expor, verificar e refletir sobre os conceitos de Razão e História no sistema científico e Filosófico elaborado por Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1770-1831), segundo a perspectiva da cultura (*Bildung*) do sujeito que desvela todo o processo de formação que engendra a lógica absoluta da ideia, como também o *lógos* da natureza e o movimento do Espírito. Tal educação só é possível de ser realizada quando o sujeito adquire uma cultura filosófica que, a partir do método dialético de investigação histórica, foi criada pelas escolas de Filosofia que surgiram na Grécia clássica. Começando com Tales de Mileto até chegar em Aristóteles. O conceito de substância e sujeito foram definidos por alguns destes pensadores que sintetizaram o mecanismo orgânico do todo como causa divina sob o preceito da teórica conceitual. Hegel é influenciado pelos estudos destes filósofos que esclareceram a história deste saber que ainda era vinculado a causa geocêntrica do universo. É neste contexto político de descoberta científica que a cidade grega desde então passa a ser o palco de estudos a respeito do poder político, da ciência da natureza e da ciência do homem como também da preocupação com o destino trágico de toda geração que é domesticada pela sofistaria de pensamento que corrompe os deuses, a natureza e os homens. Para fazer um julgamento do espírito histórico do homem moderno e de todo mundo antigo que o antecede, Hegel teve que tomar conhecimento da crise que evidencia a eticidade trágica de toda cultura ocidental que começa a ser examinada por Sófocles (495 a.C. - 406 a.C.) que escreveu o primeiro romance policial da história. É com este intuito que o poeta revela a decadência da mitologia recalcada no barco de Teseu, isto é, no Estado e na sua razão de ser real, ideal e corrompido. A razão de Estado baseada na fortuna e na força da lei natural é posta em xeque pelo *lógos* hegeliano. Portanto, a cultura filosófica do sujeito que adquire a liberdade de pensar na História só é possível mediante a tomada de consciência-de-si dentro de um Estado de direito segundo a sua prescrição assentada na ideia de Razão moral que quebra com os ditames do poder refletido na lei do mais forte. Este julgamento é proferido pelo tribunal filosófico segundo a defesa da Filosofia como uma ciência rigorosa que investiga toda a história do homem e do mundo através de seus conceitos.

Palavras-chave: História, razão, estado, cultura, ciência.

ABSTRACT

This dissertation aims to analyze, expose, verify and reflect on the concepts of Reason and History in the scientific and philosophical system elaborated by Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1770-1831), according to the perspective of the culture (*Bildung*) of the subject that reveals everything the process of formation that engenders the absolute logic of the idea, as well as the *logos* of nature and the movement of the Spirit. Such an education can only be realized when the subject acquires a philosophical culture that, from the dialectical method of historical investigation, was created by the schools of Philosophy that arose in classical Greece. Starting with Thales of Miletus until get to Aristotle. The concept of substance and subject were defined by some of these thinkers who synthesized the organic mechanism of the whole as divine cause under the precept of conceptual theorist. Hegel is influenced by the studies of these philosophers who clarified the history of this knowledge that was still bound to the geocentric cause of the universe. It is in this political context of scientific discovery that the Greek city has since become the scene of studies regarding political power, the science of nature and the science of man, as well as concern for the destiny tragic of every generation that is tamed by the thought that corrupts the gods, nature and men. To make a judgment of the historical spirit of modern man and of all ancient world that precedes it, Hegel had to take cognizance of the crisis which evidences the tragic ethos of all Western culture that begins to be examined by Sophocles (495 b.C - 406 b.C) that wrote the first police novel in history. It is for this purpose that the poet reveals the decadence of the mythology repressed in the boat of Theseus, that is, in the State and its reason of being real, ideal and corrupted. The reason of State based on fortune and force of natural law is put in check by the hegelian *logos*. Therefore, the philosophical culture of the subject who acquires the freedom to think in History is only possible through the realization of self-consciousness within a State of law according to its prescription based on the idea of moral Reason that breaks with the dictates of power reflected in the law of the fittest. This trial is pronounced by the philosophical tribunal according to the defense of Philosophy as a rigorous science that investigates the whole history of man and the world through its concepts.

Keywords: History, reason, state, culture, science

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
1.1. Como se originou a pesquisa	10
2. A escrita da vida da História do mundo: da evolução e do progresso do pensamento conceitual científico filosófico	40
2.1. Razão e história	40
2.2. Dos narradores da história	47
2.3. Cultura filosófica, educação e liberdade do sujeito	71
2.4. O trabalho da ação negadora: o motor imóvel e o <i>lógos</i> universal	87
3. O espírito recalcado no conceito de ideia: a dinâmica lógica do puro desejo dialético	104
3.1. O filósofo e os seu rivais históricos na alegoria	119
3.2. Da matriz animal a consciência de si: seres de rebanho (o nós do duplo recalque da <i>Bildung</i>)	132
3.3. A vida de si e a morte do Outro	145
4. Do juízo criador de conceitos	163
4.1. O conceito de substância e o conceito de sujeito	182
4.2. Do sentido da reconciliação com o divino na era da morte de Deus	204
5. Considerações finais	221
6. Anexos	237
6.1. Anexo I	237
6.2. Anexo II.....	238
7. BIBLIOGRAFIA	240
7.1. Referências citadas	240
7.2. Referências consultadas	251

1. INTRODUÇÃO

1.1. Como se originou a pesquisa

O início desta pesquisa de mestrado foi abstraído pelo diálogo que começou numa disciplina do curso de graduação de Filosofia da UFRN no qual estava matriculado como aluno regular no curso de Filosofia social e política, ministrada no ano de 2014.1 pelo professor Dr. Sérgio Dela-Sávia. No final da disciplina, o docente pediu para que cada aluno escrevesse um *paper* como forma de obter uma nota referente ao conteúdo ministrado na aula. A partir desse encontro, saiu a ideia de um escrito *Sobre o Espírito Moderno do Homem burguês em Hegel: a morte de Deus* como resultado desta cadeira. Mais antes de tomar conhecimento a respeito dessa questão na pena de Georg Wilhelm Friedrich Hegel, o pretendente estudante de mestrado elaborou um estudo na obra de Friedrich Nietzsche a respeito do assunto supracitado no curso de ciências sociais desta mesma instituição de ensino superior entre os anos de 2005-2007. Então, foi a partir desta pressuposição sócio-educativa que surgiu um interesse em estudar o sistema do pensamento de Hegel.

Para complementar o início destes estudos, ou seja, para não dizer que este estudo não teve nenhuma influência pré-identificada, foi obtido, segundo uma cadeira que o professor Dr. Jaime Biella abriu sobre *História da Filosofia IV* (2014.2) que contemplava o estudo da filosofia hegeliana inserida no pensamento moderno e contemporâneo, o caminho para se construir uma pesquisa sobre o *lógos* deste filósofo. Um material acerca do *Homo dystopos: cibernética, controle e destruição* fora confeccionado como a materialização final da disciplina. Os estudos sobre a metafísica aristotélica oferecidos no curso de graduação em Filosofia desta mesma instituição de ensino superior (aula da Dr. Gisele Amaral), relacionados aos conceitos de substância e sujeito, também contribuíram para alavancar a pesquisa deste projeto de investigação filosófica centrado na cultura de si de certos sujeitos que criaram a história da filosofia.

Com esta bagagem introdutória de conteúdos acerca da filosofia de Hegel houve, certamente, uma necessidade de abrir um diálogo com o professor Dr. Dela-Sávia após os resultados destas disciplinas para declarar, por parte do pretendente pesquisador, uma admiração pela filosofia desse filósofo. Isso ocorreu no começo de 2015.2. Um encontro fora marcado em uma sala no CCHLA para conversar a respeito da possibilidade de

desenvolver estudos de pós-graduação em Filosofia, na linha de Ética e Política. Tal professor ficou bastante empolgado com a ideia pelo fato de haver um déficit no que diz respeito ao pensamento histórico hegeliano no curso de Filosofia da UFRN. Hegel não está na moda.

Diante disso, o pretendido orientador desta pesquisa, Sérgio, receitou algumas biografias sobre a Filosofia de Hegel para iniciar os trabalhos de investigação bibliográfica, tais como “À guisa de introdução”, livro *Introdução à leitura de Hegel* (2002), estudo de Alexandre Kojève.

O capítulo do livro citado anteriormente fora estudado como forma de tomar conhecimento do princípio conceitual do conceito de liberdade e educação vinculados aos conceitos de Razão e História. A partir destas leituras iniciais, foram feitos vários apontamentos e anotações sobre o conteúdo contido no texto. O que chamou atenção no capítulo citado foi o conceito de “antropogênese” utilizado por Kojève. Ele define o homem, segundo o *lógos* hegeliano, a partir da consciência-de-si do sujeito na História. Tal sujeito realiza um trabalho na matéria de sua cultura estatal, transformando-a em algo que é dignificado pela cultura vinculado ao saber superior deste sujeito como cultura-de-si. “O homem é consciência-de-si” (2002, p. 11).

O estudo antropogênico sobre o Homem só pode ser realizado segundo o paradigma do desejo vinculado a esta consciência-de-si que é construída no processo da experiência educacional do sujeito no mundo da cultura revelada. Para Kojève, este tipo específico de desejo difere do desejo animal que não tem consciência-de-si, nem tão pouco ele tem uma consciência histórica, política, que dignifique a consciência de uma liberdade humana filosófica marcada pela compreensão de toda vida do universo social e histórico.

O segundo texto que se estudou sobre o conceito de cultura está contido na *Fenomenologia do Espírito*, a saber: *O espírito alienado de si mesmo. A cultura; o mundo do espírito alienado de si; a cultura e o seu reino da efetividade*. Neste documento percebe-se que o conceito de cultura é apresentado de forma lapidar como alienação. Hegel parte deste princípio para demonstrar que o animal e o animal de cultura são dependentes do saber absoluto que os formam e os antecedem como o primeiro círculo lógico-formal que engendra a Natureza e o Espírito que é a síntese entre ambos. Para Hegel: “é, portanto, mediante a cultura que o indivíduo tem aqui vigência e efetividade. A verdadeira natureza originária do indivíduo, e [sua] substância,

é o espírito da alienação do ser natural” (HEGEL, 2011, p. 340).

O último texto de Hegel que fora lido desta primeira bateria de estudos, chama-se *A Razão na História: uma introdução geral à filosofia da história*. Nesta leitura tomou-se conhecimento de como Hegel percebe o desenvolvimento histórico universal segundo os seus métodos de escrever sobre a história das vidas dos povos, sobre a natureza real de ser dos Estados e sobre a tomada de consciência-de-si do sujeito nesta História que começa a ser tecida, acidentalmente, dentro da criação poética e mítica; logo em seguida, ela está escrita dentro das práticas políticas dos sujeitos históricos que levam a História adiante segundo o poder da fortuna e da força que são as bases fundamentais do Estado *Kraft* em toda história da humanidade. Depois disso, esta prática de narrar a totalidade da História, segundo a criação filosófica conceitual radicada na história da Filosofia grega como método, estabelece um modo diferencial de escrever a História da vida do mundo a partir de sua composição e decomposição orgânicas e inorgânicas tendo em vista a lente do conceito como modelo de operação de leitura acerca do mundo. Com base nesta obra, estudou-se os conceitos de Razão, História, Liberdade, Indivíduo como sujeito e como objeto da História; Estado, mundo, desenvolvimento histórico que fora marcado com sangue pelos heróis históricos. Também foi desenvolvida algumas leituras de comentadores e de outros materiais sobre o autor pesquisado tais como documentários, vídeo aulas, etc... Então, a partir dos dados obtidos, nestas leituras iniciais, fora criado junto com Dr. Dela-Sávia¹ um título prévio para o desenvolvimento do projeto de pesquisa, a saber: *Razão e História em Hegel: a cultura como emancipação (educação) do sujeito*.

A partir destas leituras primeiras nas quais foram realizadas durante este período de estudos, que vão de 2015 até o final de 2016, o incipiente pesquisador em Hegel conseguiu realizar esta ideia de trabalho de pesquisa para ser apresentada ao programa de pós-graduação em Filosofia da UFRN. No final do ano de 2017, ano em que o mesmo entrou no programa, mudou o título do trabalho para *Razão e História em*

1 Para maiores esclarecimentos acerca de mudança de orientação: no final do ano de 2018 tive que mudar de orientação. Comecei a empreender estes estudos com o orientador citado, só que não deu certo concluir tal trabalho com ele. Procurei o Dr. Alípio de Sousa Filho para finalizar o trabalho da pesquisa pleiteada. Como tinha desenvolvido estudos em ciências sociais a respeito do conceito de cultura sob o prisma da esquizoanálise (2007), tendo Alípio como tutor desta pesquisa, então foi a partir disso que surgiu o elo entre esta pesquisa atual e o orientador atual deste projeto, que neste caso, é o Dr. Sousa Filho.

Hegel: a cultura filosófica como liberdade (educação) do sujeito. Título este alterado durante o trabalho de investigação, a saber: mantém o título, mudando apenas o subtítulo para “a cultura filosófica como liberdade e educação do sujeito”.

As atividades desenvolvidas pelo discente durante os estudos de pós-graduação marcaram também o desenvolvimento deste pesquisa como forma de se aproximar do objeto de estudo tendo em vista o conceito de educação e cultura de si que estão centrados nesta investigação científica, a saber: no primeiro ano de curso cumpriu-se os créditos das disciplinas, realizou-se estudos voltados para compor a pesquisa de dissertação como atividades teóricas. Criou-se trabalhos sobre *Educação pública como bem cívico na teoria da justiça de John Rawls: a escola é para todos; A figura do príncipe no lógos de Maquiavel e nos princípios da filosofia do direito de Hegel: a ciência moderna em questão; O movimento hegeliano e a tirania de Estado: o julgamento da real filosofia contra as más compreensões dos seus leitores (1831); O caráter do movimento dialético na certeza sensível em Hegel: o sentido ideal do saber imediato; A cidade e o tirano: a relação entre educação filosófica e política no pensamento de Platão e Hegel*. Para complementar a pesquisa, o estudioso deste projeto também teceu uma atividade prática no espaço cultural Mahalila em 2017. Criou-se uma apresentação que compõe umas das narratividades da História da vida do mundo a partir do espírito poético, musical e filosófico que versou sobre *A antropogênese do Espírito da música no mundo civilizado*. Aqui, neste trabalho, tentou-se descrever cientificamente o quadro trágico do mundo a partir da união entre poesia², artes plásticas, músicas e proposições filosóficas num mesmo espaço, tal como pensaram alguns filósofos da educação antiga/clássica sobre o ensino dos jovens filósofos através da literatura, da ginástica e da música. Isso é uma tarefa deveras difícil quando se quer conhecer o mundo a partir da descrição multidisciplinar que sustenta a sua arquitetura

2 A poesia se constitui dentro da cultura imediata enquanto vitalidade desenvolvida de um certo povo ainda na sua fase primária de maturação em que o Espírito não desvelado está imerso nessa cultura como criação divina. Hegel apresenta mais duas etapas que correspondem, sequencialmente, a saída do Espírito, de maneira *parcial* e incompleto, dessa primeira manifestação efetiva; a terceira etapa refere-se a busca da liberdade do Espírito que se complementa com a descoberta da universalidade desta ação que se eleva à consciência-de-si como também se eleva ao seu verdadeiro saber-de-si como sentimento de liberdade. A própria linguagem poética se torna mais “requintada” no estado civilizacional da cultura (anti) humana. O estudo da história começa a ser investigado pela Filosofia quando a sua manifestação se faz necessária no mundo em que a consciência humana é desvelada pela ação e pela vontade de certos sujeitos históricos. Tais estudos não existem onde tudo isso é ainda uma potência que não é concreta para a Razão científica. “Quando os homens se unem em um Estado, surge a necessidade da cultura formal e, com isso, aparecem as ciências, uma poesia mais requintada e arte, de maneira geral” (HEGEL, 1990, p. 120).

irrefutável de criação e de destruição já vista pelos antigos cientistas gregos. Poesias que falam da composição e da decomposição do universo seguindo o parâmetro das formas reais referentes ao todo e as partes inorgânicas e orgânicas, isto é, o lado inconsciente e consciente desta alegoria universal que transmite a vida da história do mundo.³ Neste trabalho foi musicado um poema de Allen Ginsberg como forma de retratar o novo topos trágico da guerra moderna e contemporânea que constrói câmaras de gás, vírus biológicos tecnologizados, bombas atômicas... Ou seja, isso tudo representa a morte da mãe Terra⁴ sacrificada pelos anti-humanos na História universal do Estado *kraft*.⁵ *Kaddish* (1961) é uma poesia citada no livro *O anti-édipo: capitalismo e esquizofrenia* de Deleuze e Guattari, “Introdução à esquizoanálise”. Os autores da pesquisa fazem uma demarcação de fronteira entre duas linhas de atuação do pensamento, a saber: a linha de fuga e a linha azul. Contra *o instinto de morte*⁶ abstraído do romance familiar descoberto por Sigmund Freud advindo da linha azul⁷, os pesquisadores mostram a fuga do pensamento filosófico de resistência que desconstrói o Édipo falando nos nomes daqueles que fizeram a história da linha menor (fuga) e que lutaram contra a consciência paranoica⁸ centrada no poder despótico da vingança maquinada do partido e da igreja,

3 Ver arquivos em anexo.

4 Sobre os sujeitos que trabalham pregando a morte dos outros como também de todo o planeta, “Os pregadores da morte”, escreveu Friedrich Nietzsche no seu *Zarathustra*: “Há pregadores da morte, e a terra está cheia daqueles a quem se deve pregar a renúncia à vida. A terra está cheia de gente supérflua, a vida estragada pelos que estão a mais. (...). Há os terríveis, aqueles que trazem dentro de si o animal de rapina e que não tem por onde escolher, a não ser os prazeres e a autodilaceração. E até os seus prazeres são também autodilaceramento” (NIETZSCHE, 1998, p. 51). No capítulo do livro *Anti-édipo* de Deleuze e Guattari, “Introdução à esquizoanálise”, observa-se o seguinte a respeito do assunto citado por Nietzsche: “a terra está morta, o deserto cresce: o velho pai está morto, o pai territorial, e também o filho, o Édipo déspota” (2010, p. 406).

5 Filósofos e pensadores do presente citados nas proposições que compõem este recital, a saber: Aristóteles, Michel Foucault, Nietzsche, Hegel, Gilles Deleuze e Félix Guattari, Claude Lévi-Strauss, Guy Debord (N do T).

6 Para os autores do *Anti-Édipo*: “o instinto de morte é puro silêncio, pura transcendência, não doável e não dado na experiência. Esse ponto é bastante notável: é porque a morte, segundo Freud, não tem modelo e nem experiência, que ele próprio, Freud, faz dela um princípio transcendente” (2010, p. 440).

7 Todos os corpos, todos os órgãos, bocas, ânus, pênis, desejos, são controlados pelo tirano. Nada pode escapar de seu olhar furioso. Quem segue outra linha corre o risco de morrer (N do T).

8 A paranoia como uma doença mental, que remete a seleção de corpos para a expansão da guerra universal e ao excesso de controle na cidade reformada pelo poder despótico, era conhecida pelos antigos estudiosos gregos, tais como Hipócrates. Para William G. Niederland em “A paranóia e a sua história”, no livro de sua autoria, a saber, *O caso Schreber: um perfil psicanalítico de uma personalidade paranóide*, escreveu que: “a história da paranóia como entidade clínica pode ser reconstituída até os tempos da escola Hipocrática, que floresceu na antiga Grécia, nos séculos IV e V A.C. Hipócrates identificou vários tipos de doença mental, entre outras a paranóia, palavra que vem do grego *para* (ao lado, modificado) e *nous* (razão, mente)” (1981, p. 49-50).

da raça superior ou inferior, de grupelhos organizados que tecem ações microfacistas no campo de guerra que se instaura, da castração do pai, do pastor delinquente, do útero deformado da mãe que não quer ser mãe, do líder militar e religioso que são tiranos e assassinos profissionais⁹, da família perversa enfim. Eis o poema apresentado no recital (2010, p. 368):

Ó mãe adeus com um longo sapato preto adeus
com o partido comunista e uma meia rota [...]
com teu gordo ventre descaído
com o teu medo de Hitler
com tua boca de piadas sem graça [...]
com teu ventre de greves e chaminés de fábricas
com teu queixo de Trotsky e de guerra da Espanha
com tua voz a cantar para operários esgotados em putrefação [...]
com teus olhos com teus olhos de Rússia
com teus olhos de falta de dinheiro [...]
com teus olhos de Índia famélica [...]
com teus olhos de Tchecoslováquia atacada por robôs [...]
com teus olhos levados pelos tiras numa ambulância
com teus olhos amarrados sobre uma mesa de operação
com teus olhos de pâncreas amputado
com teus olhos de abortos
com teus olhos de eletrochoques
com teus olhos de lobotomia
com teus olhos de divorciada [...]

Estes estudos diferenciados, científicos, poéticos e proposicionais, serviram como apoio para compor a pesquisa segundo a escrita do projeto de pesquisa que apresenta uma problemática específica que remete aos saberes da história da máquina política ocidental. Esta máquina começa a ser problematizada na Grécia clássica a partir do reconhecimento de seu destino trágico no contexto da tragédia sofocliana esboçada por Hegel na *Fenomenologia*. É o conflito tortuoso que marca a história do ocidente e do mundo, que para Hegel, é vista como um sintoma infeccioso entre lei moral e lei do

9 No capítulo *Introdução à esquizoanálise* do livro citado acima, de Deleuze e Guattari, os autores retomam o pensamento de Lévi-Strauss acerca do mito de Édipo, na sua obra *Le Cru et le cuit* (1964), para demarcar a gênese do delírio que começa na *cabeça do pai* que nega o filho. Os adultos que estavam ao redor dessa história conheciam que o verdadeiro pai de Édipo não era o pai que lhe pôs no mundo. Strauss diz que o pai real é o culpado que quer ver o seu filho morto. Édipo aparece como homicida e incestuoso. Ele é a contrapartida negadora dessa rejeição familiar. Segundo a citação retirada da obra de Strauss, revista pelos filósofos citados, que diz que, “todavia, essa culpabilidade parece existir sobretudo no espírito do pai, que deseja a morte de seu filho e se empenha para provocá-la. Afinal de contas, o pai, sozinho, faz papel de culpado: culpado de ter querido vingar-se. E é ele quem será morto. Este curioso desprendimento em face do incesto aparece em outros mitos” (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 361).

Estado, ou seja, entre lei não-escrita e lei escrita. É a viagem de Édipo dentro da História universal que simboliza este destino cravado como dor infinita no inconsciente histórico do homem político¹⁰ ocidental. Édipo opera como um rasgo na história universal. Werner Jaeger, ao escrever sobre “O homem trágico de Sófocles”, demonstra que “foi com uma intuição profunda que Hegel viu na *Antígona* o trágico conflito de dois princípios morais: a lei do Estado e a lei familiar” (JAEGER, 1994, p. 330).

O objeto central desta pesquisa remete ao conceito cultura filosófica como liberdade e educação do sujeito que começa a ser delineada segundo a sua Razão de ser dentro da História da Filosofia que identifica a raiz da problemática centrada no *homo politicus* ocidental.

A hipótese de trabalho aqui alavancada será vista pela consecução do destino trágico que permeia o sentido ético do Estado *kraft* como motor da devastação da História ocidental e universal diagnosticada por Hegel e pelo seus descendentes pesquisadores. Tal destino fora reconhecido por Platão, por Hegel e por outros estudiosos tal como Freud. Eles veem no despotismo a base deste *lógos* que destrói com toda política-real dentro da cidade. Ambos os cientistas citados recorreram aos escritos de Sófocles como ponto inicial desta conversação em que o movimento recalque-repressão repousa no processo formador desta pseudocultura de Estado baseada no tiranicídio. O primeiro, na *República* (1949, p. 413-416), mostra no livro IX a gênese da psicologia do homem tirano assentada no poder anímico de Eros. Tal psicologia é da ordem trans-histórica pelo fato de ultrapassar o tempo em que foi radicada e estudada. Esta consciência é o alicerce deste Estado. O segundo é amplamente influenciado pelo primeiro. No seu trabalho *O sistema de vida ética* (1991), sobre “O negativo, ou a liberdade, ou o crime”, é exposto o conceito de devastação como forma de demarcar o campo de estudos da pesquisa filosófica, a saber, sobre a natureza do crime pelas posses da Terra e do mar segundo a devastação de todo objeto, que neste caso, é o próprio mundo aí revelado e sacrificado pela História universal. Isso tudo começa a causar danos ao homem, a natureza e aos deuses na época de Hegel. Na *Fenomenologia do espírito*, observa-se que a natureza desta psicologia, ou patologia de guerra, assentada

10 A herança desta fundação que cria o *homo politicus* ocidental está enraizada em seus preceitos de conquista sangrenta, de tirania violenta, de poder arbitrário da força de matar e construir o movimento do peso da roda da fortuna. Leo Strauss na “introducción” de seu livro *Meditacion sobre Maquiavelo*, diz que “según Maquiavelo, el fundador de la más renombrada comunidad de mundo fué un fratricida: las bases de la grandeza política se apoyan necesariamente en el crimen” (STRAUSS, 1964, p. 14).

no juízo de Édipo, elaborada em “A ação ética. O saber humano e o divino, a culpa e o destino” (2011, p. 320-331), está atrelada a corrupção dos valores morais e éticos que são invertidos para afirmar o valor do fetiche citadino que corrompe primeiramente o seio de toda família aristocrata e depois a sociedade em geral: deuses, natureza e Espírito. Freud é também influenciado por Platão. O psicanalista contemporâneo reconhece o potencial psicanalítico deste filósofo antigo por ter ele observado muito bem o nó da questão que está fundamenta no poder da destruição promovida por este Estado na história. O retorno ao canibalismo, instintos animais, é apresentado sob o sintoma da violência que elege a força animal e não a força humana como potência de destruição de toda civilização e de toda cultura originária. Isso pode ser visto em *Psicanálise dos tempos neuróticos* (196 -, p. 89-108), “civilização e cultura”, escrito por Freud. É dentro deste terreno infectado por este poder despótico que o conceito de liberdade será elaborado em toda História universal, começando como os gregos e terminando com as filosofias cristã e germânica que exportam esta ideia para o mundo todo segundo um aparelho socioeducativo vinculado ao sentimento humanista radicado nesta história da política ocidental e do mundo, mesmo com todas as suas ambivalências.

O saber sobre a História da vida do mundo é escrito, a partir de conceitos científicos, pela cultura-de-si do sujeito livre e educado pelos princípios fundadores provenientes das escolas de Filosofia criadas na Grécia clássica. Para tomar conhecimento desta trajetória, foram desenvolvidas leituras sobre os filósofos pré-platônicos estudados por Hegel para saber como é que esta consciência-de-si, vinculada ao método filosófico de análise do mundo, começa a ser delineada e criando com isso uma história filosófica própria no seio de uma sociedade em ruínas e transformações.

Hegel estuda os nomes dos que fizeram a História da Filosofia acontecer segundo os seus mapas conceituais elaborados por estes arautos do conhecimento conceitual que conceberam a diferenciação da cultura científica segundo as fronteiras com o saber imediato vinculado a natureza da cultura primeira. Esta cisão histórica abre a possibilidade de se ter o acesso à chave para compreender o desenrolar de toda história da ciência vinculada ao saber filosófico do sujeito a partir desta ruptura radicada nas consciências senhorial e escrava.

O objetivo geral deste estudo dissertativo se encontra respaldado na apresentação dos conceitos de Razão e História no pensamento filosófico tecido por

Hegel ao longo de sua formação científica na área da filosofia.

A Razão é a verdade atribuída ao sistema lógico do todo como substância ética absoluta e enquanto *poder infinito* e *forma infinita* que geram a vida do Cosmos e da natureza, como também a vida das culturas e dos Estados. A Razão é a realização da consciência-de-si na História como conteúdo. A História está relacionada a vida do mundo físico e metafísico sedimentados dentro do Estado que os criam e os suprassumem a partir da criação do motor da História. O Espírito do mundo se desdobra a partir desta relação dialética entre sujeito-objeto e sujeito-histórico revelado. A passagem de um estado para outro, por exemplo da natureza para cultura, é atributo da cisão sediada por um trabalho que os corpos animais realizam na matéria. O progresso e a evolução da história, não como um princípio meramente biológico, mas como fundamento dialético e antropogênico desta transformação, é o paradigma em que se insere a história da Filosofia¹¹.

Os objetivos específicos contidos neste trabalho remontam, primeiro, a uma investigação que condiz com a demonstração do conceito de cultura, de liberdade e de educação vistos na Filosofia hegeliana. O segundo objetivo visa perfazer um exame sobre a escrita da história da vida do mundo a partir do desenvolvimento de seus métodos que se configuram na forma de escrever a História segundo a sua originalidade, segundo a sua reflexividade e segundo a sua forma filosófica conceitual de escrevê-la. O terceiro objetivo busca verificar os conceitos de trabalho e de ação negadora, ambos aqui vinculados ao motor imóvel e ao *lógos* universal. O quarto objetivo tem a intenção de examinar se o Espírito recalcado no conceito de Ideia condiz com a dinâmica lógica do puro movimento dialético do desejo radicado no Bem universal. O conceito de recalque será apresentado neste capítulo sob a demonstração da articulação do pensamento de Hegel em relação a perspectivas de forças¹², solicitada e solicitante,

11 Toda e qualquer cultura se desenvolve sobre os preceitos de atos realizados pela psique, isto é, dos pensamentos cultivados, trabalhado e alimentado, sejam eles atributos da religião, da arte, da construção da habitação e da economia. Isso ainda não existe como história da Filosofia. A cultura filosófica surge quando o processo primeiro e segundo são estudados e refutados pela ciência que os negam para afirmar a sua existência no campo social-histórico. Sobre o assunto, diz Hegel no “prólogo” de seu trabalho *Introdução à história da filosofia*, a saber: “a história da filosofia é agora a história do universal, do substancial do pensamento” (HEGEL, 1983, p. 12).

12 O inconsciente e o consciente não nascem prontos e acabados dentro da cultura. É necessário que haja uma dobra dentro da matéria para que eles possam aparecer enquanto tais. O recalque da Ideia de divino sobre estas formações, primeiramente, imediatas, será visto aqui sob o prisma da negatividade infinita enquanto antítese que estabelece relação com a consciência e o Ego formados a partir da contradição das

fecunda e fecundada, com o pensamento de Freud que disseca este conceito dentro da cultura que sacrifica a natureza para poder existir, ou seja, ela tem que recalcar as forças provenientes dela mesma para que ocorra o processo da *Bildung* que garante a formação da cultura no seio da própria natureza.¹³ O quinto objetivo procurará mostrar como é que se configura no seio da sociedade histórica um tipo específico de juízo radicado na criação de conceitos filosóficos vistos na história da filosofia grega. Os conceitos de substância e sujeito serão exemplificados como princípios que fundamentam a arquitetura de todo edifício teórico referente ao saber absoluto que é classificado como sendo a primeira causa que gera todo o movimento da *arché* que fecunda toda a Terra, todos os animais, todas as culturas e todos os seres vegetativos alimentados pelo seu reino.

Então, para alcançar os objetivos propostos nesta dissertação foi-se necessário fazer uma revisão bibliográfica a respeito dos conteúdos conceituais abordados nos objetivos geral e específicos. No objetivo geral serão verificadas as obras que concernem ao tema posto em análise. Livros como *A Razão na História: uma introdução Geral à filosofia da história* (1990); *Leçons sur l'histoire de la philosophie. Introduction: Système et histoire de la philosophie* (1954); *Introdução à história da filosofia* (1980); *Hegel: a ordem do tempo* (2000); *Ensaio de psicanálise e filosofia*, serão utilizados como suporte teórico para criar os documentos referentes aos conceitos de Razão e História.

Nos objetivos específicos, a ideia é realizar uma investigação nas obras que serão utilizadas como referências acerca dos conceitos que serão trabalhados nos devidos capítulos. Livros destacados como *A Fenomenologia do Espírito* (2011); *Science de la logique. Premier tome - Premier livre L'être* (1812); *Les preuves de l'existence de Dieu* (1947); *Princípios da filosofia do direito* (1997); *Enciclopédia das ciências filosóficas em compêndio* (1830). V. I – *a ciência da lógica* (1995);

forças. Hegel mostra na *Fenomenologia do espírito*, no capítulo que disserta sobre *Força e entendimento; Fenômeno e mundo suprasensível*, que o conceito de *força* “é também o todo, ou seja: permanece tal como é segundo seu conceito. Quer dizer: essas diferenças permanecem puras formas, superficiais momentos evanescentes. As diferenças entre a força propriamente ditam, *recalcada* sobre si mesma, e o *desdobramento* das ‘matérias’ independentes, de fato também não seriam, se não tivessem uma *subsistência*: ou, a força não seria se não *existisse* sob esses modos contrários” (2011, p. 111).

¹³ Para maiores esclarecimentos acerca do assunto, ver Sigmund Freud “Verdade histórica”, “O Desenvolvimento histórico”. (1996, p. 142-145, p. 146-150). Ver também René Girard “O sacrifício”, “Freud e o complexo de Édipo” (1990, p. 13-55, p. 207-233).

Enciclopédia das ciências filosóficas em compêndio (1830). V. II - a filosofia da natureza (1997); Enciclopédia das ciências filosóficas em compêndio (1830). V. III – a filosofia do espírito (1995); O sistema da vida ética (1991); Os pré-socráticos: vida e obra (1973); Hegel et L'Hégélianisme (1982); Hegel e o pensamento moderno (1979); Filosofia e cultura (1997); Hegel e o Estado (2008); Menos que nada: Hegel e a sombra do materialismo dialético (2013); Introdução à Leitura de Hegel (2002); O trabalho do negativo: ensaio sobre a fenomenologia do espírito (2007); Categorias (2000); Metafísica (livros I e II) (1973); A ideia de justiça em Hegel (1996); Introdução à História da filosofia (1983).

A pertinência deste estudo para a história de toda cultura humana e inumana, segundo a escrita metodológica esboçada pela Filosofia da história estudada por Hegel, condiz com a leitura que os filósofos desenvolveram a respeito das quatro causas que sustentam o edifício de toda uma tradição de saberes evidenciados dentro do sistema científico elaborado por Hegel. A causa formal é o ciclo lógico-metafísico-universal segundo a sua prescrição que dá origem ao movimento que gera outros movimentos. É o lado negativo da coisa. Este é o campo formal e lógico do trabalho negativo. A causa material está assentada na disposição de toda matéria que gera vidas na Terra, segundo as formas, porque ela é a Terra em repouso e movimento de translação no espaço absoluto. A causa eficiente se destina a identificar a origem da Coisa que é feita dentro da causa material (processo antropogênico que gera a cultura na natureza). A causa final é vislumbrada pelo sentido prático que demonstra a finalidade da Coisa produzida segundo a transformação da matéria. É ação da cultura dentro deste espaço. Neste caso, por exemplo, se vê que a utilidade da cultura é manter viva a chama de seus preceitos éticos, morais, artísticos, religiosos, econômicos, físicos e metafísicos, que na época de Hegel, já se encontram em estados terminais, ou seja, no esgotamento de todos os valores. O absoluto e a natureza fornecem todo o material que será sacrificado para realizar tal intento.

Hegel tece severas críticas a ideia de uma pedra filosofal que sustentaria a frivolidade das classes sem filosofia, isto é, massas que aderem a uma causa que pode ser justificada como ideal filosófico, sem crivo nenhum promovido pela douta intelectualidade científica, num período em que a real Filosofia entrara em crise já em sua época obscura. O cenário brasileiro e internacional estão também passando pelos mesmos distúrbios epistemológicos com relação a leitura da obra de Hegel que quer

comprovar a existência da Filosofia como uma Ciência rigorosa segundo a sua comprovação dignificada pelas quatro causas aqui explicitadas. A sagacidade deste estudo é retomar esta ideia numa época em que as Ciências que são reconhecidas pelo Estado laico moderno é a biologia, a física e a química. Não a Filosofia que já na época de Hegel era considerada como coisa para “cachorro morto”.

A justificativa desta pesquisa está sedimentada pela disposição do material conceitual apresentado que representa uma síntese da História universal que começa a ser esboçada pelo *lógos* dos pensadores gregos antigos. Tais cientistas viviam num regime geocêntrico de análise do mundo. Eles criaram conceitos universais para compreender todo o sistema cósmico a partir da disposição do intelecto que desvela as esferas mecânicas vinculadas ao saber absoluto a partir da compreensão do não-Ser, isto é, da manifestação da *physis* e do entendimento imediato do Espírito. A importância da Filosofia hegeliana, neste contexto moderno, é vislumbrada pela sua ousadia de manifestar críticas a dominação da máquina política no espaço universal a partir do sentimento de decadência que varre toda Europa segundo a disposição do capital.

Povos, heróis e filósofos são conhecidos na História universal do mundo pelo movimento histórico visto segundo a tragédia ocidental da cultura. A escrita acerca da vida do universo foi elaborada pelos pesquisadores que cunharam seus pensamentos, suas ações e seus desassossegos referentes ao destino da própria História ocidental radicada nas estruturas ósseas das consciências do presente e do futuro, baseados nesta tragédia. Tais pesquisadores defenderam a criação científica como propagação do campo epistêmico que se enraizou num processo de ruptura com a certeza sensível. Não é mais a voz do mito e nem voz dos heróis nacionais que falam nas bocas destes sujeitos. Agora é a força do conceito que diz o que é isto a respeito do homem em sua totalidade, *physis* e psique, e em sua essencialidade histórica segundo a ciência filosófica que os prescrevem.

Esta seção contém três capítulos organizados que se entrelaçam em sínteses que dissertam sobre: capítulo primeiro, *A Escrita da História da Vida do Mundo: da evolução e do progresso do pensamento conceitual científico filosófico*; capítulo segundo, *O espírito recalcado no conceito de ideia: a dinâmica lógica do puro desejo dialético*; capítulo terceiro, *Do juízo criador de conceitos*.

O Capítulo Primeiro deste estudo dissertativo procura realizar uma análise histórica sob o viés da educação do sujeito dentro da cultura filosófica que visa escrever

uma síntese geral sobre a História da vida do mundo, segundo a manifestação da criação de conceitos científicos. Este capítulo mostra claramente esta ideia impregnada no *lógos* dos antigos filósofos gregos que bem souberam se utilizar do método dialético para promoverem suas investigações acerca da *physis* ou da psique. A Filosofia da natureza é inscrita dentro desse paradigma que envolve o conhecimento de culturas antigas, formações de Estados despóticos, saberes sobre a natureza e sobre a criação do sentido da liberdade do sujeito dentro da cidade grega.

O Capítulo Segundo versará acerca da constituição do movimento dialético impresso na vida de todo universo como unidade lógica dessa totalidade. Ele é prefigurado pelo sentido do trabalho negativo que se identifica com o positivo da ação. O negativo é a contradição que é posta como uma contraposição a um outro que não é ele. A ideia do recalque do espírito remonta ao sentido do Ser segundo a constituição apresentada a partir do reconhecimento do trabalho da negação. O espírito dialético desta história está supracumido (*Aufhebung*) na tese-antítese-síntese que configura o ciclo dos ciclos desta Ideia de Ser que é desvelada pelo intelecto filosófico. Na Filosofia de Hegel percebe-se a marca do traço que fixa no tempo da história da Filosofia a verdadeira imagem de Deus prefigurada neste *lógos* universal em que a negação, a conservação, a manutenção e a elevação do Espírito revelam o seu verdadeiro sentido de Ser.¹⁴ O recalque condiz com a força que provém do não-movimento e do movimento universal que transforma outras forças que são transformadas a partir deste princípio primeiro que incide em toda matéria. Deus vem antes da natureza e ele também vem antes da criação do Espírito. Os eleatas, neste sentido, deram os primeiros passos para desvelar o Espírito absoluto sob os preceitos da constituição da máquina do mundo gerida por um motor imóvel. Hegel na *Fenomenologia* cita Aristóteles a respeito deste assunto. O *nada determinado* aparece na escrita hegeliana como aquilo que leva o sujeito a descobrir o sentido puro desta consciência que é revelada pelo trabalho positivo da consciência-de-si na história segundo a descoberta do negar. Negar para afirmar algo que não é negado.

Os antigos cientistas gregos romperam com a ideia da pura natureza para

14 Para conhecer o amor divino, o filósofo impõe a negação a este amor para delimitar o campo de estudos que envolve a pesquisa científica. No “Prefácio” de sua *Fenomenologia*, Hegel mostra esta condição, a saber: “assim, a vida de Deus e o conhecimento divino bem que podem exprimir-se como um jogo de amor consigo mesmo; mas é uma ideia que baixa ao nível da edificação e até da insipidez quando lhe falta o sério, a dor, a paciência e o trabalho do negativo” (HEGEL, 2011, p. 35).

demarcar o campo de fronteira entre saber imediato e Ciência. Parmênides, Zenão e Platão foram pioneiros em declarar esta ruptura dentro desta empreitada. Deus aparece com outra imagem desvencilhada do antropomorfismo reinante até então. A geometria matemática, que traça o círculo, os círculos, o quadrado, o triângulo, a linha e os pontos, constrói este sistema segunda a sua disposição de estriar o espaço medindo, calculando, subtraindo, controlando. Mas para Hegel, a matemática ainda não é Filosofia. “O fim - ou o conceito - da matemática é a *grandeza*. Essa é a relação inessencial carente-de-conceito” (HEGEL, 2011, p. 51). Este conhecimento não alcança a profundidade da Coisa tal como ela é na sua substância, e por isso, ele é um saber que apenas conservar a sua inefetividade sem vida radicada apenas no *espaço* e no *uno*. Portanto, é um saber sem *intuição sensível, não toca a essência ou o conceito*. Um saber que *não é um conceber* cujas suas *proposições são mortas e rígidas*.

O quadro¹⁵ abaixo mostra a construção da Filosofia da história como uma Ciência rigorosa, sendo esta fruto da ação temporal como também da disposição lógica do sistema em criar o desenvolvimento da Ideia no *lógos*.

	Tese	Antítese	Síntese
	Ideia	Natureza	Espírito
Estrutura	Dialética (dinâmica lógica)	Espaço/Tempo	Tempo
Ciência	Lógica	Geometria	História

A ideia apresentada neste quadro não expõe o conceito de substância primeira como tese lógica. No que concerne a base lógica estrutural do sistema científico hegeliano, tem-se a ideia de sua determinação sediada pela sabedoria divina enquanto Ideia da substância, do sujeito, da *riqueza da forma desenvolvida*, da essência efetiva, da totalidade do Espírito geométrico, do começo, do princípio, do movimento circular de reflexão do intelecto, isto é, do predicado daquilo que é verdadeiro por toda eternidade como Ideia. Hegel concebe o caminho para adquirir este saber, não como um

15 Este quadro demonstrativo do sistema de pensamento hegeliano é utilizado por Hartman em “O significado da História para Hegel”, no livro *A Razão na História: uma introdução geral à filosofia da história*” (1990, p. 23).

pressuposto da consciência, mas como um longo trabalho histórico realizado pela consciência-de-si que quebra com a ideia do saber comum que não se interessa por Ciência alguma.

Hegel concebe a Ideia absoluta como sendo *a vida eterna de Deus* determinada por *sua auto-consciência*. Ela é a *realidade formal*, a *liberdade formal*, a *unidade abstrata* da própria consciência, *reflexão infinita em si* e como *negatividade infinita* que se revela como antítese. Na concepção do autor, a Ideia é o *Ego* “como um átomo (indivisível)” (1990, p. 72).

A noção de recalque será utilizada, neste capítulo, de forma comparativa com o pensamento psicanalítico elaborado por Freud visto sob a estruturação do *lógos* sistemático hegeliano esboçado na *Fenomenologia do espírito* como também na *Enciclopédia das ciências filosóficas*.

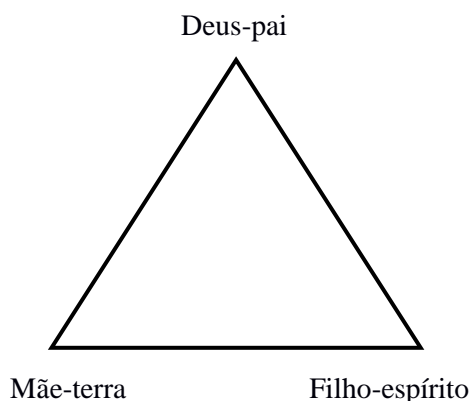
O sistema científico de Hegel perfaz o itinerário da construção da cultura que começa pelo primeiro sentido imediato que é o sentido prático-religioso. A angústia¹⁶ tem que ser recalcada para que o sentimento de pertença a um tipo específico de socius seja marcado nos sujeitos e em todo corpo da sociedade. A repressão originária é o modelo da primeira inscrição em que o inconsciente é formado segundo a interiorização de códigos familiares e sociais que geram a consciência de uma cultura no sujeito. As representações inconscientes são formadas a partir do processo de recalque atribuído a perspectiva das forças. O Uno recalca o múltiplo, o adulto recalca¹⁷ a criança etc. O que interessa tanto para Hegel como para Freud é o que está por detrás de todo o edifício em que o animal-racional é construído na cultura. Na visão do segundo pesquisador: “a religião seria a neurose obsessiva universal da humanidade, originando-se, tal como a da criança, do complexo de Édipo, da relação com o pai” (FREUD, 2014,

16 Freud exemplifica a questão: “a mãe que satisfaz a fome da criança torna-se o primeiro objeto de amor e, certamente, também a primeira proteção contra todos os perigos indeterminados e ameaçadores do mundo externo, a primeira proteção contra a angústia, podemos dizer” (2014, p. 257-258).

17 Ao descrever sobre a história de Little Hans, Freud demonstra como opera o sintoma do recalque-repressão dentro do complexo edípico. O menino sentia medo de cavalos, ou mais especificamente, da mordida do animal. O começo da cultura é transfigurado pelo *lógos* totêmico em que o ego e o superego formam o complexo psíquico do sistema baseado na relação universo (Deus), cavalo (totem animal), pai, mãe e a angústia que simboliza o medo que a criança tem dos investimentos de seus recalques primários e secundários. As técnicas de repressão em que se configura tal motor psíquico estão inseridas nos atos mágicos, em costumes, nos cerimoniais religiosos e em atos irracionais que caracterizam a natureza da magia no seio social primitivo e no meio civilizado. A violência, neste caso, adentra na consciência a partir do id criando com isso um inconsciente duplo-marcado. Ver Freud “Inibição, sintoma e angústia” (2014, p. 32-45). Ver também Deleuze e Guattari “Repressão e Recalque” (2010, p. 154-184).

p. 284).

O triângulo que exemplifica este complexo será utilizado como forma de demonstração analítica entre a teoria de Hegel com a de Freud acerca do recalque de formação da cultura¹⁸ e de seus processos de dissolução paradigmática advindos das novas instituições sociais e da lei-castração que repousa nesta relação de parentesco e ruptura histórica em que está assentado o jogo trino das forças disjuntivas¹⁹ onde reina a descodificação de todos os códigos sociais atrelados ao desejo. Segue a imagem geométrica explicitada acima:



Neste Capítulo Segundo, fica claro e evidente a defesa da Ideia que compõem o sentido do recalque originário baseado na Ideia absoluta atribuída a existência de Deus exposta na figuração triangular que visa mostrar a verdade acerca da construção do

18 Do Deus-pai ao deus mitológico da guerra se observa o rasgo promovido pela dissolução dos primeiros códigos das culturas que se confrontam com o Estado despótico. Sobre *A violência e o sagrado*, observa Girard que o Estado que é instaurado é configurado pela desmedida da lei. “As portas da loucura, Hölderlin interroga *Antígona* e *Édipo Rei*. Levado pelo mesmo movimento vertiginoso que os heróis de Sófocles, ele se esforça, mas em vão, para reencontrar esta medida à qual os coros querem permanecer fiéis” (GIRARD, 1990, p. 191).

19 Nietzsche confessa o seu repúdio a essa triangulação demonstrando com isso ser um filósofo anti-édipo, isto é, aquele que repele a força do recalque (*Verdrängung*), dizendo não (*Verneinung*). O mesmo não se deixa edipianizar, assim acontece a realização da linha de fuga crítica. Isso quer dizer que ele era contra a castração recalcada na vingança de certos membros de sua família para com a sua forma de ser filósofo? Mas, o próprio pensador retorna para a linha azul com um recalque baseado na raça da nobreza de sua antiga família como também na falta de um pai soberano. “Mas Júlio César poderia ser meu pai - ou Alexandre, este Dionísio que se fez homem” (NIETZSCHE, 1995, p. 122). Esse seria o seu duplo? Na mesma nota do livro *Ecce Homo*, ele expõe o seguinte a respeito da temática supracitada, a saber: “Quando busco a mais profunda antítese de mim mesmo, a mais incalculável vulgaridade de instintos, encontro sempre minha mãe e minha irmã - crer-me aparentado a tal *canaille* seria uma blasfêmia à minha divindade. O tratamento que até agora me dispensaram minha mãe e minha irmã inspira-me um horror indizível: aí trabalha uma máquina perfeitamente infernal, que conhece com infalível segurança o instante em que posso ser mais cruelmente ferido - em meus instantes supremos... pois então falta qualquer força para defender-me contra vermes venenosos” (p. 121).

inconsciente e da consciência vistos sob os preceitos psíquicos que os constituem.²⁰ É com o processo da rivalidade mimética, proferida por este jogo, que o puro desejo é recalcado a partir da disposição das forças. Hegel constrói um caminho que sustenta esta concepção do divino que é vista sob a prescrição da escola de Filosofia antiga e moderna, tendo a religião como manifestação do duplo desejo recalcado em que nasce a cultura no seu sentido primeiro. A herança que a civilização ocidental ganhou desta história foi o silenciamento por parte daqueles que usam a força como forma de marcar os corpos ao seu bel prazer. Geralmente são os que exercem a voz de comando como sustentação da cega obediência ao recalque castrador. Ou seja, são os mesmos que fazem jus deste sacrifício para benefício próprio. A eticidade ética baseada na inteligência percorre outro caminho.

O sistema lógico-metafísico-universal é tido como o objeto central do labor intelectual que se quer compreender, a partir do trabalho de Hegel visto na *Enciclopédia das ciências filosóficas*, por exemplo, dividido entre lógica, natureza e Espírito. O sujeito é marcado neste relacionamento com Deus-pai, mãe-Terra e Espírito-filho demonstrados no triângulo referente a este recalque circular. Esta figura geométrica tem o intuito de desenvolver a compreensão da ideia-em-si e para-si na sua dinâmica absoluta segundo sua objetividade divina revelada. Deus enquanto tese, círculo absoluto, cuja Ideia de Natureza e Espírito se entrelaçam no círculo do saber: o mundo antes e depois da formação cultural, isto é, a pura negatividade energética que realiza o processo metabólico que engendra as forças universais positivas advindas da mecânica e do quimismo absolutos, das relações sociais, das existências dos animais, das rochas e também dos vegetais, etc. Aqui é formada a antítese que é a idealização da coisa *fora-de-si* onde o espaço total é a própria Natureza; e o Espírito (síntese no tempo) é formado pela interiorização deste movimento que se traduz pela História na qual é a consciência desenvolvida do sujeito dotado de cultura intelectual filosófica, isto é, educado dentro desta matriz formadora inter-relacional do ser e do não-ser.

A demonstração da tese do saber absoluto apresentada segundo este paradigma é

20 O poder da força de castração advém, segundo Freud, da disposição do poder aplicado pelo pai para manter a suposta ordem familiar em funcionamento. O pai como representação fálica do “Super-eu” se torna impessoal, e isso reflete no procedimento do castigo advindo da castração do recalque. Em *Inibição, sintoma e angústia*, ele escreve: “tal como o Super-eu é o pai que se tornou impessoal, assim também o medo da castração pelo pai transformou-se em angústia social indeterminada ou angústia da consciência” (FREUD, 2014, p. 68).

sustentada pela Filosofia que se preocupa com a questão da existência de Deus na história de sua teodicéia (HEGEL, 1965, p. 67-69). Primeiramente, o aparelho psíquico da criança, que ainda é um caos físico fora do útero, tem que recalcar o desejo da cultura que passa por este inculcamento referente ao Espírito de Deus. Do pré-inconsciente advém o inconsciente recalcado no preceito imediato dentro deste agenciamento que já é um desejo de desejo cultural.²¹

No Capítulo Terceiro, *Do juízo criador de conceitos*, pretende-se mostrar como a Filosofia foi engendrada pela criação de conceitos que demarcavam, e ainda demarcam, seus territórios intelectuais a partir do desenvolvimento deste raciocínio lógico na História da vida do mundo, dos povos e dos sujeitos criadores de ciência.

A hipótese de que a cultura filosófica do sujeito nasce dentro do processo de criação de uma cultura de Estado de direito, ainda para poucos homens livres, vinculada às práticas de reconhecimento advindo da subjetividade destes sujeitos históricos, é reconhecida por Hegel. Na *Fenomenologia do espírito*, ele cita *Antígona* de Sófocles como demarcação que criva o percurso desta história na vida política do homem ocidental. É o conflito que prescreve a lei escrita com a lei não-escrita. O conceito é uma lei escrita prescrita dentro do Estado. Neste campo político há um conflito de vida e de morte realizado pela estrutura cindida da consciência que se desdobra no poder-de-Estado e no poder da inteligência filosófica. Esta última questão é sediada por uma educação filosófica que afirma a sua liberdade no campo do pensamento conceitual como forma de garantir a sua lei, que não é a do mais forte, perante a família e o Estado. Platão nega o conteúdo proveniente da *justiça do mais forte* tal como aparece no pensamento de Hegel, na *Fenomenologia* por exemplo, sobre a existência da força e da fortuna como molas propulsoras das injustiças no seio da sociedade em geral. “Uma vez que tu e eu concordamos em que a justiça é algo de conveniente, e que tu acrescenta a esta definição que essa conveniência é a do mais forte, e eu ignoro se é assim, temos que examinar esta questão” (PLATÃO, 1949, p. 25). Este exame será o guia desta perícia científica realizado nesta escritura.

Tal cultura, que é a da desconstrução deste poder assentado no recalque do mais

21 O desejo recalcado foi organizado pela cultura para uso demarcatório de seu valor efetivo. Neste sentido, diz Kojève: “para que o rebanho se torne uma sociedade, não basta apenas a multiplicidade de desejos; é também preciso que os desejos de cada membro do rebanho busquem - ou possam buscar - os desejos dos outros membros” (KOJÈVE, 2002, p. 13).

forte tal como expôs Platão, quebra com o padrão visto pela subserviência senhor-escravo visto no saber imediato das raças, dos dogmas de grupos e do poderio bélico dos déspotas. É outro tipo de juízo que aparece na *pólis* grega com a manifestação da *Bildung* filosófica. A liberdade não é o reino da paz e sim uma emancipação perturbada que luta contra a tirania de todos os Estados.

Dentro da história da Filosofia apareceram seus mártires e algozes. Por exemplo: Zenão de Eléia foi morto por um tirano; Anaxágoras foi expulso da cidade, Heráclito preferiu se exilar para não ser morto; outros estudiosos da natureza eram chamados de ímpios; Sócrates foi obrigado a tomar veneno porque não acreditava nos deuses proferidos por este tipo de Estado; Platão foi sequestrado, vendido como escravo, ameaçado de morte. Na velhice, Aristóteles foi perseguido por um sacerdote que o acusou de ímpio na presença dos juízes. Nicolau Maquiavel foi amplamente torturado por uma técnica de tortura chamada *strappado*. Hegel era amplamente vigiado pela polícia e perseguido por fanáticos nacionalistas, *estudantes* e *judeus*. Freud teve as suas obras queimadas como também seus objetos artísticos que faziam parte de seu acervo cultural. Ele tinha oitenta e dois anos, na data de março de 1938, já era uma pessoa idosa. A força da destruição programada não respeita a inteligência ética. O acabamento da história filosófica é sediado pela manifestação do conceito de liberdade que surge com a crítica ao despotismo de Estado que começa a ser visto como um problema entre os cientistas gregos. Os modernos herdam esta crítica dos antigos.²²

Denis L. Rosenfield mostra que Hegel²³ sentiu o peso da política da restauração que iria modificar o clima político da Europa e do mundo. É o começo do novo mundo com suas formas de silenciar a inteligência filosófica. Seguindo o seu raciocínio (ROSENFELD, 2005, p. 23):

na Prússia e na Baviera, ele viverá diretamente sob o seu domínio e influência, em meio à censura, perseguições de estudantes, liberais, patriotas e judeus, ambientes esses que tinha o hábito, e gostava de frequentar. Viver é preciso.

22 Em alemão, a palavra tirania é *Zwangsherrin*. “Zwang” significa ‘coação’ e “Herrin” significa ‘senhora’, ‘subjugadora’. Freud menciona, segundo esta perspectiva conceitual referente ao conceito de tirania, o ‘processo dos macacos’ ocorrido em Dayton, Estado de Tennessee, U.S.A. Processo que levou ao julgamento o professor de ciências que trabalhava ensinando os seus alunos nos preceitos distintivos e aproximativos entre o homem e o animal. Para Scopes (professor penalizado) como também para Aristóteles, o humano é parente do animal, ou seja, um animal-racional (2014, p. 278).

23 Ver D’Hondt “A vida” (1993, p. 19).

O conceito de cultura moderna será criticado neste capítulo a partir de suas bases inumanas em que a originalidade das culturas dos povos e dos sujeitos singulares são rompidas, censuradas, perseguidas, devastadas, por um corte total neste agenciamento e também pela continuidade do policiamento em torno daqueles que criam Filosofia como bem demonstrou Rosenfield na citação acima que mostra a verdadeira natureza deste policiamento. Neste novo modelo social e histórico, a linguagem própria e o sistema produtivo assentado na lei da Terra-cultura serão substituídos por uma linguagem técnico-industrial de controle capitalista burguês onde a lei agora é maquinada no novo mundo pelo distendimento do terror que sacrifica a Terra toda. Este é o segundo momento da tragédia recalcada duplamente na vitória de Édipo que se transmuta na comédia burguesa²⁴. Neste ponto, a *hýbris* da devastação²⁵ programada é aclamada pelos poderes de Estados e estados laicos e religiosos na sua forma moderna de governo do mundo e das almas. Hegel, por ser um filósofo de seu tempo, percebe este desenrolar da História universal a partir de seus estados progressivos assentados em todos os tipos de despotismos, a saber, atrelados a infância, a adolescência e a fase adulta da humanidade. Dentro desta perspectiva, os momentos históricos aqui expostos serão examinados como forma de conhecer a história do passado, do presente e do futuro sob o viés da crítica ao conceito moderno de cultura na era da morte de Deus. Do novo mundo nasce a ideia do fim da História da teodicéia humana abstraída por ela mesma. Deus, no sentido religioso, nesta época do terror, tem que usar próteses.

I

Hegel escreveu documentos importantíssimos a respeito do ensino de Filosofia na Prússia de seu tempo, nos anos de suas atividades como Reitor que vai de 1808 a 1816, no Ginásio de Nuremberg. Numa época em que o ensino de filosofia na Europa

24 O inumano tem que apreciar a sua obra disforme a partir do riso para espantar o sofrimento. É o momento em que o anti-humano se alinha com a perversão organizada do todo capitalizado. Esta epidemia se instaura como uma peste que não é mais negra e sim cinza. Sófocles estudou a peste de 430 a. C. que abateu a sua cidade. Não é só o movimento da deturpação que infringe a lei do complexo em que o filho não pertence mais a obra do pai, mas também a guerra promovida pelo contágio microbiano que destrói com os corpos. Instaura-se também a partir disso uma guerra promovida por armas biológicas distendidas no seio da sociedade contaminada pela industrialização bélica no novo *topos* trágico moderno que é a continuação reformada mecanicamente da tirania do antigo *topos*? Girard diz que “a tragédia mostra claramente que o contágio identifica-se à violência recíproca” (GIRARD, 1990, p. 101).

25 “Do desejo mimético ao duplo monstruoso”. Neste escrito contido no livro *A violência e o sagrado*, Girard mostra que o desejo da violência prevalece diante da loucura. “No paroxismo desta crise, a violência é ao mesmo tempo o instrumento, o objeto, e o sujeito universal de todos os desejos” (p. 179).

estava sendo bombardeado pelo novo poder de Estado liberal-partido. O filósofo lança uma proposta de ensino com vistas de propor, com base na educação paidêutica platônica, uma reformulação na educação filosófica da Europa de seu tempo. O ideal político de Hegel para educação científica está baseado na promoção da propedêutica como método e antídoto que se voltam contra a decadência da cultura moderna. Seria isso possível neste contexto histórico das luzes?

Hegel quer que o ensino desta cultura filosófica seja apreendido segundo os degraus sócio-educativos que engendram três tipos específicos de classes, a saber: primeiro, a classe inferior adornada pelo conhecimento do estudo religioso, das leis advindas do direito e também do exercício que abarca os deveres dos estudantes com o sistema lógico de aprendizagem; segundo, a classe média que se destina a estudar os princípios da cosmologia, como também da teologia natural e por último o estudo de psicologia; terceiro, a classe superior que se dedica ao estudo do saber científico radicado na propedêutica filosófica.²⁶ Hegel desejava que estes saberes fossem ensinados segundo os seus pilares pedagógicos que exige do aluno uma contrapartida na introdução do conteúdo que deve prevalecer pelo seu início com o que é existente no mundo, só depois disso que o aluno partiria para uma nova fase, ou seja, aprender a tomar consciência de si através da elevação ao saber superior da cultura que é filosófica. Essa seria então a viagem da consciência que se eleva a partir da compreensão do conteúdo desta *Bildung* desenvolvida por longas épocas na história humana. Este tipo específico de saber quebra com a opinião existente do vulgo, como também quebra com a ilusão superficial que acarreta a incerteza, a indeterminação de todo jovem que ainda não teve a sagacidade de se debruçar em torno desta verdade.

A cultura científica destinada ao conhecimento filosófico do mundo é abstraída pelo método de pensamento radicado numa sabedoria abstrata, dialética, concreta e especulativa.²⁷ O pensamento especulativo é o elemento que a consciência da experiência apreende como movimento do todo a partir desse conhecimento. Ele sai do

26 São três ideias que compõe o cabedal deste saber. Primeiro vem a ideia de vida que está atrelada ao processo físico, químico e metafísico; segundo vem a ideia de conhecimento e bem; terceiro vem a ideia de ciência e verdade. Essas ideias refletem o que Hegel designou de propedêutica filosófica (N do T).

27 Especular significa tomar conhecimento de algo, vigiar, reconhecer e contemplar segundo o ato de ver, observar o que está dentro e fora do arco ou do círculo (N do T).

caos suprasensível para adentrar na ordem do conceito racional certificado pela cultura filosófica que desvela e julga o mundo de acordo com seus preceitos dialéticos.²⁸

A cultura filosófica nasce com a crítica radical ao despotismo de Estado que deixa atrás de si os seus mártires. Ela prevalece até a modernidade em diante dentro deste combate. O Estado inumano não reconhece a filosofia como ciência. “O juízo definitivo sobre o mau Estado, que é ‘um estranho fora do homem’ - ‘inumano’: dizia Hegel na crítica de Kant” (ROSENZWEIG, 2008, p. 155).

A trajetória do Estado inumano pelo mundo é proferida por sua base despótica cujo motor é o da devastação absoluta.²⁹ Quando não existe mais univocidade dentro das culturas dos povos, então diz-se que a eticidade destes povos foi rompida pela quebra de valor promovido pela guerra histórica expansionista de mercado. A formação tirânica de Estado é o símbolo do poder unitário, sem expressão de liberdade para outras pessoas que não são consideradas como pessoas e sim como escravas de um senhor, isto é, um ente qualquer. Na época de Hegel, este poder se sobressai no duplo recalque da força e da fortuna. Ou seja, para ele: “porque o ser-aí da essência ética [agora] repousa na força e na fortuna, assim já está decidido que a essência ética foi por terra” (HEGEL, 2011, p. 330). Por isso que a cultura filosófica foi nivelada por baixo como sendo a marca do antigo e do moderno Estado despótico sobre o seu conteúdo.

A consciência cindida é a relação do ser com a sua duplicidade histórica cuja substância *essente* é a vida do espírito em crise no mundo transformado pelos heróis

²⁸ Numa carta endereçada ao real conselheiro do governo prussiano e para Friedrich Rayner, escrita em 1816, Hegel expressa o seguinte a respeito do assunto tratado, a saber: “como ciência propedêutica, a filosofia deve sobretudo proporcionar a educação formal e o exercício do pensar; só conseguirá tal mediante o total afastamento do fantasma, mediante a determinidade dos conceitos e de um procedimento conseqüente e metódico; deve poder conservar esse exercício numa elevada medida como a matemática, porque, como esta, não tem um conteúdo sensível. (...). A tarefa da filosofia deve ser justificada perante o conhecimento o que tem valor, de o aprender e conceber em pensamentos determinados, e de assim o preservar de desvios obscuros” (HEGEL, 1989, p. 23).

²⁹ Tempos míticos encerrados parcialmente nas transformações da história dos povos e da cultura de Estado. Portanto, dito isso, na perspectiva apontada por Hegel, a devastação é também todo o nivelamento dos entes segundo a perspectiva da força e da fortuna: “o singular deve também percorrer os degraus-de-formação-cultural do espírito universal, conforme seu conteúdo; porém, como figuras já depositadas pelo espírito, como plataformas de um caminho já preparado e aplainado. Desse modo, vemos conhecimentos, que as antigas épocas ocupavam o espírito maduro dos homens, serem rebaixados a exercícios – ou mesmo a jogos de meninos; assim pode reconhecer-se no processo pedagógico, copiada como em silhueta, a história do espírito do mundo. (...). Vista também do ângulo universal, enquanto é a substância, a formação cultural consiste apenas em que essa substância se dá a sua consciência-de-si, e em si produz seu vir-a-ser e sua reflexão” (2011, p. 41-42).

universais. O Eu-mesmo separado não existia dentro da originalidade da cultura. O Eu era parte de um todo e não a sua fração fragmentada ou cindida. Assim diz o filósofo a respeito do assunto (HEGEL, 2001, p. 35):

a natureza de toda cultura [*Bildung*] espiritual faz com que esteja justamente no centro desse mundo reflexivo e de suas relações. Ele não poderia abstraí-lo por vontade e decisão pessoais; nem por meio de uma educação específica ou de um distanciamento das relações humanas fabricar e formar uma solidão particular, restauradora do que se perdeu.

Toda cultura histórica é formada por uma organização social que deixa atrás de si seus legados históricos quando estes são estudados por pesquisadores peritos no assunto. Tais registros são pesquisados por sujeitos investigadores que evidenciam o fim que repousa na desarticulação deste socius que já não existe em sua integralidade como expõe Hegel nesta citação sobre a estética da cultura perdida. Não existe sujeito cultural fora da anti-cultura despótica no estado presente. Só o animal está fora da cultura. Tal afirmação demonstra que Hegel estava pensando o antes da história e o depois da História. Este afirma positivamente o começo da cultura.

II

Tornando-se um cidadão do seu tempo, a partir do discernimento claro que tem desta cisão na consciência histórica do homem novo, Hegel vê claramente que o espírito é formado pela categoria que lhe prefigura como substância e sujeito estudados por Aristóteles. Qual é a problemática crucial na história do presente acerca dessa questão? Existe uma resolução prática para a problematidade da dor infinita, cravada no inconsciente na época da política moderna do Estado laico?

Sobre este assunto, Franz Rosenzweig diz que “por trás da névoa das palavras e do cheiro de sangue – o nascimento de um novo Estado nacional” (ROSENZWEIG, 2008, p. 91). O cheiro de sangue da revolução banha o solo europeu, garantindo mais uma ilusão no altar da louca tirania revolucionária que abre novas possibilidades no campo ambíguo das leis políticas que não são sólidas e sim aparentes.

É a partir desta leitura sistemática e sangrenta, tal como apresenta Rosenzweig, que as histórias dos Estados despóticos foram julgadas por Hegel segundo o campo de dissolução onde estão inseridos o corte parcial e total que desestabilizaram com a

linguagem da tradição cultural dos povos baseada na eticidade tradicional dos mesmos.

O barco de Teseu é julgado por Platão segundo a perspectiva trágica desta desestabilização política entre as partes e o todo.³⁰ A juventude precisa nutrir uma crença na crueldade destes deuses que criam os Estados segundo a disposição de suas forças anímicas e de seus dotes financeiros. Partindo deste princípio crítico, na modernidade houve também outra ruptura dentro do *lógos*. Este agora cortado de forma total e não-parcila segundo as prerrogativas do novo processo histórico no novo mundo. No primeiro caso temos a negação da negação especificada pela força política de destruição da essência ética, ou seja, pela anarquia dos instintos sociais fragmentados pelo terror. No segundo caso, a dupla negação vai aparecer não de forma parcial, mas de forma total. A tríade ontológica é rompida: Ideia, Natureza e Espírito não vão mais representar a força da divindade circular-lógica que repousava nesta tradição. É neste momento que o homem vai negar a si próprio, a natureza e Deus segundo esta dissolução paradigmática. Portanto, é a partir disso que tem que se pensar na ratificação deste movimento duplo invertido no inconsciente histórico do homem moderno. No caso que remonta à antiguidade, o corte se dá parcialmente nas estruturas linguísticas, econômicas e sociais. Este será verificado segundo os documentos históricos deixados por escribas referentes à decadência dos povos e o aparecimento dos discursos filosóficos acerca desta ruína. Observar Hegel: “a cultura de nossa época parece ter alcançado a certeza da nulidade dessa retórica [embora] de maneira inconsciente. (...). perda que se exprime no fato de que tudo isso produz tédio” (2011, p. 274).

III

O exame da tragédia do Estado ocidental começa a ser traçado a partir do entendimento destas disposições mitológicas que estão associadas ao processo de ruptura com a tradição dos antigos povos que são postos em xeque pela literatura sofocliana no primeiro tribunal da História. É por isso que o retorno ao mito de Édipo e Antígona faz-se necessário, aqui neste trabalho, para compreender todo este processo histórico de dissolução e de criação de leis segundo o combate jurídico. O caminho da consciência livre está disposto dentro do processo de afirmação da subjetividade do sujeito frente ao poder desta máquina política.

30 Ver Platão “livro VIII”. *A República* (1949, p. 113-114).

Ao escrever sobre “A teoria do Estado em Hegel”, Lucien Lévi-Bruhl diz que (2013, p. 657):

quantas vezes, afirma Hegel, nós não falamos da sabedoria de Deus na natureza! E o mundo da natureza física não é certamente superior ao mundo moral. Tanto pois, quanto o espírito prevalece sobre a matéria, o Estado prevalece sobre a natureza. É preciso venerar o Estado como um Deus terrestre (a expressão de Hegel: um terrestre divino, é construída a partir do célebre dito de Goethe: o eterno feminino). O Estado não tem pois necessidade, para se fundar, do consentimento dos indivíduos, nem de nenhum contrato. Ao contrário, em lugar do Estado existir para e pelos indivíduos, são os indivíduos que existem para e pelo Estado. E, precisamente porque o Estado está bem acima da vontade e da arte humana, é impossível ao nosso espírito de lhe desmontar peça por peça, como algo mecânico. Para o compreender, é preciso proceder não pela análise, segundo os familiares procedimentos de nosso entendimento, mas pela síntese, como progresso da própria Ideia. Assim, se justifica a dialética hegeliana, pela natureza de seu objeto.

Se Goethe encara o Estado como “o eterno feminino” como foi posto na citação acima mencionada, então fica claro que neste trabalho de dissertação será justo em dizer que a produção destes corpos que saem do ventre da mulher repousa no destino trágico deste Estado. Mesmo assim, ele ainda é o “Deus terrestre”?

Qual é o topos em que começa a experiência trágica do modelo de Estado ocidental mutilado?³¹

No estudo antropológico desenvolvido por René Girard *A violência e o sagrado*, no capítulo sobre “Lévi-Strauss, o estruturalismo e as regras do casamento”, ele mostra que “a mutilação simboliza de forma extraordinária o trabalho da crise; de fato, é claro que ela deve ser interpretada simultaneamente como criação do disforme, do horrível, e

31 Hegel demonstra que esta ação conflituosa marca o destino da eticidade baseada nas leis e nos costumes que agora se encontram dissociados. O sentimento de culpa é aclamado pela distorção com a própria divindade. Na *Fenomenologia do Espírito*, especificamente no tópico acerca da *Ação ética. Saber Humano e o Divino, a Culpa e o Destino*, Hegel expõe o seguinte: “a efetividade, pois, guarda oculto nela o outro lado, estranho ao saber, e não se mostra à consciência tal como é em si e para si. Ao filho, o pai não se mostra no ofensor que ele fere, nem a mãe na rainha que toma como esposa. Desse modo, está à espreita da consciência-de-si ética uma potência avessa-à-luz que, quando o fato ocorreu, irrompe, e a colhe em flagrante. Com efeito, o ato consumado é a oposição suprasumida do Si que-sabe e da efetividade que se lhe contrapõe. Quem opera, [Édipo], não pode renegar o delito e sua culpa. O ato é isto: mover o imóvel, e produzir o que antes estava encerrado na possibilidade; e com isso, unir o inconsciente ao consciente, o não-essente ao ser. Nessa verdade, o ato surge assim à luz do dia - como algo em que está unido um elemento consciente a um inconsciente, o próprio a um estranho: como a essência dividida; a consciência lhe experimenta o outro lado, e o experimenta também como lado seu, mas como potência violada por ela e provocada de modo hostil” (2011, p. 324-325).

como eliminação de tudo o que distingue, de tudo que ultrapassa, de tudo que ressalta” (1990, p. 300). Esse é o resultado da violência originária proferida pelo processo de fundação dessa máquina política que além de criar leis para conter a violência produzida, ela cria seus monstros mutilados que são os verdadeiros heróis desta tragédia como forma de expandir o seu poder de dominação para o mundo.

A base da configuração trágico-histórica do Estado está proferida pela descodificação dos códigos familiares transfigurados na relação incestuosa entre o filho e a mãe; e também na relação homicida que envolve o filho e o pai. Édipo, neste caso, é considerado um tirano?

Jocasta é a representação da mãe-terra que garante a proteção de seu filho que fora negado pelo Deus-pai Laios que já era um ser híbrido dentro desta linha da perversão. Deleuze e Guattari retratam o problema de Édipo que é minuciosamente estudado na obra *O anti-édipo: capitalismo e esquizofrenia*. Um estudo de filósofos para médicos e afins. É quando o desejo se torna uma arma biológica utilizada pelos déspotas das cidades que fabricam Édipos ao quadrado. Este é o sentimento de dissociação visto na família aristocrática que toma conta das antigas cidades gregas, e isto sendo a base da genealogia da política ocidental em relação a esta ruptura que cria o direito de liberdade para poucos dentro desta contradição castradora. Este sentimento é também visto no momento da civilização ocidental baseada numa dupla alienação do ser que perdeu seu laço social primeiro em prol de novas reformulações políticas de Estado moderno, criando com isso o direito de liberdade para todos que começa em Roma e em seguida aparece no mundo germano, daí em diante. Esses direitos são bastantes ambíguos por não serem efetivos e consistentes. Segundo os autores (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 220):

Édipo é a imagem enganosa à qual o desejo se deixa prender (É isso que você queria! Os fluxos descodificados, o incesto!). Começa então uma longa história, a da edipianização. Mas, precisamente, tudo começa na cabeça de Laios, o velho homossexual de grupo, o perverso que arma uma armadilha ao desejo. Porque o desejo é também isto, uma armadilha. A representação territorial comporta essas três instâncias: o *representante recalçado*, a *representação recalcante*, o *representante deslocado*.

Esta tragédia recalçada no mito de Édipo identifica a relação de um complexo simbólico baseado no mito que se entrelaça na cultura e no Estado vistos aqui sob o viés

de uma patologia social proferida na Grécia antiga, e este mesmo sintoma ultrapassa o tempo histórico, chegando na era moderna da civilização ocidental como um novo paradigma para a humanidade europeia que recria os heróis do passado para vencer o vazio da tradição cultural morta no presente. Linguagens, valores éticos e morais, imagens simbólicas de verdadeiros simulacros e instituições pouco confiáveis para os povos tradicionais, são completamente destruídos pelo curso da História universal radicada na perversão dos homens. Estes códigos primeiros são varridos por esta máquina mutiladora. A tradição da política ocidental não pode ser pensada sem esta sabedoria trágica que repousa no mito que quebra com a ideia de uma família nuclear antiga e moderna: o processo de “edipianização” baseado na violência é quem destrói com a base familiar. O saber filosófico se debruça sobre este mito para poder identificar as condições reais que marcam a derrota de uma tradição cultural no plano da cultura mesma. Hegel, em *Estética* (livro I), demonstra que (2001, p. 197):

Édipo, por exemplo, se depara em seu caminho para o oráculo com um homem, e o assassina numa desavença. Na época desta briga o ato não seria considerado crime; o homem se mostrou violento contra ele. Mas este homem era seu pai. Édipo se casou com uma rainha; a esposa é a sua mãe; sem saber encaminhou-se para um casamento incestuoso. Ele, todavia, reconhece como seu o todo deste delito e se pune como assassino do pai e como incestuoso, embora não tenha residido em seu saber e querer assassinar o *pai* nem desposar a *mãe*.

A cidade se torna, desde então, o objeto do fetiche, da disputa por representatividade e da guerra que agora é agenciada no seio familiar. Édipo é negado pelo próprio pai como visualiza Hegel na citação acima. Talvez essa seja a metáfora do mito recalcado numa ação de negação. O filho rouba o fogo do pai para se tornar o novo sacerdote. Sófocles escreveu duas obras, *Antígona*³² e *Édipo Rei*,³³ justamente para

32 Antígona retrata a quebra com o direito vinculado ao sentido puro da cultura retrata no poder abstraído de uma família. É uma consciência particular que profere discursos contra a autoridade do déspota, isto é, contra os ditames do Estado-pai tirano. Luta entre as leis designadas pela consciência individual e as que são designadas como leis positivas vinculadas a uma espécie de governo estamental. As leis dos costumes de um governo contra os desejos particulares dos sujeitos. Se instaura nesse cenário um jogo diabólico entre os heróis míticos que criaram Estados com os deuses ancestrais que são divinizados e que ao mesmo tempo estão prestes a encarnar a ideia de violência imaginária que parte da visão religiosa do mundo, entrando em conflito com a nova máquina política. Eis aqui a origem da violência atrelada a visão religiosa como também a visão da violência assistida pelo Estado despótico. O que sobra para a consciência que quer se emancipar desses poderes bestializados? Segundo Jean Hyppolite: “s’inspirant de l’*Antigone* de Sophocle Hegel voit au contraire dans la relation de frère et de soeur la relation pure et sans mélange. Le frère et la soeur sont l’un pour l’autre de libres individualités. ‘Ils sont le même sang, mais parvenu en eux à son repos et à l’équilibre’, c’est pourquoi la soeur a le plus profond pressentiment de

mostrar o sangue jorrado na Terra segundo as desestabilidades provocadas pelas guerras internas e externas nas antigas cidades gregas geridas pelo poder dessa tirania.³⁴ Na moderna formação de Estado as guerras continuam com outros emblemas, mas com a mesma configuração de sanar as desestabilidades entre os sujeitos políticos e de garantir a dominação do mais forte neste campo de poder biológico. Aqui se vê o alvorecer deste espírito se instalar na era das revoluções das máquinas industriais, segundo a nova Ideia de mundo apontada por Hegel. França, Inglaterra, Alemanha e Itália foram palcos de tais acontecimentos históricos, também de ordem sangrenta.

O mito de Édipo tirano e de Antígona serão vistos neste trabalho dissertativo como ponto de início de um diálogo acerca do *homo* trágico político ocidental. Só eles poderão ceder a chave para a compreensão de uma história que está por debaixo da pele de todo tecido social. Hegel diz que “a incapacidade de representar o pensamento como pensamento leva a recorrer a meios auxiliares, isto é, a expressão sensível” (1980, p. 374). Ele ainda acrescenta no mesmo texto, a saber, sobre a exclusão do elemento religioso da história da Filosofia, *Introdução à história da filosofia* (p. 374):

portanto, o mito não deve ocultar o pensamento; a intenção do mito é exprimir o pensamento, desvelá-lo. Esta expressão, por meio do símbolo, é, porém, defeituosa: quem oculta o pensamento é o que se revela; por isso a forma mítica não constitui o meio adequado do pensamento.

l'essence éthique - du libre rapport d'une conscience de soi à une conscience de soi - mais c'est seulement là un pressentiment parce que la loi de la famille dont la féminité est la gardienne ne s'étale pas à la lumière du jour, n'est pas un savoir explicite; elle reste un élément divin soustrait à l'effectivité” (1946, p. 334-335). Ver também sobre este assunto Rosenzweig acerca do conflito entre “lei divina e lei humana” em Antígona. “O conflito entre lei divina e lei humana na Antígona de Sófocles é retomado nestes desenvolvimentos com uma arte tão consumada que os traços reais da tragédia de Sófocles são dificilmente discerníveis do tecido de idéias do filósofo alemão” (2008, p. 301).

33 Na perspectiva apontada por Kojève: “toda ação (no mundo pagão) clama por vingança. Como o pagão ignora seu crime, não poderá evitar essa vingança. Caso típico: Édipo. Depois de executar a ação, ele tem de reconhecer que a ação foi criminoso; antes, ele não podia saber” (KOJÈVE, 2002, p. 101).

34 Sófocles, ao se preocupar com a produção do pensamento trágico na Grécia antiga, traz para o cerne das discussões a natureza do mito poético recalcado na nação (poesia nacional), seguindo os passos de Homero e dos estudiosos que inauguraram o ciclo épico no teatro. Poeta de índole obscura que conseguiu adentrar nos cumes e nas cavernas das coisas humanas. Ele revelou para o mundo o começo da decadência da política ocidental, com seus dramas trágicos que vai da família ao Estado; até chegar na crítica fundamentada na destruição dos antigos povos gregos. Eis aqui uma passagem do texto que pode exemplificar o que foi dito, a saber: “Apolo, amigos: foi o deus Apolo que me quis submeter a esta amargura! Porém a mão que golpeou meus olhos não foi a de ninguém, senão a minha: que mais pudera eu desejar ver, se a vista me dava desprazer?” (SÓFOCLES, 1982, p. 132).

O modelo figurativo geométrico desta habitação e o modelo mítico estão associados neste processo de leitura da realidade sem se preocupar com certos defeitos que advém apenas de uma leitura que só o mito pode realizar, desprezando o lado figurativo proveniente da geometria, o contrário também é válido para se valer de uma leitura rasteira da realidade complexa sem o intermédio do juízo sintetizador filosófico. Ambas as partes se encontram em consonância com a Razão reflexiva que é a base da arquitetura de toda história da Filosofia que cinde dentro da estrutura mítica da realidade para poder revelá-la enquanto tal, ou seja, como sabedoria imediata.

Hegel escreveu a *Fenomenologia do Espírito* (1807) num momento em que a política europeia, sem espírito, estava ganhando força de expansão e domínio sobre outros territórios, ocupando com isso os lugares a serem agregados ao seu poderio bélico.³⁵ Tal análise, o antes da história e depois da história, tem o poder de discernir acerca do começo desta expansão que começa com a tragédia do povo grego, narrada por poetas, historiadores e filósofos da época, até chegar na sua forma acabada e atual no novo processo histórico. A substância ética sem Deus é avaliada por Hegel. Qual será então a Ciência que investiga tal acontecimento histórico? A proposta metodológica utilizada por ele é bastante clara: é a Ciência com base na cultura filosófica do sujeito que investiga tal fato segundo a perícia dialética da história. Isso só pode acontecer segundo o discernimento legislativo racional que visa diferenciar e investigar o ser e o não-ser dentro do sistema a partir do critério de verdade. Eis a hipótese tecida neste trabalho. Édipo representa esta consecução da dupla negação da consciência que rejeita o seu próprio obrar. Neste caso, o corpo se vê num estado de mutilação dentro da família e na sociedade em geral. O filho modificado não é mais a formação do pai e nem muito menos a sua obra inicial. Acerca desta verdade histórica, nos diz o filósofo citado que “a palavra verdade é justamente o que assusta aqueles que

35 O Espírito absoluto revelado se consagrou na liberdade individual de cada ser, tornando-os agentes diretos do seu espetáculo; agora capturado pela noção invertida de Deus. Existe uma diferença na forma histórica antiga e moderna em se tratando de reconhecer a Coisa tal como ela é na sua *essência ética*. Para Hegel existia um tipo de cultura (educação) que preparava o indivíduo para conceber o universal na sua concretude abstrata. Já na atualidade histórica, isso não acontece pelo fato de que a formalidade do Espírito já se encontra meramente acabada. Ele nos diz o seguinte a respeito do assunto: “falta porém a esse mundo novo – como falta a uma criança recém-nascida - uma efetividade acabada; ponto essencial a não ser descuidado. O primeiro despontar é, de início, a imediatez do mundo novo - o seu conceito: como um edifício não está pronto quando se põe seu alicerce, também esse conceito do todo, que foi alcançado, não é o todo mesmo” (HEGEL, 2011, p. 31).

na história da filosofia buscam apenas opiniões ou estão persuadidos de que nela nada mais se pode encontrar além de opiniões” (1980, p. 330).

A escrita da história do mundo começa a ser narrada segundo esta cisão sediada na consciência da classe aristocrática que nega o conteúdo da cultura no seu sentido originário inserido na contaminação despótica de governo dos homens. Os Estados criados por estas castas de senhores formaram a essência do curso da história do mundo recalçada³⁶ na tragédia político histórica do ocidente. O autor da tese sobre *Hegel e o Estado* mostra que a inversão dos valores também ocorreu no novo mundo, em que (ROSENZWEIG, 2008, p. 109-110)

o novo deus, que ocupa o lugar não dos antigos deuses, mas do antigo Estado, ou, mais precisamente, o lugar do livre direcionamento do Estado pelos cidadãos, está agora, porém, fora de âmbito de nosso querer – contrariamente àquele ‘absoluto, prático autônomo do Estado republicano’. (...). Nós, porém, estamos sem imaginação religiosa que tivesse nascido do nosso solo e que se articulasse com nossa história, e estamos ‘pura e simplesmente sem nenhuma imaginação política.

Este mundo sem espírito, isto é, sem deuses e sem natureza, é fomentado na História universal a partir do momento em que o movimento da História é elaborado, desenvolvido para deslocar o peso da roda que vai devastar toda Terra segundo a elaboração de técnicas de saberes que criam a Ideia do motor que se movimenta a partir destes artifícios de dominação, alienação e devastação. A História da vida do mundo é escrita quando os filósofos reconheceram o final desta saga alegórica recalçada na destruição de todos os entes disponíveis neste espaço. Este é o Estado inicial e último do anti-humanismo.

36 As neuroses de guerra que foram gestadas neste percurso da história ocidental, criadas pelo Estado *Kraft*, deixou as suas feridas nos egos de toda uma inumanidade que progrediu sob a influência da ‘privação do amor’, do medo, da perversão, da violência, das inimizades entre indivíduos e povos como também entre Estados e Estados. O recalque baseado na repressão torna-se o emblema desta trajetória política em que se configura os diversos tipos de violências disponíveis em torno de seus muros. Sobre este assunto, Freud mostra em seu estudo, acerca das neuroses de guerra, que “pode-se, mesmo, com direito e justiça, designar como *neurose traumática elementar* o recalçamento que constitui a base de toda neurose como reação a um trauma” (196-, p. 86).

2. A ESCRITA DA HISTÓRIA DA VIDA DO MUNDO: o progresso do espírito filosófico dentro da cultura do sujeito

2.1. Razão e História

Os conceitos de Razão³⁷ e de História³⁸ no sistema de pensamento elaborado por Hegel foram definidos pela manifestação do *lógos* científico que deu origem ao campo de estudo baseado na filosofia primeira, isto é, no modelo da práxis filosófica radicada na cultura intelectual de certos sujeitos históricos e metafísicos.³⁹

No momento da história que vai da criação da primeira escola de Filosofia⁴⁰ até chegar no pensamento elaborado por Aristóteles, o valor universal da vida é preferivelmente estudado por sujeitos singulares que encabeçaram o projeto definidor da história da Filosofia. O sentido da “história” imediata, nesta situação, é descartado pela ação negadora realizada para definir o seu campo de análise. A ação de negar visa

37 Razão e verdade são atributos da vida da cultura como manifestação religiosa de todo um sistema de valores éticos, morais e judiciários. O seu governo é baseado nesta conduta compreendida pela consciência que também é produto deste espírito lógico-metafísico-universal. Ou seja, para Hegel, “pois o método não é outra coisa do que a estrutura do todo, apresentada em sua pura essencialidade. Porém, quanto às opiniões em voga até agora sobre o método, devemos ter consciência de que também o sistema de representações relativas ao método filosófico pertence a uma cultura desaparecida” (HEGEL, 2011, p. 53-54).

38 Para o homem grego a história significa investigação, conhecimento e ela é a ciência da experiência. *Geschicht* é a narrativa do assunto que é história, ou seja, tudo aquilo que foi feito, o ocorrido, isto é, o evento que aconteceu. Ela não é o reino da felicidade na Terra. “Em nossa língua, a palavra história combina o lado objetivo e o subjetivo. Significa ao mesmo tempo a *historiam rerum gestarum* e a *res gestas*: os acontecimentos e a narração dos acontecimentos” (1990, p. 112).

39 O que é chamado de cultura intelectual do sujeito surge no seio mesmo de uma cultura que não é intelectual: o histórico nasce do não-histórico, o ser do não-ser e assim por diante. No capítulo do livro “A razão com base na história”, *A razão na História*, Hegel observa: “em tudo que se supõe ser científico, a Razão deve ser alerta e a reflexão deve ser aplicada. Para quem olha racionalmente para o mundo, o mundo olha de volta racionalmente. A relação é mútua” (p. 55).

40 Para Hegel, Tales de Mileto viu o mundo com os olhos de um intelectual que o compreendeu como sendo um todo cheio de vida repleto por água. Ver Hegel “Manière de traiter les philosophie ancienne”. *Leçons sur l'histoire de la philosophie* (1954, p. 88). A Jônia, em meados do século VI a.C., era dita como a primeira civilização que adentrou para a história da filosofia como sendo o berço da filosofia mesma. Segundo Lima Vaz, em *Escritos de Filosofia e Cultura*, observa que “os termos da relação entre filosofia e cultura são postos desde então de maneira exemplar: de um lado a universalidade da razão e a singularidade de seu procedimento reflexivo e demonstrativo, impondo ao universo tradicional das representações, das crenças e das normas a comprovação decisiva da sua legitimação diante do tribunal do *lógos*, o que implica o julgamento ou a *crise* das mais arraigadas certezas; de outro, a segurança milenar das pretensas evidências do senso comum sobre as quais se funda a morada do homem, a saber, sua cultura ou o seu *ethos*, construídas segundo as lições da natureza, a primeira das quais é a luta como caminho de sobrevivência, sendo abalada pela irrupção das grandes interrogações postas pela filosofia.” (LIMA VAZ, 2002, p. 4-5).

compreender o processo da formação da “hýbris”⁴¹ segundo o afirmar científico que julga o conteúdo ético e moral de uma cidade ou de uma cultura a partir da tragicidade de suas respectivas unidades substanciais.⁴² Dito isso, o saber da cultura filosófica visa conhecer a história do mundo segundo o progresso e a evolução deste saber que saio de dentro do seio da certeza sensível radicada em crenças populares. É outra síntese de pensamento que permeia este movimento de criação científica baseado na Filosofia.⁴³

Os filósofos se distinguem dos grandes heróis⁴⁴ tal como César, Alexandre e dos estimados poetas tais como Homero e Hesíodo. Os primeiros incorporam em seus trabalhos todo o destino radicado na História do espírito universal.⁴⁵ Estes homens gastavam suas energias para garantirem seus ideais de segurança, honras e de suas posses pessoais egoístas privadas. Eles são tidos como exemplos de sujeitos que asseguravam a trajetória de conquistas políticas que significava o poderio bélico da máquina-Estado no espaço da *pólis*. Deus, agora, serve a História⁴⁶ como motor da devastação programada e não serve mais a Natureza imediata dos povos. Deus, por outro lado, é visto como Natureza imediata na representação das culturas de povos remotos, primitivos por assim dizer, que simbolizavam esta afirmação que significava a

41 “a face da crise e do desconcerto da cidade e da cultura designada com o nome ‘ignorância’ (*amathía*), oculta pela nuvem do falso saber (a erística e a retórica), que é desvelada à luz da filosofia, acabando aquela nuvem por dissipar-se ao sol da *theória*” (p. 20).

42 “Considerando a análise hegeliana das sociedades ‘sem história’, os fatos que privilegia, os traços que retém no curso de sua análise, veremos como Hegel distingui e ajusta, uns aos outros, certo número de fenômenos cujo acordo recíproco presidiria à instauração da História como realidade efetiva: fundação do Estado e organização do poder político, introdução da escrita (sobretudo a escrita fonética do tipo alfabética), instituição da prosa, atada às funções da memória” (ARANTES, 2000, p. 192).

43 Ver Hegel “Le progrès de la conscience” (1965, p. 83-85).

44 “Entre o animal totêmico e o deus, surgiu o herói, amiúde como passo preliminar no sentido de deificação” (FREUD, 1996, p. 147).

45 No capítulo sobre “O indivíduo como sujeito da história”, em *A razão na história*, Hegel diz que estes homens políticos são “chamados de ‘heróis’, na medida em que não tiraram seu objetivo e sua vocação do rumo calmo e regular das coisas, sancionado pela ordem existente, mas de uma fonte secreta cujo conteúdo ainda está oculto e ainda não veio à luz. (...). Os grandes homens trabalham para a sua satisfação e não para a de outros. (...). O Espírito, ao dar este novo passo histórico, é a alma mais profunda de todos os indivíduos – mas em um estado inconsciente, pelo qual os grandes homens despertam para a consciência. Por esta razão os homens seguem estas almas que lideram, [*eles afluem em multidões atrás de suas bandeiras*]. Sentem a força irresistível do seu próprio espírito incorporado nelas” (HEGEL, 1990, p. 79-80).

46 A *Fenomenologia* de Hegel prescreve o desenvolvimento histórico que impulsiona a história para frente segundo a visão da tragédia. Este é o espírito que constrói e destrói com toda História do Ocidente. Em *Genèse et structure de la phénoménologie de l’esprit de Hegel*, no capítulo “Histoire et phénoménologie”, Hyppolite observa: “or la vision que Hegel prend de l’histoire est une vision tragique” (HYPPOLITE, 1946, p. 34).

manifestação do divino que era ainda inconsciente sem a consciência de si na História Universal. Por exemplo, no Egito o cachorro e o gato eram simbologias animais que retratavam certa divinização do *lógos*. Deus aqui é considerado como História. O valor é invertido neste contexto de misturas entre o saber imediato e o saber imediato recalçado pelo despotismo. Agora, Deus serve aos feitos históricos dos homens como causa política que procura minar a *corrupção* e a *ruína* promovidas pela ruptura com o *Dasein* tradicional. Tentam sanar o caos promovendo um outro caos? Os deuses homéricos são exemplos disto. É uma nova síntese que tenta criar uma reconciliação com Deus, com a Natureza e com o Espírito via Estado. Novos mitos são criados e outros recalçados para justificarem as suas aparições dentro desta história como marca fundamental da eticidade trágica advinda deste movimento histórico arregimentado na cultura do Ocidente. Sobre “A dialética dos princípios nacionais” da História, em *A razão na história*, pensa Hegel (1990, p. 127):

assim, primeiro governou Cronos, o Tempo – a idade de ouro, sem resultados morais. O que ele produziu, seus filhos, foi por ele devorado. Foi Zeus, de cuja cabeça saiu Atena e cujo círculo incluí Apolo e as Musas, que conquistou o Tempo e impôs um limite a seu espaço. Ele é o deus político, que produziu um trabalho moral: O Estado.

Zeus teve um destino trágico como todos os heróis históricos criadores de Estados. Ele foi consumido pelas forças do tempo que deu origem a esta maquinação. O Estado⁴⁷ como obra do saber político e moral do pensamento comporta todas as representações possíveis dentro do seu muro segundo a lei constitucional que ele cria, que neste momento inicial, sobrevive sob o preceito da natureza imediata. É neste sentido mitológico e racional que Hegel em *Leçons sur l’histoire de la philosophie* demarca o campo de fronteira visto entre poesia, política e Filosofia. Sócrates fazia uma distinção bastante clara entre estes campos do conhecimento.⁴⁸ Os dois primeiros campos de saberes são baseados na *dóxa* e o último é ratificado pela reflexão da

47 A *Mnemósine* do Estado, considerada em sua racionalidade voltada para o exterior, é a sua formação e a sua constituição. Hegel diz que “as memórias das famílias e as tradições patriarcais têm um interesse confinado à família e à tribo” como vontades particulares privadas e não públicas (1990, p. 112).

48 Platão escreveu sobre “Ciência e missão de Sócrates”, em *Defesa de Sócrates*. Neste texto, o filósofo mostra qual é a ciência que Sócrates toma como sendo a sua ferramenta de investigação política: é a *ciência humana*. Para afirmar tal campo de saber, ele teve que impor um sentimento de fronteira com os políticos, com os poetas, artesãos e com os artífices. Platão quer mostrar, neste trabalho, quem fala a verdade a respeito das coisas humanas. “Ateniense, devo essa reputação exclusivamente a uma ciência. Qual vem a ser a ciência? A que é, talvez, a ciência humana” (1980, p. 8).

episteme como construtora do saber científico. Sobre o assunto citado, Hegel diz que “Socrate fut accusé d’adorer d’autres dieux que ceux de la religion populaire. Platon s’élevait contre la mythologie des poètes et voulait voir bannies de l’éducation dans as République les histoires des dieux d’Homère et d’Hésiode” (1954, p. 217).

A linguagem conceitual utilizada pelos filósofos Parmênides, Heráclito, Platão e Aristóteles influencia Hegel em seus estudos de Filosofia da história com base na Razão conceitual que se confronta com esses saberes não-científicos atrelados aos *ethos* das antigas culturas dominadas por Estados despóticos.

Heidegger realiza um estudo sobre *Hegel e os antigos* justamente para demonstrar que o conteúdo da real Filosofia trabalha com o material ético, moral e divino compreendidos pela Razão segundo a realização do conceito cravado na História mesma da Filosofia. A palavra e a vida, diferenciadas, destes filósofos não são compreendidas por todos os mortais por serem elas de índole conceitual e teórica. As seguintes palavras distinguidas neste texto de Heidegger fazem jus a esta distinção entre o pensamento conceitual com o *lógos* da política militar de Estado que as incorporam em seus trabalhos, a saber (HEIDEGGER, 1979, p. 209):

enumeremos as quatro palavras fundamentais, com a tradução de Hegel: 1. *Hén*, o universo; 2. *Lógos*, a razão; 3. *Idéia*, o conceito; 4. *Enérgeia*, a atualidade. *Hén* é a palavra de Parmênides. *Lógos*, é a palavra de Heráclito. *Idéia* é a palavra de Platão. *Enérgeia* é a palavra de Aristóteles.

O resultado deste trabalho de criação de linguagens conceituais proveniente da filosofia visa estabelecer por meio da dialética⁴⁹ a ligação entre o saber absoluto com a história, e também com a própria cultura. Os conceitos apresentados por Heidegger são universais e válidos atemporalmente. Estas palavras seguem o modelo da transferência de uma para a outra com intuito de aprimorar a descrição do objeto e com isso chegar no seu acabamento com o desvelamento do Ser que é a natureza refletida do próprio objeto que está sendo estudado. O caminho percorrido é pleiteado pela descrição universal do ente na sua forma primeira e abstrata e logo em seguida a definição se torna concreta com o conceito aristotélico explicitado por Heidegger.

49 Gadamer, sobre *Hegel e a dialética antiga*, quer mostrar que “em face da continuidade, que subsiste dessa forma entre a dialética do movimento e a dialética do espírito, está certamente fundamentada de maneira material a autoarticulação hegeliana com a filosofia antiga” (GADAMER, 2012, p. 25).

Os homens que impulsionaram o avanço da corrida da História Universal, os heróis da máquina política enquanto “sujeitos da história” que trabalham manobrando as massas a partir de suas bandeiras e palavras de ordens, são para Hegel, a expressão que se coagula no “fato terrível de não serem felizes os homens históricos. – pois apenas a vida privada em suas diversas circunstâncias exteriores pode ser ‘feliz’ – poderá servir de consolo aos que dele necessitem, invejosos incapazes de tolerar a grandeza e a iminência” (HEGEL, 1990, p. 80). Eles também, segundo Hegel, “morrem cedo, como Alexandre, são assassinados como César, levados para santa Helena como Napoleão” (p. 80). Na modernidade, os príncipes não são homens felizes em seus respectivos governos despóticos.

A ação do homem político, a sua palavra e conduta se diferenciam da ação traçada pelo filósofo tal como apresenta Hegel na citação acima. Tais heróis históricos⁵⁰ são amplamente marcados pelos seus destinos trágicos em que as paixões, as invejas, as intolerâncias para com a alteridade servem de medida para estes indivíduos históricos realizarem, não uma liberdade sem inveja e sem intolerância para com aquilo que é grande intelectualmente, o avanço da História que eles promoveram com base no desejo de um capricho egoísta assentado na força de um “grande homem” de guerra⁵¹. Estes homens participaram da confecção da História mundial enraizada no movimento da guerra gerida pela conquista de povos, riquezas e obtenção de poderes privados que garantem o funcionamento desta máquina distendida na construção da desordem do

50 Eles, a partir de seus caprichos e desejos subjetivos privados, levam a história para o seu progresso e também para o desenvolvimento segundo a tirania acoplada a força que elimina os sujeitos que não têm a consciência histórica desta corrida universal. “Em geral o particular é muito insignificante em relação ao universal, os indivíduos são sacrificados e abandonados” (HEGEL, 1990, p. 82).

51 Freud utiliza este conceito para designar as figuras lendárias da história tal como faz Hegel para demonstrar que o motor da história é movido por aqueles que conseguem arrebatar massas, mover o peso promovido por esta roda. Um grande homem pode ser também um filósofo ou um poeta de grande envergadura. A civilização não está preparada para estes homens. Os melhores nestas artes de dizer a verdade foram sacrificados ou exilados para não contrariarem o poder da tirania sobreposto sobre as suas cabeças dentro das cidades. A massa só reconhece aqueles que matam, mentem e roubam para justificarem seus delírios neuróticos de dominação, *posição, honra e segurança*. Tem que haver uma distinção entre os campos psicológicos retratados para realizar tal distinção que paira na ideia de ser filósofo e de ser tirano. Hegel diz que “César era um desses homens” (p. 78), ou seja, um homem apaixonado pelos destinos de Roma e do mundo de forma negativa. Geralmente eles são generais, conquistadores e governantes. Dito isso, Freud demonstra que “um grande homem influencia seus semelhantes por duas maneiras: por sua personalidade e pela ideia que ele apresenta. Essa ideia pode acentuar alguma antiga imagem de desejo das massas, ou apontar um novo objetivo para elas, ou lançar de algum outro modo seu encantamento sobre as mesmas (...). Trata-se de um anseio pelo pai que é sentido por todos, da infância em diante, do mesmo pai a quem o herói da lenda se gaba de ter derrotado” (FREUD, 1996, p. 123).

mundo. Eles, com estas ações, conseguiram destruir as culturas dos povos a partir do uso legal da força que se fixa em tragédias sanguinárias geridas por formações de estados despóticos. O caminho percorrido pela experiência filosófica na história é distendido pela compreensão deste processo de cisão entre a natureza e o espírito que abateu, por exemplo, a cidade onde Sófocles residia. A *pólis* é contaminada pela desmesura apaixonada desta máquina política que deste então percorre o solo da tragédia aplainado pelo herói político. Jean Hyppolite no tópico sobre a “‘Fenomenologia’ de Hegel e a psicanálise”, inscrito em seu trabalho, a saber, *Ensaio de Psicanálise e Filosofia*, fala acerca desta ruptura cultural e de seu destino político-histórico baseado na eticidade trágica.

Este caminho é o mesmo da tragédia de Édipo. É o da descoberta de si na consciência inconsciente dela mesma. Há então uma espécie de itinerário, e a consciência é lançada de chofre numa viagem que se chama experiência. E é a apresentação desta viagem que é o próprio tema da *Fenomenologia* de Hegel. (HYPPOLITE, 1989, p. 62)

Seria então este o percurso do herói traçado pela fantasia mítica de Édipo em sua composição trágica e romântica? Os heróis, segundo Hegel, são também considerados indivíduos históricos, *práticos e políticos*, que vêm *a próxima espécie formada no ventre do seu tempo*.

Os filósofos, diferente disso, são conhecedores dos símbolos culturais remotos, estudiosos do presente, do passado e do futuro. São também fomentadores de saberes especiais que têm consciências de si mesmos enquanto ideia desenvolvida pela Razão na História. Eles desenterram culturas perdidas e cidades remotas para garantirem a certeza de seus estudos comprobatórios a respeito do material examinado e criado conceitualmente.⁵² Ambos participam da promoção da História do Espírito do Mundo

52 Hegel na *Fenomenologia* segue o percurso que vai do estado inconsciente, imediato, até chegar no estado da consciência-de-si que é histórica, racional e filosófica, por assim dizer, mediatizada. É neste percurso que a consciência realiza o movimento da dobra, ou seja, da dupla negação entre o eu e outro cujo objetivo é afirmar a distinção intrínseca que há entre as coisas. Este recurso metodológico visa reconhecer a diversidade das coisas existentes no universal que é caracterizado como sendo a unidade de todas as coisas existentes no uno. A negação aqui não é objeto do crime. Numa escala progressiva, ela nega esta consciência natural animada pela natureza do Espírito absoluto e em seguida nega as razões próprias de uma consciência política baseada no despotismo de Estado. É assim que a ideia de liberdade do sujeito vem à tona dentro da história da Filosofia. Sobre o assunto citado, Hyppolite diz que "a consciência de si só existe como eu quando se vê numa outra consciência; a *Fenomenologia* nos apresenta aqui em termos abstratos o esquema da alteridade, onde a relação 'em espelhos' é essencial: poderia-se dizer que o duplo (Hegel diz o 'dobramento') é fundamental na consciência de si. Entendemos

em graus diversos. Um com o poder da força e da fortuna, enquanto o outro com o poder da inteligência científica. Dentro desta perspectiva universal, o exame da relação existente do sujeito alienado ou emancipado (educado) dentro do mundo segundo a elaboração crítica-radical esboçada por Hegel, é aclamado pelo conhecimento da Filosofia antiga e moderna. Este saber será problematizado na modernidade, sendo ele recalçado na explosão do novo topos trágico-político-histórico baseado na revolução do Édipo moderno. É a partir do discurso desta consciência que Hegel leva em consideração a problematização da morte da Filosofia e o seu desvelamento baseado na crítica à filosofia como ciência do espírito absoluto (metafísica). Hegel diz que o senso comum joga contra os princípios da razão cultivada. O déspota é o aliado dominador principal deste juízo comum em que se configura o reino de toda e qualquer “sofistaria” que nivela por baixo a cultura intelectual do sujeito. “Sofistaria é uma palavra de ordem do senso comum contra a razão cultivada; do mesmo modo que a ignorância filosófica caracterizou a filosofia, de uma vez por todas, como devaneios” (HEGEL, 2011, p. 68). Este preconceito foi cultivado nos primórdios da Filosofia na Grécia antiga, e em toda humanidade em geral, por aqueles que não compreendem muito bem o que é a verdadeira Filosofia por ser ela detentora de toda a verdade absoluta sobre o mundo.

A escrita acerca da constituição íntima do mundo foi concebida pela dialética como método de análise que faz fronteira com as perspectivas religiosa e política dentro da *pólis*. Hegel cita em seus estudos os antigos escribas tais como Heródoto, Tucídides e dentre outros historiadores que iniciaram estes estudos sobre a cultura humana dentro da História universal. Conhecer o mundo, os povos que estão acoplados a ele, a essência das coisas e dos seres, isso é um trabalho de grande investimento não só intelectual, mas também econômico. Este é um tipo de tarefa que não é para qualquer um.

concretamente por isso que a consciência de si não se encontra encerrada em qualquer lugar, num organismo biológico. Ela é relação e relação com o outro” (1989, p. 65).

2.2. Dos narradores da História

Os historiadores antigos e modernos dizem o mesmo sobre aquele que um dia criou a narrativa da História, a saber: o primeiro narrador grego foi Heródoto.

Da narratividade mítica-poética-popular ao progresso da narratividade conceitual proferida pelo saber filosófico dentro do Estado⁵³. A História que narra a Vida do mundo é definida por Hegel segundo o seu fato histórico radicado no tempo e no espaço dentro do progresso do espírito filosófico recalcado na cultura do sujeito fixado neste Estado⁵⁴. Sendo ela narrada pela consciência racional através do pensamento que é atributo da Razão, que, já na época de Heródoto e de Tucídides⁵⁵, era uma atividade eminentemente teórica e contemplativa entre os pesquisadores gregos. Tal disciplina é caracterizada a partir do conhecimento baseado na experiência do sujeito que procura investigar acontecimentos sequenciais de representações históricas que dão origem às “imagens mentais” destes povos abstraídas dos estudos relatados por estes arautos do saber histórico.

Os eventos estudados por estes historiadores são amplamente relatados através da sistematização destes feitos em que eles se ratificaram dentro da formação cultural de um povo, na criação política do *poder-do-Estado*⁵⁶ ou sendo vistos na perspectiva da construção da cultura do sujeito enquanto espírito de governo livre, isto é, sujeito emancipado (educado) para a criação livresca do saber segundo a aquisição de uma

53 Ver Hegel “O Estado como condição da História” (1990, p. 112-115).

54 Ver Hegel “O curso da História da vida do mundo” (p. 105-130).

55 A memória da história dos povos era escrita por “grandes chefes” de Estados. “Na antiguidade, esses historiadores eram necessariamente grandes chefes e governantes” (p. 47).

56 Hegel caracteriza o *poder-do-Estado* como algo exterior ao processo formador das culturas em seu estado puro. Tal poder teve como primazia a conquista, a pilhagem, o roubo, a guerra, a violência, os saques, as mortes, a dissociação entre o Eu e o outro, a criação da cadeia binária de dominação entre o senhor e o servo, a elucubração de contratos para sanar as disparidades entre os sujeitos e fomentar novas categorias de trabalho segundo a manifestação da propriedade privada dominada pelo soberano proprietário; os massacres como momentos fundantes e formadores de territórios dominados pela soberania de um só governante. Enfim, eles deram vidas as leis que não são baseadas nos costumes e sim na obediência impessoal aos estratos funcionais de novos trabalhos que caracterizam a fundação desta máquina no espaço terrestre. O direito dentro do Estado é abstraído pela *mais profunda revolta* contra a barbárie que foi instaurada em seus primórdios fundamentais, até os dias atuais. Seguindo este raciocínio, o filósofo mostra que “ao ver-se o puro Eu mesmo, fora de si e dilacerado, nesse dilaceramento ao mesmo tempo se desintegrou e foi por terra tudo o que tem continuidade e universalidade – o que se chama lei, bom e justo. Dissolveu-se tudo o que é igual, pois o que está presente é a pura desigualdade, a absoluta inessencialidade do absolutamente essencial, o ser-fora-de-si do ser-para-si. O puro Eu mesmo está absolutamente dilacerado” (2011, p. 356).

formação intelectual própria. Sendo assim, Hegel evidencia o caráter desta cultura, a saber: “a cultura do autor e a dos acontecimentos criados em sua obra, o espírito do autor e o das ações que ele relata são os mesmos” (HEGEL, 1990, p. 46).

Sobre o mesmo assunto observa o filósofo que (1980, p. 334)

os fatos constitutivos desta história não são aventuras, do mesmo modo que a história do mundo não é uma história *romanesca*; não é uma coleção de fatos contingentes, de viagens de cavaleiros errantes que se batem ao acaso e gastam as energias sem deixar rastro da sua atividade; nem a história da filosofia foi excogitada arbitrariamente por indivíduos singulares de maneiras diferentes umas das outras, mas há um nexó essencial no movimento do espírito pensante, onde domina a razão.

A História da Filosofia não é produto de um romance promovido por “cavaleiros”. Ela é sim luta, síntese geral histórica, demonstração do terror e do sangue promovidos pelas guerras devastadoras como é também a afirmação da cultura de um certo sujeito histórico que trabalha com o conceito de Razão vinculado à História.

No trabalho escrito por Hegel *A Razão na História*, ele demonstra que existem três tipos específicos formais de empreender os estudos baseado nesta Ciência como forma de ilustrar os três métodos que correspondem as suas respectivas narratividades, a saber: primeiro, vem o estilo que leva o nome de originalidade, ou seja, a *história original*.⁵⁷ Esta história é relatada pela consciência do cronista que procurava registrar fatos da cultura em estudo no seu sentido unívoco, como era antes, cujo sopro vital resplandece na configuração absoluta do Nós que é para si e em si dentro deste contexto um todo ligado ao saber absoluto que dignificava esta consciência no universal sem ao menos conhecê-la conceitualmente. Neste caso, o historiador que trabalha com esta narração começa a criar o desenvolvimento avaliativo sediado pela evidência dos tipos específicos de sociedades e de indivíduos singulares acoplados a ela. Por exemplo, Guicciardini, historiador renascentista italiano, é influenciado pelos historiadores citados anteriormente por serem eles indivíduos notáveis e pioneiros na criação de suas

57 Nesta linha de raciocínio, demonstra Hegel que “tomem-se, por exemplo, as histórias de Heródoto, Tucídides e historiadores do gênero que, essencialmente, descreviam as ações, acontecimentos e condições que tinham diante dos olhos e de cujo espírito compartilhavam. Eles transferiam o que ocorria externamente para o domínio da representação mental e, assim, traduziam os aspectos exteriores para a concepção interior – muito à maneira do poeta, que transforma o material perceptivo em imagens mentais” (1990, p. 45).

narrativas sobre a etnologia das culturas conquistadas. No pensamento de Hegel, a aparição dessas histórias exemplificam a existência da sua verdade revelada por estes homens que trabalhavam estudando os acontecimentos vividos a partir das experiências dentro dessas culturas que eles procuravam conhecer segundo os relatos que são abstraídos no contato com esta mesma cultura, com intuito de conhecer as narrações de outros sujeitos que não são “históricos”. Não existe preocupação com os acontecimentos. Para o narrador desta linha, o que importa é viver *o espírito dos acontecimentos*, sem reflexão transcendente. Para Hegel (1990, p. 46):

quando dizemos que um historiador desse gênero não depura os acontecimentos, mas que em sua obra aparecem os próprios indivíduos e os povos, parece haver uma contradição nos discursos que se podem ler, por exemplo, em Tucídides. Com certeza, é verdade que eles jamais foram feitos nessa forma. Mas as falas são ações entre homens e, realmente, ações são muitíssimos reais. A verdade é que em geral se diz que foram *apenas* conversas e, supostamente, insignificantes (...). Em seus discursos esses homens expressavam as máximas de seu povo, de sua personalidade, da consciência de sua posição política e os princípios de sua natureza espiritual e moral, seus objetivos e suas ações.

Os pesquisadores citados falavam para os príncipes e para os povos estudados. Ou seja, segundo o filósofo citado anteriormente (p. 46): “as falas de povos para povos ou para povos e príncipes são partes integrantes da história”.

Estes historiadores originais⁵⁸ escreveram sobre as ações dos povos, dos feitos de guerra dos comandantes políticos e do pensamento poético que aconteciam no espaço e no tempo em que as condições para que a “história” daquela localidade fosse narrada segundo a pena do escriba que transcrevia, através da representação de sua mente, a exterioridade daquela cultura que visava conhecer corpo-a-corpo, linguagem com linguagem.

As imagens das consciências históricas se justificavam através dos relatórios e das informações obtidas no campo de estudos em que os mitos, as manifestações

58 “No que concerne às verdades *históricas* – para mencioná-las brevemente – enquanto consideradas do ponto de vista exclusivamente histórico, admite-se sem dificuldades que dizem respeito ao ser-aí singular, a um conteúdo sob o aspecto de sua contingência e de seu arbitrário; - determinações do conteúdo que não são necessárias. Mas até mesmo verdades nuas, como as supracitadas em exemplo, não são sem o movimento da consciência-de-si. É preciso muito comparar para conhecer uma só delas; há que consultar livros ou pesquisar, seja de que maneira for” (2011, p. 49).

folclóricas e as devidas batalhas, guerras, vitórias e inscrições de línguas míticas eram ainda considerados costumes cegos dos povos. Neste sentido, o relato do historiador procurava evidenciar os feitos históricos dos acontecimentos através da representação cultural observada, isto é, da situação mesma das ações ocorridas. Tal essencialidade da imagem figurativa, o seu verdadeiro retrato, produzida pela mente do pesquisador é produto do estilo, da unidade e da totalidade em que a formação da *Bildung* do sujeito fazia-se presente no ato da reflexão do espírito subjetivo dos que se manifestavam sobre a descrição ética do povo, da consciência personificada na arte política de governo, isto é, os seus verdadeiros princípios morais baseados nos costumes e direitos. Portanto, na perspectiva hegeliana observa-se o seguinte (1990, p. 47): “o que o historiador coloca em suas bocas não é uma consciência tomada de empréstimo, mas a própria mentalidade do orador”.

Outro método de escrever a História está assentado na maneira reflexiva de ser segundo a sua memória histórica. Esta maneira de narrar a história visa transcender o *presente no espírito e não no tempo*. Tal metodologia histórica de narratividade é apresentada sob o modelo de história universal radicado na estética *de um povo, de um país ou do mundo*.

Partindo de outras narrativas processuais vinculadas à história, temos o modo *reflexivo*⁵⁹ de narrar os acontecimentos históricos do passado que visa, através da disposição do espírito em que se configura o acontecimento epocal presente, compreender a sua funcionalidade de acordo com a investigação da história universal que é o primeiro tipo vislumbrado por esta reflexividade. A história da vida de um povo, de um país ou até mesmo do mundo, é examinada a partir do material que o historiador investiga acerca do espírito impregnado nesses conteúdos, significados, ações e acontecimentos que são descritos como forma de criar uma metodologia de análise do material que foi estudado. A origem da história é revelada sob o preceito desta reflexão que visa mostrar toda a história do país. Nomes como os de Lívio que escreveu sobre a história romana, Diodoro da Sicília que escreveu sobre história universal e o de Müller

59 “O principal aqui é a elaboração do material histórico. O historiador chega a isso com seu espírito, que é diferente do espírito do material. O importante aqui é, por um lado, o princípio com que o autor aborda o conteúdo e o significado das ações e acontecimentos que descreve e, por outro lado, o seu próprio método de escrever a história” (HEGEL, 1990, p. 48).

que narrou sobre a *história da Suíça*, aparecem no texto de Hegel acerca do método de escrever a história reflexiva. Sobre o sujeito citado dirá Hegel: “assim, Lívio faz com que seus antigos reis, cônsules e generais romanos falem à maneira dos prefeitos juristas da era liviana, contrastando notavelmente com as legítimas tradições da antiguidade romana, como a fábula de Menenius Agripa” (p. 48).

Muitos desses historiadores se utilizavam de uma retórica pomposa por ser eles diferentes do espírito do material estudado como forma de florear seus discursos. É preciso retornar para o método inicial para não cair no erro da pompa que massacrar toda a originalidade da história. Na perspectiva reflexiva: “o espírito que fala através do escritor é totalmente diferente do espírito da época que ele descreve” (p. 48).

O método reflexivo se divide em história universal, história pragmática, história reflexiva crítica e história reflexiva fragmentada. A reflexão de tais tipos específicos de narrar a história se apoiam no material extraído e examinado pelo historiador que estuda o seu conteúdo, as ações e os acontecimentos deles retirados para análise. Hegel diz que os alemães, os ingleses e os franceses fizeram deste tipo específico de narratividade o espírito mesmo desta reflexão segundo a sua origem espiritual. Para cada país, uma forma de narrar a história segundo a perspectiva do narrador. Portanto, segundo Hegel (p. 49),

essa espécie de história, que pretende examinar longos períodos ou toda história do mundo, deve abandonar a representação individual e condensar-se por meio de abstrações não apenas no sentido de deixar de fora acontecimentos e ações, mas também no fazer do próprio pensamento o mais eficiente sintetizador.

O método reflexivo tem o papel de realizar uma síntese histórica deveras importante para os estudos desta reflexão sobre *o curso da história do mundo*, dos Estados e dos sujeitos que a escrevem.

A História que narra a Vida do Mundo em si e para si que é comum (*koinós*) a todos os seres vivos dotados de cultura histórica se torna *pragmática*.⁶⁰ Os textos destes relatos são produtos do pragmatismo de certos historiadores que narraram os fatos sob a perspectiva deste saber, tendo em vista a compreensão da época em que foram

60 Ou seja, na visão de Hegel, “dans l'histoire pragmatique qui s'efforce de grouper les événements dans un enchaînement de causes et d'effets, de raisons et de conséquences; causes, raisons, conditions, circonstances, c'est là ce qui fait que l'événement devient intelligible” (HEGEL, 1954, p. 68).

transcritos. Ao estudar o passado remoto dos povos sob o preceito da atualidade, estes historiadores reativaram o tempo distante dentro do presente segundo seus princípios. Os gregos e romanos, por exemplo, foram atualizados por tal perspectiva a partir do momento em que eles são estudados no momento presente.⁶¹ A inscrição do pragmatismo dentro da história que estuda fatos passados, tendo em vista os acontecimentos atualizados no presente, é revelado pela experiência espiritual do próprio escritor que se utiliza deste material para instruir as crianças, tendo em vista a virtude de todo o povo ou nação. Tal socialização pedagógica recai sobre os ensinamentos mais importantes para a formação do coletivo que pode usufruir do bem governar. O contrário desta história também é válido. “Mas o que a experiência e a história ensinam é que os povos e governos até agora jamais aprenderam a partir da história, muito menos agiram segundo as suas lições” (p. 49-50).

Numa outra perspectiva aparece o alvorecer da *história crítica* dentro desta configuração reflexiva. Este tipo específico de história é narrada a partir de fragmentos que formam generalidades complexas das ações e dos acontecimentos que representam os espíritos do mundo. Na Alemanha atualizada, a história é configurada a partir deste prisma. “O aspecto notável deste método, com relação ao fato e à intenção, é a perspicácia do autor, que extrair resultados mais das narrativas do que dos acontecimentos” (p. 50). As ações que são necessárias, a este tipo de narratividade, orientam o curso dos fluxos internos da história. O que está sendo avaliado aqui é *a história da historiografia*, isto é, *avaliações, exames, verdade e confiabilidade de narrativas históricas*. Por outro lado, na França se cultivou a profundidade e a sensatez em relação às histórias de suas narratividades, sem ao menos exercer uma crítica histórica de peso em seus procedimentos. Eles criaram os tratados históricos críticos para sanar esta falta com a verdadeira crítica histórica. Hegel aponta para a chamada ‘crítica superior’ como sendo ela mesma a síntese entre *filologia e literatura histórica*. Tal crítica toma como base a justificação dos gêneros considerados monstruosos para a realização da não-história como desejo de imaginação inventada *a priori*. Esta

61 Segundo Hegel, tal compreensão só é possível quando existe uma abordagem fiel ao sentido do fato. Ele dirá: “apenas um entendimento metuculoso, livre e abrangente das situações e a profunda compreensão de sua ideia central — como, por exemplo, acontece no Espírito das leis, de Montesquieu — podem tornar tais reflexões verdadeiras e interessantes. Portanto, uma história reflexiva suplanta a outra” (1990, p. 50).

perspectiva subverte toda documentação assentada nos dados retirados da história para transformá-los em meras fantasias subjetivas que não estão preocupadas com o rigor metodológico advindos desta ciência.

O modelo fragmentário de narrar a história é o último tipo apresentado por Hegel para definir o cabedal da história reflexiva. Tal tipo de reflexão obedece a um modelo reduzido de narrar os acontecimentos. Do ponto de vista universal, quando a história procura tratar de aspectos relacionados a arte, a lei, a religião e ao Estado, ela se torna o ponto de orientação da passagem para a investigação histórica assentada na história da filosofia que visa estudar todo o mundo a partir de seu engendramento que se realiza sob o poder do saber absoluto que é o seu princípio antropogênico conceitual, isto é, aquilo que a constitui como sendo a sua própria substância, ou seja, é o osso mesmo deste Espírito. Hegel mostra que “esses ramos da história se relacionam ao conjunto da história de um povo; a questão é apenas saber se este contexto total se torna evidente ou se é mostrado apenas nas relações externas” (p. 51).

O método abstraído da filosofia, isto é, o método filosófico de narrar a história, segundo a época histórica em que a Filosofia foi gerada por seus protagonistas, se utiliza dos materiais escritos por escribas originais, reflexivos, pragmáticos e críticos para fomentar a propagação sintética geral de suas narrativas conceituais, seguindo e se posicionando contra os eventos relatados por estes homens memoráveis⁶² que são estudados por Hegel. Esta Ciência realiza uma nova síntese histórica a partir deste estudo. Uma metodologia que procura evidenciar a realidade da cultura humana que foi passível de ser conhecida por narradores conceituais dentro da História da Filosofia.

Na história, o pensamento está subordinado aos dados da realidade, que mais tarde servem como guia e base para os historiadores. Por outro lado, afirma-se que a filosofia produz suas ideias a partir de especulação, sem levar em conta os dados fornecidos. Se a filosofia abordasse a história com tais ideias, poder-se-ia sustentar que ela ameaçaria a história como matéria-prima, não deixando como é, mas moldando-a conforme essas ideias, construindo-a, por assim dizer, *a priori*. (p. 52)

62 Vale salientar que Hegel escreveu *Lições sobre história da filosofia, Filosofia da história, Introdução à história da filosofia, A razão na história: uma introdução geral à filosofia da história*, e dentre outros escritos como forma de demarcar o campo de estudos assentados na Filosofia em que se inscreve o saber proveniente de tal método científico de escrever a História universal (N do T).

O método crítico filosófico distingue sociedades históricas das sociedades a - históricas⁶³, ou seja, aquelas denominadas de sociedades “sem história”, evidencia a existência do ser a partir de sua substancialidade divina segundo seus conceitos. O conceito de História é esboçado por estes pesquisadores segundo o parâmetro desta nova figuração que cria o sentido elementar para designar a narratividade da história do mundo a partir da distensão da força e do movimento vistos dentro do Estado em que se configura o sistema físico e metafísico concretos construídos por tais homens históricos. O herói que funda um Estado tem que estar com toda a sua máquina preparada, e bem armada, para levar a História adiante. Teseu, Aquiles, Hércules, Heitor, Zeus, são deuses que mudam a perspectiva imediata da vida do mundo a partir da criação do motor da História que a destrói. Isso é o que Hegel visualiza em seus trabalhos relacionados a este tipo específico de narrar a história. O sonho que alimenta tal mecanismo é sustentado pela corrupção apaixonada de levar todos os seus desejos criminosos (egoísmo do herói), para todo mundo. Eis a sua ruína. Diz Hegel: “Zeus e sua raça foram assim devorados – Zeus, que pusera um fim à ação devoradora do Tempo e que detivera sua efemeridade estabelecendo com firmeza algo duradouro. Ele foi devorado pela mesma força que o havia gerado (p. 128).

Hegel viu o sentido elementar que permeia a diversificação das sociedades humanas dispersas na geografia da Terra segundo o paradigma da multiplicidade. Povos primitivos, impérios tais como o indiano, o chinês e o egípcio deixaram seus rastros sobre o solo terrestre segundo as suas respectivas naturezas concretas e abstratas. Rebanhos que se agrupavam e se agrupam primeiramente em cavernas, logo depois em cabanas e em seguidas em vila e cidade, etc. Sobre este assunto escreveu Hegel em *A arquitetura*, a saber: “nesse sentido, pode-se conceber [*vorstellen*] a caverna como surgindo antes da cabana” (2008, p. 121). É desse movimento para o interior do espaço que a eticidade da cultura⁶⁴ surge em consonância com a linguagem simbólica e com a partilha do alimento. Da cabana para a casa na cidade, da casa para o templo. O templo

63 Para Hegel, “mitos, canções folclóricas e tradições não são parte da história, mas continuam sendo costumes obscuros, característicos de povos não muito conhecidos” (1990, p. 45).

64 A cultura ética de um povo é construída a partir da construção dessa consciência interiorizada neste locus. “Esse espírito não constrói apenas um mundo, mas *um* mundo duplo, separado e oposto. O mundo do espírito ético é a sua própria *presença*; e por isso cada potência dele está nessa unidade” (2011, p. 337).

reagrupa as pessoas para o ideal divino que agora se torna racionalizado dentro da cultura teocêntrica de Estado despótico. A habitação se transforma no tempo a partir de sua disposição de acolher os corpos. A cabana de madeira é menos resistente do que a casa feita de pedra. A caverna⁶⁵ é o dado que não precisa ser transformado pelas mãos dos homens. É a primeira forma de habitação. Os povos imediatos tinham arquiteturas pouco sólidas em suas bases. Não resistiam às depredações produzidas pela própria natureza. Os que são feitos de pedras são mais resistentes a devastação natural. Tem arquiteturas que foram construídas no passado remoto que ainda resistem ao tempo da depredação no presente. Sobre este assunto, dirá Freud: “a principal tarefa da cultura, sua autêntica razão de ser, é nos defender contra a natureza” (2014, p. 246).

Estes agrupamentos sociais estudados pelos governantes titulares de seus respectivos Estados eram em si e para si modos de vidas ratificados pelo processo antropogênico sediado pela relação natureza-cultura-civilização no seu sentido social e histórico. Hegel entende a produção destas primeiras sociedades dentro da perspectiva histórica como *máquinas que funcionam no vazio*, ou seja, são grupos sociais que se encontram no *limiar da história civilizada*, isto é, vivendo na *pré-história da Razão*⁶⁶ sob o poder anacrônico baseado na sobrevivência. Eles ainda não se expandiram para outras localidades como mercadorias, por que não criaram o motor da História assentado neste comércio de coisas e corpos. Esse é o choque que prevalece até hoje entre duas formas de culturas distintas, a saber, a dos saberes imediatos em conflito com os saberes ditos civilizados.⁶⁷ A marca desse sintoma de guerra se apresenta na forma de representação mental que simboliza a descentralização do poder de uma cultura antiga em proveitos dos novos desejos produtivos de uma civilização que se abre para o

65 No livro VII de sua *República*, Platão utilizada a memória da caverna para falar de uma alegoria que só é desvelada pelo filósofo que cinde dentro de qualquer habitação por ser ele dotado de estudos acerca do ser humano na extensão de toda terra, sem a utilização da fantasia da inteligência imediata (PLATÃO, 1949, p. 315-359).

66 Ver Hegel “A origem da história: a pré-história da Razão” (1990, p. 108-110).

67 A África antiga, antes da penetração da civilização humanista em seus territórios, vivia em um estado de torpor inconsciente, isto é, na fase infantil da pré-história da razão. O seu reino era controlado por um regime despótico sanguinário e sensualista. A consciência dessa cultura é fechada para si mesma, ou seja, dentro de um cenário obscuro e árido. São os prisioneiros da verdade imediata, isto é, do seu espírito baseado na natureza. Povos que viveram na pré-história da História (*a fortiori*) ficando distante das especulações científicas provenientes da história. Segundo Arantes: “voltemos-nos para África e teremos a mesma proximidade inocente e imediata de natureza, chamada por Hegel de estado de inconsciência de si” (ARANTES, 2000, p. 189).

universal. A respeito do assunto, Freud coloca a seguinte questão a respeito da “Civilização e Cultura” exposto em seu trabalho *Psicanálise em tempos neuróticos* (FREUD, 196-, p. 93):

tem-se, assim, a impressão de que a civilização é *qualquer coisa* que se impõe a uma maioria que resiste à coação e aos *meios de poder* de uma minoria que entendeu apoderar-se destes. Conclui-se daí que muita coisa não se prende à própria essência da civilização, mas que apenas está a ela condicionada pela imperfeição das formas de cultura que até hoje se vêm desenvolvendo. Assim, enquanto a humanidade progride no domínio da natureza, recua, ou pelo menos não se vê progresso semelhante, no que concerne às relações humanas. Seria lícito, portanto, que, em cada época, como agora acontece, cada homem indagasse de si mesmo se, de uma maneira geral, é digna de defesa essa parte das conquistas da civilização.

Os narradores desta saga começam a compreender os distúrbios provocados pelas guerras civilizacionais entre forças completamente distintas umas das outras, sobrando muito pouca coisa para o humano cultivado, ou quase nada como observar Freud na citação acima. A história desta cisão é narrada pelos antigos etnólogos que eram escribas que navegavam em histórias antigas vinculadas às narrativas de povos e guerras vistas na História universal. Um método que é amplamente utilizado por eles para construir uma narrativa a respeito de uma cultura era ir conhecer a habitação da colônia pessoalmente, vivendo um período de tempo necessário para poder aprender a narrar a história real desse povo. Ele se utiliza em seus trabalhos de campo tanto do método original como também do modelo reflexivo de escrever a história para criar o seu enredo histórico sobre o objeto estudado, que neste caso, é a própria cultura. Sobre o assunto problematizado, diz Benjamin que (1987, p. 214):

o grande narrador tem sempre suas raízes no povo, principalmente nas camadas artesanais. Contudo, assim como essas camadas abrangem o estrato camponês, marítimo e urbano, nos múltiplos estágios do seu desenvolvimento econômico e técnico, assim também se estratificam de múltiplas maneiras os conceitos em que o acervo de experiências dessas camadas se manifesta para nós.

Para realizar uma grande narrativa da prosa do mundo e da história dos povos, o narrador tem que ter experiências vividas com os povos como mostra Benjamin tal como pensava Maquiavel a respeito do príncipe, a saber, para ser príncipe tem que ter experiências pessoais com o povo. O pensador da ciência política diz que um príncipe

prudente tem que conhecer a história da cultura do povo que governa. Ele obtém por princípio um certo saber que conhece muito bem a natureza deste povo.

Espero que não seja considerado presunçoso que um homem de baixa e ínfima condição ouse examinar e regular o governo dos príncipes; pois, assim, como os que desenham as paisagens se colocam em baixo, na planície, para observar a natureza dos montes e dos lugares elevados; e, para examinar as formas dos lugares baixos, se colocam no alto, em cima dos morros; assim, também para conhecer a natureza dos povos, é preciso ser príncipe, e, para conhecer a natureza dos príncipes, é preciso ser povo. (MAQUIAVEL, 1996, p. 130)

O fundamento do desejo de conhecer antropogênico é mediado pela História e pela Razão no sentido aqui exposto abstraído por este método radicado nesta experiência política do sujeito abstraído segundo o pensamento político de Maquiavel. Tal desejo é revelado pelo homem de ciência, isto é, um animal dotado de cultura simbólica específica e conceitual, ou seja, é o ser que é educado a partir deste processo que o arranca de sua animalidade inconsciente vista na cadeia binária entre senhor e servo. No pensamento de Kojève está inscrito o seguinte a respeito do assunto supracitado, a saber (2002, p. 28):

é portanto o trabalho que forma-ou-educa o homem a partir do animal. O homem formado-ou-educado, o homem completo e satisfeito com a sua completude, é necessariamente não senhor, mas escravo; ou, no mínimo, aquele que passou pela sujeição. Ora, não há escravo sem senhor. Ora, o senhor é catalisador do processo histórico, antropogênico. Ele não participa ativamente deste processo, mas, sem ele, sem sua presença, esse processo não seria possível. Porque, se a história do homem é a história de seu trabalho e esse trabalho só é histórico, social e humano contanto que se efetue contra o instinto ou o interesse imediato do trabalhador, o trabalho deve se efetuar a serviço de outrem, e deve ser um trabalho forçado, estimulado pela angústia da morte.

A História universal seria então o reconhecimento dessa alimentação e desse trabalho realizados na *physis* que é suprasumida por toda a obra da Razão proferida pelo intelecto humano radicado nesta matéria filosófica. O senhor conhece a sua obra tal como o escravo que é a sua consciência aplica dentro desta transformação material. O filósofo realiza uma dobra do pensamento que sintetiza as duas consciências para poder afirmar o seu trabalho diferenciador que se configura entre os desejos do senhor que é na verdade o desejo animal de seu escravo. A História crítica do Mundo em crise, cindindo em suas bases, neste sentido, começa a ser relatada pelo *método filosófico* que

é citado por Hegel. Os filósofos que teceram este papel na História tiveram que romper com as estruturas de consciências assentadas no desejo do senhor como também no desejo atribuído ao escravo para realizar a fuga contra a cega tirania via Filosofia, impondo um modelo de trabalho intelectual como forma de minar a “angústia de morte” como expôs Kojève na citação acima referendada entre este dois juízos. Estes historiadores compreenderam, a partir de seus estudos particulares, a relação existente entre exame e verdade. Estas questões estão relacionadas aos feitos sedimentados nas consciências representadas dos sujeitos históricos universais que criaram Filosofias conceituais. Narravam o que pudesse ser compreendido pelo conceito universal segundo a visão e o intelecto. Tales, nomeado como sendo o primeiro filósofo, outros dizem que o primeiro foi Parmênides, criou o conceito de água para exemplificar a totalidade dos casos que eram abstraídos pela linguagem dos acontecimentos universais e essenciais. O seu método foi usado pelos próprios historiadores da Filosofia como algo que remontaria a um sistema inorgânico que formaria o sistema orgânico.⁶⁸ O sêmen contém moléculas de água que fecunda o útero, por exemplo. Ele pensava a partir dessa indagação: como a vida poderia ser compreendida em sua totalidade universal? O que este pesquisador procurou apresentar nos seus trabalhos foi a solidificação do pensamento concreto dentro da história que tem como objetivo mostrar a sua essencialidade que está baseada num estilo peculiar de ser, numa certa unidade dentro de um todo que leva o título de causa primeira, ou seja, o antes mesmo da História ou da Razão-cultura cravados na consciência pensante⁶⁹ do filósofo. O método filosófico de narrar a história se insere dentro desta nova perspectiva de observar o sistema universal em que estão inseridos os conceitos que sustentam a realização da história da Filosofia criada na cidade grega.

68 “Les conditions de la nature inorganique et de la nature vivante comme celles des de l’âme et de la volonté naturelle, de même que les objets immédiats de la nature, les sentiments et les désirs du domaine spirituel, libérés de la forme de l’immédiateté et pensés abstraitement donnent des rapports et un contenu qui, comme pensées, ont un caractère général” (HEGEL, 1954, p. 75-76).

69 A respeito do assunto que diz respeito a quebra de paradigma entre o pensamento mítico e o *lógos* científico, este apresentado pela filosofia de Tales de Mileto, dirá Hegel: “com esta proposição está aquietada a imaginação selvagem, infinitamente colorida, de Homero; este dissociar-se de uma infinidade de princípios, toda esta representação de que um objeto singular é algo que verdadeiramente subsiste para si, que é uma força para si, autônoma e acima das outras, é sobressumida e assim está posto que só há um universal, o universal ser em si e para si, a intuição simples e sem fantasia, o pensamento de que apenas um é. Este universal está, ao mesmo tempo, em relação com o singular, com a aparição, com a existência do mundo” (1973, p. 15).

A tese que Hegel crítica com unhas e dentes é a de que toda História do mundo foi governada pela Razão dentro da história do saber absoluto, do saber dos povos, do saber dos Estados e do saber dos poucos homens livres na cidade grega. Isso é o começo deste discurso radicado em preceitos imediatos dentro da história. Para saber sobre a profundidade dessa questão tem que haver uma comprovação a respeito deste governo que não pode ser compreendido por nenhuma determinação ficcional *a priori*. A tese deste governo sediado por antecipação, por exemplo, Deus é, é para Hegel da ordem da ingenuidade antecipada.⁷⁰ O conteúdo divino só é possível ser compreendido racionalmente mediante a experiência do sujeito que segue o caminho oposto, a saber, seguindo o caráter da negação da negação que nega o imediato e depois nega o poder de recalque assentado em preceitos teocráticos de governo para declarar a verdadeira natureza do divino. Neste último ponto, o espírito filosófico adquiriu uma cultura própria lutando por seu reconhecimento com o senhor do mundo da guerra que controla o discurso sobre Deus impondo um limite para o seu desvelamento. Este quer dominar o infinito a partir da abstração do movimento do ente e da força que estão acoplados a sua máquina política que destrói a cultura primeira dos povos em suas bases orgânicas. Em *Leçons sur l'histoire de la philosophie*, Hegel mostra que (HEGEL, 1954, p. 79):

cela précisément constitue le travail infini de l'esprit se retirant de son être-là (*Dasein*) immédiat, de son heureuse vie naturelle dans la nuit et la solitude de la conscience pour reconstruire, grâce à sa force et à sa puissance, par la pense, la réalité et l'intuition séparées d'elle.

É só mediante essa separação que o Espírito verdadeiro chega ao saber da verdadeira natureza de Deus e de sua consciência-de-si segundo a reflexão científica que quebra com a ideia que estava acoplada a uma certa exterioridade *a priori* que se diz divina para adentrar no modelo de síntese interior subjetiva que não nega o exterior, ou seja, o *lógos* objetivo do divino, para realizar o trabalho desse conhecimento que não é inato. Isso é uma visão dialética desta história abstraída pelo método filosófico de narrar a História.

O caminho percorrido pelo sujeito para adquirir uma *cultura de si*, isto é uma cultura filosófica a partir do aprendizado em Filosofia, é demonstrado por Foucault em seu trabalho *A hermenêutica do sujeito* (2006) segundo essa separação radical entre

⁷⁰ A respeito desta crítica, diz Hegel em “A razão com base na história”: “assim, ao colocar o Ser Divino além de nosso conhecimento e do âmbito de todas as coisas humanas, obtemos a permissão muito conveniente de satisfazer às nossas fantasias” (1990, p. 58).

ciência e senso comum.⁷¹ Para que esta cultura tivesse uma existência própria na história da Filosofia, fez-se necessário que o complexo das forças realizasse uma dobra com o poder acoplado à máquina despótica que escraviza as primeiras formas de *Bildung*.⁷² A comuna primitiva desde então ocupará um espaço que não é mais o seu, como bem foi demonstrado na citação de Hegel retirada de seu trabalho apresentado na citação supracitada. É a partir desta separação radical, cisão, com o antigo sistema de cultura que a cultura do sujeito vem à tona na cidade grega. É só com os gregos que o conceito de cultura aparece na literatura universal da História. Ele é justamente esboçado pelos cientistas para fazer fronteira com os saberes técnicos configurados no Estado do déspota. É o primeiro momento de o ato da negação entrar em cena.⁷³ Os filósofos são aqueles que dizem “não” a todos conjuntos de pensamentos que estão domesticados pela força desta máquina de captura despótica doentia, de destruição e de

71 Observa-se que aqueles que fizeram a história da Filosofia acontecer não falavam para as massas. A multidão é inimiga da existência filosófica por ser ela objeto de dominação despótica. A cultura de si do sujeito é a antítese dessa agregação mortuária. Sócrates falava o seguinte para os cidadãos de Atenas: *aprenda a cuidar de ti mesmo*. Foucault diz, na mesma obra citada: “com efeito, vemos que, ao longo dos textos diferentes formas de filosofias, de diferentes formas de exercícios, práticas filosóficas ou espirituais, o princípio do cuidado de si foi formulado, convertidos em uma série de fórmulas como ‘ocupar-se consigo mesmo’, ‘ter cuidado consigo mesmo’, ‘retirar-se em si mesmo’, ‘recolher-se em si’, ‘sentir prazer em si mesmo’, ‘buscar deleite somente em si’, ‘permanecer em companhia de si mesmo’, ‘ser amigo de si mesmo’, ‘estar em si como em uma fortaleza’, ‘cuidar-se’ ou ‘prestar culto a si mesmo’, ‘respeitar-se’, etc” (FOUCAULT, 2006, p. 16).

72 Nietzsche, no *Zarathustra*, mostra que os homens que cultivavam a sabedoria de um povo suspenderam *uma fé e um amor*; não foi uma espada, não foi um veneno, mas a paixão criadora. Só que diferente de Nietzsche, Hegel especifica os tipos de Estados surgidos na História universal com as suas diferenciações no que diz respeito a liberdade dos cidadãos: um livre (mundo antigo despótico), poucos livres (mundo grego) e todos livres (cristãos e germanos). Ele reconhece que a violência se encontra ao lado da força e da fortuna como símbolos da espada e do veneno. Para ele, nem todos os Estados são pardos como supostamente escreveu Nietzsche nesta obra. Ou será que os Estados europeus se tornam todos pardos no momento de suas falências criminosas? “Só onde acaba o Estado começa o homem que não é supérfluo: aí começa o canto do necessário, a melodia única e insubstituível”. Para maiores esclarecimentos a respeito deste assunto, ver Nietzsche “Do novo ídolo” (1998, p. 55, p. 58). O que interessa para Hegel é a constituição do direito dentro do Estado que não está assentado no livre arbítrio do poder de uma família poderosa no que diz respeito ao veto de leis. No idealismo hegeliano, a cultura de um povo e o Estado de direito tem que andar juntos, caso contrário, a ruína prevalece. Não existe liberdade fora do Estado. É com este tipo de expressão que o despotismo é minado em suas bases históricas a partir do pensamento político de Hegel. No momento em que o Estado entra em colapso na modernidade, o vazio ocupa o lugar do ser. A conexão de Hegel para falar sobre o concreto divino, que no seu tempo de existência perdeu toda a divindade, está confirmada na religião, na arte e na filosofia, que na visão do filósofo, “ocupam o mesmo terreno que o objeto de nosso estudo, que é o *Estado*” (1990, p. 100).

73 Sobre o testemunho do negador, Vladimir Safatle escreveu um trabalho acerca daquele que diz ‘não’, ou seja, “Aquele que diz ‘não’: sobre um modo peculiar de falar de si”. Este texto publicado no livro de Freud *a negação* faz relação com o pensamento de Hegel, a saber: “O esquema lógico da *verneinung* parece ser o resultado da posição dessa negação que Aristóteles chamava de ‘contrariedade’ e que Hegel retoma de maneira dialética através das contradições sobre a oposição (*Gegensatz*). Ela indica a solidariedade existente entre dois termos contrários: o Um e o múltiplo, o ser e o nada. O Um é inicialmente *negação* do múltiplo, o ser é inicialmente *negação* do nada” (SAFATLE, 2014, p. 43).

agressão. O ato de negar este tipo específico de conteúdo abre a possibilidade de pesquisar toda história a partir da experiência do sujeito que a revela para o mundo como sendo a causa de sua própria liberdade.

Esta cultura de si é algo perigoso para um Estado despótico? Isso acontece quando certos sujeitos empreendem pensamentos conceituais que não são bem vistos e compreendidos pelos cidadãos vinculados a esta perspectiva de governo, então têm-se a partir dessa distinção intelectual atrelada ao ato de negar uma práxis que desconstrói o conteúdo político vinculado a este Estado, criando com isso a ideia mesma daquele inimigo do Estado. Demócrito sofreu repressão por parte de certos governos que não acreditavam no que ele pensava. Nietzsche escreveu um trabalho sobre este pensador que criou um sistema de pensamento baseado numa teoria do conhecimento e numa teoria do comportamento. Saberes *legítimos* e *ilegítimos* abstraídos pelo tato que percebe as formas sensíveis mecanicamente segundo o peso, o tamanho e a qualidade dos objetos que são entes, ou seres indivisíveis, isto é, entes atomísticos. Por outro lado, a sua teoria garantiria uma vida sem sofrimentos que superaria as adversidades segundo uma *boa sorte* baseada em preceitos socráticos e pitagóricos.

Sente-se impelido a correr o mundo. Retorna pobre e sem recurso, reduzido, como um mendigo, a viver das esmolas de seu irmão. Sua cidade natal o toma por um pródigo. Recusam-lhe uma sepultura honrada, até o dia em que seus parentes tomam as dores do morto e em que se elevam monumentos em honra daqueles que, desprezado em vida, quase morrera de fome. (NIETZSCHE, 1973, p. 359)

Em 1925, Freud publica o seu célebre trabalho sobre o caráter da negação em relação aos conteúdos físicos e metafísicos acoplados à História. A *negação* visa conhecer a repressão sediada dentro da formação histórica do inconsciente segundo o ato daquele que nega todo o conteúdo que caracteriza a história da tirania no seio familiar, no Estado despótico e nas possíveis representações dos sujeitos que tecem ações de microtiránias nos espaços sociais da vida cotidiana com intuito de recalcar outros desejos a partir dos seus tendo em vista a dominação dos outros como substrato desta guerra de vida e de morte. Freud mostra que “a negação é um modo de tomar conhecimento do reprimido; na verdade já é um levantamento da repressão, mas naturalmente não a aceitação do reprimido” (FREUD, 2014, p. 21). Na história da Filosofia observam-se exemplos claros em relação a isto. O caso de Zenão de Eléia (504/1-? a.C.) que negou o poder da tirania dentro do Estado, por exemplo. Hegel

escreveu um texto sobre o filósofo de Eléia para demonstrar que o ato de negar é permeado por vários riscos, o principal deles é a morte, a saber (1973, p. 204-205):

segundo muitas lendas, a fortaleza de sua alma tornou-se célebre pela sua morte. Ela teria salvo um Estado (não se sabe se sua pátria Eléia ou se Sicília) de seu tirano, sacrificando da seguinte maneira: teria participado de uma conjuração para derrubar o tirano, tendo, porém, esta sido traída. Quando o tirano, diante de seu povo, o fez de todos os modos, para arrancar-lhe a confissão dos nomes dos outros conjuradores, e ao perguntar pelos inimigos do Estado, Zenão delatou primeiro todos os amigos do tirano como participantes da conjuração, chamando então o tirano mesmo como a peste do Estado. (...). De diversas maneiras é narrado particularmente o modo de seu último aparecimento - o modo violento e furioso de sua reação. Diz-se que ele se postou como se quisesse dizer ainda algo aos ouvidos do tirano, mordendo-lhe, no entanto, a orelha e cerrando os dentes até ter sido trucidado pelos outros. Outros narram que teria ferrado os dentes em seu nariz, segurando-o assim. Outro ainda dizem que, tendo suas respostas sido seguidas de enormes torturas, ele cortou a língua com os próprios dentes e a cuspiu no rosto do tirano, para lhe mostrar que dele nada arrancaria; depois disso teria sido triturado num pilão.

Hegel e Freud expressaram a existência da *Verneinung* em seus pensamentos científicos como forma de demonstrar a obscuridade assentada no poder da máquina despótica-política a partir deste ato proferido por pesquisadores que experienciaram na carne tal poder de repressão. Os dois cientistas⁷⁴ citados não escaparam dessa sina que condena o poder da inteligência, rebaixando-a, sacrificando-a, matando-a nos seus interstícios mais vitais. É diante deste clima que a cultura, a educação e a liberdade do sujeito são minadas dentro de um Estado tirano que já era reconhecido pelos cientistas antigos na Grécia clássica. Por exemplo, Platão é quem revela a “gênese do homem tirânico” na sua *República*, no livro IX, declarando que o tirano é governado pelo poder

74 Quando não existe nenhum reconhecimento por parte do Estado em relação ao trabalho científico desenvolvido, ao mesmo tempo em que ele revela a fantasia da guerra promovida por esta máquina, no seu modelo mais terrífico, não há direito de liberdade para o cientista. Freud estudou medicina e com certeza tinha muito conhecimento em relação as doenças mentais emergidas na antiguidade clássica do Ocidente e na moderna sociedade ocidental esquizofrênica e paranoica do final do século XIX. O médico que gostava também de narrar a história do mundo a partir deste dispositivo trágico, tal como Hegel, se debruçou sobre a obra de Sófocles e também sobre a obra de Hipócrates para tomar conhecimento do destino que massacrou com toda história política neste terreno a partir da disposição da guerra pela conquista do mundo, criando com isso neuroses de guerra que não têm cura. Para isso acontecer, esta máquina teve que imprimir o medo e o terror nas cabeças das pessoas que sobreviveram ao primeiro extermínio provocado pela tirania. Os primeiros Estados que, com suas cargas ideológicas de devastação imperial-militar, são de origem despótica como vem sendo colocado neste trabalho. Eles atravessam a História do curso do mundo levando a miséria, a morte dos outros a partir da conquista das riquezas provenientes de todos os espaços. “O Estado exige o extremo em obediência e sacrifício de todos os cidadãos para se confessar cobiçoso pelo poder e posse das cobiças, oprimindo, porém, outros cidadãos e os tornando impotentes para a vida. A isto se dá o nome de patriotismo” (FREUD, 196-, p. 29).

anímico de “Eros”. Ele é um super paranoico neste sentido pervertido como entidade doentia. Assim diz o filósofo a respeito do assunto exposto aqui, a saber (PLATÃO, 1949, p. 413):

homem furioso e perturbado não só tentar mandar nos homens, como nos deuses também, e imagina ser capaz disso. - Absolutamente. - E assim é, meu caro, que o homem se torna rigorosamente um tirano, quando, por natureza, ou por hábito, ou pelos dois motivos, se torna ébrio, apaixonado e louco. – Exactamente. É assim, ao que parece, que se forma o homem desta espécie. Mas como é que ele vive? - Como nos jogos, és tu que mo vais dizer. - Digo, pois? Calculo que depois disso haverá festas, orgias, festins, concubinas e todos os gozos dessa espécie, naquele em cujo peito o tirano Eros habita, governando toda sua alma.

O tirano joga com as vidas das pessoas para satisfazer os seus instintos primitivos, canibais, tal como pensou Platão nesta citação, por ser ele detentor da fortuna acoplada ao instinto atômico de morte.

As doenças mentais provocadas pelas guerras geraram abalos psicológicos em toda humanidade e sendo elas mesmas produtos diretos proveniente da má-consciência erótica do tirano que adorna as consciências dos sujeitos com fantasias que destroem com os movimentos de todas as fisiologias arregimentadas sob o preceito do *delírio da presunção* em que *a lei do coração* não é mais lei nenhuma. Esta posição que Hegel coloca na *Fenomenologia* a respeito desse delírio que vingou obedece ao programa de devastação programada em que a unidade política é separada do coração e vinculada ao processo de sofrimento, isto é, subsumidas na atrocidade e na transgressão do todo em que se configura a humanidade do novo mundo fragmentado. Uma ordem vislumbrada em preceitos despóticos é traduzida pela sociedade em questão como emblema da perversão dos homens, como sendo este o último estado da História universal como causa final de seus delírios e perversões. Os indivíduos singulares, aqueles estudiosos da *physis* e da psique humana e anti-humana, são os alvos deste tiroteio como também os povos que foram os primeiros a se sentirem sem chão para pisar neste solo contaminado pela dor infinita. Segundo estes preceitos, Hegel mostra o osso mesmo desta contradição. Ele declara, nessa mesma obra citada, o seu posicionamento a respeito do futuro de toda humanidade recalcada ainda em preceitos provenientes do despotismo de Estado, inaugurando com isso, talvez, o título de uma obra de Freud, a saber, *O futuro de uma ilusão* (1927). Hegel diz que (2011, p. 265):

o pulsar do pelo bem da humanidade desanda assim na fúria de uma presunção desvairada; no furor da consciência para preservar-se de sua destruição. Isso, porque ela projeta fora de si a perversão que é ela mesma, e se esforça por considerá-la e exprimi-la como um outro. Então a consciência denuncia a ordem universal como uma perversão da lei do coração e de sua felicidade. Perversão inventada e exercida por sacerdotes fanáticos, por tiranos devassos com a ajuda de seus serviçais, que humilhando e oprimindo procuram ressarcir-se de sua própria humilhação. Em seu desvario, a consciência denuncia a individualidade como fonte de seu desvario e perversão; mas uma individualidade *alheia* e *contingente*. Porém o coração, ou seja, a singularidade - que pretende ser imediatamente universal - da consciência, é a fonte mesma desse desvario e perversão. Seu agir só tem por resultado que essa contradição chegue à sua consciência.

Freud relata neste trabalho citado anteriormente, *Die Zukunft Einer Illusion*, as contradições que permeiam toda a civilização Histórica moderna-contemporânea neurotizada pela guerra universal, baseada num futuro sombrio, sem retorno, que negará todo conteúdo proveniente de uma cultura intelectual baseada na ciência filosófica, por exemplo, afirmando a potência apenas de um super animal predador, instintivamente preparado para matar os outros que não são os seus iguais. Existem grupelhos que são hostis à cultura filosófica, mas são apreciadores e propagadores da guerra silenciosa agenciada pela civilização da entropia-psíquica generalizada organizada pelos senhores do mundo da ilusão. Grupos que são amplamente recalcados pela psique da tirania. Interiorizam a má-consciência de suas forças provenientes da maquinação disponível nas mãos do déspota, como bem mostrou Platão na citação acima que descreveu a consciência deste artista de ouro, de bronze, de prata, de ferro, de barro, de água, de areia, da guerra e de cimento.

Segundo o *lógos* de Freud que diz que, diante do julgamento da humanidade em questão⁷⁵ proferido pelo tribunal da História universal posto ao desvelamento aqui neste trabalho dissertativo, estes instintos são desejos totêmicos em atividades que dominam o aparelho psíquico do déspota que se dissipa para outras cabeças que são recalcadas por estas forças animais, a saber (FREUD, 2014, p. 240):

os desejos instintuais que deles se ressentem tornam a nascer com cada criança; há uma classe de pessoas, os neuróticos, que já reagem a essas frustrações com um comportamento associal. Esses desejos instintuais são os do incesto, do canibalismo e do prazer em matar.

75 Este trabalho de investigação científica abre a possibilidade de pensar na relação que há entre pesquisa filosófica, jurídica, política, histórica, psicológica, pedagógica, médica, enfim, metafísica (N do T).

Causa estranheza colocar esses desejos, que todos os indivíduos parecem unânimes em repudiar, ao lado daqueles em torno dos quais tanto se debate, em nossa cultura, se deveriam ser permitidos ou interditados; mas psicologicamente é justificável fazê-lo.

Então, dito isso, a cultura do sujeito que é educado dentro da Filosofia tem que lutar pelo seu reconhecimento dentro de uma sociedade que não a reconhece enquanto tal. Esta luta é contra a animalidade instintiva recalcada no desejo canibal de matar os outros para satisfação própria. Por serem críticos ferrenhos dessa pseudo-cultura que se instaura no sistema de governo político do Ocidente e do mundo, Hegel e Freud fazem um diagnóstico severo a respeito da civilização levantado dados clínicos de uma geração sem futuro recalcada em mitos tecnológicos de agressão e de destruição que sobrevivem através de seus agenciamentos perversos em que a multidão é manobrada como massa pela tirania dos novos déspotas de Estados-estados, que não são Estados de direitos justos, mas máquinas de matar seres humanos ainda em vida. É este o juízo cultivado pelos anti-humanos na História universal do presente. Freud lembra em *Psicologia das massas* que (2011, p. 78):

somos lembrados de como esses fenômenos de dependência fazem parte da constituição normal da sociedade humana, de quão pouca originalidade e coragem pessoal nele se encontram, do quanto cada indivíduo é governado pelas atitudes de uma alma da massa, que se manifestam como particularidade raciais, preconceitos de classe, opinião pública etc.

“Racismos”, “preconceitos de classes” e “opinião pública” partilhada formam em si o arcabouço da mutilação da consciência digerida pelo juízo de um senhor que quer se dono de toda humanidade. É esta a consciência que se propaga como “a consciência” dita normal e comum segundo o arcabouço da partilha entre déspotas e súditos.

O berço da ciência filosófica é o terreno grego como vem sendo colocado neste trabalho como forma de demarcar o seu campo de nascimento. Neste solo se cultivou o estudo sobre o aparelho psicomotor do ser humano. Sócrates, Platão e Aristóteles são os arautos desta Ciência que investiga o ser humano a partir de sua *physis* e de sua psique histórica. Hegel demonstra na *Fenomenologia* que a Ciência do espírito é a *psychologie*. A primeira situação prescrita por este saber seria em distinguir a realidade da aparência, a Ciência da ilusão. Outra coisa: saber que existem n tipos de psicologias, mas a consciência do tirano é investigada por que é ela que domina as outras, formando-as segundo seu poder de devastação e subjugação. Esses pressupostos aparecem também

na obra de Hegel e de Freud. Zizek lembra, em *O mais sublime dos histéricos: Hegel com Lacan*, que o primeiro filósofo citado foi o “precursor da psicanálise”. “Esse é o segredo que a filosofia tem que encobrir para conservar sua consistência, e que Hegel, no ponto mais alto da tradição metafísica, faz entrever sendo nisso um grande precursor da psicanálise” (ZIZEK, 1991, p. 109).

Platão abandona a ilusão tirânica proveniente da pintura e da poesia para adentrar no julgamento do mundo doente proferido pela Filosofia. É por isso que ele é considerado o mentor da psicanálise.⁷⁶ Por isso é que a práxis científica difere da pintura, da poesia e da religião, por ser ela de índole científica, não é uma doxografia do real. Sendo que o cientista tem que conhecê-los para poder avaliar seus conteúdos porque estes são os primeiros a serem manifestados pela cultura primeira. Hegel pede para se afastar da religião. Freud mostra que o fundamento da religião se baseia na ilusão. Para Sócrates, Platão, Aristóteles, Hegel e Freud, Ciência não é uma ilusão⁷⁷. O “como se” da Filosofia é contrário ao pensamento ordinário advindo destas camadas que não cultuavam a racionalidade enquanto *práxis* científica que desvela toda verdade da história do mundo mediante seus conceitos. Freud se coloca diante da questão levantada da seguinte forma: “o indivíduo cujo pensamento não é influenciado pelas artes da filosofia jamais poderá aceitá-lo; para ele, tudo está encerrado com a admissão do caráter absurdo, contrário à razão” (FREUD, 2014, p. 265). Além de afirmar o caráter de fronteira em que está assentada a real Filosofia, o mesmo mostra que “o trabalho científico é a única via para o conhecimento da realidade exterior” (p. 269).

Estas posições em relação ao pensamento científico derivado da Filosofia é o eixo do diálogo que se abre sobre a existência da cultura filosófica que identifica a Ideia de Deus como sujeito e substância. Segundo a opinião de Freud, o Deus dos filósofos é desprovido de substância. Na perspectiva de Hegel, isso seria um erro de análise dentro da Filosofia. Hegel prova a existência de Deus a partir de preceitos filosóficos

76 Sobre este quesito, declara Jaeger: “Platão é o pai da psicanálise. É ele o primeiro que desmascara a monstruosidade do complexo de Édipo, a volúpia de se unir sexualmente à própria mãe, como sendo parte do *eu* inconsciente, que ele traz para a luz por meio da investigação das experiências dos sonhos; e apresenta ainda toda uma série de recalçados complexos de desejos análogos a este, que vão até o comércio sexual com os deuses, a sodomia e o simples desejo de matar” (JAEGER, 1994, p. 958).

77 Em *Psicologia das massas e análise do eu*, Freud menciona o nome de Platão como o mentor desta ciência que desvela a habitação de Eros a partir da *teoria da libido* (2011, p. 44). Em *O futuro de uma ilusão*, ele demonstra que este saber não é um saber dotado de opiniões partilhadas vinculadas ao conhecimento comum. “Não, nossa ciência não é uma ilusão. Seria ilusão, isto sim, acreditar que poderíamos obter de outras fontes aquilo que ela não pode nos dar” (FREUD, 2014, p. 301).

substanciais e essenciais relacionados a sua teodiceia pelo mundo. A respeito do assunto em questão, diz Freud (p. 270):

Filósofos entendem o sentido das palavras até sobra pouco do seu sentido original, chamam 'Deus' a alguma vaga abstração que engendram, tornam-se deístas ou crentes aos olhos do mundo, gabam-se de haver chegado a um conceito mais alto e mais puro de Deus, embora o seu Deus seja apenas uma sombra desprovida de substância e não mais a poderosa personalidade da doutrina religiosa.

O erro de Freud é um problema que recair sobre o estudo desta Ciência. Ele não é o único a cair no mesmo plano de análise. Então, é a partir desta crítica radical que visa corrigir este erro que a cultura filosófica do sujeito é estudada por Hegel, sendo Hegel também um portador deste saber que é criado pelos pensadores gregos antigos e reelaborado pelos seus estudiosos descendentes romanos, germanos, árabes, cristãos e europeus modernos. A psique do mundo é revelada a partir desta perspectiva educativa em que o objeto primeiro que é o universal divino, o Uno, e seus aspectos imateriais, materiais qualitativos derivados dele tais como a luz, o som, o calor, a eletricidade e todos os corpos individuais que fazem parte do processo físico e químico em que repousa a vida do todo em geral, é apreciado pelo sujeito contemplador deste *lógos*. Hegel quer mostrar que a Filosofia realiza uma síntese superior que difere da autoconsciência vinculada a uma certa cultura imediata como também a uma autoconsciência atribuída a um poder unitário acoplado ao tirano para poder escrever essa história cindida. A razão procura dissecar ambas as coisas para poder ser problematizada com os outros saberes disponíveis na humanidade. Uma singularidade autêntica é pleiteada dentro da aquisição desta cultura singular como negação da negação da negação. É a Filosofia geral da vida que é apresentada por Hegel em seus estudos filosóficos e científicos. Este juízo é a realização de uma dobra sediada dentro da consciência infeliz. A Filosofia surge no seio da religião.⁷⁸ O juízo do cientista

⁷⁸ Tal consciência é fruto da formação paradigmática em que está assentada a relação entre o senhor-escravo. Observa que o senhor representa o Deus todo poderoso aqui na terra por ser ele o detentor dos meios de produção. O homem-Deus-teocrático se liga diretamente ou indiretamente ao estoico ou ao céptico. O primeiro pode ser representado pelo universo das leis, isto é, o mundo da justiça, do direito que se produziu em Roma, por exemplo: Antígona, a lei é divina para a mulher e a lei humana para o homem é vista em Creonte. O estoico garante a sua liberdade pelo uso da razão calculadora que modela o mundo através da criação de formas puras do Eu, enquanto o céptico é o negador de toda metafísica. Ele só presta culto aos deleites do *jardim* por ser ele admirador do que é comum. Esse é o seu ser livre dentro deste jogo duplo de consciências. Isso é o sentido do ceticismo moderno que difere do antigo que não tinha esse mesmo preceito de culto. O infeliz surge como devoto de Deus e neste ponto ele chega aos pés do senhor

desconstrói o juízo do ser estoico e do ser céptico como também do infeliz. O filósofo se autoforma a partir dessa desconstrução como símbolo de um outro ser sediado por esta história em que a consciência está cindida completamente. O primeiro, o estoico, é puro conceito. Ele é o homem do “trono”, dos “grilhões”; enquanto o segundo, o céptico, é a racionalização técnica aplicada a estes conceitos. Ele é solipsista, unitário, isto é, individual, egoísta destruidor enfim; sendo o terceiro, o infeliz, é a manifestação do juízo religioso em seu desvario baseado no ressentimento, na culpabilidade, na má-consciência e no desejo de vingança. “O estoico deve reconhecer a impossibilidade de sua atitude. Que fará? Ela vai negar o mundo e a sociedade. Solipsismo, que Hegel chama cepticismo” (KOJÈVE, 2002, p. 60). Ele é transcendente. Estes três juízos provêm da construção da relação entre senhor e servo e de seus desmembramentos.⁷⁹ Eles são os excrementos desta relação subsumida na dominação e na servidão. Para Kojève, o estoico profere uma liberdade atrelada a uma negatividade destrutiva como também a uma liberdade abstrata. Na primeira, ele se opõe ao *mundo e aos homens*. Na segunda, ele utiliza o seu intelecto apenas para pensar e não para agir. O vazio do pensamento é posto em xeque segundo a perspectiva atribuída ao estoico e ao céptico que negam o próprio mundo porque ambos são os senhores da guerra universal? Eles são completamente niilistas? Deus para eles está fora do corpo, quer dizer, sem alma?

É na *Fenomenologia do espírito*, na *Enciclopédia das ciências filosóficas* e na *Propedêutica filosófica* que Hegel elabora o seu projeto para a educação do espírito do sujeito baseado nos preceitos dos antigos filósofos que deram sustentação ao alicerce deste saber para justificar a Filosofia como uma ciência a partir de seu movimento histórico realizado para a consciência adquirir uma autoconsciência de si na História do mundo como síntese superior baseada na Razão que desvela ambas as consciências para poder afirmar a sua.⁸⁰ E a partir desse deslocamento que a autoconsciência filosófica rompe com a cadeia binária entre senhor-servo. Ela problematiza toda a história em questão. Com isso, o eu filosófico ganha uma categoria que é o seu saber de si cuja

porque agora ele é um crente da boa-fé tal como é expressada pelo senhor. Essa é a essência da dominação-servidão (N do T).

79 Para Kojève: “o pensamento estóico está nas coisas (natureza, ciência). Não pode negar essas coisas sem destruir. Já o pensamento do céptico, que está voltado para si próprio, pode negá-las. Ele pensa uma única coisa real: e essa coisa é humana, é de fato o trabalho (do escravo)” (2002, p. 61).

80 Dirá Kojève que “as etapas da história tornam-se ilusões no momento em que a verdadeira filosofia (a de Hegel) se constitui. Em definitivo, o que é verdadeiro, livre etc, é o Espírito absoluto (*absoluter Geist*) - não é o homem histórico. Mas esse *Geist* nada mais é que a totalidade acabada da história” (p. 62).

identidade é prefigurada pelo Eu=Eu, *Ich bin Ich*, dentro do labor que explicita o longo trabalho realizado por homens em seus devidos movimentos históricos filosóficos. Eles criaram a partir disso os seus conceitos científicos como forma de compreender e julgar o próprio mundo, não no sentido tético da coisa. Esse movimento não é o da intuição e nem tão pouco o da introspecção.

A negação da negação da negação é o método sintético que garante a promoção desta consciência de si vinculada a Filosofia que difere do entendimento sensível (*Verstand*) e também da razão atrelada ao saber do senhor da guerra universal (*Vernunft*). Para tomar conhecimento desta consciência, o filósofo, primeiro traça o percurso que a consciência percorre pelo labirinto da autoconsciência como expressão mesma da verdade desta consciência. O mundo é a própria consciência revelada enquanto valor universal da vida em geral. Ela é a consciência do senhor. A autoconsciência entra em oposição com a consciência que agora se reconhece como uma consciência tipicamente ativa. A partir disso ela vem a ser reconhecida como negatividade para esta autoconsciência. Ela afirma o mundo ao mesmo tempo que entra em oposição com ele. A consciência infeliz é o arcabouço e o engendramento das liberdades estoica e cética enquanto trabalho, medo e desenvolvimento de serviços. Só existe a consciência de si se existir uma outra consciência de si atreladas numa relação de duplicidade social. O ser infeliz é um ser alienado subjetivamente neste jogo. Ele é o escravo feliz que não quer sair de sua zona de conforto. Este sujeito não luta pelo seu reconhecimento com o senhor pelo fato de que já está cristalizado a relação de dominação e servidão. O senhor para ele é o pai-Deus. Já o filósofo não aguenta o sofrimento nem a dor proveniente deste jogo, e por isso que ele diz “não” a tudo que não lhe agrada. E assim ele começa a sua luta de vida e de morte com o senhor, que é para ele o pai-Deus-ladrão de todas as almas. Ele estuda a consciência do senhor absoluto e a julga porque realiza uma síntese psicanalítica perigosa que diz respeito a natureza verdadeira desta consciência que se esconde na esteira da destruição do próprio mundo. O senhor toma para si a ideia da cultura de um povo que ele mesmo destruiu com suas armas poderosas. Quem constrói um dia poderá destruir aquilo que criou ou pode até mesmo conservar os seus tesouros roubados. O poder de vida e de morte está atrelado a esta figura da consciência. A ideia do poder que o Estado despótico tem de tirar a vida de qualquer um vem desta configuração na qual o filósofo se posiciona contra os seus ataques através do poder legítimo da inteligência ética.

A autoconsciência é apresentada por Hegel como algo que remete a própria vida em sua positividade desejante, no geral, vista no mundo. No particular e no singular ela é negativa pois o seu conteúdo se volta contra esta positividade geral para poder afirmar o seu conteúdo positivo singular. Ela se manifesta perante uma pluralidade de consciências, e sendo essa pluralidade o seu elemento vital em que repousa toda a diferença de sua existência. Uma consciência é estranha para uma outra consciência neste jogo de duplo recalque. Neste sentido, a autoconsciência do senhor difere da autoconsciência do filósofo. A primeira consciência só tem dentro de si uma certeza subjetiva, sem conteúdo. Ela não tem uma verdade conceitual filosófica experienciada. Para a segunda, a consciência é verdadeira mediante a sua certeza subjetiva e objetiva experienciadas diante do rasgo dentro da História tecido a partir da ruptura com a representação da vida atribuída ao animal totem imediato no qual o senhor toma como o seu próprio recalque. Hegel vislumbra nesse idealismo a luta do filósofo pelo reconhecimento perante o Estado seguida da tripla negação, ou seja, ele negar o estoico, o cético e o infeliz para afirmar a sua subjetividade livre destes fantasmas da consciência.

2.3. Cultura filosófica⁸¹, educação e liberdade do sujeito

Para tomar conhecimento da cultura filosófica abstraída pelo sujeito, Hegel teve que traçar o caminho metodológico que ele mesmo expõe em sua *Fenomenologia do espírito*. Hyppolite em *Gênese e estrutura da fenomenologia do espírito* perfaz o itinerário seguido por Hegel para demarcar o campo onde está inserida esta consciência singular investigadora que se distingue de outras consciências, a saber: primeiro, ele revela *a consciência como verdade da consciência*; segundo, esta mesma consciência é descoberta enquanto *autoconsciência e como consciência prática*; terceiro, a ontologia da vida é vista a partir da autoconsciência científica onde se encontra também a ideia de conceito absoluto; quarto, a partir disso, a natureza é conhecida pelo espírito sintético como autoconsciência e vida; quinto, a dialética, antiga e moderna, estudada por Hegel, tem o poder de traçar o seu caminho para encontrar-se com a sua liberdade sediada dentro da luta pelo reconhecimento entre os juízos do senhor e do escravo. O juízo do senhor é estoico⁸² como também cético? O primeiro só tem o puro eu sem conceito como critério de verdade, sem que haja a incorporação da vida mesma, isto é, o seu conceito não tem nenhum conteúdo vital, por isso que a sua liberdade não é concreta e sim abstrata e a sua negação é também incompleta com o ser-outro. O cético tem a sua negatividade de consciência atribuída a sua liberdade como algo que destrói o ser dentro do mundo multideterminado. O gozo de sua dominação é comer o objeto. Uma consciência que fica presa entre o Eu individual. A sua consciência é revelada segundo o movimento dialético atribuído a certeza sensível, a percepção e ao entendimento que são as bases da dominação despótica quando elas estão sob o seu comando.

As leis morais são encaradas pelo o déspota como mandamentos de um senhor imaginário, um fantasma oculto de sua consciência. Esta consciência resguarda em seu seio a sua *confusão casual*, ou seja, é a representação do movimento vertiginoso

81 Jaeger, em seu trabalho sobre “O lugar dos Gregos na história da educação”, no livro *A Paidéia: a formação do homem Grego*, mostra que os Gregos foram os primeiros povos a usar o conceito de cultura na historiografia humana. “Por mais elevada que julguemos as realidades artísticas, religiosas e políticas dos povos anteriores, a história daquilo a que podemos com plena consciência chamar cultura só começa com os Gregos” (JAEGER, 1994, p. 5).

82 “Essa consciência [estóica] é por isso negativa no que diz respeito à relação de dominação e servidão. Seu agir não é o do senhor que tem sua verdade no escravo, nem o do escravo que tem sua verdade no senhor e em seu servir; mas seu agir é livre, no trono como nas cadeias e em [toda forma de] dependência de seu ser aí singular” (HEGEL, 2011, p. 153).

produzido por uma desordem que se reproduz em sua animalidade em que a consciência mesma se perde dentro deste fluxo. Sendo assim, a nulidade de ver ou até mesmo de ouvir se encontram cerrados em seu falatório. Hegel diz que isso é uma brincadeira teimosa de rapazes teimosos sem educação filosófica. Enquanto um fala em nome de A, outro fala em de B, e vice-versa, ad *infinitum*. Não existe consenso para uma consciência que está sempre em desigualdade consigo mesma. Tal consciência se ver num labirinto que não tem saída, e isto se tornando para ela a sua verdadeira desgraça. Nasce diante destas duas consciências uma terceira que é derivada destas, como foi visto anteriormente. Ela é a consciência infeliz⁸³ que é vista por Hegel como uma consciência *cindida dentro de si*, indivisa e duplicata. “Mas a consciência infeliz só se encontra como *desejosa e trabalhadora*” (HEGEL, 2011, p. 165). O seu agir é a miserabilidade de sua ação, o seu gozar é travestido de dor, e o seu ser mesmo suprasumido por esta dor resguarda o seu além. Aqui, neste ponto, é onde se configura a perspectiva do cristianismo e do judaísmo. A síntese geral que destrói com estas consciências que não são filosóficas é vista por Hegel como sendo o juízo desvelador que representa o saber filosófico em sua completude absoluta. Dirá o filósofo no “Prefácio” da *Fenomenologia* (2011, p. 53):

[*Die Philosophie*] A filosofia, ao contrário, não considera a determinação inessencial, mas a determinação enquanto essencial. Seu elemento e seu conteúdo não é o abstrato e o inefetivo, mas sim o efetivo, que se põe a si mesmo e é em si vivente: o ser-aí em seu conceito. É o processo que produz e percorre os seus momentos; e o movimento total constitui o positivo e sua verdade. Movimento esse que também encerra em si o negativo, que mereceria o nome de falso se fosse possível tratar o falso como algo de que se tivesse de abstrair. Ao contrário, o que deve ser tratado como essencial é o próprio evanescente; não deve ser tomado na determinação de algo rígido, cortado do verdadeiro, deixado fora dele não se sabe onde; nem tão pouco o verdadeiro como um positivo morto jazendo de outro lado.

A cultura filosófica não trabalha produzindo ilusões para o mundo, é por isso que ela não é um saber sem efetividade, ou seja, um conhecimento para os mortos

83 Kojève sintetiza essas consciências da seguinte maneira: “estoicismo: identidade do homem que está num trono ou sob grilhões; isto é, ao contrário do animal, o homem não é determinado pelo lugar que ocupa no mundo (natureza, cosmo): liberdade. Cepticismo: solipsismo; isto é, unicidade do homem: individualidade. Enfim, o homem religioso descobre a transcendência. Mas não é ele quem vai compreender isso; para ele, o transcendente não é o homem, é Deus. De fato, essa transcendência não se encontra no além, ela se cria pela ação que supera (transcende) todo dado (também no homem) pela ação negadora (luta e trabalho)” (2002, p. 65).

vivos. A cultura filosófica do sujeito teve a sua origem como também o seu encarceramento dentro do Estado e não fora dele. Pois para Hegel, este fato é visto da seguinte maneira: “repare-se que o conteúdo da filosofia não é dado nem por ações exteriores nem pelas ocorrências das paixões e da fortuna, mas sim pelas idéias” (1980, p. 329).

Este saber é o essencialmente verdadeiro tal como elabora Hegel na citação exposta retirada da *Fenomenologia*. A ideia que segue esta trajetória sócio-educativa tem o poder de refletir sobre todo o processo de sua gestação como algo de essencial para o seu obrar a respeito do mundo da cultura e da sua dissolução que geram todas essas consciências para o próprio mundo. Hegel mostra que “a filosofia também deve aparecer na vida de um Estado. O processo pelo qual o conteúdo se torna um elemento de cultura, como acabamos de mostrar, é a forma que pertence à esfera do pensamento” (1990, p. 120). Portanto, a cultura filosófica do sujeito é o reflexo desta consciência emancipada que constrói o seu espaço psíquico a partir da disposição da forma da cultura-de-Estado já existente dentro desta máquina política, sendo ela a cisão negadora das três consciências aqui retratadas. É uma cultura de culturas e é também o seu contrário, uma cultura dentro de uma pseudo-cultura de Estado *kraft*. É a partir disso nasce uma cultura singular do sujeito histórico universal. Ela é o pensamento dobrado nela mesma em que se cria o alicerce que sustenta, na visão do filósofo, uma “inteligência reflexiva” que “ataca a tudo que é sagrado e profundo que foi introduzido naturalmente pela religião, nas leis e nos costumes” (p. 120). Ou seja, a reflexão superior é aqui vista como sendo ela mesma Razão nobre que identifica os distúrbios causados pelas guerras em que aparece toda dissolução de um pensamento primeiro de cultura. E quem quiser adentrar nesta caverna tem que estudar os escritos de Sófocles ou os de Platão, por exemplo, para compreender melhor o sentido desta cultura filosófica que se volta contra a tirania de certos sujeitos históricos. Os dois pensadores citados lutaram a favor da liberdade do pensar? O que prevalece nesta educação é o conteúdo em detrimento da forma. Coisa que uma mente comum nunca poderia aceitar porque tal tipo de trabalho ainda é uma afronta aos ditames do bom senso que só se orienta pela forma sem conteúdo.

A missão da Filosofia hegeliana, calcada no desvelamento do conceito de cultura filosófica, está inserida no programa pedagógico que compreende toda a história do processo de formação do eu educado nesta Ciência que empreende estudos acerca da

teoria primeira que permeia a formação dos primeiros pensadores gregos que começaram a narrar a história da vida do mundo segundo os preceitos de seus conceitos científicos. Desde a antiguidade até o momento em que Hegel viveu, este objetivo tem sido problematizado pela pesquisa filosófica que visa destrinchar este conceito partindo de sua estrutura lógica, sistemática e orgânica, radicados primeiramente na lógica do sujeito singular, e, em seguida, no espírito de toda Terra. Os três momentos principais desta exposição espiritual para formar a criação da cultura filosófica do sujeito estão concentrados, primeiro, no espírito imediato, isto é, num ente que é estranho para si sem elaboração conceitual, vivendo submerso em suas fantasias religiosas. É o espírito da sensação, da percepção e do entendimento. Segundo, o espírito que tem a sua certeza e está certo de si neste jogo duplo não-harmonioso é apresentado nos períodos de toda história universal que vai do mundo antigo, Grécia e Roma, até chegar no mundo moderno representado pelo feudalismo e na revolução francesa que é o seu acabamento final e por último vem o mundo contemporâneo da era de Napoleão e da época de Hegel, ponto máximo da contradição da história humana, que para o mesmo, ela é anti-humana. Neste momento a cidade terrestre, o Estado por assim dizer, como também a cidade de Deus representada pelo mundo da fé, cairão por terra em prol da manifestação da cidade operária do futuro eletrocutada que destrói o Estado antigo como também a fé atribuída a cidade de Deus. É o momento da manifestação da perversão entrar no jogo da morte do todo em que muitos homens estão engajados, fazendo fortuna, destruindo a natureza, matando homens como animais de rapina, enfim, é o mundo da essência e da substância que não são mais nem essência e nem muito menos substância alguma: Deus está morto. A terra não é mais referência para os inumanos cultivados neste laboratório da morte. O terror e o vazio tomam conta da História universal moderna que começa com o renascimento e a reforma.

Hegel mostrara em seus escritos filosóficos que a cultura do sujeito só aparece na vida deste sujeito mediante a alienação⁸⁴ do mesmo perante o mundo como também do estranhamento do sujeito que começa a se sentir um ser indiferente perante esse

84 Na *Fenomenologia do espírito*, Hegel escreve sobre “O espírito alienado de si mesmo. A cultura”, para mostrar que a cultura no seu sentido antropogênico é alienação em relação ao saber absoluto e em relação a natureza. Aqui se desenvolve uma inteligência pura. “Essa, como o Si que se apreende a si mesmo, consoma a cultura: nada apreende se não o Si, e tudo apreende como o Si, quer dizer, tudo *conceitua*; suprime toda a objetividade e transmuda todo o *ser-em-si* em um *ser-para-si*” (HEGEL, 2011, p. 338).

mesmo mundo. O cultivo desta cultura não foi desenvolvido segundo uma harmonia estabelecida dentro da cidade como algo orgânico, não, ela se desenvolveu a partir de uma oposição consigo mesma diante do desregramento de uma plutocracia débil e também diante de uma reparação com o próprio mundo da cultura dentro do Estado. Outrora o povo dizia “Nós”; com a criação do Estado despótico, o povo não fala mais para si próprio e só quem tem direito de dizer “Eu” para falar para o todo e em nome deles é o déspota⁸⁵. O filósofo diz “Eu” para falar do mundo em que estão configuradas estas figuras de consciências: serva e escrava. Ele não fala para as massas e sim apenas para os amigos e apreciadores deste saber. Sobre a existência “Do amigo”, Nietzsche se questiona e afirma o seguinte: “És escravo? Então, não podes ser amigo. És tirano? Então, não podes ter amigos” (1998, p. 65). Tais consciências não são dignas da amizade proveniente da real Filosofia.

A ação pedagógica tecida por esta cultura advém do racionalismo conceitual e da educação humanista que nega o poder do senhor e a escravatura do ser que é escravo. Nietzsche nesta citação retirada do seu *Zarathustra* afirma a potência do filósofo negando estes dois juízos. É neste momento que o sujeito se torna igual para si mesmo, indiviso por assim dizer. Ele conquista um território novo que é só seu segundo essa alienação consciente de seu ser universal que é estranhamento, oposição, vida bem-aventurada, riqueza atribuída a vida contemplativa e a cisão histórica psicanalítica. Essa cultura superior não foi bem vista na antiguidade como também na sociedade europeia industrial do século XVII em diante. O Eu que se apresenta como um ser singular-universal e dotado dessa cultura é odiado completamente pelos doutos das certezas estoica, célica e escrava=infeliz. Ele não se nivela perante o poder de Deus-pai corroído pelo ódio da fortuna e nem perante o poder dos homens açoitados por fantasias diversas.

O estudioso da Filosofia moral de Hegel no Brasil⁸⁶, Lima Vaz, observa os pensamentos sistêmicos de Platão e de Hegel, por exemplo, como sendo eles mesmos os

85 Quem não obedece aos ditames deste poder logo logo é punido. Geralmente, os que merecem a punição são aqueles que sobreviveram ao golpe de guerra sediado pela máquina despótica e não aceitaram a escravatura gerida por uma consciência senhorial. Eles não obedecem totalmente às ordens daqueles que um dia destruíram com seus tesouros. “Na luta de vida ou morte (...), o homem torna-se escravo de seu adversário porque quer a todo custo conservar-se vivo; da mesma forma ele se torna escravo de Deus quanto quer evitar a morte, procurando em si, como homem religioso, uma alma imortal” (KOJÈVE, 2002, p. 71).

86 Para o pesquisador brasileiro Sílvio Rosa Filho em seu trabalho sobre “Hegel na sala de aula”, diz que se “houvesse uma ‘filosofia hegeliana da educação’, no Brasil ela brilharia, justamente, pela ausência.

formadores desta cultura que foi marcada pela tirania da racionalidade da guerra inumana vinculada ao capital especulativo que garante a existência da brutalidade da História universal sobre a terra. Segundo este pesquisador, Platão e Hegel mesmo vivendo em épocas espirituais distintas, não são filósofos que negam a liberdade dos outros em função de seus preceitos particulares que são atribuídos ao senhor do mundo. Tais filósofos lutaram pela liberdade do pensamento diante desta guerra de reconhecimento e exclusão. Complementando o seguimento deste raciocínio, Vaz revela que (LIMA VAZ, 2002, p. 79):

o caráter emblemático dos modelos platônico e hegeliano na tradição ocidental das relações entre filosofia e cultura provém do gesto especulativo com que eles pensaram a *liberdade* no próprio coração da *necessidade* racional que preside à construção do sistema das razões universais e tende a instaurar uma ordem translúcida às razões individuais, numa história enfim sensata.

A visão hegeliana acerca deste princípio tem como exemplo histórico a Paidéia grega⁸⁷ e as suas contradições entre o ser e o dever ser. Tal formação do homem no novo mundo seria possível no sentido paidêutico? A Filosofia e a cultura são coisas separáveis? Hegel quer justamente pôr lenha na fogueira de toda a formação não só dos povos e Estados, mas também dos sujeitos formados em Filosofia nesta época histórica que nega o ideário educacional antigo em prol de novas modulações educativas baseadas em tempos de terror. O mais novo mata o mais velho. Neste caso, Platão estaria morto pelo fato de não servir ao terror do Estado despótico. É a era do perigo total em que a cultura cai num niilismo exacerbado, transfigurada no seu excesso valorativo sediado pelo mercado como um produto perecível, ou seja, na sua perversão e no seu descrédito. Todos os filósofos da escola pré-socrática e socrática criticaram o desenvolvimento político do *homo politicus* baseado no poder da força do egoísmo da

Afora evocações avulsas ou menções feitas de passagem, o 'sistema da ciência' de Hegel não enfiou na modernização conservadora destes trópicos, esforço de construção nacional em que o positivismo, por exemplo, já apareceu como protagonista. Sua dimensão mais assertiva não comparece, tampouco, na oferta contemporânea de doutrinas pedagógicas, onde, facilmente, ela poderia ser confundida com alguma forma remota de 'holismo', ou com alguma oportunidade para substituir refs de propostas 'generalistas'" (ROSA FILHO, 2010, p. 27).

87 O modelo de pensamento hegeliano é configurado dentro de uma perspectiva cultural em que o sujeito é educado a partir de preceitos filosóficos. Ele é amplamente influenciado pelo modelo platônico de pensar toda a estrutura da sociedade seguindo a perícia dialética como forma de análise de toda a realidade. "Guardadas as devidas proporções e considerado o longo segmento de tempo que separa horizontes históricos tão distantes, há aqui uma analogia clara com a reflexão platônica sobre a crise de Atenas, e com seu programa de regeneração na *pólis* guiado pelo conhecimento do Princípio anipotético e absoluto: a Idéia do Bem" (LIMA VAZ, 2002, p. 46).

guerra que os Estados despóticos espalharam pela terra. Platão criou *A República* como alternativa a esta bestialidade do governo recalcado na tirania de um só. Lima Vaz descrever *o perfil do filósofo* tal como idealizou Platão em sua *República*. Ou seja, para ele:

a alta figura do filósofo como legítimo portador da ciência, como aquele que ama contemplar a verdade (*aletheías philothéamonas*) e como síntese das aretai que constituem a excelência humana (*kalokagathos*), eleva-se em meio ao itinerário da República ao mesmo tempo como um paradigma proposto aos alunos da Academia e como um testemunho da resignada melancolia de Platão ante a impossibilidade de plantar seu ideal filosófico no coração de Atenas real. (p. 24)

Entre o real e o ideal há um poço muito profundo em que a ideia do Bem se torna algo impossível de ser implementada segundo a lógica proferida pela Filosofia e isso já era algo experienciado por Platão que não consegue êxito nesta empreitada.

A moderna sociedade cujo Estado é marcado pela tirania da invisibilidade de todos como vontade geral duplamente alienada no trabalho mecânico⁸⁸, descarta a Filosofia como Ciência que visa educar o sujeito segundo os preceitos reais da Filosofia primeira que é a metafísica. Neste sentido, a ética e a moral moderna se tornam superficiais segundo a ordem da opinião pública romântica e revolucionária que visam criar outros Estados de forças em detrimento da falência dos antigos que não queriam se tornarem inimigos dos povos e nem amigos dos usurpadores. Esse idealismo fora cultivado por certos Estados na história. Além do mais, a roda da fortuna capitalista estava corroendo todos os tipos de principados que ainda preservavam os seus princípios de soberania. Esta conversação acerca do declínio destes Estados começa a ser questionada com Maquiavel⁸⁹. Há uma confusão entre aquilo que é e aquilo que deve ser. O homem moderno está no reino do dever ser, apaixonado pelo novo mundo

88 Sobre esse assunto, dirá Rosenzweig: “Hegel vê na “mecanização” do trabalho a verdadeira razão da miséria social” (ROSENZWEIG, 2008, p. 457).

89 A deterioração política da Itália preocupava Maquiavel no que diz respeito ao seu futuro político. No capítulo do seu livro *O Príncipe*, a saber, “Por que Razões os Príncipes da Itália Perderam seus Estados”, o cientista político mostra os seguintes erros que traduzem este acontecimento: “considerando aqueles senhores que, na Itália, em nossos tempos perderam seus estados - como o rei de Nápoles, o duque de Milão e outros -, encontraremos neles, primeiro, um erro comum quanto aos exércitos, pelas razões discutidas atrás. E, depois, veremos que alguns dentre eles ou tiveram o povo como inimigo ou, mesmo contado com a amizade do povo, não souberam conter os grandes” (MAQUIAVEL, 1996, p. 117-118).

da cultura *nihil* de estado capitalista, espiritualmente infectado.⁹⁰ Portanto, o espírito do *homo* burguês que forma o sujeito dentro de uma cultura voltada especificamente para o desenvolvimento do mercado tecnológico consumidor mundial, é explodido pela ideia que massacra os povos, os indivíduos livres, os homens de cultura filosófica, e também a própria cultura de um Estado de direito baseada na constituição. O movimento da História universal vinculado a este poder da morte derruba todos de uma só vez em prol de seu poder corporativo de mercado. A linguagem do sujeito atrelado a este tipo específico de sociedade, gera, para Hyppolite, “la perversion générale du corps social par la richesse, considée comme l’essence, entraîne la disparition des différences entre la conscience noble et la conscience vile” (HYPPOLITE, 1946, p. 397). Este é o novo mundo da cultura e a sua dupla alienação recalcada na baixaza atribuída aos poderes criminosos da fortuna, do humor e da tragédia. Heidegger escreveu sobre *Hegel e os antigos*. Este escrito visualiza o caráter histórico da Filosofia produzida pelos gregos sob o viés de seus entrelaçamentos historiográficos que dão sustentação a compreensão justificada da história da Filosofia distendida neste clima trágico, humorístico e afortunado. Sobre o assunto citado, o filósofo mostra que (1979, p. 205)

no título *Hegel e os Gregos*, nos acena a totalidade da filosofia torna-se manifesta em sua história e isto agora, num tempo em que a decomposição da filosofia torna-se manifesta; pois ela emigra para o âmbito da Logística, Psicologia e Sociologia. Estas esferas autônomas de pesquisa se garantem seu crescente valor e a múltipla influência como formas de função e instrumentos de sucesso do mundo político-econômico, isto é, do mundo num sentido fundamentalmente técnico.

Do sentido puro das culturas ao sentido filosófico da cultural científica. O espírito percorre a partir daí um itinerário que sai do começo imediato, recalcado na certeza sensível (natural⁹¹), tal como vem sendo exposto nesta dissertação, até chegar no seu acabamento com a descoberta da História universal que é sintetizada pelo método

90 Esta consciência extermina o espírito da cultura do sujeito que está baseado em preceitos intelectuais filosóficos. Na *Fenomenologia do espírito*, mais especificamente, sobre *o iluminismo*, Hegel mostra que ocorreu uma *infecção* no seio desta sociedade sem espírito, “que atacou a medula da vida espiritual, a saber, a consciência em seu conceito” (HEGEL, 2011, p. 376).

91 Em pleno século XVIII, os ideais romântico e sensualista invadem toda Europa com pitadas de retorno à natureza. Hegel desconstrói esses ideais para mostrar que uma teoria filosófica baseada nesses preceitos é falsa. “A hipótese do nobre selvagem é uma daquelas imagens nebulosas que a teoria produz, uma idéia que necessariamente deriva desta teoria, à qual ela atribui uma existência real, sem uma justificação histórica suficiente” (1990, p. 92).

filosófico de narrar a história visto sob preceito desta decomposição mundial. Dirá Hegel (2011, p. 27):

o começo da cultura e do esforço para emergir da imediatez da vida substancial deve constituir sempre em adquirir conhecimentos de princípios e pontos de vista universais. Trata-se inicialmente de um esforço para chegar ao *pensamento* da Coisa *em geral* e também para defendê-la ou refutá-la com razões, captando a plenitude concreta e rica segundo suas determinidades, e sabendo dar uma informação ordenada e um juízo sério ao seu respeito.

A vida da cultura primeira é substância divina em sua plenitude imediata. Já a cultura intelectual filosófica é espírito vivo e livre sobre o objeto estudado que é a sua própria emancipação dentro de uma outra cultura como consciência de si efetiva do sujeito diante do mundo que encontrou no caminho o seu antípoda, a saber, o governo do déspota que é refutado pelo conceito filosófico que não se enquadra como palavra de ordem.⁹² A palavra é sinônimo de educação e não de tirania. Portanto, é a partir desse enfrentamento que a objetificação da vida cultural de um filósofo é revelada sob o prisma reflexionante do sujeito educado pela intelectualidade científica filosófica como causa da compreensão deste fato histórico (formação) como um processo de forças que se conjuminam no espaço e no tempo com vistas a aquisição da liberdade histórica do sujeito reconhecido por um Estado de direito⁹³ que não é um Estado despótico.

O objeto total desses estudos é caracterizado pelo desejo de saber e de investigar, isto é, os elementos que marcam o poder do espírito livre como figura determinada desta universalidade que tornar-se-á positiva segundo a lógica do trabalho negativo revelado.

92 O déspota controla a massa destituída de cultura filosófica. Tal educação não é para todos. Para Hegel, ele é um impostor, egoísta, conspirador, um opressor que não tem inteligência intelectual, um dominador caprichoso. O seu gozo é baseado na aniquilação do outro. “O despotismo é a unidade sintética, carente-de-conceito, do reino real e desse reino ideal; - uma essência inconsistente e peregrina. [Como tal], está situado acima da má inteligência da multidão e da má intenção dos sacerdotes, e ainda unifica ambas em si: extrai da estupidez e confusão do povo, por intermédio do sacerdote impostor - e desprezando a ambos - a vantagem da dominação tranquila e da implementação de seus desejos e caprichos; mas é, ao mesmo tempo, o mesmo embotamento da inteligência: igual superstição e erro” (2011, p. 374).

93 O Estado de direito tem que conhecer a sua antípoda que é o Estado *Kraft* recalcado em leis arbitrárias de natureza imediata para poder sair do naufrágio em que as “figuras do mundo ético” estão encerradas. O destino deste Estado de direito, como sendo ele mesmo representado pelo idealismo político hegeliano. “Por isso, a consciência experimenta, antes, em sua própria vigência efetiva, a perda de sua realidade, e sua inessencialidade completa; e designar um indivíduo como *pessoa* é expressão de desprezo” (2011, p. 333-334).

O sistema sócio-educativo elaborado por Hegel visa preparar o homem para torná-lo livre, humano, isto é, formar o sujeito segundo a perspectiva deste valor em que está assentada a liberdade do sujeito.⁹⁴ É com isso que Platão distingue uma alma que não é filosófica do espírito que é na verdade filosófico em sua *República*. O exame feito por ele detecta neste sujeito (486a) “- que não tenha, sem que tu o saibas, qualquer baixeza; porquanto a mesquinhez é o que há de mais contrário a uma alma que pretende alcançar sempre a totalidade e a universalidade do divino e do humano” (PLATÃO, 1949, p. 268).

Para se adquirir esta sabedoria divina e humana apresentada por Platão é necessário despir-se dessas coisas irrelevantes que são consumidas por pessoas mesquinhas. A “cultura de si” é estudada por Platão, Hegel e Foucault. Este, em seu trabalho *Governo de si e governo dos outros*, mostra o verdadeiro caráter da *parresía* grega que visa explicar o sentido do espírito filosófico tal como é elaborado por Hegel na *Fenomenologia*. Sobre o assunto, Foucault explica (2010, p. 43):

na Antiguidade, desde a época clássica até a Antiguidade tardia, em particular nos dois primeiros séculos da nossa era, houve um desenvolvimento de uma certa cultura de si que adquirira naquele momento tais dimensões que se podia falar de uma verdadeira era dourada da cultura de si. E nessa cultura de si, nessa relação consigo, viu-se desenvolver toda uma técnica e toda uma arte que se aprendem e se exercem. Viu-se que essa arte de si necessita de uma relação com o outro. Em outras palavras: não se pode cuidar de si mesmo, se preocupar consigo mesmo sem ter relação com outro. E o papel desse outro é precisamente dizer a verdade, dizer toda a verdade, ou em todo caso dizer toda a verdade necessária, e dizê-la de uma certa forma que é precisamente a *parresía*, que mais uma vez é traduzida pela fala franca.

Na mesma linha de análise, Hegel expõe o seguinte sobre o assunto supracitado (1980, p. 380-381):

a genuína filosofia começa no Ocidente. Só no Ocidente se ergue a liberdade da autoconsciência, desaparece a consciência natural e o espírito desce dentro de si próprio. No esplendor do Oriente desaparece o indivíduo; só no Ocidente a luz se torna a lâmpada do pensamento que ilumina a si própria, criando para si o seu mundo. (...). Temos, por exemplo, a noção do nosso ser no sentido que a liberdade pessoal é a sua condição fundamental, e que nós por conseguinte não podemos ser escravos; se fosse lei o mero arbítrio do príncipe e este quisesse introduzir a escravatura, estamos certos de que

94 Ver Hegel “Introduction”. *Propédeutique philosophique* (§ 21, 1963, p. 36).

tal não sucederia. O dormir, o fugir, o estar às ordens de outros não constitui o nosso ser essencial; mas sim o não ser escravo: isto tem a importância dum estado natural. Assim no Ocidente estamos no terreno da verdadeira e própria filosofia.

Hegel chama a atenção para a ideia de liberdade segundo a disposição da disciplina, do desejo de ser livre, da coragem e da justiça para adquirir este tipo específico de conhecimento como também da força de vida atribuída ao sujeito que encara esta História como sendo a história de sua liberdade. Dirá o filósofo que (1990, p. 92)

a idéia de liberdade necessariamente implica lei e moral. Estas são em si e por si as essências, os objetos e os objetivos a descobrir apenas através da atividade do pensamento, distinguindo-se do que é simplesmente relativo aos sentidos e desenvolvendo-se em oposição a isso - deve ser assimilado e incorporado como vontade original dos sentidos contra a sua tendência natural.

Esta “atividade do pensamento” é o que distingue a Filosofia em relação a outros saberes que não são filosóficos. Ela surge do não-saber intelectual.

A cultura, a educação e a liberdade do sujeito estão submetidas ao processo de criação dentro desta formação. Hegel foi amplamente influenciado pela disposição literária, como também pela pesquisa de investigação histórica, tendo recebido um aprendizado em matemática, Filosofia e pedagogia. Apreciou a obra de Sófocles. Estudou as obras dos gregos e romanos; leu a obra poética dos antigos e de poetas contemporâneos de seu meio intelectual tal como Goethe, desvelando a partir disso as essências históricas epocais contidas nestas obras. Estudou teologia em Tübingen, entrando para esta casa em 1788. O seu ideal de homem livre é encontrado também nas obras de Rousseau. Este pensador da ciência política tece uma crítica muito importante para o desenvolvimento da teoria do direito escrita por Hegel em *Princípios da filosofia do direito* (1997) que discorre sobre os seres que não são dotados de cultura⁹⁵ e é contra estes sujeitos que a Filosofia tem que lutar pelo fato deste pseudo direito natural é partidário apenas da força física e de suas astúcias animais anti-cultura. Observa-se

95 A força física é proveniente do estado absoluto que incide no estado animal, vista por Hegel nesta obra citada. “A violência e o crime” são observados pelo filósofo da seguinte forma: “mas a pura vontade natural é em si mesma violência contra a ideia da liberdade que é em si existente e deve ser defendida de uma tal vontade sem cultura: ou o ser moral já possui uma existência na família e no Estado, e esta pura natureza constitui então uma atividade violenta contra ele, ou só o Estado de natureza existe, estado de violência absoluta perante o qual a ideia ergue um direito heróico” (1997, p. 84).

o seguinte no capítulo III *O direito do mais forte*, sem a inteligência ética, visto no trabalho de Jean Jacques “O contrato social”, a saber: “vê-se, portanto, que a palavra ‘direito’ nada acrescenta à força, não significa aqui coisa alguma. (...). Convenhamos, pois, que a força não faz direito, e só se é obrigado a obedecer aos poderes legítimos” (ROUSSEAU, 1996, p. 13). A força só faz mover o peso da dor infinita para todos os lados e nada mais que isso. Qual foi o direito criado por ela? O leão, o touro, a vaca, o tigre etc., fizeram direito? Não existe linguagem dentro desta perspectiva de poder imediato, por isso não existe lei justa.

A figura da cultura filosófica do sujeito é tomada como expressão subjetiva e objetiva que constroem a base para a certeza desta singularidade universal em que a consciência-de-si deste sujeito histórico é revelada pela *Bildung*. A ideia de liberdade filosófica só acontece na história a partir da tomada de consciência-de-si que é atributo desta cultura emancipada e lutadora. Antes dela não existia tal ideia como manifestação de uma subjetividade livre. Este espírito é o espírito investigador da ciência enquanto razão prática e teórica que a partir do trabalho intelectual descarta a escravidão para atrair a consciência para o campo da ação emancipada. Este tipo específico de liberdade é sediado pelo paradigma da *Erziehung* como processo pedagógico que trabalha para o seu reconhecimento. É a partir desse preceito educativo que o saber absoluto atrelado ao trabalho da ação negadora, atribuída ao *lógos* universal, é revelado pelo direito do ser.

No prefácio da *Fenomenologia do espírito*, Hegel demarca o campo em que o conteúdo da Filosofia está inserido, com isso, diferenciando-se de outros saberes que não são científicos. Para ele (HEGEL, 2011, p. 67),

para se ter qualquer ciência, arte, habilidade, ofício, prevalece a convicção da necessidade de um esforço completo de aprender e de exercitar-se. De fato, se alguém tem olhos e dedos e recebe couro e instrumentos, nem por isso está em condições de fazer sapatos. (...). Não se percebe que tudo quanto é verdade conforme o conteúdo – em qualquer conhecimento ou ciência – só pode merecer o nome de verdade se for produzido pela filosofia.

Para adquirir este saber divino, o ser tem que realizar certas atividades físicas e intelectuais para se tornar, primeiramente, um aprendiz em filosofia e a partir disso se preparar para tecer estudos que possam auxiliá-lo na preparação de sua consciência. Isso não cai na cabeça de alguém como um raio. Ou seja, o começo deste saber estava calcado na prescrição manifesta de uma verdade inabalável, que para os modernos,

chegou no seu estado final. O final é também a consumação de seu acabamento: o começo é o fim. O conceito desta educação faz referência ao processo de formação das culturas ligadas primeiramente com a natureza (saber imediato), logo após com a sociedade (cidade e Estado) e também com a civilização. Para Hegel, o efeito pedagógico que a consciência faz em si mesma, segundo a sua abstração, todo ato da educação como forma de maturação filosófica que estuda a relação da alienação do espírito que está radicado no espírito de um povo, no espírito de um Estado ou até mesmo na formação do espírito do sujeito livre mediante a consciência-de-si adquirida nesta luta entre forças opostas.⁹⁶ A ação educadora proferida por tal conceito tem suas razões históricas de existência ratificada no pensamento filosófico de Hegel como inscrição desveladora da realidade. Encontramos tal conceito sendo citado em suas obras, a saber: na *Fenomenologia do Espírito*, nos *Princípios da Filosofia do Direito*, nos textos sobre *Estética*, na *Filosofia da Religião* e nos trabalhos de *Lógica*. Os aspectos da natureza, da ética, da moral, da cultura e da intelectualidade filosófica têm como princípios totalizadores elucubrados pela cultura e sua razão de ser um todo cindido e duplo. A ideia de educação é normalmente atribuída ao ensino de aprendizado do homem no seu plano prático e teórico, ético e moral. A cultura como educação do sujeito é abarcada pelo espírito subjetivo-objetivo do indivíduo que já não é mais um nós dentro deste agenciamento. Esta é a nova faceta da luta de morte entre senhor e servo que realiza o movimento do meio que está em consonância com a disposição do intelecto que cria as condições necessárias para organizar outro pensamento dentro do *lógos* universal. A cultura filosófica do sujeito é uma síntese geral entre estes estados anteriores da cultura na qual é marcada por uma crise no universo social, político e econômico radicados e reconhecidas na Grécia clássica e no mundo contemporâneo de Hegel. Esta crise se estende para todo o mundo até chagar na época deste filósofo que identifica o seu último estágio cindido na perversão dos homens que lutam para consumir definitivamente a destruição de toda Terra sacrificada por estes facínoras do poder despótico capitalista.

96 Para Hegel, “a consciência-de-si só é *algo*, só tem *realidade*, na medida em que se aliena a si mesma: com isso se põe como universal, e essa sua universalidade é a sua vigência e efetividade” (HEGEL, 2011, p. 339).

Os caminhos trilhados pelos filósofos da natureza e pelos estudiosos da psique têm como característica central desvelar a essência do todo e das partes a partir da verdade acerca do *lógos* universal, natureza e psicologia. Nas palavras de Heidegger (1979, p. 205-206):

pois Hegel pela primeira vez pensa a filosofia dos gregos como um todo e este sob o ponto de vista filosófico. Como isso é possível? Pelo fato de Hegel determinar a história enquanto tal de modo que ela deva ser filosófica em seu rasgo essencial. A história da filosofia é para Hegel o em si unitário, e por isso necessário processo, do avanço do espírito em direção de si mesmo.

Esta consciência superior coletiva cria um nós dissociado enquanto manifestação da *Erziehung* e não da *Bildung*. Esta realiza o seu processo de formação a partir de uma subjetividade específica que gira em torno da “história” sem História como causa antropogênica que transforma o animal num ser outro com a realização da pura cultura no espaço da terra. Isso só pode ocorrer por meio da formação, que é na verdade uma espécie de cultivo que expressa o processo deste trabalho e ao mesmo tempo o resultado obtido pela antropogênese do espírito como a segunda natureza deste corpo vivo. A cultura já é um estado de superar a natureza bruta que se converte em ética, moral e costume radicados em um povo. Aqui surge primeiramente a propriedade privada radicada na família primitiva, a arte, a religião e logo em seguida, mais tardiamente, surge o Estado despótico que sobrecodifica estes códigos primeiros para formar a sua unidade dividida em classe. É neste contexto que aparece a *Erziehung*. Neste primeiro estágio, não existe consciência-de-si filosófica. Ela surge tardiamente na Grécia com a crítica ao despotismo baseada na experiência trágica de Édipo como o fracasso da dissociação com os primeiros códigos da cultura dentro deste Estado.⁹⁷ A *Erziehung* é realizada quando o projeto político-pedagógico visa educar o sujeito singular condizente com a satisfação do mesmo que quer se emancipar, isto é, tornar-se um sujeito livre sob poder de seu intelecto criador de novas capacidades objetivas dentro da cultura. Platão ousou inventar uma cidade ideal baseada na Paidéia. Este trabalho realizado por Platão

97 Este é o percurso realizado pela civilização que vai varrendo os conteúdos das culturas em prol da sistematização de uma crise visualizada no terreno das relações sociais. Para Arantes, em “A prosa da História”, mostra que isto “é um fato estabelecido, ainda, que, como o progresso da civilização, da sociedade e do Estado, esse desenvolvimento sistemático do entendimento perde sua força e a língua torna-se mais pobre e mais grosseira. Este é o fenômeno característico: o progresso, ao espiritualizar-se e ao *dar nascimento e forma* à racionalidade, negligência essa minúcia e essa prolixidade intelectual, considerando-a desagradável e tornando-a supérflua” (ARANTES, 2000, p. 193).

condiz com o seu ideal de governo assentado numa república em que o filósofo é aquele que está apto para governar. Segundo Lima Vaz, o modelo platônico prescreve a construção de uma reconciliação com a unidade ética que permeia o sentido próprio de uma sociedade baseada em preceitos humanos. Para ele (LIMA VAZ, 2002, p. 18),

a hermenêutica filosófica da cultura deve cumprir, portanto, duas tarefas: primeiro, mostrar a necessidade da filosofia e a competência do filósofo para realizar a cura dessa patologia do múltiplo desordenado e dividido no qual os homens se perdem; segundo, edificar o modelo ideal, isto é, o modelo de inteligibilidade do mundo humano, segundo a ordem do múltiplo que procede da unidade verdadeira. Para Platão, esse modelo é construído por meio da dialética do Bem, e a *pólis* real deverá ser o reflexo da sua perfeição.

Esta forma de conceber o modelo ideal fabricado pelo intelecto é atributo da ação pedagógica transformadora que visa estabelecer os laços dispersos da sociedade num todo gerido pelo governo filosófico. Tal ação educadora visa conhecer o todo partindo dos estudos da natureza e também dos estudos da consciência coletiva e individual que desvelam o mundo a partir do conhecimento da certeza sensível, da percepção e da força de sagacidade do intelecto reflexivo que começa a conhecer os fenômenos naturais sensíveis vinculados à cultura primeira, dando origem a uma narrativa diferenciada acerca da história do mundo segundo a razão vinculada ao saber filosófico. Ela também mostra que o seu objeto é sediado por ela mesma enquanto diferença ontológica que revela a essência do mundo verdadeiro enquanto Espírito universal absoluto⁹⁸ e enquanto sujeito consciente-de-si educado pela cultura filosófica, repletos de vida. Portanto, a objetivação da vida desta cultura é referendada sob o prisma reflexionante do sujeito que outrora era um nós sobre-si enquanto causa do entendimento para si da própria coisa. Na concepção de Lima Vaz (p. 85),

podemos, pois, concluir que a estrutura geral da relação entre cultura e filosofia é caracterizado inicialmente pela *necessidade* do exercício do filosofar inerente ao desenvolvimento de uma cultura que aceitou legitimar socialmente o livre uso da razão demonstrativa ou, para usar um termo genuinamente grego, da *lógica*. A filosofia a ser então a forma exemplar da *vida segundo a Razão*.

98 Kojève expõe o seguinte a respeito do assunto: “logo, não é a contemplação puramente cognitiva e passiva que está na base da consciência-de-si, isto é, da existência verdadeiramente humana (e portanto – no fim de contas – da existência filosófica), mas o desejo. (E, por isso, diga-se entre parênteses, a existência humana só é possível onde houver algo que se chama *Leben*, vida biológica, animal. Pois não há desejo sem vida)” (KOJÈVE, 2002, p. 162).

O uso da Razão proveniente desta cultura não pode ser desenvolvido pelos déspotas e escravos. O sujeito da cultura⁹⁹ filosófica é apartado desse nós fictício promovido pelo senhor desta maquinação que agora se encontra dilacerado nas redes do despotismo de Estado, sendo ele mesmo um déspota. Portanto, é a partir disso que uma outra rede de relações disponível no universo da Filosofia é criada para superar este delírio. Isto aconteceu na Grécia antiga onde o lócus da cultura filosófica pôde se erguer como um campo da cultura impressa no *lógos* deste sujeito do saber.

Todos estes filósofos da natureza citados anteriormente estão de acordo com a ruptura com o saber radicado no ente imediato como forma de demarcar a fronteira dos estudos da Filosofia da natureza contraposto a esta sabedoria primeira da cultura, ao mesmo tempo mostrando que o universal é o um em si e para si sem fantasia mitológica, ainda em seu sentido embrionário. Hegel estuda estes filósofos para compreender o sentido profundo de toda *physis* que ainda era visto como algo incompleto. Mas esse começo abriu a possibilidade de se chegar a um fim que será demonstrado por Sócrates, Platão e Aristóteles para o estudo da consciência. Este último filósofo é quem realiza uma síntese geral de suma importância para compor a Ideia no seu sentido abstrato e concreto abstraídos pelo sujeito mesmo desta substância primeira. Hegel demonstra que a Ideia é a vida eterna de Deus em sua magnitude cósmica enquanto lógica absoluta radicada em todos os entes. Ela é representada pelo universal, pelo campo imanente da natureza e pela figuração representada que ela faz de si mesma na consciência. Eis aqui a primeira fase deste conceito. A segunda fase, que é outro lado de seu ser formal, a Ideia aparece na forma de Ser Ego formal-concreto, Espírito livre abstrato, reflexivo, infinito e negativo em que todas as forças são recalçadas por ela. O conceito de recalque será revisto sob o poder da inteligência ética vinculado às forças que são ditas divinas que aparece tanto no *lógos* de Hegel como também no *lógos* de Freud. É com o processo de formação da cultura que se cristaliza na consciência dos sujeitos históricos este conceito que visa compreender o recalque produzido por este Espírito absoluto segundo o trabalho da ação negadora.

99 Ver Hyppolite “Le monde de la culture et de l’aliénation” (1946, p. 364-412).

2.4. O trabalho da ação negadora: o motor imóvel e o *lógos* universal

O que os antigos e os modernos pesquisadores em Filosofia descobriram a respeito do trabalho da ação negadora, do motor imóvel e do *lógos* universal? O que Hegel aprendeu com os filósofos da antiga Grécia clássica?

Hegel estuda os estudiosos da *physis* para observar como é que o *lógos* universal é composto segundo seus elementos compositores e decompositores. O pensamento destes primeiros cientistas segundo Hegel ainda se deteriorava no vazio. Ele cita Aristóteles, por exemplo, no seu texto que versa sobre a filosofia de Anaxágoras para mostrar que estes primeiros filósofos naturalistas eram considerados por ele de “esgrimistas” que aplicam ‘golpes bons’ que não estão enquadrados pelas “regras da arte”, ou seja, estes têm apenas a aparência do saber sem a mínima consciência em relação ao que formulam. É o que parece ser. Mas, a partir de agora, inaugura-se o caminho para a tomada de conhecimento do todo universal tal como ele é elaborado por Aristóteles em sua metafísica e como também em sua física. Além do mais, para Hegel, o filósofo Anaxágoras aparece como sendo o primeiro a manifestar o conceito de universal relacionado ao puro pensamento que é em si e para si, o *Nous*.¹⁰⁰ Mesmo assim, esta forma de pensar ainda está no limiar do vazio em que os seus antecedentes estão ancorados. Este filósofo entra em cena como ‘um sóbrio entre os ébrios’ (1973, p. 272).

O alicerce do pensamento hegeliano é construído a partir da base filosófica em seu sentido lógico-formal de ser *lógos* científico visto na história da Filosofia de ontem e de hoje. A essência em seu conceituar determina o Espírito absoluto deste *lógos* universal enquanto vida geral¹⁰¹ em que está inserido o trabalho da ação negadora

100 O ser vivente é *trabalho*, *instinto* e finalidade atribuída a estas duas finalidades enquanto meta. Sobre este assunto dirá Hegel: “se olharmos mais de perto até onde se chegou com o desenvolvimento deste pensamento em Anaxágoras, se procurarmos o sentido concreto ulterior do *Nous*, não encontraremos nada mais que a atividade determinando-se a partir de si, que põe uma medida, uma determinação; o desenvolvimento não vai mais longe que até a determinação da medida. Anaxágoras não nos dá qualquer desenvolvimento, nenhuma determinação mais concreta do *Nous*; mas é justamente disto que se trata. Desde modo, não temos ainda nada mais que a determinação abstrata do concreto em si. (...). O *Nous* é então apenas o que liga e separa, o que ‘diacosmiza’. Basta-nos isto” (1973, p. 275, p. 279).

101 O todo da natureza só tem existência em relação ao seu exterior que é na verdade a interiorização do mundo na consciência. “A natureza só existe desta maneira na unidade, assim como o cérebro só é na unidade como outros órgãos. (...). O primeiro elevar-se sobre o ser sensível é o negativo do mesmo, o não-sensível, quer dizer, o não-visível, o não-audível, etc. - esta é a maior elevação dos físicos em geral

abstraído por um motor imóvel em sua positividade substancial. A essência deste espaço absoluto é para o filósofo (HEGEL, 2011, p. 137)

a infinitude, como o *Ser-suprassumido* de todas as diferenças, o puro movimento de rotação, a quietude de si mesma como infinitude absolutamente inquieta, a *independência* mesma em que se dissolvem as diferenças do movimento; a essência simples do tempo, que tem, nessa igualdade-consigo-mesma, a figura sólida do espaço.

O espaço sólido, eterno, é conclamado como o Ser mesmo que abraça todas as “diferenças” possíveis, sendo ele indiferente e infinito. Hegel também apresenta esta ideia na *Enciclopédia*.

‘Do nada nada vem’. Alguma coisa tem que surgir de uma outra coisa. Essa é a proposição que apresenta a matéria e o panteísmo como coisas eternas que um dia vieram a Ser como também um dia virão deixar de Ser. O nada é tomado como sendo a segunda definição do ciclo lógico absoluto porque ele é o desvelamento do ser. É a formulação do *noumenon* na sua figuração mais elevada. A primeira é representada pelo Ser que gera o aparecer, isto é, aquilo que irá aparecer como *pháos*. Hegel diz que a mudança verdadeira em relação a este nada é representada como *devir* pensado a partir deste nada que é em si mesmo enquanto mudança e não-mudança para si. Por isso que o campo que prescreve toda e qualquer tipo de eletricidade é composto pelo negativo e pelo positivo. Sem o fio negativo a luz não acende.¹⁰² Isso é algo irrefutável para a natureza existencial do espaço absoluto que se configura como círculo primeiro, o Espírito do todo, dentro desta lógica em que aparece outros círculos derivados deste primeiro. O objeto absoluto é também um campo de forças vivas que vem antes de qualquer sujeito. Ele é a totalidade deste espaço que gera a luz que dar vida a toda a multiplicidade dentro deste todo autônomo e multiforme, não-autônomo e diferente, finito e infinito.¹⁰³ Este é a totalidade da representação do mundo cuja ideia de um

ao não-sensível como simples negativo do ser-para-nós. Mas o positivo é que a essência que é, é ela mesma universal” (p. 278).

102 O universo suprasensível é o reino das leis em sua tranquilidade concreta. Hegel mostra que "a lei está, portanto, presente de duas maneiras: uma vez como lei, em que as diferenças são expressas como momentos independentes; outra vez, na forma do *simples* Ser-retornando-a-si-mesmo, que de novo pode chamar-se *força*; contanto que não se entenda a força recalcada, mas a força em geral ou o conceito de força: uma abstração que arrasta para si as diferenças do que atrai e do que é atraído. Assim, por exemplo, a eletricidade simples é a força; mas a expressão da diferença incumbe a lei: essa diferença é eletricidade positiva e negativa" (2011, p. 121).

103 Para os antigos metafísicos, as culturas antigas se orientavam pelo céu e o tinham como um Deus. Hegel afirma isso no “Prefácio” da *Fenomenologia do espírito*. “Outrora tinham o céu dotado de vastos

motor imóvel, que contém o negativo e o positivo, é agraciada por Hegel. É neste plano que está inserido o movimento de todas as coisas suprasensíveis e sensíveis que são geradas por ele. Por exemplo, o céu, os corpos dos homens e dos animais (carnes, ossos, tendões), sangue, as estrelas e o movimento de translação da Terra têm como causa o seu lado negativo, ou seja, o imóvel, o puro nada, o vazio, o repouso em que se lança o movimento do móvel como causa primeira de todo movimento absoluto que faz com que estes corpos existam tais como eles são no universo segundo seus respectivos movimentos.¹⁰⁴ A partir disso, Hegel demonstra o caráter da ação negadora¹⁰⁵ como uma ação que é também ação afirmadora da vida geral que é atributo desta lógica que gira em torno de seu movimento e de seu repouso. A natureza¹⁰⁶ material desta substância para ter uma existência própria tem que negar a tese que é a lógica do todo como imóvel em que se prefigura o movimento externo e interno do saber absoluto radicado no Ser dialético. A mesma coisa está estabelecida para o movimento do espírito que é a psique. Ele nega o absoluto, a tese, e a natureza, antítese, para poder afirmar o seu espírito (dupla negação).¹⁰⁷ Esse primeiro negar afirma a natureza; a dupla negação afirma a existência da psique enquanto espelho para a consciência do mundo: a segunda negação. Esta consciência que revela o ser e o nada para o mundo começa a despir estes conceitos, carentes de conteúdos concretos, a partir do pensamento

tesouros de pensamentos e imagens. A significação de tudo que existe estava no fio de luz que unia ao céu; então, em vez de permanecer *neste* [mundo] presente, o olhar deslizava além, rumo à essência divina: a uma presença no além - se assim se pode dizer” (p. 29).

104 Acrescenta Hegel, no texto sobre Anaxágoras: “aqui, sob o ponto de vista químico, os princípios das coisas naturais são admitidos como qualitativamente determinados e assim imutáveis, intransformáveis. Segundo esta opinião, o homem é uma quantidade determinada de carbono, hidrogênio, um pouco de terra, óxidos, fósforo, etc” (1973, p. 277).

105 Sobre a natureza do *trabalho negativo* da ação negadora, escreveu Paulo Meneses: “é preciso analisar e dissolver essas representações com o trabalho do negativo para que o conceito se mova. O sujeito é dotado desse poder mágico de tirar a vida da morte, o positivo do negativo: parte da imediatez abstrata, e, na conveniência e assimilação do negativo, torna-se a mediação que produz um novo imediato, a substância como espírito” (MENESES, 2003, p. 16).

106 Sobre a ideia de natureza como conceito, Hegel expõe o seguinte na *Enciclopédia das Ciências Filosófica*: “a natureza mostrou-se como a idéia na forma do *ser-outro*. Visto que a *idéia* é assim como negativo dela mesma ou *exterior a si*, assim a natureza não é exterior apenas relativamente ante esta idéia (e ante a existência subjetiva da mesma, o espírito), mas a *exterioridade* constitui a determinação, na qual ela está como natureza” (HEGEL, 1997, p. 26).

107 Sobre o pensamento atomístico de Leucipo de Mileto, Hegel expõe o seguinte a respeito do assunto citado: “assim o ser-para-si é negação da negação e esta é, como eu designo, a negatividade absoluta. Eu sou para mim, então nego o ser-outro, o negativo; esta negação da negação é, portanto, afirmação. Esta relação comigo no ser-para-si é, assim, afirmativa, é ser, que do mesmo modo é resultado, mediado através de um outro – mas através da negação do outro; nisto está contida a mediação, mas uma mediação que igualmente foi sobressumida” (1973, p. 305).

proferido pela escola eleática em diante.¹⁰⁸ Portanto, a univocidade do divino, isto é de Deus, é demonstrado por este sistema de pensamento em que o Um é o todo, ou seja, a unidade mais poderosa e mais robusta que contém uma forma esférica por ser ele igual a tudo; ele é Ser e nada. Dirá Hegel que (1973, p. 205):

em Xenófanés e Parmênides tínhamos ser e nada. Do nada é imediatamente nada, do ser, ser; mas assim já é. Ser é igualdade expressa como imediata; pelo contrário, igualdade como igualdade pressupõe o movimento do pensamento e a mediação, a reflexão em si. Ser e não-ser situam-se assim, lado a lado, sem que sua unidade seja concebida como a de diferentes; estes diferentes não são expressos como diferentes. Em Zenão a desigualdade é o outro membro em oposição a igualdade.

Tal dialética repousa em seu princípio em que o nada, o ser, o movimento da reflexão filosófica, aparecem como coisas diferentes dos mitos que outrora formavam unidades divinas em que os deuses foram revelados pela ação mesma deste trabalho negativo.

Hegel afirma a disposição do finito desprezado pelos estudiosos eleatas para falar da natureza de Deus enquanto gênero, espécie, algo imutável, infinito e finito, Uno em si e para si mesmo enquanto círculo lógico-formal. Esse argumento faz com que o filósofo possa afirmar que só existe um Deus e não vários deuses. Deus aqui é o universal enquanto ontologia da vida do todo em sua perspectiva metafísica revelada pelos filósofos da Grécia antiga. Xenófanés também é partidário desta ideia, dizendo que o todo absoluto é representado pelo Um suprasensível, sem começo, nem meio e nem fim, ou seja, o imóvel. Zenão¹⁰⁹ afirma também todo o imóvel segundo seus paradoxos, nega predicados e descarta o finito como também todo movimento advindo dele. Ele coloca o desejo de saber em oposição consigo mesmo. “O ser, o um da escola Eleática é apenas uma abstração, este afundar-se no abismo da identidade do

108 Para os eleatas o pensamento aparece como sendo ele mesmo livre para si próprio segundo a manifestação do ser absoluto radicado no conceito, na essência objetiva em que repousa a sua contradição vinculada a dialética negativa. É a partir daí que o puro pensar entra em marcha para afirmar a natureza existencial do puro Ser, isto é, do *noumenon* em-si e não para si. Este pensamento também afirma o ser outro em que se encontra a multiplicidade abstraída por suas determinações lógicas (N do T).

109 Dirá Žižek, em *O mais sublime dos históricos: Hegel com Lacan*, acerca do lado formal da Coisa em sua forma inacabada, incompleta, pelo fato do “Em-si” ser apenas o negativo para o movimento absoluto. “Voltando a Hegel, podemos pois reformular sua leitura dos paradoxos de Zenão da seguinte maneira: a ‘intenção’ de Zenão é excluir o circuito paradoxal da pulsão, o estatuto paradoxal do *objeto a*, que aumenta com sua própria diminuição, que guarda distância em nossa própria aproximação; pois bem, no que ele ‘efetivamente faz’, Zenão circunscreve de maneira muito concisa a topologia paradoxal do objeto real-impossível, a relação fantasmática do sujeito com o objeto-causa do desejo” (ŽIŽEK, 1991, p. 27).

entendimento” (p. 206). Para Hegel, esta forma de argumentar abstraída pelos antigos metafísicos ainda tem ressonância no presente para retratar a biografia científica de Deus tal como ela é em sua unidade ontológica. “Este modo, o mais antigo, de argumentar é ainda, até o dia de hoje, válido, por exemplo, nas assim chamadas demonstrações da unidade de Deus” (p. 206).

As primeiras elucubrações emitidas a respeito do motor imóvel foram escritas pelos estudiosos da *physis* como foi bem colocado anteriormente. O pensamento acerca desta causa primeira foi sendo elaborado paulatinamente por seus pesquisadores. Sendo ele refutado para poder chegar num ponto em que o negativo aparecerá como “o Si” para o próprio pensamento. Ele era ainda visto como sendo uma causa puramente formal fora do intelecto. Sobre este quesito dirá Hegel (2011, p. 46-47):

a desigualdade que se estabelece na consciência entre o Eu e a substância – que é seu objeto – é a diferença entre eles, o negativo em geral. Pode considerar-se como *falha* dos dois, mas é sua alma, ou seja, é o que os move. Foi por isso que alguns dos antigos conceberam o *vazio* como o motor. De fato, o que conceberam foi o motor como *negativo*, mas ainda não o negativo como o Si.

O motor imóvel começou a ser desvelado pelos estudiosos da *physis* e tendo o acabamento deste conceito com a Filosofia de Aristóteles que o viu como o em Si e o para si da negação dobrada em si. Como podemos ter a certeza que o conceito de motor imóvel construído pelo filósofo está certo ou errado? Como podemos expressar a sua veracidade? E quais são os meios proferidos para examinar os discursos de veridicção investigados pela Filosofia em relação a este conceito? O que é dizer a verdade sobre o *lógos* e a sua eternidade radicada na ação mesma do trabalho negativo?

Para Werner, Aristóteles elabora a sua doutrina do eterno motor imóvel segundo a perspectiva teológica baseada na natureza das coisas. A religião cósmica como era designada pelos metafísicos antigos significava a aparição deste Espírito imaterial como ato puro do pensamento desvelado pelo sujeito intelectual que compreende a causa lógica-formal do universal. Ou seja, o Deus em que o mundo está engendrado é o eterno motor imóvel que faz mover o mundo como causa final dele mesmo. O *prôton kinoun akíneton* é *archê* deste fundamento lógico, racional, explicativo e teleológico que exprime tudo relacionado ao móvel natural da geração. Aqui não é o princípio do arquiteto do universo que cria o mundo. O imóvel é o dispositivo que ordenar o cosmos, ou seja, não é uma coisa que põe a máquina para funcionar por ser primeiro. Ele é um

princípio em sua extremidade e é também um acontecimento de suma importância para existência deste ato que está relacionado ao mundo e às coisas existentes nesse mundo. Por isso que os antigos disseram que o primeiro motor é o mais elevado dos motores. Sobre a teoria do primeiro motor, Jaeger diz que: “la teoría de que así como el cielo de las estrellas fijas requiere un eterno motor inmóvil para poder moverse, esos otros movimientos complejos ejecutados en los cielos por los planetas requieren cada uno su propio motor inmóvil” (JAEGER, 1995, p. 395). Para cada planeta há um motor dirigente. Jaeger mostrou que Aristóteles define esta forma de pensar como sendo “el pensamiento se piensa a sí mismo, y en este acto creador goza eternamente su propia y absoluta perfección” (p. 397).

A ação do trabalho negativo¹¹⁰ está abstraída pela revelação do saber absoluto que se encontra disposto na tranquilidade plena e espiritual da substância que é um ente positivo e negativo que não depende de nada para existir. O espírito do mundo é desvelado segundo a sua relação com a finitude cindida da consciência de si. A infinitude é ação negadora do *lógos* suprasumida deste ente absoluto que é impulsionado enquanto tal dentro do sistema universal como luta dos polos contrários em si mesmos.¹¹¹ Ele também não tem contrário por não existir um outro motor igual a ele. Na perspectiva de Hegel, *é através desta luta que se afirma a força da ideia e do ideal, porque a fortaleza consiste em permanecer íntegro no negativo*. A partir daí se conclui que o mundo eterno é o *devenir* como ação negadora radicada na sua positividade em que se origina a disposição do movimento cujas forças se engalfinham na finitude da ação positivada no sujeito universal. A sua natureza é ação enquanto símbolo do individual recalcado neste sistema particular de governo. Esta unidade é a pura manifestação da tensão e das diferenças que são subjetivadas na reconciliação do espírito com sua alteridade. Esta situação é determinada por ações e reações

110 “A negatividade é, assim, o momento do pensar pelo qual é possível logicamente a diferença entre as coisas ou pela qual é possível determinar pela forma as coisas pensáveis. A negação é o momento em que a determinação é introduzida na indeterminação, ou que determina o indeterminado, introduzindo a forma” (SALGADO, 1996, p. 111).

111 A relação dual entre finito e infinito gera o todo como um campo de forças universal na sua simplicidade. No capítulo da *Fenomenologia* que diz respeito às questões de “força e entendimento; fenômeno e mundo suprasensível”, Hegel faz a seguinte colocação a respeito do assunto citado, a saber: “essa *totalidade* como totalidade ou *universal* é o que constitui *o interior: o jogo de forças* com sua *reflexão* sobre si mesmo. (...). Esse jogo de forças é, pois, o Negativo desenvolvido; mas sua verdade é o positivo, a saber, *o universal*, ou o objeto *em-si-essente*” (HEGEL, 2011, p. 116).

circunstanciais em que a ação se desenvolve. Sendo assim, a ação negadora só pode ser revelada pela palavra que se torna conceito universal quando designa a coisa representada tal como ela é na realidade positiva. O que podemos saber a respeito desta Coisa universal chamada de *O governo universal* no pensamento de Hegel? Segundo ele (1991, p. 73):

o governo absoluto é a substância em repouso do movimento universal, mas o movimento universal é a causa de movimento ou o universal enquanto tal se opõe ao particular na forma de um particular, ao mesmo tempo, porém, segundo a sua essência, é o universal e, em virtude da sua forma, é determinante para o particular.

“O governo absoluto”, de onde provém este governo? Ele é um conceito usado por Hegel para expressar o *Ego* em sua forma aparente, real, finita, infinita: um acidente universal. Ele só poderá ser conhecido em sua plenitude através de um longo trabalho conceitual realizado no *lógos*, que como já fora demonstrado, começou a ser formulado pelos pensadores eleatas. Sentimentos e imaginações não representam a Ideia de divino em sua forma mediatizada pelo intelecto. *Ar*, *Éter* ou *Água* não são designados como Razão. Eles não são *Ego*. Sócrates refutou os posicionamentos de Anaxágoras referentes a este governo e com isso ele iniciou o processo de ligação que fica entre a natureza da Coisa substancial vinculada a este universal concreto. As premissas iniciais desta conversação começam a ser traçada por estas questões referentes ao Espírito absoluto do mundo. É o seu ponto inicial. Isso foi visto dentro da perspectiva abordada pelos primeiros estudiosos da *physis* que iniciaram os estudos relacionados a sua natureza imediata. “Finalmente chegou o momento para compreender também o rico produto da Razão criativa que é a história do mundo” (1990, p. 59).

O mundo invisível e visível do antes e do depois da Razão e da História, cravadas na consciência do sujeito reflexivo, é gestado pela energia abstraída do *pháos* que tem seu fim em si mesmo segundo a sua força absoluta de criação e destruição como causa primeira do Espírito substancial que é ilimitado, infinito, autônomo e sem misturas. O primeiro motor enquanto *arché* do movimento primeiro é para Hegel o processo formador que sintetiza a origem da lógica do Ser como expressão do espírito absoluto. Assim, segundo o seu raciocínio (2011, p. 37):

mas importa notar que – como *Aristóteles* também determina a natureza como um agir conforme a um fim – o fim é o imediato, o-

que-está-em-repouso, o imóvel que *ele mesmo motor* e que assim é *sujeito*. Sua força motriz, tomada abstratamente, é o *ser-para-si* ou a negatividade pura.

Este sujeito conclui, a partir da experiência como o negativo puro (o imóvel como motor), o seu trajeto filosófico para honrar o nós desta corrente dirigida pela relação duplicata entre um eu e o outro, ou seja, na reconciliação do sujeito com a substância primeira segundo o aspecto trágico da história. Só dentro de um Estado que o sujeito consegue realizar esta reconciliação pelo fato dele fornecer o material histórico para que isso aconteça racionalmente. Quando o eu negativo afirma este conteúdo, revela o mesmo para o mundo, então o processo de ligação se torna completo para o sujeito da história.

Hyppolite demonstra que (1989, p. 74-75):

este 'nós', que parecia uma transcendência e que atravessava uma consciência que se desconhecia a si própria, surge aqui como o movimento para sempre inacabado de uma história onde *se resolve o problema do sentido*, do saber absoluto, um nós de que se pode dizer afinal: ele não existe sem nós.

Hyppolite faz relação ao “jogo de espelhos” para visualizar o “nós” da cultura que fora derrotado pela História da devastação, deixando atrás de si apenas o fantasma desta destruição. Hegel reconstitui o espelho que fora rompido para demarcar o terreno do “nós” da Filosofia que quebra com o instinto de morte atrelado ao recalque da reconstituição que se encontra, neste momento histórico, com falhas.

Os eleatas deram o impulso para se pensar o absoluto enquanto Ser e ao mesmo tempo em que estavam dignificando este nós como partilha da inteligência. Uma intuição intelectual ainda retraída por uma pobreza. Mas, esta pobreza intelectual é a primeira definição a ser considerada por Hegel como sendo ela mesma a dialética de seus opostos que fica entre o Ser e o nada. Eles revelaram o imóvel do movimento que era algo carente de processo real para a consciência. Aqui se indica o início de um pensamento em curso que passa do Ser para o nada para depois encontrar o seu vir-a-ser como progresso lógico dessa relação duplicata. A unidade é revelada a partir deste resultado, que para Hegel, é o próprio desassossego em si como o via-a-ser dessa unidade formal. Ela é o Ser que é Deus infinitamente concreto. É com a Filosofia da

história que os nomes dos elementos e dos não elementos que compõem a totalidade da vida na Terra são revelados como mistura e síntese desta deidade.

Empédocles já tinha observado esta questão, além do mais ele acrescenta a amizade e a inimizade como sendo eles os princípios¹¹² absolutos do bem e do mal. No pensamento de Hegel, o Ser simples é este Espírito absoluto que é expresso na consciência pensante enquanto unidade existencial que se apresenta da seguinte forma, a saber (2011, p. 342):

ora, a natureza se desdobra em seus elementos universais, onde o ar é a essência *permanente*, puramente universal e translúcida; a água, ao contrário, a essência sempre *sacrificada*; o fogo, a unidade *animadora* deles que tanto anula sempre sua oposição quando cinde nela sua simplicidade; a *terra*, enfim, é o *nó sólido* dessa articulação, e o *sujeito* dessas essências como de seu processo, seu sair e seu retornar.

É a partir dessa citação que se pode observar as quatro massas universais que se dividem em essências espirituais, isto é, o em si universal que é igual a si mesmo dentro deste jogo de forças recalcentes e recalcadas. Elas são as expressões das experiências do EU=EU dentro do A=A¹¹³ para esta consciência disponível no mundo. O que permanece, o que é sacrificado e o que é anulado e cindido: o ar, a água e o fogo. A outra massa é a essência para si essente, a terra, que se encontra também sacrificada pela ação da própria natureza, dos animais e dos animais racionais. É a partir daí ela se dispõe a se entregar perante este sacrifício maquinado pela devastação absoluta.

A essência considerada enquanto consciência-de-si que é o corpo do sujeito finito em que está acoplado o fogo eternamente vivo em si mesmo proveniente do absoluto enquanto vida, é a última massa em que expressa a figura permanente do saber

112 Sobre tal filosofia do bem e do mal, Hegel afirma o seguinte a respeito de Empédocles de Agrigento: Aristóteles já sentiu a ausência do princípio do bem em Heráclito. Por isso gostaria de ter encontrado em Empédocles. Sob o conceito de bem deve-se entender aquilo que é fim em si e para si mesmo, o que é absolutamente firme em si mesmo. Mais de uma vez já observamos que Aristóteles sente, nos antigos, a falta de um princípio do movimento; ele diz que não pode conceber a mudança a partir do ser” (HEGEL, 1973, p. 247).

113 Só existe um absoluto, ou seja, o cosmos eterno que é a substância primeira. Não existe mais de dois universais ou dois cosmos existentes no absoluto. Isso seria um absurdo tal como dizer que existem vários deuses onde existe apenas um só. É por isso que a proposição A=A é a mesma para EU=EU porque ambas as coisas são da ordem do absoluto e da substância, tanto o A = EU (absoluto) como o EU =A. O todo onde está o absoluto Eu é, para Hegel, “o elemento, em que a individualidade apresenta sua figura, tem o significado do assumir dessa figura: é a luz do dia, em geral, onde a consciência quer mostrar-se” (HEGEL, 2011, p. 277).

absoluto porque ela é sujeito-corpo perecível neste Éter. Primeiro, a essência é consciência-de-si enquanto manifestação do ser-para-si; segundo, esta essência é o vir-a-ser mediada pelo sacrifício do universal; terceiro, o espírito do todo é o ser-em-si-e-ser-para-si diante desta totalidade Una e dividida em que a substância sacrificada está posta em chamas pelo sublime, isto é, o eterno fogo. Os momentos da consciência são representados pela consciência em geral, pela consciência de si e pela Razão. Hegel cita um verso poético, conservado por Sexto Empírico e também por Aristóteles, em seu trabalho sobre Empédocles para falar do que é real e do que é ideal, do que é sonho e do que é razão a partir do desvelamento do Espírito como também desses elementos disponíveis no *lógos* universal “para nós” como mistura e separação daquilo que é junto, misturado e separado, a saber: “com terra vemos a terra, com a água, a água, com ar, divino ar, e com fogo, o eterno fogo, com o amor, o amor, a luta, com a triste luta” (1973, p. 248). Diante disso, Hegel coloca a seguinte questão a respeito do *lógos* expressado por Empédocles, a saber, que o mesmo se “contradiz a si e aos fenômenos, pois uma vez ele afirma que nenhum elemento emana do outro, mas que todo o outro provém deles; mas, ao mesmo tempo, deixa que se torne um todo através da amizade, provindo desta unidade, através da luta, a multiplicidade” (p. 249). A partir disso se conclui que a unidade lógica-formal-razional é expressa assim pela síntese aristotélica que reconhece a insuficiência do pensamento elaborado por este fisiólogo: o absoluto é lógico-formal, negativo e positivo = Ser + obscuro = não-Ser + amor + ódio + bem + mal + amizade + inimizade + *dever* + não-*dever* + água + não-água + ar + não-ar + terra + não-terra + fogo + não-fogo + sujeito = substância.¹¹⁴ O não aqui posto é o negativo que aparece como sendo ele mesmo o elemento antinômico destes elementos tal como é expresso pelo positivo e pelo negativo, e também pelo ser e o nada. Assim, ambos os elementos são correspondentes para a existência do absoluto concreto agora cheio de conteúdo, sem falhas. O sujeito absoluto é representado por esta negatividade pura e simples em que está fracionado, duplicado em sua oposição, se opondo, negando a diversidade que é para si mesmo indiferente. A negatividade é a expressão mesma das

114 Nem tudo provém dos contrários. Por exemplo: a substância primeira não tem contrários tal como o saber absoluto ou o motor imóvel. Aristóteles expõe o seguinte na *Física*: “assim, se isso é verdadeiro, tudo que vem a ser provém dos contrários, bem como tudo que se corrompe se corrompe nos contrários (e em seus intermediários). E os intermediários provém dos contrários, por exemplo: as cores provém do branco e do negro; de modo que tudo que vem a ser por natureza é contrário ou provém de contrários” (ARISTÓTELES, 2009, p. 32-33).

leis do ser. Ele tem que negar o seu oposto para poder afirmar o seu Ser enquanto tal. Assim se forma o princípio da totalidade do todo que o em-si e para-si, o efetivo, o via-a-ser de si mesmo, enfim, estão como mediação daquilo que é verdadeiro, absoluto, universal para toda eternidade. A reflexão intelectual superior, a razão cultivada por assim dizer, é quem garante a fidelidade da prova deste resultado como retorno ao Ser desta simplicidade primeiramente abstrata e logo em seguida ela se torna concreta pela depuração refutativa produzida pelo *lógos* filosófico aristotélico. Eis a verdadeira identidade desvelada deste Ser absoluto.

O pensamento de Heráclito se assemelha com o pensamento de Anaxágoras no ponto em que o conceito é apresentado segundo a transformação destes elementos que foram citados. Hegel nos diz que Heráclito foi quem compreendeu a dialética no seu sentido universal como um “princípio lógico” que se preocupa com a ontologia da vida, mostrando que “é um grande pensamento passar do ser para o *devir*; é ainda abstrato, mas, ao mesmo tempo, também é o primeiro concreto, a primeira unidade de determinações opostas. Estas estão inquietas nesta relação, nela está o princípio da vida” (1973, p. 99). Ao mesmo tempo que para Aristóteles, citado por Hegel no mesmo texto que versa sobre Heráclito, mostra o seguinte: “Aristóteles diz, por exemplo, que Heráclito ‘ligou o todo e o não-todo’ (parte) - o todo se torna parte e a parte o é para se tornar o todo -, o ‘que se une e se opõe’, do mesmo modo, ‘o que concorda e o dissonante’; e de que de tudo (que se opõe) resulta um, e de um tudo” (p. 99-100).

O *lógos* absoluto foi pensado por Hegel a partir do pensamento de Heráclito que afirma a natureza do Ser enquanto unidade que vem antes do *devir*? O *devir* é e não é. O *lógos* também é parte e todo, ser e nada, movimento absoluto e repouso. Para entendê-lo faz-se necessário primeiramente compreender a relação de tal fenômeno com as transgressões das leis do mundo que o rege. Além do mais, reconhecendo as forças naturais onipresentes conforme a representação lógica da *physis* que o engendra; pois sendo assim, interpretando-o como forma de apresentação do movimento abstrato e real que o precede em estado de *devir*. Este se revela na disposição fenomênica entre o ser¹¹⁵ e o nada perante *os modos de realidade*. O sentido claro desse entendimento faz ressoar

115 Para Hegel, tal “entendimento separa a ambos como verdadeiros e de valor; a razão, pelo contrário, reconhece um no outro, que num está contido seu outro – e assim, o todo, o absoluto deve ser determinado como o *devir*” (1973, p. 99).

o aprendizado que segue o significado do fenômeno na sua forma absoluta enquanto *lógos*, isto é, o movimento do absoluto no seu eterno *devenir*.

Hegel diz que há duas coisas importantes que temos que conhecer no pensamento de Heráclito, a saber (1973, p. 99):

em Heráclito, vemos o infinito como tal expresso como conceito e essência: o infinito, que é em si e para si, é unidade dos opostos e, na verdade, dos universalmente opostos, da pura oposição, ser e não-ser. (...). Em Heráclito o momento da negatividade é imanente; disto trata o conceito de toda Filosofia.

O tipo de linguagem que satisfaz as necessidades do material em estudo é atributo da poesia épica, lírica e da linguagem filosófica referente ao *lógos* da natureza. O *lógos* seria então o *érgon* na sua verdadeira essência dentro de um campo de imanência em que repousa toda a negatividade como disse Hegel na citação acima.

Tal empreendimento só poderá ser desvelado quando se apreende a totalidade existente entre a parte e o todo, ou seja, é a unidade do ser e do não-ser. Então é aqui que se encontra a fronteira que repousa no real e no ideal, no objetivo e no subjetivo, enfim, é a relação, ou seja, o infinito que paira entre o ser e o nada. Para exercitar tal compreensão basta adornar os sentidos auditivos que se revelam na percepção exterior do fenômeno, valendo-se do entendimento sensível como forma de abstrair o fenômeno a partir da escuta e da visão. Nos dizeres de Hegel, “o espírito relaciona-se na consciência com o sensível e este sensível é seu outro. Assim também no caso dos sons; devem ser diferentes, mas de tal maneira que também possam ser unidos – e isto os sons são em si” (p. 100).

O *lógos* para os antigos gregos significava lei do mundo e do pensamento, verbo e razão; elemento que pertence a lógica do sentido e da intuição, enfim, a palavra pertence à família do verbo *légain* que significa o bem dizer, o falar ou enunciar algo de suma importância segundo o Espírito do mundo. Ele também corresponde a proteção daquilo que se estende diante das coisas desveladas, isto é, o desocultamento do oculto desvelado; aquilo que aparece, que produz efeito diante dos olhos e de outros sentidos, revelando-se a partir de si mesmo; colheita primordial ou pouso primordial do *lógos* enquanto espírito criador de todo movimento no universo. Neste caso, o exercício do escutar o *lógos* absoluto é proporcionado pelas percepções intuitiva e sensível do

observador que abstrai o movimento exterior de forma temporal. Hegel entende a partir disso a aquiescência interior como processo do movimento mesmo abstraído pela fronteira entre o sensível e o racional. A isso é que se dá o nome de *percepção sensível* mediatizada que consiste em repartir cada coisa conforme a manifestação da sua natureza para logo em seguida revelar os pontos coincidentes e contrários entre si. Segundo Hegel a realidade *como processo* está representada pelo fogo que dá origem ao movimento absoluto do *devir* dos corpos. Cada corpo vivo individual contém fogo que é a sua própria luz. Um corpo morto não contém luz alguma. “O fogo, porém, é o processo: assim afirmou o fogo como a primeira essência – e este é o modo real do processo heracliteano, a alma e a substância do processo da natureza” (p. 101-102).

Hegel, ao estudar o pensamento de Heráclito sobre a essência do *lógos*, se questiona a respeito de sua manifestação na consciência e na relação direta que ele tem com o espírito individual¹¹⁶ do sujeito que é este espírito cujo processo é o fogo. Eis aqui a verdade do conceito expresso na relação universal que advém desta necessidade lógica e objetiva¹¹⁷.

O tempo na sua eternidade é *processo abstrato* e físico. Hegel anunciou que o ser seria este processo enquanto coisa sensível passível de abstração. Ele demonstra que “o tempo, portanto, é a essência verdadeira. (...), o tempo é o primeiro que se oferece como o devir; é a primeira forma do devir” (p. 101). O tempo é o *devir* mesmo na eternidade de seu ser sensível. Heráclito demonstrou que ambas as coisas são idênticas e

116 Leucipo, segundo Hegel, foi “o fundador do célebre sistema *atomístico*” que concebeu a existência do ser de forma especulativa sob a ótica da pesquisa racional vinculada a natureza das coisas grandes, pequenas e invisíveis. O corpo é espírito na medida que é um corpo indivisível, ou seja, um ente universal figurativo que tem peso, qualidades, conteúdo, individualidade, enfim, é um ente pleno de determinações. Hegel diz que “o pleno é indeterminado, possui o átomo como seu princípio. O absoluto é o átomo e o vazio (τὰ átoma καὶ τὸ kenón); isto é uma determinação importante, ainda que precária. O princípio, portanto, é que o átomo e o vazio são verdadeiros, o ente-em-si-e-para-si. Não apenas os átomos, como falamos, não apenas este um sozinho, como nós o representamos, por exemplo, flutuando no ar – o que está ‘entre’ é do mesmo modo necessário, este nada; e isto eles determinaram como negativo, como vazio. É isto então a primeira manifestação do sistema atomístico” (p. 304).

117 Segundo Hegel, Heráclito foi quem designou o movimento eterno da natureza como sendo da ordem do infinito, tendo como essência o seu processo em *devir* onde o *lógos* se apresenta. “O processo universal e a sua relação com a consciência” são estudados por Hegel segundo o *lógos* heraclitiano. Pode ser percebido a partir disso que Hegel define o absoluto como *unidade*. “Mas com isto ainda não está enunciada a verdade, a universalidade; é o conceito da unidade existente na oposição, e não na unidade refletida. Este um na unidade com movimento, com o processo dos indivíduos, é o universal, o gênero, entendimento ou conceito simples em sua infinitude, como pensamento; como tal ainda deve ser determinada a ideia – o *nous* de Anaxágoras” (p. 105).

procedem da união das forças contrárias num processo de aparição e desaparecimento. A *physis* será a expressão do surgimento, do nascimento, da vida e da morte, enfim, é o processo de formação da *bíos*. Aqui as representações dos sistemas vitais se complementam num som de vida e de morte, de afirmação e de negação. *Aiôn* era o conceito utilizado para expressar a duração do tempo de uma vida. Eis a fonte onde Heráclito teria tirado o seu preceito a respeito do *lógos*. Nos dizeres do pensador (48. *Etymologicum Genuinum, s.v. bíos*.): “Do arco o nome é vida e a obra é morte.” (p. 90). Neste ponto é que a noção de véu e de desvelamento coabitam os mistérios da vida e da morte, isto é, das forças da natureza, do universo real do espírito, ambos regidos pela lei perpétua dos opostos.¹¹⁸ Hegel mostra que neste processo se distingue o movimento do *lógos* que é o tempo no seu estado puro, a saber, ele se apresenta como negatividade pura da ação; pode também se encontrar em oposição, por exemplo, entre a *água e o ar*, demonstrando que o universal que se encontra em repouso é a Terra que deu a vida a todos os entes vivos. Neste sentido, nos diz o filósofo que (HEGEL, 1973, p.102):

a vida da natureza é o processo destes momentos: a divisão da totalidade em repouso, a terra na oposição, o pôr desta oposição, destes momentos – e a unidade negativa, o retorno para a unidade, o queimar da oposição subsistente. O fogo é tempo físico; ele é esta absoluta inquietude, absoluta dissolução do que persiste – o desaparecer de outros, mas também de si mesmo; ele não é permanente.

A física concreta de toda vida é representada pelo fogo que gera a luz de todos os corpos naturais em sua temporalidade finita.

Segundo Hegel, Heráclito foi um pensador originário da antiguidade grega que trabalhou profundamente na questão do *lógos* e de seus pormenores. Para estudar estas questões, o pensador jônico teve que criar problemáticas que diziam respeito ao universo físico e metafísico do seu tempo. Sendo ele o primeiro a caracterizar o

118 Pois, a presença de tal reflexão expressa aquilo que Hegel chamou de Razão para nomear o movimento de *universalidade* que consiste na formação do absoluto enquanto energia pura e negativa, que no seu entendimento representa a *força lógica* do todo. “A universalidade possui a forma da reflexão; a essência objetiva, a objetividade compreende, por isso não – com consciência. Se e na medida em que eu, no contexto objetivo-compreensivo desta reflexão, sou a objetividade da consciência, estou, não há dúvida, na finitude – como finito estou num contexto exterior, permaneço no sonho e na vigília na área deste contexto -, mas apenas entendimento, reflexão, consciência deste contexto, sem sono, é o modo necessário deste contexto, a forma da objetividade, a idéia na finitude” (p. 106).

movimento como princípio que outrora não se colocava nas análises de seus antecessores, trazendo a lume o método comparativo como forma sintética de análise dialética da “vida da natureza”. Com isso, ele não exclui os opostos de suas observações, mostrando que estes fazem parte do mundo que os habita, e são protegidos por leis não escritas onde os fluxos e refluxos das forças são regidas inominavelmente. Valendo-se também da compreensão intuitiva como uma forma de demonstrar como o universo mundano é imposto em todas as experiências mutáveis, tornando-as possíveis no tempo e no espaço sem conteúdo previamente estabelecido para nós. Este é o movimento do *devenir*.¹¹⁹ Ele é descrito apenas pela intuição sensível do observador atento mediatizado onde ele mesmo faz parte do reino da representação deste instante extraordinário que se realiza no presente. A isso tem que se convir uma certa imposição relativa do *lógos*, ou seja, um limite sem espessura, sem consistência, uma verdade racional que segundo Heráclito, é difícil de ser alcançada conceitualmente e racionalmente. Por isso mesmo, ela é de índole abstrata. Hegel, em *os modos de realidade*, diz que: “de mais a mais, determinou ele o processo real, em momento abstratos, distinguindo dois lados nele, ‘o caminho para baixo (hodòs áno) e o caminho para cima (hodòs kátio)’ - uma divisão, o outro a unificação” (p. 102).

A expressão do *lógos* na consciência do sujeito que o investiga condiz com a sua proveniência própria na totalidade do movimento em atividade contínua, isto é, o tempo físico mundano e comum: o nascimento da guerra dos opostos posta em atividade por toda a eternidade como fundamentação da cosmodicéia em que “a divisão” é a maneira de ser *dos opostos* e “a reflexão” é a compreensão de todos os opostos existentes. Com isto Heráclito conseguiu dar conta da totalidade do movimento aprendido a respeito do *lógos* que, apesar de ser comum, é difícil de compreendê-lo por que nem todos os homens são filósofos. Aqui tal movimento será compreendido na sua polaridade que se expressa nas atividades opostas, na matéria viva que não descansa e prefigurando com isso um campo de ação onde o Uno se entrelaça na multiplicidade constitutiva do *cosmos*. Nesta concepção, o mundo fenomênico se apresenta como um jogo de forças que se exprime no tempo e no espaço, e sendo concebido apenas pelo homem estético,

119 “O *devenir* implica que aquilo que não era chegue ao ser e que algo que era chegue ao nada”. Ver Castoriadis "A propósito da dialética do ser e do nada em Hegel. A introdução do *devenir* por Hegel não é arbitrária e superficial?". *Sujeito e verdade no mundo social-histórico: seminário de 27 de maio de 1987* (CASTORIADIS, 2007, p. 439).

isto é, uma espécie de artista contemplativo do mundo que vê na necessidade e no jogo um campo vasto de possibilidades de criar uma *ética essencial* para ouvir e observar o *lógos* que representa o absoluto na sua forma circular-universal. Sobre este assunto, Hegel diz que (p. 98):

Heráclito concebe o próprio absoluto como processo, como a própria dialética. A dialética é a) dialética exterior, um raciocínio de cá para lá e não a alma da coisa dissolvendo-se a si mesma; b) dialética imanente do objeto, situando-se, porém na contemplação do sujeito; c) objetividade de Heráclito, isto é, compreender a dialética como princípio.

A partir disso, Heráclito traça uma descrição da dialética da natureza assentada na história das culturas humanas e das coisas, dando luz a um estilo intuitivamente veraz e polido, segundo a sua observação analítica de tomar conhecimento deste princípio dialético, isto é, a partir de uma espécie de auto-suficiência do modo de pensar, tendo como preceito básico de análise, a saber, as disposições segundo um plano de medida, de cálculo ou da proteção que reúne o processo num complexo distinto observado. O olho que observa é aqui é a luneta do observador. Por isso que o pensador compreendeu a manifestação do *devenir*¹²⁰ como a verdadeira constituição íntima das coisas universais sensíveis, tendo o fogo como elemento primário. A formação de uma unicidade única e complexa será percebida a partir do momento em que descobrimos a originalidade do *lógos*, fazendo uma separação do aspecto superficial, distintivo e múltiplo das coisas contrárias a ele. O que será realmente a expressão do *lógos*? O *lógos* enquanto constituição íntima das coisas ditas contrárias e plurais, determináveis, será aqui designado de unidade proporcional e equilibrada de um movimento que se realiza na matéria em movimento que é eterno. O *lógos* universal é o puro pensamento negativo que passa pelo ser adentrando no nada. A respeito do *Ser*, Salgado mostra que ele é o puro pensamento, ou seja: “pensar é, portanto, antes de tudo o movimento do pensar,

120 O sentido deste enunciado esclarece a questão posta sob o parâmetro da Filosofia, visto por Hegel, como sendo determinado pelo significado desta questão no pensar atomístico de Leucipo. “O ser-para-si é um grande princípio. O *devenir* é apenas a passagem do ser para o nada e do nada para o ser, onde tudo é negado; mas o fato de algo ter sido posto, de ambos serem, simplesmente junto a si, isto é o princípio do ser-para-si em que Leucipo se tornou consciência, determinação absoluta. É o processo do ser, *devenir*. Ao nível lógico, vem então primeiro o existir. (...). O espírito também é átomo, um; mas, enquanto um em si, infinitamente pleno. (...). Em Leucipo e Demócrito esta determinidade permaneceu física; aparece também no mundo do espírito. Na esfera da vontade pode surgir o ponto de vista de que no Estado a vontade particular, enquanto átomo, é o absoluto. Estas são as teorias mais novas sobre o Estado que também se fizeram valer praticamente” (1973, p. 305).

traduzido no interminável passar do ser no nada. É pensar o ser como nada e o nada como ser na identidade imediata do puro vir-a-ser, a que se referia Heráclito” (1996, p. 109).

Se o princípio de todas as coisas é encontrado nos elementos primordiais da natureza segundo suas regras de criação e destruição, de negação e de afirmação, então diz-se que esta diversidade é inerente a essa questão que procura entender a existência como o sendo do Ser da totalidade, isto é, o corpo etéreo em que a semente negativa do *devir* está plantada a partir da reflexão do ser do ente. A consciência do mundo, por si só, enquanto certeza sensível não tem sentido de verdade absoluta para este sistema de pensamento radicado na natureza das coisas. Só a Razão como ciência, que é *lógos* desvelado, enquanto juiz de toda esta verdade é capaz de verdade e divindade universal como manifestações da absoluta verdade necessária para esta consciência. Essa é a ideia que permeia o pensar sobre o ser e o não-ser segundo a sua origem que é o tempo físico como processo. Neste ponto, Hegel explica: “compreendemos o que Aristóteles cita, que o princípio é a alma, por ser a evaporação, este processo do mundo que a si mesmo se move; o fogo é a alma.” (1973, p. 103). Esse fogo se chama tempo, ele é o arco da vida que expressa tanto a vida como a morte, o ser e o não-ser. Nascer é aparecer e perecer segundo a luz deste fogo, o *Dasein*, onde o sentido da vida é configurado na essência de ser do ente como espírito do universo. Hegel diz que “estes são os momentos principais do processo real da vida” (p. 103). A filosofia da natureza abstrai este círculo universal segundo a leis da vida e da morte, da luz e das trevas, atrelados ao universo físico posto em questão.

O recalque do conceito de Ideia atribuído ao saber divino universal repousa na eternidade do motor imóvel que abre a possibilidade da existência do desejo universal que é abstraído pelo sentido de ser de todo o movimento dinâmico esférico. O princípio geral de toda realidade, e na sua particularidade, a sensibilidade do sujeito observador, é determinada pelo Espírito absoluto em sua substancialidade sensível e inteligível. A cultura primeira é amplamente recalçada por este fundamento imediato. Tanto para Hegel como para Freud, a Ideia mesma de Deus é o primeiro princípio que move estas culturas primeiras. O sentido absoluto para elas é o religioso. A verdade da metafísica crítica de Hegel repousa sobre o solo da ciência que não se encontra na superfície das coisas, visto que ela não é um saber imediato e sim mediatizado sobre as coisas.

3. O ESPÍRITO RECALCADO NO CONCEITO DE IDEIA: a dinâmica lógica do puro desejo dialético

O que o conceito de Ideia revela na Filosofia de Hegel? Para ele, “l’Idée est le vrai, l’éternel, la puissance absolue” (HEGEL, 1965, p. 48). A Ideia é a Razão revelada e cultivada pelo intelecto filosófico na história da filosofia.

Hegel por ser um filósofo que realiza uma síntese moderna dentro da história da Filosofia, recebeu a herança de seus herdeiros estudiosos da natureza e da psique vista nos pensamentos filosóficos conceituais para dizer que a Ideia é o espelho do divino enquanto Ego substancial de toda existência.¹²¹ A consciência do sujeito reflexivo capta esta ideia como princípio do desejo vinculado a Razão que é na verdade a Ideia absoluta do eterno Bem. Ela é, segundo Hegel, plenitude material de seu conteúdo como também é ela expressão de uma vontade livre e abstrata. A religião é a primeira manifestação social a recalcar este Ego dentro da cultura imediata sem reflexão científica. Neste caso, Deus que é a Ideia suprema deste Bem cultivado aparece como Espírito absoluto de toda vida geral. Ele não é o Deus dos mortos e nem muito menos o Deus dos chamados perversos. Para compreender esta Ideia na sua plenitude dialética tem que ser um bom legislador da natureza e da consciência.¹²² Na *Enciclopédia das ciências filosóficas*, mais especificamente no livro I - *A ciência da lógica*, Hegel compreende o conceito de ideia da seguinte forma (1995, p. 350):

- Como *razão* (essa é significação filosófica própria para *razão*); - como *sujeito-objeto*, além disso; como *unidade do ideal e do real; do finito e do infinito; da alma e do corpo*; - como *possibilidade que tem, nela mesma, sua efetividade*; - como aquilo cuja *natureza* só pode ser *concebida como existente* etc., porque na idéia estão contidas todas as relações do entendimento, mas em seu *infinito* retorno e identidade em si mesmos.

O aparelho psicomotor vinculado a este trabalho do recalque visa estabelecer a

121 Na concepção científica elaborada por Freud, em seu trabalho *O futuro de uma ilusão* (1927), o recalque é originário no momento em que “a superior sabedoria que dirige esse desenvolvimento, a infinita bondade que nele se manifesta, a justiça que nele se implementa, são atributos dos seres divinos que também nos criaram, a nós e ao mundo como um todo; ou antes do ser divino único em que se condensaram, na nossa cultura, todos os deuses das eras passadas. O povo que primeiramente realizou essa concentração dos atributos divinos teve bastante orgulho desse progresso. Ele pôs à mostra o pai que desde sempre se ocultara, como um núcleo, em cada figura divina. Isso foi, no fundo, um retorno aos começos históricos da idéia de Deus” (FREUD, 2014, p. 252).

122 “Le bon dialecticien, c’est celui qui va des mots à la réalité, c’est le bon législateur”. Paul Ricoeur em “Essence et langage”. *Platon et Aristote* (1953-1954, p. 5).

relação dos seres com o mundo onde o inconsciente e a consciência aparecem como algo particular atrelado ao desejo racional da cultura em que estão configurados a intersubjetividade e a linguagem de cada ser acoplado a ela.¹²³ Esta é “razão”, “sujeito-objeto”, “alma” e “corpo”, natureza e cultura, finito e infinito. Eis a sua verdadeira identidade. Na *República* de Platão¹²⁴ encontra-se uma nota contida neste livro a seguinte questão acerca deste recalque, a saber, que a Ideia do bem é vista por ele como sendo a causa de todo saber e de toda verdade científica segundo a distinção do mundo visível que é igual ao mundo inteligível revelados pelos objetos cognoscíveis em que repousa a verdade deste Bem. Primeiro, observar-se que o sol é igual a Ideia do bem; segundo, vem a luz que é igual a verdade; terceiro, vêm os objetos da visão (as cores) que é igual aos objetos do conhecimento (as ideias); quarto, aqui encontra-se o sujeito que vê e que é igual ao sujeito cognoscente; quinto, tem-se o órgão da visão (os olhos) que é igual ao órgão do conhecimento; sexto, aqui encontra-se a faculdade da visão que é igual a faculdade da razão; sétimo, tem-se o exercício da visão que é igual ao exercício da razão e por último tem-se a aptidão para ver que é igual a aptidão para o conhecer (PLATÃO, 1949, p. 308).

Os filósofos antigos eram dialéticos porque estes pesquisadores se dedicaram ao saber que se dirigia contra a irracionalidade da simples existência que não examina a si mesma como “Ideia do bem” universal vinculada a sabedoria divina. Eles aprenderam a diagnosticar o mundo a partir da consciência filosófica do saber que é educação sediada por este campo científico. Sobre o método dialético de investigação, *A República* (532ab), Platão argumenta (p. 344-345):

123 É a partir deste recalque-repressão que o inconsciente grava no aparelho psíquico que é de ordem universal vinculada a ordem do sagrado, a parte da consciência que é composta pela totalidade do Ego, constituindo com isso o campo do inconsciente para a cultura como pensamentos, trabalho, dor, prazer, imagens e memória que estão no mundo desta cultura. O recalque para com Deus é causado pelo temor que se torna sabedoria cultivada. A terra recalca as forças provenientes do absoluto para formar toda natureza. A criança recém-nascida recalca os instintos de seus familiares, da mãe e do pai principalmente, nos seus primeiros dias de nascido para adquirir o hábito de sua cultura, tendo em vista a segurança e a alimentação que eles lhe dão. Sobre o assunto, dirá Hegel no “Prefácio” da *Fenomenologia*: “a ciência apresenta esse movimento de formação cultural em sua atualização e necessidade, como também apresenta em sua configuração o que já desceu ao nível de momento e propriedade do espírito” (HEGEL, 2011, p. 42).

124 “Renovando, de certa maneira, Platão e ultrapassando as objeções de Kant, Hegel prepara-se para unir a Verdade e o Bem, o teórico e o prático, concedendo mesmo um certo privilégio à ideia de Bem, da qual afirma que é superior à do conhecimento contemplativo, pois não tem somente a dignidade do geral, mas também a do real por excelência” (D’HONDT, 1979, p. 11).

certamente não vais supor que os peritos nestes assuntos são dialéticos. - Por Zeus que não, excepto um número reduzido que encontrei. - Ora bem, já alguma te pareceu que pessoas incapazes de conduzir a discussão ou de dar a réplica saberão jamais seja o que for do que nós dizemos que é preciso saber? - Também a isso responderei que não. - Ora não é mesmo essa ária, ó Gláucon, que executa a dialética? Apesar de ser do domínio do inteligível, a faculdade de ver é capaz de a imitar, essa faculdade que nós dissemos que se exercitava já a olhar para os seres vivos, para os astros, e, finalmente para o próprio Sol. Da mesma maneira, quando alguém tenta, por meio da dialética, sem se servir dos sentidos e só pela razão, alcançar a essência de cada coisa, e não desiste antes de ter aprendido só pela inteligência a essência do bem, chega aos limites do inteligível, tal como aquele chega então aos do visível.

Observa-se aqui neste trajeto que paira entre o mundo visível e o mundo inteligível, vistos por Platão segundo a perspectiva dialética¹²⁵, que a crítica que Freud faz em relação ao conhecimento científico vinculado a Filosofia está errada. Ela é vista em sua obra *Inibição, sintoma e angústia*. Ele diz que os filósofos fabricam “visões do mundo” e ‘guias de existência’ (FREUD, 2014, p. 26). Hegel mostra que a real Filosofia que ainda vive perante a sua morte é a metafísica crítica que não trabalha produzindo essas coisas. Um outro erro visto na obra de Freud em relação à pesquisa científica acoplada a Filosofia. Mas, não se pode deixar de estudá-lo por causa disso, porque o seu pensamento acerca do recalque-repressão, da negação, da ilusão e do processo de formação de hábitos, costumes, religião e cultura, sobre a efusão do instinto de morte produzido pela civilização esclarecem o sentido originário da ideia de perigo que é também vista por Hegel em suas obras¹²⁶. Freud diz que “a angústia surgiu como reação a um estado de *perigo*, e agora é reproduzida sempre que um estado desses se apresenta” (p. 74).

125 A Ideia platônica é composta de forma, unidade, identidade, extensão, compreensão, ser, contorno externo geométrico, estrutura interna de uma figura visível e inteligível, etc. Paul Ricoeur em “Signification de l’Eidos’ platonicien”. *Platon et Aristote* (1953-1954, p. 2-3).

126 Hegel e Freud são cientistas formados no caldeirão das transformações advindas do solo europeu capitalista. Ambos identificam os sintomas da decadência do mundo subvertido pelo poder da fortuna e da força maquinadas. Um mundo que perdera toda a sua efetividade real, entrando em oposição com a formação cultural de base religiosa, por exemplo. Hegel expressa da seguinte forma esta dissociação na *Fenomenologia*: “essa oposição vem a tornar-se crime quando o indivíduo suprassume essa efetividade de uma maneira apenas singular; ou vem a tornar-se um outro mundo - outro direito, outra lei e outros costumes, produzidos em lugar dos presentes - quando o indivíduo o faz de maneira universal e, portanto, para todos” (2011, p. 219). Dirá Freud em *O futuro de uma ilusão*: “como sabemos, já se admitiu que a religião não exerce nas pessoas a mesma influência de antes (falamos da cultura europeia cristã)” (FREUD, 2014, p. 277).

O conceito (*Begriff*) de Ideia, em Hegel, apreende a Ideia¹²⁷ a partir de seu desvelamento total que permeia o campo representacional da História do saber absoluto como matriz disposta enquanto unicidade do Ser. Tal Ideia é um reflexo do pensamento como conhecimento concreto que se configura no conceito como uma imagem de uma figura formal disponível no mundo sensível e visível. Ela é uma inteligência lógica do ser que tem o poder de clarificar um certo tipo de unidade que existe na relação que envolve a particularidade de algo que se quer conhecer, que neste caso, é uma Coisa que tem uma existência essencial refletida no campo da consciência filosófica como cultura particular de um sujeito. Em *Princípios da filosofia do direito*, acerca “Da sociedade civil”, Hegel expressa: “mas só por meio desse esforço da cultura é que a vontade objetiva atinge a objetividade, até no interior de si, só por este esforço se torna capaz e digna de ser a realidade da idéia” (HEGEL, 1997, p. 172).

As escolas de pensamentos pré e pós-socrática são marcadas pela criação de conceitos científicos surgidos no campo do edifício deste saber enquanto Ideia de uma cultura científica distendida no interior do Estado. O intuito desta ação demarca a fronteira de pensamento que está envolta do que é comum (*dóxa*) e do que é pensamento filosófico-conceitual (campo epistêmico do saber científico).¹²⁸ O plano do conceito forma um sistema de efetividade refletida no saber que sabe sobre o saber como verdade. Hegel diz que o saber absoluto é a única verdade imutável de ser inquestionável por fazer parte do campo absoluto que traduz a Ideia de divino, ou seja, a Ideia mesma de Deus¹²⁹ como bem universal comum a todos os seres vivos existentes

127 A Ideia como conceito advém da “exposição” do saber absoluto (objeto esférico) proferido pelo exame lógico-metafísico-universal. Na concepção de Salgado, a Ideia está para o Ser como totalidade do conceito mediatizado pelo movimento dialético apreendido pela ciência filosófica. “A Idéia é, com efeito, a própria Lógica que, por sua vez, nada mais é do que a sua *exposição*” (SALGADO, 1996, p. 107).

128 Zizek observa que esta fronteira é vista segundo o pensamento hegeliano radicado na periferia dialética, que abre a possibilidade de aflorar *narrativas contínuas* a partir da descrição do “Velho e o Novo”. Ou seja, para ele, “em outras palavras, a dialética de Hegel é a ciência da lacuna entre o Velho e o Novo, da explicação dessa lacuna; mais especificamente, seu verdadeiro tema não é a lacuna entre o Velho e o Novo, mas seu redobramento autorreflexivo – quando descreve o corte entre o Velho e o Novo, ele descreve ao mesmo tempo a lacuna, dentro do Velho em si, entre o velho ‘em-si’ (como era antes do novo) e o Velho retroativamente posto pelo Novo. É por conta dessa lacuna redobrada que cada nova forma surge como uma *criação ex nihilo*: o Nada do qual surge o Novo é a própria lacuna entre o Velho-em-si e o Velho-para-o-Novo, a lacuna que possibilita qualquer explicação do surgimento do Novo nos termos de uma narrativa contínua” (ZIZEK, 2013, p. 117).

129 Sobre a verdadeira natureza do Ser, diz Salgado: “como a Lógica é o pensar de Deus antes da Criação, segundo Hegel, não há aí consideração de sucessividade. Pensar esse nada que se representa na figura da criação concomitantemente com o ser, o nada que é ausência do começo e o ser que é a presença do começo, a um só tempo em movimento, é pensar o absoluto na sua imediatidade. Não é, entretanto,

no universal. A Ideia, neste caso, pode ser traduzida por conceitos tais como *noumenon* ou *phainomenon*. “Como disse Hegel com uma clareza insuperável na Fenomenologia: por trás da cortina dos fenômenos, só existe o que os coloca lá” (ZIZEK, 2013, p. 126).

Primeiro vem o ser enquanto unidade negativa e positiva; o segundo é o universo múltiplo originário gerado pelo *noumenon* dessa Ideia. É o que Platão chama de Uno e de múltiplo, que para Hegel é a vida do todo como finalidade efetiva. O que interessa a este pensador é definir o que é o mundo através da Ideia científica conceitual proveniente da escola de Filosofia. Da Ideia de absoluto lógico surge o conceito de natureza condicionado por este saber, e da Ideia de natureza surge a Ideia de Espírito condicionado pelo saber da natureza transformada pelo trabalho. Para Hegel, o mundo do *noumenon* e do *phainomenon* formam a Ideia de círculo lógico suprassumido na Ideia mesma de Lógica, Natureza e Espírito. A vida no universal, ou seja, a vida dentro do mundo é vista como algo imediato em seu estado primitivo. O conceito, a partir disso, codificou o uso do objeto conceituado por sua determinação lógica e com isso ele deu vida a uma Ideia, por exemplo, a Ideia do conceito de liberdade. Pois, no pensamento hegeliano a respeito desta ideia está inscrito (HEGEL, 1990, p. 65):

a liberdade não predominou repentinamente nos Estados, nem a razão nos governos e constituições. A aplicação do princípio às condições seculares, toda a moldagem e interpretação da sociedade constituída por este princípio, é precisamente o demorado processo da história. (...). A história do mundo é o avanço da consciência da liberdade – um avanço cuja necessidade temos de investigar.

O conceito de Ideia tem suas raízes edificadas no desenvolvimento lógico do Espírito do Ser sediado no tempo, tendo a natureza como a Ideia mesma desenvolvida no espaço da consciência que a cria como liberdade e Razão. A Ideia como expressão da forma absoluta do Espírito é a ratificação do movimento dialético enquanto ideal que nasceu no mundo grego. Eis a comprovação desta investigação. Platão chama de *eidos* esta imagem oriunda das formas visíveis e inteligíveis disponíveis no universo livre. Este filósofo denomina este conceito com o Bem na medida em que as ideias dão origem a um sistema de hierarquias de valores tendo como a Ideia do Bem o seu maior valor. Assim expõe Platão (505a), no livro IV, *A República*, a respeito do assunto: “uma vez que já me ouviste afirmar com frequência que a idéia do bem é a mais elevada das

intuição ou evidência que nos daria o ser como pressuposto, fora do pensar” (SALGADO, 1996, p. 110-111).

ciências, e que para ela é que a justiça e as outras virtudes se tornam úteis e valiosas” (1949, p. 301). O plano da Ideia do Bem universal é a realidade efetiva como expressão do governo antropogênico da Razão na História. A Ideia do eterno Bem é a Ideia máxima que marca a natureza de Deus com a fixação desta biografia teológica deixada pelos filósofos antigos que desvelaram este conceito para o mundo sem caricatura antropomórfica. Sobre a escola Eleática, Hegel considera o estudo dedicado ao ser absoluto com o mais importante dos acontecimentos em Filosofia radicado por ela. Assim pensa ele a respeito deste assunto, a saber (1973, p. 75):

então, o verdadeiro somente é que Deus é o um – não no sentido de que haja *um* Deus (isto é, uma outra determinação), mas de que ele é apenas este igual a si mesmo; nisto, pois, não está contida outra determinação que na afirmação da escola Eleática. A reflexão moderna percorreu, sem dúvida, um caminho mais longo, não só através de representações filosóficas e predicados de Deus – até esta abstração que tudo destrói; mas o conteúdo, o resultado é o mesmo.

A Ideia de ser absoluta é objeto de estudo da ciência da lógica que se configura em-si e para si dentro da História universal.

O trabalho moral e ético realizados neste círculo absoluto em si e para si demonstra que as primeiras culturas, abarcadas pelo saber sensível, são aquelas que cultuavam o solo e domesticavam animais e plantas para sobreviverem dentro de um regime autônomo de produção material tendo Deus como causa da própria natureza (Deus *sive natura*). O Espírito absoluto é a concretude desta Ideia porque ele é o puro trabalho que se realiza materialmente até se transformar em consciência viva, que neste momento é uma consciência não-reflexiva, não-histórica, não-racional. A Ideia é também a revelação autodesenvolvida pela essência da ideia-em-si e fora-de-si enquanto manifestação de um processo lógico-temporal-espacial. A partir disso, observa-se que a História universal abarca todas as perspectivas ideais elucubradas pela essência de Deus como a revelação do Espírito absoluto do Ser como substância e essência (primeiro momento, saber imediato), e também como História do Estado-civilização e do Estado-cultura (saberes mediatizados), até chegar na modernidade, ele aparece como nada, isto é, como vazio de conteúdo para a consciência de certos sujeitos criminosos.

O conceito de Deus segundo esta unidade é o espírito ossificado deste corpo suprasensível, sendo que este espírito na sua dimensão eterna é a manifestação elementar desta existência particular vista dentro de uma totalidade revelada por um Eu

mediatizado, isto é, educado em preceitos científicos.¹³⁰ O sistema do Espírito recalcado no conceito de Ideia representa a vida do todo, primeiramente, logo após ele é abstraído dialeticamente pela natureza e também pelos povos que tinham a “história” voltada para si enquanto particularidades de seus sistemas fechados repletos de conteúdos retirados da natureza da *Bildung*.¹³¹ Estes espíritos são partes da Ideia absoluta enquanto dobra da ação trabalhada realizada por seus respectivos corpos perante este saber absoluto como resultados destas formações elementares. A Ideia é também a negação disso tudo. No livro *I – a ciência da lógica*, Hegel expõe o seguinte a respeito do assunto: “na idéia, não se trata de um ‘este’, nem de representações nem de coisas exteriores” (HEGEL, 1995, p. 348).

O filósofo sintetiza este conceito dizendo que ele é visto da seguinte forma: é razão como trabalho dialético do espírito, é sujeito e objeto, é a unidade do ideal como também do real, é o mundo infinito e finito, é alma e é também corpo; é a possibilidade de sua efetividade em si mesma, é natureza existente (p. 350). A Ideia do Bem (Deus *sive* absoluto) prevalece também como processo em que está assentado a ideia de vida imediata e de vida mediatizada como diferença. Esta é teoria e práxis absoluta refletida para toda diferença vinculada a esta unidade imóvel, móvel, subjetiva, objetiva, essencial e substancial.

O espírito é representado por Deus enquanto perfeição conceitual que representa o Uno criador, controle de si, toda eletricidade existente no cosmos, justiça, desejo

130 O ser do pensamento absoluto é o Eu que realizou o percurso dignificado pela cultura filosófica. Ele chegou ao final do trajeto tirando a prova a respeito deste saber divino que é visto como círculo finito e infinito. Círculo em que repousa o ser e o nada e também o *dever* do movimento absoluto. Ao superar os momentos de dificuldades que recaem sobre este caminho tortuoso, o ser acaba se identificando com o todo que é atributo da reflexão acerca deste caminho percorrido pelos antigos e também pelos modernos filósofos. “Tomados separadamente, o ser e o nada são abstrações vazias, de tal modo que a identidade do ser com o pensar é ainda o puro abstrato, não concreto. A primeira determinação do pensar concreto não é o nada nem o ser, mas o movimento de passagem de ambos, o *dever*, que aparece na Filosofia da natureza como *vida* e na Filosofia do Espírito, como *espírito*” (SALGADO, 1996, p. 112).

131 Na *Introdução à história da filosofia*, Hegel distingue a cultura da cultura metafísica. “A cultura consiste nas idéias gerais enquanto imagens generalizadas e nos fins práticos dentro do âmbito de determinados poderes espirituais que regulam a consciência e a vida. (...). Numa cultura mais elevada, estão do mesmo modo implícitas as relações de causa e efeito, de força e de manifestação, etc. O inteiro saber e todas as representações da consciência são compenetrados e governados por tal metafísica, que é a rede em que aparece tomada toda a matéria concreta que ocupa o gênero humano na ação e nos impulsos. (...). Nós, alemães, somos raramente inclinados a considerar como filosofia a cultura científica geral; não falta, no entanto, vestígios desta tendência, como, por exemplo, no fato de a faculdade filosófica compreender todas as ciências que não tem por fim imediato a igreja e o Estado” (1980, p. 357-358).

negativo e Ideia absoluta¹³² que dignifica o sentido próprio de ser da liberdade das culturas dentro do *lógos* eterno positivo. Isso só se torna compreensível quando se observa a abstração psicológica proveniente do espírito e de seus mecanismos de entendimento radicado no universal e por último quando ele ganha um corpo formal radicado no poder do Estado enquanto sobrecodificação da Ideia primeira assentada na manifestação das culturas. Tal poder cria a letra como forma de escrever a história que ganha um deslocamento universal como motor da Razão na História de sua verdadeira natureza física e metafísica. Hegel coloca a seguinte questão acerca desta compreensão, a saber (1990, p. 61):

a questão de como a Razão é determinada em si e o que é a sua relação para com o mundo coincide com a questão: *qual é o objetivo final do mundo?* Esta questão pressupõe que o objetivo seja realizado e compreendido. Duas coisas devem, então, ser levadas em consideração: em primeiro lugar, o conteúdo deste objetivo final, a sua determinação como tal e, em segundo lugar, a sua compreensão. Para início de conversa, deve-se observar que a história do mundo está no domínio do Espírito. A palavra ‘mundo’ inclui a natureza e a natureza psíquica.

A produção conceitual da Ideia é amplamente abstraída pela contradição que lhe é peculiar dentro do sistema de valores simbólicos culturais em que o mundo é ao mesmo tempo, para estes agrupamentos, natureza e psique. O homem é um animal que produz símbolos dentro deste mundo a partir de sua psicologia trabalhadora. O seu juízo de verdade repousa no entendimento da causa primeira como singularidade que é em si mesma e para si mesma determinada pelo saber dialético. O sujeito e o predicado são juízos que determinam a natureza do particular e do singular enquanto partes deste movimento dialético (natureza e cultura). A existência real do sujeito é imediata pela singularização do ente na sua forma abstrata. O conceito forma com isso um juízo segundo a predicação do sujeito no universal abstrato e subjetivo. Então, tal consciência-de-si existe segundo o elemento que é positivo: o singular que representa o universal; ou, o negativo: a singularidade que não está na forma universal-abstrata, ela é aqui um particular; ou ainda, está na infinitude recalcada no juízo que cria a forma singular a partir da universalidade presente concreta e objetiva. Como podemos superar

132 Na visão de Salgado acerca do conteúdo da verdade absoluta, diz que “a Idéia é verdade porque dialética, e dialética porque verdade. Só é verdade se considerada com identidade concreta, ou seja, do finito e do infinito, do conceito e do objeto. Só é verdade como identidade da identidade e da diferença” (1996, p. 210).

o juízo da existência concreta? Tal superação é uma fantasia, pois o concreto, para Hegel, é o absoluto, isto é, a metafísica da vida do todo. *O concreto deve devir por si mesmo; como em si ou possibilidade, é somente distinto em si, não ainda posto como distinto, mas ainda na unidade. Portanto, o concreto é simples e, ao mesmo tempo, diverso.*

Hegel mostra que o teor educativo proveniente desta ação concreta provoca no pensamento proferido por conceitos uma demonstração da práxis filosófica enquanto Ideia. Esta práxis é sediada pelo processo de formação do sujeito para adquirir ciência, que neste caso, é a cultura filosófica que fornece o conteúdo desta ação sócio-educadora. No prefácio da *Fenomenologia*, escreveu Hegel (2011, p. 27),

a verdadeira figura, em que a verdade existe, só pode ser o seu sistema científico. Colaborar para que a filosofia se aproxime da forma da ciência – da meta em que deixe de chamar-se *amor* ao *saber* para ser *saber efetivo* – é isto o que me proponho. Reside na natureza do saber a necessidade interior de que seja ciência, e somente a exposição da própria filosofia será uma explicação satisfatória a respeito.

O processo da história em que tal concepção de Filosofia é vista pelo Espírito da imanência absoluta, em que tudo está ao seu redor como condição imanente do espírito com a natureza divina, condiz com a educação do sujeito para apreender o ser-lógico objetivo e o ser-lógico subjetivo, lógica do ser e lógica do pensar, dentro dessa figuração emblemática. Isso faz parte da ação de si próprio como cultivo de si que constrói uma identidade singular na esfera da mecânica terrestre com o *lógos* universal (o ser e o outro do pensamento). Este momento é agraciado pelo princípio do percurso da negação imanente vista pela construção da identidade de si que é distinta e que se relaciona com o Ser absoluto de forma objetiva.

A substância universal, que é eterna e por isso não pode ser destruída, é ela mesma igual para si própria. A natureza deseja esta substância primeira como forma de recalcar as suas forças provenientes deste campo absoluto. O Espírito que já é uma produção de desejo de desejo recalcado forma todo o material que é produzido pela cultura no seu sentido universal. O fluído energético que é produzido por esta figuração formal aparece na cultura como linguagem divina, ou seja, ele simboliza a Ideia de Deus para autoconsciência cuja verdade desde desejo é revelada como sendo o seu ser outro que é a sua própria vida. “Ou seja: o círculo eterno do saber absoluto, mesmo estando

no tempo, não está em relação com o tempo; e o conjunto do saber só é absoluto na medida em que implica um círculo eterno que se refere unicamente à eternidade” (KOJÈVE, 2002, p. 325).

A dinâmica lógica do puro desejo dialético, atrelada ao saber absoluto da Ideia que incide na natureza como também na vida do espírito das culturas, será demonstrada a partir da descrição da figura geométrica circular superior que as engendram como parte integrante deste todo divino que se apresenta como o antes e o depois da criação de todo o mundo.¹³³ O círculo apresentado exemplifica o resultado encontrado pelos antigos filósofos a respeito do tempo que é circular. O saber absoluto na Filosofia hegeliana é simbolizado pelo círculo. Explica Kojève: “o círculo traçado pode simbolizar a totalidade do saber: tanto do saber referente ao homem-no-mundo (temporal) quanto do saber referente ao que está fora desse saber, isto é, fora do homem-que-existe-no-mundo, e do mundo-que-explica-o-homem-existente (isto é, temporal)” (p. 322). A Ideia mesma de Deus é exemplificada por esta figuração da consciência-de-si em sua experiência singular.

Eis a verdadeira figura deste círculo que é o motor de base física radicado no movimento¹³⁴ lógico-metafísico-universal de todos desejos:

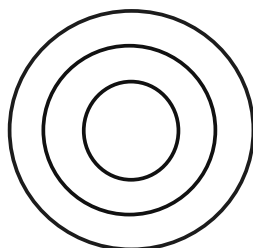


Fig. Círculo de círculo de desejos.

133 Toda e qualquer máquina pressupõe um movimento mecânico que maquina o desejo e o movimento da *dynamis* que saem de seu estado de repouso segundo a disposição do eterno motor imóvel. Hegel na *Enciclopédia das Ciências Filosóficas*, no livro II, sobre *A mecânica absoluta*, demonstra que este corpo esférico universal é abstraído por três tipos de movimentos circulares. “Existem assim aqui em geral três movimentos: α) o mecânico, comunicado de fora, o qual é uniforme; β) o semi-condicionado e semi livre, o da queda, onde o ser-separado de um corpo em relação a sua gravidade ainda é posto contingentemente, mas o movimento já pertence a própria gravidade; γ) o movimento incondicionalmente livre, cujos momentos capitais propusemos, a grande mecânica do céu. Este movimento é uma curva; nele é simultâneo que os corpos particulares a si se põem um corpo central. O centro não tem nenhum sentido sem a periferia, nem a periferia sem o centro, o que faz desaparecer as hipóteses físicas, que partem hora do centro, ora dos corpos particulares e como originário ora estes ora aquele” (HEGEL, 1997, p. 90).

134 “O círculo constitui, sem dúvida, a imagem que naturalmente ocorre para traduzir a perfeita adequação da totalidade, verdade e realidade, para mostrar o caráter absoluto do saber e para caracterizar devidamente a figura do próprio pensar hegeliano” (FERREIRA, 1992, p. 218).

O desejo, *Begierde*, como vida geral do todo é caracterizado pelo seu duplo aspecto em que aparece a negatividade absoluta que está associada ao seu lado positivo enquanto matriz formadora deste círculo lógico universal. A parte superior desta unidade cosmológica está associada ao seu aspecto puramente abstrato, como já foi colocado no capítulo anterior, ou seja, ela começou a ser dissecada pelos filósofos naturalistas como também pelos filósofos humanistas como sendo ela mesma o círculo do Bem absoluto radicado no desejo geral. É o desejo dessa totalidade que abraça as demais esferas.¹³⁵ A segunda parte está representada pelo segundo círculo que se encontra dentro deste primeiro. Ela é o seu lado negativo visto pela lógica da razão dialética vinculada a produção orgânica da natureza. O terceiro círculo esférico é o círculo menor que descende dos dois círculos anteriores. Ele é a especulação positiva do Espírito que caracteriza a autoconsciência da vida ética de um povo no seu sentido ainda primitivo. É com a formação do Estado que essa autoconsciência imediata será dobrada segundo seu aspecto reflexivo a partir da ordem do pensamento concreto, visto e revisto neste trabalho dissertativo a partir da tomada de consciência-de-si dessa máquina na História universal. O movimento desta totalidade viva é observado como a manifestação da própria dialética consumada na lógica mesma deste pensamento que representa o absoluto que é o *devoir* de algo que se move e com isso gerando movimento para outros corpos a partir desse movimento primeiro mecânico em que a alteridade do desejo se apresenta em seus respectivos sinais de negação e afirmação.¹³⁶

Hyppolite em *Genèse et structure de l'aphénoménologie de l'esprit de Hegel* versa sobre “Le monde de la culture et de l'aliénation” como sendo ele mesmo o momento singular desta substancialidade superior em si mesma em que se configura o processo dialético hegeliano como parte integrante dessa lógica formal e ideal. Assim

135 Na concepção que remete a filosofia primeira, Hegel diz que o essencial e o inessencial, o repouso e o deslocamento, são frutos da verdade deste movimento circular. “Perante o tribunal desse movimento não se sustentam nem as figuras singulares do espírito; pois aí tanto são momentos positivos necessários quanto são negativos e evanescentes” (2011, p. 53).

136 *Menos que nada: Hegel a sombra do materialismo dialético*, livro escrito por Slavoj Žižek, na “Introdução - *Eppur si muove*”, ele mostra que este trabalho procura evidenciar *todas as consequências ontológicas desse eppur si muove*. “Eis a fórmula em sua forma mais elementar: ‘mover-se’ é o esforço de alcançar o vazio, isto é, ‘coisas se movem’, existe algo, ao invés de nada, não porque a realidade é, em excesso, mais que nada, mas porque a *realidade é menos que nada*” (ŽIZEK, 2013, p. 14). Na *Fenomenologia* Hegel escreve sobre o saber deste conteúdo orgânico em sua totalidade especulativa, a saber: “a figura concreta, movendo a si mesma, faz de si uma determinidade simples; com isso se eleva à forma lógica e é, em sua essencialidade. Seu ser-aí concreto é apenas esse movimento, e é ser-aí lógico, imediatamente” (2011, p. 60).

pensa ele (1946, p. 379):

la dialectique de Hegel sur les moments de la substance se reproduit toujours de la même façon, elle est donc assez facile à saisir *in abstracto*. La substance est d'abord *en soi*, elle est l'être *égal à soi-même*, mais en tant que telle elle est l'abstraction de son altérité, elle est le contraire d'elle-même, elle est donc l'*être-pour-de-l'autre* ou l'*inégalité avec soi*. Enfin elle est dans cette altérité, son retour à soi, son devenir pour soi. Être-en-soi, être-pour-de-l'autre, être-pour-soi, constituent les moments dialectiques de la substance qui, comme totalité, est l'être-en-soi-et-pour-soi. Cette dialectique se retrouve, selon Hegel, dans éléments naturels: Air, Eau, Feu, Terre.

A produção destes elementos compositores e decompositores supressumem a vida existente em todo universo geológico¹³⁷ recalcado pela força do saber absoluto que os geram em sua diversidade. Este saber se torna necessário a partir do desenvolvimento da inteligência que toma consciência-de-si no jogo da representação cultural filosófica enquanto Ideia da ideia que é duplamente dobrada sobre si mesma como desejo de desejo, ou até mesmo, substância das substâncias que é em si e igual a si mesma neste círculo de círculos. Isso é a pura manifestação de uma síntese histórica ratificada pelos estudiosos da *physis* e da psique. Acerca deste assunto dirá Kojève: “o universo das idéias, a idéia das idéias, é para Platão o que Hegel chama de conceito (*Begriff*) ou idéia, na *Logik*. O mundo dos fenômenos é o que Hegel chama de existência-empírica (*Dasein*)” (KOJÈVE, 2002, p. 321).

O desejo absoluto é representado por uma relação substancial concreta neste mundo fenomênico que apresenta determinação livre e subjetivamente formal segundo a lógica conceitual criada por sujeitos educados em Filosofia. Dentro deste todo (universal), o particular e o singular formam os conteúdos simples de origem circular.

Os filósofos a partir dessa descrição geométrica relacionada ao todo narraram a história da vida do mundo segundo a visão da ciência filosófica. O conceito concreto não pode ser vazio de conteúdo, pois ele expressa a simplicidade do universal que é infinita, imanente e determinada pelo círculo de desejo criador que é um ser simples e singular. Este se abre para o exterior segundo a sua formalidade animada pela psique na

137 A terra é vista dentro deste ciclo como processo universal; vivificação e fecundação; produto de suas alterações no decorrer da história de sua revolução. Sobre “A natureza geológica”, Hegel expõe na *Enciclopédia das ciências filosófica*: “esta totalidade imediata pressuposta a ela própria pela totalidade subjetiva é apenas a *figura [Gestalt]* do organismo - o corpo terrestre enquanto *sistema universal* dos corpos individuais” (1997, p. 357).

qual o universo da ordem finita é representado pelo movimento dialético da Coisa absoluta infinita. A Razão de ser deste movimento está no seu conhecimento apreendido pelo espírito sintético que é o seu coração. O puro Eu é apresentado dentro da formulação conceitual através de suas quantificações e de seus desejos mecânicos, químicos, físicos, metafísicos (*teológicos*) e fisiológicos apresentados dentro de uma linguagem simbólica geométrica simples. Ou seja, mostrará Kojève em *Nota sobre a eternidade, o tempo e o conceito* (2002, p. 326-327):

Consideremos o mundo. (...). Em uma linguagem teológica simbólica, é possível afirmar que só há ciência relativa ao mundo na medida em que esse mundo implica elementos geométricos. (...). Com efeito pode falar da geometria: ‘o círculo’ é também uma palavra que tem sentido (e é possível dizer o que ele é), em oposição a uma integral não espacializada, por exemplo, que só se pode exprimir por um algoritmo. Portanto, o sistema teológico pode construir uma geometria real, ou seja, uma física geométrica, e nada mais. Ora, essa física pode dizer que a Terra é redonda, mas não consegue dizer por que ela atrai os objetos pesados (porque a força de atração, como toda força, é um fenômeno não apenas espacial, mas também essencialmente temporal); por isso, ela não pode dizer o que é a terra como Terra, planeta no qual crescem árvores e vive o homem.

Consideremos agora o homem: estamos diante dele na mesma situação. Só há ciência verdadeira que se refira a ele na medida em que ele é referido à eternidade. Posso demonstrar a existência de Deus: é uma verdade eterna.

Ou seja, a Filosofia se preocupa em revelar o que é o mundo como um fato total de toda realidade a partir do próprio ser que é o homem consciente de si (o Si, em-si e para-si). O eterno, o temporal, não como sistemas teológicos aplicados a *dóxa* do saber, mas como círculo definitivo em que o próprio homem se torna portador de uma ciência que revela a verdadeira identidade de Deus para o mundo como substância e sujeito.

O saber absoluto é pleno, infinito, negativo, físico e teológico, cujo conteúdo material é o desejo em estado absoluto de governo refletido na consciência desse sujeito que trabalha para revelar o conhecimento deste saber para o mundo.¹³⁸ Estes são objetos do Espírito cultuados dentro da cultura filosófica atribuída ao sujeito pensante. O finito, neste caso, é o reino dos fins conjugado na Ideia formal do ser símbolo esférico. Este é

138 Sobre “O governo absoluto”, Hegel comenta: “ele parece ser imediatamente o primeiro estado, porque este é para os restantes a potência absoluta, a realidade da absoluta eticidade e o espírito real intuído dos outros, que estão ainda no particular. Somente ele próprio é estado contra estado e deve haver algo de mais elevado do que ele mesmo e do que a sua diferença perante o outro estado” (1991, p. 68).

o movimento dialético referente ao Ser duplicata e interativo formado neste espaço. É duplicata porque ele só se apresenta na forma como ele é em relação com o objeto que é o mundo. É interativo pelo fato desse desenvolvimento se realizar numa relação do sujeito com outros sujeitos dentro do objeto. Kojève diz que existem dois estágios complementares que torna esta ação válida dentro da compreensão do campo filosófico, a saber (p. 49):

1º estágio: Ser por e para um outro (ser negativo). O ser-para-si nega os outros; mas Ser para si é também Ser para os outros. Logo, ele nega a si ao negar o outro. 2º estágio: Ser em e para si. Negação do outro (Ela não é absoluta. Não é o outro que é negado, mas a posição do outro no início do movimento dialético, no qual ele é puro Ser-para-si).

A Ideia recalcada no conceito foi apresentada de acordo com seu conteúdo filosófico abstraído pela ciência utilizada pelos antigos pesquisadores da *physis* e da psique que compreenderam muito bem o sentido deste movimento como ontologia descritiva de toda a vida. O edifício do sistema científico hegeliano, a partir da *Fenomenologia do Espírito* passando pela *Enciclopédia das Ciências Filosóficas*, se abre para o encadeamento das ideias a respeito deste Espírito que só pode ser conhecido pela reflexão do intelecto na sua formação filosófica dignificada pelo caminho traçado pelo entendimento do sujeito que começa a ser trilhado dentro do não-saber filosófico. É a alegoria da caverna descrita por Platão em seu sentido universal que se torna objeto de análise científica para identificar quem é o portador desta verdade, ou seja, quem é filósofo. Este apreende o caminho que é sediado pela desconstrução histórica referente ao fazer das culturas, aos saberes dos Estados e aos sujeitos históricos que criaram conceitos filosóficos. Eis o seu ponto de partida e de chegada expresso como forma de sair do universo da mitologia poética do mundo das opiniões formadas. Ou seja, assim o progresso advindo do mundo científico vinculado à Filosofia deu um salto quântico deveras importante para o esclarecimento dos conceitos utilizados pelos filósofos que influenciaram Hegel nos seus estudos científicos.

Sobre o *lógos* platônico acerca do movimento absoluto do *devir* sedimentado na dialética e arregimentado por esse círculo que engendra as forças, dirá Hegel (2011, p. 69):

mas, segundo entendo, muitas vezes já se colocou em seus mitos, sem valor científico, a excelência da filosofia de Platão. Também houve tempos, que até se chamaram ‘tempos de misticismo visionário’ quando a filosofia de Aristóteles era estimado por sua profundidade especulativa, e o Parmênides de Platão, de certo a maior obra-prima da dialética antiga, era tido como a verdadeira revelação e a *expressão positiva da vida divina*.

Essa forma de conceber o divino marca a existência do pensamento hegeliano segundo o entendimento que Hegel tem de sua formalidade originária, que se baseia em princípios adotados por estes filósofos.

Jean Hyppolite escreveu sobre o sentido da negação da negação como forma de saber da experiência do sujeito que a reconhece como forma de apreender o caráter do movimento dialético radicado na natureza do saber sensível com o seu próprio objeto imediato¹³⁹ em que esta vida é divinizada. Este conhecimento se encontra formado no espírito filosófico de Hegel como bem foi demonstrado na citação acima referendada. Hyppolite quer compreender, a partir da escrita da obra *A fenomenologia do espírito*, toda a gênese e estrutura do sistema de pensamento científico elaborado por Hegel. O começo da criação de seu sistema começa pela apresentação da obra citada acima e depois se complementa com a *Enciclopédia das ciências filosóficas*, tendo o seu acabamento a partir da criação deste sistema científico-filosófico absoluto que compreende a natureza dos círculos universais enquanto causas de um todo formal, material, eficiente e final. É a partir desse princípio que Hegel elabora um pensamento que se opõe aos ditames de seus rivais históricos que são vistos nos campos da política, da religião, do senso comum e na cabeça de todo *lógos* despótico de governo. A Filosofia profere uma linguagem que não é de cunho popular. Ela refuta esta estrutura geral que está controlada pela disposição da máquina política que não aceita a Filosofia por ser um saber perigoso para o controle despótico. A sua condição de ser, que a eleva às alturas, é a liberdade de pensar segundo as criações de teorias e conceitos.

139 O movimento desse círculo é puramente lógico. Este impulso desejante engendra o universal e o particular, a unidade e a multiplicidade dos corpos segundo processo antropogênico em que é formado a primeira consciência. Sobre a certeza sensível como ponto de partida para compreender toda Filosofia hegeliana segundo o exame da consciência natural, Hyppolite diz que: “Il est la singularité, le retour à l’immédiateté, mais cette immédiateté est ce qui a la médiation en soi parce qu’elle est négation de la négation, mouvement interne de l’immédiat qui s’oppose à lui-même ou devient ce qu’il est” (HYPPOLITE, 1946, p. 81).

3.1. O filósofo e os seus rivais históricos na alegoria

Assim hoje um filosofar natural que se julga bom demais para o conceito, e devido à falta de conceito se tem em conta de um pensar intuitivo e poético, lança no mercado combinações caprichosas de uma força de imaginação somente desorganizada por meio do pensamento - imagens que não são carne nem peixe: que nem são poesia e nem filosofia. (2011, p. 67-68)

A Filosofia de Hegel se posiciona contra a esta forma de pensar atrelada ao senso comum por ser a sua ciência fenomenológica a raiz do pensamento organizado enquanto método de investigação sistemática de toda a realidade fictícia e não-fictícia dentro desta alegoria. Este é um sinal de fronteira e de rivalidade dentro desta habitação histórica com esta forma de pensar o real sem o uso devido da Razão que não é natural.

Na *Introdução à história da filosofia*, Hegel redigiu um texto que foi o seu “Discurso inaugural” como docente na Universidade de Heidelberg, proferido em outubro de 1816, para demarcar o problema trágico da época presente face a Filosofia na alegoria moderna de seu tempo. Neste trabalho de apresentação da ciência que é a Filosofia primeira e o seu progresso distintivo entre o pensamento grego, romano-cristão e o pensamento germânico, o filósofo chama atenção para o caráter do progresso bárbaro mundial da civilização, recorrendo aos princípios deste saber como forma de sair do silêncio enaltecido em que se encontrara tal tipo específico de conhecimento que desvela o segredo sujo desta máquina burguesa. É o momento da Filosofia, sob o preceito do *lógos* hegeliano, falar em alto e bom som para todo o mundo na medida em que o mesmo mundo possa ouvir a voz de um filósofo que o estuda com base na metafísica antiga e moderna. Neste sentido, a ciência proveniente do *lógos* filosófico resguarda em si o seu fogo sagrado que se confronta com todos os acontecimentos mundiais de guerras históricas que quer ver a chama desse fogo apagada. Hegel não abre mão da luta proveniente deste jogo histórico onde se configura os rivais históricos que fazem fronteira com a Filosofia. Nesta época moderna, o solo europeu estava repleto de arrogância, presunção contaminada e vaidade doentia e além do mais estes operários do novo mundo estavam contra tudo aquilo que manifestava a verdade, ou seja, contra tudo que viesse do eterno advindo do divino absoluto. O poder religioso e o político estavam infectados pelo que não é mais da ordem do sublime. É neste momento que Hegel, desperto deste sono dogmático mundial, eleva a cultura científica proveniente da Filosofia como causa superior do Espírito pensante: a Razão nobre do

ser. Isso sendo um ato de coragem deste Espírito científico que se volta contra as massas governadas por tiranos sofistas a partir de preceitos políticos destruidores de subjetividades. E assim, eles jogam também contra a religião revelada deste espírito e contra a forma de se fazer história sem a existência da voz dos filósofos que desvelam o mundo para o mundo tal como ele é na sua existência fragmentária e unívoca.

E com o processo de modernização do mundo que a Filosofia perde o terreno para as novas formas de saberes técnicos advindo da física, da química, da biologia, da anatomia como também dos empreendimentos da matemática e da arte moderna da guerra.¹⁴⁰ Esta maneira de ver o mundo e até mesmo de fabricá-lo de forma técnica tem uma função, a saber, dominar todos os entes em sua completude lógica para gerir a roda da fortuna abarcada pelo capitalismo burguês. A nova maneira de fazer “ciência” estava sendo desenvolvida de maneira arbitrária pelos doutos de um saber sem espírito. Tal saber, na avaliação feita por Hegel na *Fenomenologia*, por exemplo, garantiria a sustentação da morte do próprio mundo sob a égide de saberes anti-humanos. Hegel quer confrontar toda essa construção de mundo em que está assentado o seu declinar no vazio de todas as representações sócio-culturais com o saber científico que o julga. Para ele, a Filosofia está adornada pela nobreza dos espíritos da Razão reflexionante e pensante-intelectual que adentra nos estudos essenciais das coisas vinculadas ao conhecimento de Deus, da natureza e do Espírito. É a partir desses estudos que a Filosofia ganha a sua herança vinculada à Razão que é a manifestação da história da Filosofia realizada por seus criadores filósofos. Então, com isso, a ciência filosófica é vinculada a uma tradição que antecede o *lógos* hegeliano e que dá sustentação para que o mesmo venha a existir tal como foi pensado e escrito. Antes de Hegel apareceram os antigos pensadores gregos que estudaram a essência da Ideia absoluta na amplitude divina em si e para si. É com Aristóteles¹⁴¹ que o pensamento filosófico realiza um salto

140 Hegel no “Prefácio” da *Fenomenologia* observa que nessa época sem espírito, o julgamento do mundo pode ser proferido por qualquer um sem ao menos ter conhecimento no assunto. “Parece mesmo que se põe a posse da filosofia na falta de conhecimento e de estudo; e que a filosofia acaba quando eles começam. Com frequência se toma a filosofia por um saber formal e vazio de conteúdo. Não se percebe que tudo quanto é verdade conforme o conteúdo - em qualquer conhecimento ou ciência - só pode merecer o nome de verdade se for produzido pela filosofia. Embora as outras ciências possam, sem a filosofia, com o pensamento raciocinante pesquisar quanto quiserem, elas não são capazes de possuir em si nem vida, nem espírito, nem verdade sem a filosofia” (2011, p. 67).

141 Aristóteles é o grande sintetizador da história da filosofia. Hegel e Foucault reconheceram isso nele. Tanto os romanos, os cristãos, os germanos e os modernos ruminaram em cima da obra deste filósofo para compreender seus conceitos fundamentais acerca do sistema absoluto de governo. Na *Hermenêutica*

quântico deveras importante para a realização do conceito livre da Ideia radicado na substância, sem impedimento espiritual, que sintetiza a totalidade substancial do universo como gênese deste Espírito cuja subjetividade é abstraída por uma síntese histórica.

O conceito como algo vinculado ao sujeito aparece no *lógos* dos estoicos, epicúreos e no *lógos* dos cétricos, que para Hegel, demonstram o ser em si e o *dever* por si não como liberdade concreta, mas sim separada, abstrata, não livre. Eles mostram o que é o formal e o abstrato universal, e nada além disso. Os descendentes da tradição platônica, diferentes destes *lógos*, os neoplatônicos, trabalham com a Ideia de concreto disposta na totalidade do mundo visível e inteligível. Tal princípio tem a natureza de revelar todo o processo da idealidade assentada em sua forma geral de ser em si e não desenvolvendo uma ideia consciente de si e para si como substância. Platão aponta para o sol como a luz do Bem universal, mas não diz de onde provém esta mesma luz. Deus como sendo a manifestação deste espírito subjetivo e individual enquanto princípio, era visto na autoconsciência como sendo ele mesmo o espírito do mundo. Os modernos tiveram que ruminar em cima do conceito de ideia que está associado ao conceito de Espírito que é consciente de si nesse progresso histórico. A Ideia, neste caso, é consciente à consciência de si da Ideia como necessária à oposição infinita e ao seu próprio contraste dentro deste jogo. Assim, a ciência filosófica chegou na sua completude intelectual com o mundo em que o próprio espírito como ser objetivo do desejo criou um *mundo espiritual* que é o objeto que se encontra “além da realidade presente”. Portanto, é a partir dessa descoberta que Hegel mostra que esta criação do pensamento cria a noção de espírito, ou seja, *o seu trabalho consiste a partir de agora em reconduzir este além à realidade da autoconsciência*. Nesta trajetória, a autoconsciência é pensada desde então enquanto consciência da totalidade objetiva-real, como também pensada na sua positividade intuitiva de *sua realidade à outra*. Ela será pensada como autoconsciência pensada nela mesma como autoconsciência do espírito enquanto subjetividade infinita, negativa para o ser outro. Toda verdade deste saber está

do sujeito, Foucault declara algo de suma importância a respeito deste pensador: “a exceção maior e fundamental é a daquele que, precisamente, chamamos ‘o’ filósofo só, porque ele foi, sem dúvida, na Antiguidade, o único filósofo; aquele dentre os filósofos para quem a questão da espiritualidade foi a menos importante; aquele em quem reconhecemos o próprio fundador da filosofia no sentido moderno do termo, que é Aristóteles. Contudo, como sabemos todos, Aristóteles não é o ápice da Antiguidade, mas sua exceção” (FOUCAULT, 2006, p. 22).

caracterizada pela divisão e oposição do ser e do seu ser-outro, pelo real que é externo e interno cuja essência é o seu próprio movimento de vir-a-ser e perecer como algo que ultrapassa e retorna tal como pensou Heráclito no fluxo do *devenir*. O conceito é absorvido por sua forma contrária, isto é, o Ser e o outro-do-ser. Esta unidade é a identidade deste Ser absoluto na sua produção que revela a sua antípoda. *Assim, através dela própria, produz-se o seu oposto*. Esta oposição não é a simbolização do absoluto. Ela é uma abstração ideal e concreta, unilateral, ou seja, *a oposição é a forma como momento essencial do movimento do absoluto*. *Este não está em repouso, aquele não é o conceito que nunca cessa de produzir*. *Pelo contrário, a Idéia, na sua irrequietabilidade, está em repouso e em si satisfeita*. A dialética do Espírito universal sempre está em movimento contínuo, se autotransformando e se autodesenvolvendo segundo esta satisfação logicamente em seu eterno *devenir*. Tal como o *devenir* da cultura de Estado que passa para o *devenir* de Estado civilização segundo progresso antropogênico sediado pelo motor da história. Mas, esta herança científica de observar e estudar o mundo segundo a observação psicológica sofreu degradação perante o tempo da história do Espírito do mundo atrelado a sua própria devastação. É com a Filosofia de Hegel que este espírito é estudado e reelaborado de forma mais profunda, que dizer, sem falhas. Portanto, esse tipo específico de conhecimento tem uma relação dual prescrita pela educação que se realiza entre o eu e o Outro e entre os seus rivais históricos visto nesta alegoria.¹⁴²

Hegel é absorvido pelo conhecimento da tradição antiga de filosofia que entende que tal saber científico deve ser produto de uma inteligência superior na qual ele, Hegel, é influenciado segundo o seu desenvolvimento apresentado. O fundamento deste saber resguarda o seu fim, ou seja, o fim da filosofia (o seu acabamento final na época de Hegel) prepara o sujeito para tecer uma atividade intelectual deveras perigosa pelo fato desse sujeito identificar a violência da história no tempo como também no espaço como sendo produto do *devenir* deste Espírito sem espírito em toda História universal. É por isso que a Razão nobre é revelada como sendo o oposto dessa contradição em que a história mundial da guerra é apresentada pelo *lógos* científico a partir de seu nascimento e de

142 Na *Fenomenologia*, observa-se a fronteira entre Filosofia e matemática, Filosofia e anatomia, Filosofia e senso comum, Filosofia e sistema de governo despótico, Filosofia e religião. Na *Introdução à história da filosofia*, Hegel mostra que a Filosofia não é opinião partilhada entre os homens de fortuna, ela também não é misticismo oriental e dogma proveniente de castas da igreja cristã ou partido, ela não é uma história de uma Filosofia dita popular (N do T).

sua autoprodução. Esta Razão está vinculada aos sentimentos humanos que visa distinguir os brutos (animais) dos humanos¹⁴³, o mundo da natureza e o mundo da cultura. Sobre a existência do “anti-humano” que é na verdade a máscara mortuária de todo o despotismo advindo da História universal que formou o senso comum a partir de suas forças animais, diz Hegel no “Prefácio” da *Fenomenologia* (2011, p. 68):

enquanto o senso comum recorre ao sentimento - seu oráculo interior - , descarta quem não está de acordo com ele. Deve deixar claro que não tem mais nada a dizer a quem não encontra e não sente em si o mesmo; em outras palavras, calca aos pés a raiz da humanidade. Pois a natureza da humanidade é tender ao consenso com outros, e sua existência reside apenas na comunidade instituída das consciências. O anti-humano, o animalesco, consiste em ficar no estágio do sentimento, e em só poder comunicar-se através do sentimento.

Este *lógos* despótico de dominação e alienação, anti-humano, está voltado para si mesmo neste jogo de forças em que a história é o material mutável do desejo por fazer parte daquilo que se encontra mergulhado no passado, ou seja, no recalque das representações que não existem mais. Para maquiagem o vazio advindo deste jogo, os déspotas recriam personagens heroicos¹⁴⁴ do passado, mítico ou militar, como forma de manter este teatro funcionando para si recalcando as potências advindas deste “senso comum” que se orienta apenas pelos sentimentos imediatos. Ao revelar a consciência despótica para o mundo, o filósofo se torna o rival deste ator político fabricante de véus. Na história da Filosofia, pelo contrário, a verdade é sempre alerta para as coisas que são eternas, verídicas, essenciais, substanciais, humanas e não anti-humanas, ou seja, a Filosofia está preocupada com aquilo que não se transforma, isto é, com as coisas que nunca vão mudar. A Ciência que compreende a mente do mundo associada aos sujeitos descarta a religião, a política, e dentre outras opiniões que são formadas nos agrupamentos culturais dos povos e dos Estados para tomar conhecimento a respeito delas mesmas a partir dessa negação do todo e das partes vinculadas a este todo. É uma

143 Assim diz Maquiavel a respeito dessa dualidade vinculada ao poder político, em “De que modo devem os Príncipes manter a palavra dada”, a saber: “devemos, pois, saber que existem dois tipos de combate: um com as leis e outro com a força. O primeiro é próprio do homem, o segundo é o dos animais. Porém, com frequência o primeiro não basta, convém recorrer ao segundo” (1996, p. 83).

144 Hegel, em *Razão e História: uma introdução geral à filosofia da história*, mostra que a vida destes heróis mundiais, que agem segundo seus planos secretos cujo conteúdo de suas ações, é algo que se mantém dentro de uma ordem oculta, privada, sem que o público tome conhecimento de suas ações reais. A sagacidade da perícia filosófica consegue desvelar seus segredos baseados na destruição do mundo. “A fonte de suas ações é o espírito interior, ainda oculto por baixo da superfície, mas já batendo contra o mundo exterior como em uma casca para, afinal, irromper, deixando-a em pedaços, pois é um núcleo diferente daquele que pertence à casca” (1990, p. 79).

visão de todo o conjunto universal formado e deformado. Hegel observa que a religião, a manifestação mitológica do mundo, a formação do Estado, a história que passa e que abre espaço para outra coisa diferente de tudo aquilo que passou, a saber, as leis, os deveres advindo do universo da cultura como também do universo estamental, são tidos como parentes da Ciência filosófica através da forma tal como a religião que faz ligação com a Filosofia pela substância. Hegel no primeiro momento parte da negação destas formas de pensar o mundo e desta substância religiosa para depois observar a relação advinda destes pensamentos com a própria Filosofia que já é um movimento de cisão com tudo isso. Nada surge do nada. Tudo surge nestes fluxos da história racional.

Toda História universal tem que ser revelada e posta como uma totalidade orgânica que progride racionalmente segundo a maquinação calculadora. Este é o objeto de estudo da Filosofia que para Hegel é digno de ser Ciência do pensamento que estuda a mente do sujeito universal (objeto-sujeito) e estuda também os seus fenômenos acoplados a ele. O fim desse estudo está assentado em toda verdade como adjunção a esta verdade que é imutável e seguindo a partir disso os seus desvios que remete a esta mesma verdade. Ou seja, na visão histórica de Hegel (1980, p. 328):

a filosofia tem uma história da sua origem, da sua difusão, do seu ponto culminante, da sua decadência e do seu renascimento; além disso, uma história dos seus mestres, dos seus fautores e também dos seus adversários; finalmente, uma história das suas relações externas com a religião e, uma vez por outra, com o Estado.

É com essa disposição de fronteira e adversidade que a Filosofia se torna algo que possa ser conhecida “para nós”. Tal investigação visa tratar todo o material histórico deixado pelos que fizeram a história da Filosofia acontecer segundo a sua formação e segundo o seu progresso sediado no tempo e na luta pela afirmação do pensamento conceitual que teve seu início na Grécia. Tal saber é diferente de uma opinião. “Uma opinião é uma representação subjetiva, um pensamento qualquer, uma fantasia que eu posso ter dum modo e outros de outro modo; uma opinião é coisa minha, nunca uma ideia universal que existe em si e por si” (p. 330). A Ciência elaborada por Hegel, neste sentido, não trabalha tecendo opiniões acerca do mundo, acerca das religiões, acerca dos sujeitos de ossos, sangue, carne, acerca das culturas com suas variações linguísticas, acerca dos Estados com suas variações de leis e acerca dos indivíduos dotados de sabedoria filosófica com suas variantes conceituais. A Ciência filosófica faz fronteira com estes tipos específicos de saberes em que a verdade é

embutida e não conhecida, ou seja, o pietismo da fé que não vê a Razão segundo a sua disposição de verdade. Falar franco como demonstra Foucault em seu trabalho citado em capítulos anteriores desta dissertação, é uma palavra deveras importante para a nutrição desta cultura no mundo. Os dogmas políticos e religiosos atrelados ao Estado *kraft* são inimigos desta Ciência por formarem apenas blocos sólidos de opiniões, apenas. Sobre o assunto, observa Hegel (p. 331):

esta oposição entre opinião e verdade, que se delineou claramente, encontra-mo-lo já na cultura do período socrático-platônico (período de decadência da vida grega), como o antagonismo revelado por Platão entre opinião (*dóxa*) e ciência (*epistême*). Idêntica oposição topamos ao tempo da decadência da vida pública e política romana, no reinado de Augusto e mais tarde quando campeavam triunfantes o epicurismo e a indiferença em matéria de filosofia.

Sobre a questão do conceito atrelada ao desejo do sujeito singular como formação da cultura científica de si, Hegel demonstrou, segundo a citação acima, que a Ideia do desejo de criar signos linguísticos para compreender a realidade humana como um todo reflete diretamente sobre a história que narra a vida do mundo como trabalho histórico de todo pensamento epistêmico. Esta cultura não é algo do instinto da natureza, ela também não uma intuição e uma visão sensível do mundo formulada de qualquer forma. A visão do animal é algo do sensível tal como a visão de qualquer ser humano que não se interessa por Filosofia. Qualquer pessoa pode compreender o diverso, o múltiplo por assim dizer, sem ter que realizar um exame profundo sobre a causa primeira que remete a construção de uma lógica formal que sustenta toda a multiplicidade existente. Hegel vê que existem diversas filosofias como existem uma diversidade de línguas e povos, mas para ele só existe uma Filosofia que trata da vida do absoluto e esta não é avessa ao seu conteúdo divino. O sistema filosófico hegeliano mostra que esta forma de pensar segundo a disposição da opinião fantasiada de diversidade é um pensamento sem fundamento, mentiroso e criminoso também. No mesmo texto, diz ele (p. 333-334):

Eu equiparo tal maneira de raciocinar a um doente a quem o médico tivesse aconselhado comer fruta, e que diante de si cerejas, ameixas, uvas, mas que por pedantismo se recusasse a tomá-las pela simples razão de nada do que lhe tinham oferecido era fruta, se não cerejas, ameixas ou uvas.

O caminho do sujeito que realiza o exame científico através de sua consciência intelectual é traçado pelo pesquisador que sai do mundo das opiniões (religiosas, políticas, estatais) para adentrar no reino da verdade como discurso digno de *parresía* que se diferencia de qualquer discurso que não faz um exame conceitual sobre o mundo. Assim o filósofo destrói com a doença do pensar vinculada ao reino da *dóxa*. O reino da verdade é o Uno e o múltiplo segundo a disposição da Razão essencial compenetrada na história da Filosofia que difere da história pura e simplesmente em que a verdade é uma mera passagem do movimento finito e acaba sempre nele. Hegel quer dizer, a partir disso, que a única verdade é produto do saber absoluto enquanto fonte real de tudo que existe sob o céu e a Terra. Ela não é um pensamento morto, vazio, simples, não é isso que Hegel quer demonstrar. O *lógos* científico elaborado por ele é um *lógos* determinado em si e por si como algo formal, ideal, conceitual, substancial, essencial e lógico tal como é apresentado pelo mundo como espelho deste mesmo *lógos*. Para Kojève, “o método filosófico ou científico deve assegurar a adequação do pensamento ao Ser, devendo o pensamento adaptar-se ao Ser e ao real sem modificá-los em nada” (KOJÈVE, 2002, p. 423).

O progresso do espírito filosófico tem uma qualidade, uma dinâmica e uma direção que são próprias ao seu estado de Espírito desenvolvido no tempo, criando com isso um método de análise de toda realidade a partir de seus conceitos e métodos. Esta qualidade é atribuída a sua formação como cultura emancipada que fala sobre o saber do saber dignificado pela ciência filosófica. A sua dinamicidade progride na história contra as fantasmagorias deste saber imediato, ou seja, ela não é um estado dado, inato, e sim uma conquista de certos sujeitos que enfrentaram o terror proveniente do despotismo que um dia tentou dominar este saber outrora disponível na natureza da cultura científica. Os filósofos criaram, com isso, uma espécie de linguagem diferenciada e além do mais produziram os seus conceitos universais tais como o de Ideia cunhado por Platão e sendo este amplamente trabalhado por Hegel em suas obras filosóficas para afirmar as Ideias dos conceitos de substância e de sujeito. Não são os nomes dos heróis da guerra universal que aparecem na história da filosofia, nem dos mitos poéticos populares e sim os nomes dos conceitos universais criados por cientistas que são filósofos. Mas, os filósofos se apropriam destes materiais históricos (mitologias, guerras manipuladas por estes heróis, identidades de culturas e de povos, de indivíduos

singulares que encabeçaram a história universal, etc.) para traçar o plano de seus estudos investigativos segundo a relação intrínseca que ela tem com estes conteúdos lançados pela História do mundo segundo a disposição do Estado. Eles não estão dissociados da história da Filosofia e nem tão pouco da história que engendrou a narratividade da história do mundo. Só que a história da Filosofia aparece como ruptura radical dentro desta História de guerra universal.

O começo da ciência filosófica é abstraído por Hegel na concepção da totalidade do círculo absoluto apreendido pela consciência intelectual que se desenvolve segundo o caminho percorrido, e que em Platão está exposto no livro sete da *República* como forma de alegoria. É o trabalho elaborado pela Filosofia que toma consciência da existência da máquina do mundo não como forma de mitologia, mas como movimento mecânico que dar vida ao todo e a sua própria destruição. Este movimento não é uma causa arbitrária e nem muito menos algo que remonte algum simbolismo já dado na consciência dos sujeitos como um programa computacional. Ele é necessário para a existência do saber imediato que se configura primeiramente na configuração da consciência recalcada na certeza sensível. Por isso que Aristóteles demonstrou que existe uma diferença entre os saberes. O primeiro saber é o sensível destinado a todos os animais e a todos animais dotados de cultura primeira. A ciência é o saber do saber porque ela conhece “as coisas difíceis e que o homem não pode facilmente atingir, esse também consideramos filósofo (porque o conhecimento sensível é comum a todos, e por isso fácil e não-científico)” (ARISTÓTELES, 1973, p. 213). Por isso que a filosofia é a ciência que revela as primeiras causas; é também saber teórico e livre, com ascendência divina que se contrapõe ao furor da ignorância estabelecida do vulgo. Hegel a expressa desta forma: “os pensamentos verdadeiros e a inteligência científica só se alcançam no trabalho do conceito. Só ele pode produzir a universalidade do saber, que não é a indeterminação e a miséria correntes do senso comum, mas um conhecimento cultivado e completo” (HEGEL, 2011, p. 69). Ou seja, a consciência-de-si a partir disso é a vista como o espelho da própria Razão cultivada pela ação pedagógica advinda da sabedoria conceitual filosófica.

A Ciência é entendida por Hegel como sistema filosófico puro do pensamento especulativo que não é algo comum para todos. Um saber que não é um saber meramente dado, ou seja, ele não partiu de pressuposição alguma para se justificar enquanto tal. Ele é o próprio resultado daquilo que é o começo e o fim, mundo e

autoconsciência de si do sujeito. É um saber justificado pelo saber do saber que procura criar as condições necessárias para tomar ciência de toda estrutura lógica-conceitual radicada em outros saberes. Um círculo que engendra outros círculos, por assim dizer. Esta ciência como processo criativo-conceitual e pedagógico parte da desconstrução das antigas opiniões para tomar conhecimento de si dentro de um sistema científico filosófico. Ela é em si mesma o absoluto desvinculado de qualquer coisa enquanto criação conceitual filosófica. O mundo sensível, desvelado pela Filosofia, é apresentado pela consciência natural como objeto para esta consciência. O movimento que acontece na *Fenomenologia* é marcado por uma cisão entre o saber comum (*metafísica ingênua*) com a certeza científica que dignifica todo o processo da experiência da consciência consigo mesma na sua manifestação. Este é o lugar justificado da filosofia como método que pertence a lógica de todo o movimento dialético. Então, o método abstraído por esse movimento, ou seja, pela ciência filosófica, segundo Hegel, “não é outra coisa que a estrutura do todo, apresentada em sua pura essencialidade” (2011, p. 53-54). No outro momento Hegel diz que “o que surge desse movimento, apreendido como resultado, é o negativo *determinado* e, portanto, é igualmente um conteúdo positivo” (p. 62).

Platão já tinha identificado o mundo dos simulacros como sintoma dos recalques em que o saber imediato está inserido como conteúdo negativo sem positividade, após a sua derrota pelo poder despótico. Tal filósofo desenvolveu análises bastante contundentes a respeito das *noções* imediatas que foram se perdendo no decorrer da devastação histórica do mundo promovida por estes heróis que a encabeçaram. Zizek mostra que “o pensamento mítico perdeu sua imediaticidade, qualquer retomada é falsa; depois da cristandade, retomada do paganismo tornam-se simulacros nostálgicos” (ZIZEK, 2013, p. 33). Hegel evidencia este recalque quando fala da perda da substância ética proveniente do avanço da história universal pelo mundo transfigurado na força e na fortuna não como marcha do Espírito radicado nas forças positivas do eterno Bem, mas na inculcação de forças demoníacas advindas do jogo político em que o todo está posto como consumo e devastação.

A descoberta da ação negadora se dá com a construção de uma Filosofia da natureza que tem que negar a natureza do saber imediato para poder afirmá-la enquanto tal. Observou-se neste estudo que Zenão, Parmênides e Platão foram os inspiradores de

Hegel na construção desta ideia que inaugura o primeiro capítulo da *Fenomenologia do espírito* a respeito da certeza sensível. O trabalho da ação negadora se inscreve neste desvelamento em que repousa a negação e a afirmação dos rivais e não rivais, o falso e o verdadeiro, a escuridão e a luz, o homem e a mulher, o nada e o ser, etc. Neste sentido, o movimento dialético¹⁴⁵ está inserido no círculo do trabalho da lógica do *lógos* absoluto, na ciência da Natureza e na Filosofia do Espírito. Ambos realizam o movimento de negação e de afirmação para poderem existir enquanto tais. Comenta Hyppolite acerca desta separação com este saber imediato: “cette première dialectique de la *Phénoménologie*, et celle des anciens philosophes grecs - Parménide ou Zénon - mais c’est surtout à Platon que nous paraît penser Hegel” (HYPPOLITE, 1946, p. 84). Ou seja, a essência verdadeira deste Espírito científico em que a autoconsciência está inserida como *Gnôti seautón*, isto é, o “Conhece-te a ti mesmo” (HEGEL, 1980, p. 342), é para Hegel o movimento que a consciência realiza para chegar na relação sujeito-objeto que é o mundo-da-consciência-de-si que repousa na negação de seus rivais históricos, formando a partir disso o seu afirmar e o seu Ser-em-si absoluto¹⁴⁶ como seu objeto que é algo diferente do diverso, tendo o Uno como base deste entendimento radicado no Ser repleto de conteúdo. Na *Hermenêutica do sujeito*, Michel Foucault explica a natureza existencial deste espírito que obedece a uma regra geral, a saber, que para conhecer o verdadeiro espírito do mundo, e da mente, é necessário conhecer a si mesmo. Um exercício elaborado pela psique do filósofo para a tomada de consciência-de-si do sujeito e do seu objeto. Sócrates é o mestre deste cuidado.

O *gnôthi seautón* (‘conhece-te a ti mesmo’) aparece, de maneira bastante clara e, mais uma vez, em alguns textos significativos, no quadro mais geral da *epiméleia heautou* (cuidado de si mesmo), como uma das formas, uma das conseqüências, uma espécie de aplicação concreta, precisa e particular, da regra geral: é preciso que te ocupes contigo mesmo, que não te esqueças de ti mesmo, que tenhas cuidados contigo mesmo. (2006, p. 7)

O filósofo a partir deste caráter negador e afirmador combate todo sistema religioso baseado na fé hindu ou cristã deturpadas pelos poderes das castas despóticas

145 Na concepção de Castoriadis, sobre “as questões do sistema hegeliano”, em *sujeito e verdade no mundo social-histórico*, “tem-se então, finalmente, a mesma essência, uma, de tudo o que é - *Logos*, Natureza, Espírito são o mesmo que se desdobra através de seus momentos. É preciso então, se se quer ser rigoroso, que toda ilusão tenha uma realidade da qual a Razão possa dar conta” (CASTORIADIS, 2007, p. 428).

146 Ver Hegel “L’être” (1972, p. 39-52).

que não querem ver os sujeitos livres dentro de seus templos. A disposição do medo provocado pelo terror, da intolerância que é declarada segundo os preceitos dogmáticos, são armas de controle despótico dentro deste jogo de dominação e de alienação. Hegel diz que esta diferença entre Filosofia e religião é marcada por este dispositivo de discórdia. Para ele “a religião popular grega perseguiu os filósofos; mas a oposição é muito mais sensível na Igreja cristã. (...). A religião e mais precisamente os teólogos ignoram a filosofia só para não serem contraditos na sua maneira arbitrária de pensar” (1980, p. 362). Esta diferença entre o pensar filosófico científico com o pensar proveniente da religião é uma questão que tem que ser abordada com delicadeza e perspicácia teórica. A primeira perspectiva mostra que o divino não se encontra encerrado antes de tudo de forma objetiva para a consciência. Os reinos misteriosos das consciências que são frutos deste pensamento sensível não é obra do pensamento filosófico, pois este saber desvela todos os mistérios em que estão ancoradas as perspectivas religiosas que fazem disso o seu alicerce de culto: mistérios ocultos, segredinhos de dominações espirituais. Ou seja, Hegel explica (p. 373):

da nossa história da filosofia deve ser excluída a mitologia, e isto porque na filosofia temos em mira não os filosofemas como tais, não os pensamentos implícitos numa representação qualquer, mas sim os pensamentos explícitos e enquanto explícitos: o conteúdo filosófico que a religião possui, mas enquanto tornado consciente na forma de pensamento.

Hegel é o sintetizador moderno que leva a da história da Filosofia a sério como princípio de ser um homem livre para o seu tempo, mesmo sabendo de todos os demônios que atormentavam a vida dos filósofos que se destinavam ao livre pensamento que contrariava as mitologias presas e controladas por tiranos fanáticos e destruidores vinculados a seitas dogmáticas. Ou seja (p. 381),

o escopo da vontade verdadeira, o bem, o justo - no qual sou livre, sou universal, ao passo que outros também eles são livres, também são *eu*, iguais a mim, pelo que nasce uma relação entre livres, e por isso leis essenciais, normas da vontade universal, constituição jurídica -, esta liberdade, topamo-la no povo grego. Por isso a filosofia começa nele.

A Filosofia não é um pensamento adornado pelo medo do pai celestial cujo poder teocrático faz valer a sua autoridade castradora como se observa nas religiões dominadas por ele. Ela é um saber para homens livre que não são libertinos e nem muito menos medrosos. Liberdade, justiça, Bem, constituição, não são coisas para os cabreiros

homens senhores-escravos. As religiões estudadas por Hegel, persa, hindu, chinesa, cristã, egípcia, mongol, africana, têm origem no despotismo, salve o cristianismo primitivo que pregou a liberdade de culto como forma de libertar o homem deste poder natural e opressor. Mesmo assim, ele ainda estava adornado pelo fanatismo de seus sacerdotes que criaram igrejas e que odeiam a liberdade de certos homens, mas amam o sofrimento da cruz preso ao ideal deturpado do herói. Para cada religião existe a sua exceção. O filósofo lida com homens de sentimentos mais apurados e outros que não têm sentimento algum. A obra que prevalece no curso do mundo é na visão de Hegel um contra senso sem limites baseada na alegoria da perversidade despótica. Assim ele expressa o seu pensamento sobre a resistência de certos filósofos que lutaram a favor da virtude do coração contra a perversão de muitos homens históricos: “essa figura da consciência é a *virtude*: [consciência em] torna-se certo de si na lei, no verdadeiro e no bem *em si*; e em saber, ao contrário, a individualidade como o pervertido e o perversor; e em ter, por isso, de sacrificar a singularidade da consciência” (2011, p. 267).

A ciência filosófica desce para as profundezas da formação mesma da cultura antes e de depois de sua formação primeira para mostrar as suas relações matriciais com o animal totem e com isso ela se explica por si mesma a sua consciência segundo este desvelamento que recai sobre a natureza, a cultura e as espécies de Estados anímicos e de direitos vistos na História universal do mundo e dos homens.

3.2. Da matriz animal a consciência de si: seres de rebanho (o nós do duplo recalque da *Bildung*)

A consciência-de-si agora captou o conceito de si, que antes era só o nosso a seu respeito – o conceito de ser, na certeza de si mesmo, toda realidade. Daqui em diante tem por fim e essência a interpretação movente do universal – dons e capacidades – e de individualidade. Os momentos singulares de sua implementação e interpretação – *antes da unidade* na qual confluíram – são os fins considerados até aqui. Eles desvaneceram, como abstrações e quimeras que pertencem às primeiras figuras fátuas da consciência-de-si espiritual, e que só tem sua verdade no ser que pretendem o coração, a presunção e os discursos; e não, na razão. (HEGEL, 2011, p. 275)

A matriz do corpo de qualquer sujeito dotado de cultura é vista sob a prescrição de sua arquitetura animal. Ao tomar conhecimento de sua própria consciência, o sujeito cria para si uma categoria perante a filosofia que se opõe as primeiras consciências radicadas numa estrutura ambígua entre natureza e cultura. O seu osso, a sua carne, o seu sangue e os seus olhos são compostos que engendram o plano da consciência na história deste ser na natureza segundo um tipo de trabalho social que o mesmo realiza no qual é caracterizado pelo sentido puro da cultura no seu estado primitivo.¹⁴⁷ Na *Fenomenologia do Espírito* (1807) como também na *Enciclopédia das Ciências Filosóficas* (1817), Hegel percorre o caminho que sai da certeza sensível, passa pela percepção, adentra na força e no entendimento, chegando na verdade da certeza de si racional como certeza e verdade atreladas à modalidade da Razão que observar o mundo e o julga de acordo com a sua antropogênese; ao mesmo tempo em que este juízo se bifurca entre os juízos do senhor, do escravo e do infeliz, formando com isso o juízo do filósofo que revela e afirma para o mesmo mundo a consciência geral mutiladora atrelada à estas três consciências que não têm a inteligência filosófica para si, ou seja, não existe consciência de si da Razão vinculada à História da filosofia. Esta é a consciência sintetizadora que revela o mundo para o mundo na qual o sujeito se dispõe a estudá-lo de maneira inteligente. Hegel, neste sentido, dá um passo atrás para reconhecer aquilo que não se enquadra na verdade trilhada pela ciência que ele defende e acredita ser a mais divina por que ela é descendente e rival dos sistemas baseados no

147 Primeiro vem a natureza geológica, depois vem a natureza vegetal e em seguida vem o organismo animal. A cultura é o círculo desenvolvido tecido pelo trabalho realizado na matéria que a engendra dentro destes círculos. Ver Hegel “Terceira Seção da Filosofia da Natureza – Física Orgânica”. *Enciclopédia das ciências filosóficas* (1997, p. 357-447).

animismo mitológico e religioso.¹⁴⁸ Para adquirir esta consciência o sujeito tem realizar um trabalho metodológico científico como forma de garantir a veracidade de suas análises e comprová-las no tribunal da Razão vinculado à História universal. Neste caso, é necessário estudar todo o universo simbólico que é criado pela cultura para distinguir o animal do ser dotado de cultura. É com esta perspectiva que Hegel julga toda História a respeito desta antropogênese que garante que o animal tenha uma consciência radicada no saber sensível, ou seja, distendido na cultura primeira.¹⁴⁹ Este é o início da cultura.¹⁵⁰ É a partir disso que o filósofo toma consciência de toda a arquitetura que engendra o animal adornado por esta formação eletiva e efetiva. Este passo que se volta para trás é também um avanço para frente dignificado pelo saber científico. Este saber revela toda a estrutura que antecede a criação deste universo de símbolos que começa a ser revelado sob o prisma da Razão cultivada que os apreende a partir do conceito de todo o processo de formação da cultura segundo o seu caráter social e histórico. Primeiro sentido, como sendo ele mesmo o negativo do absoluto, ou seja, como formação geológica de toda vida na terra enquanto natureza anímica; segundo sentido, formação do sentido puro da cultura; terceiro sentido, a formação do Estado imediato da cultura segundo a disposição de uma teocracia; quarto sentido, a formação de Estado civilização que se abre para o universo enquanto extensão de seu poder; quinto sentido, a formação da cultura singular do sujeito atrelada à uma cultura de Estado de direito. A cultura filosófica só tem sentido real dentro deste paradigma em que o nós da alienação e da dilaceração recalcada se apresentam como educação, formação moral e ética, sistema pedagógico de

148 Deleuze e Guattari em “A máquina territorial primitiva”, dizem que: “a unidade imanente da terra como motor imóvel dá lugar a uma unidade transcendente de natureza totalmente distinta, que é a unidade de Estado; o corpo pleno já não é o da terra, mas o do Déspota, o Inengendrado, que se encarrega agora tanto da fertilidade do solo como da chuva do céu e da apropriação geral das forças produtivas” (2010, p. 194).

149 Hegel mostra que este movimento que engendra a cultura é produto de costumes partilhados cuja alienação do espírito em relação à natureza é a sua substância ética; é também a sua consciência imediata exclusiva. Para ele, este é *o espírito alienado de si mesmo. A cultura*. “Sua substância é, pois, sua extrusão mesma, e a extrusão é a substância, ou seja, as potências espirituais que se ordenam para [constituírem] um mundo e por isso se mantêm” (2011, p. 336).

150 A natureza desses povos primeiros é o espelho de um mundo misterioso explicado por forças físicas que são da ordem do animismo. Esse sistema natural é estudado também por Freud em *Totem e tabu*. A cultura formada é promovida pela realização de exercícios cultivados por seus membros segundo os trabalhos mentais e físicos que devastam a matéria para criar uma habitação específica que já não é a caverna dada. Ou seja, nos estudos de Freud, este sistema está repleto de “seres espirituais, benevolentes, malignos; e consideram esses espíritos e demônios como causas dos fenômenos naturais acreditando que não apenas os animais e os vegetais, mas todos os objetos inanimados do mundo são animados por eles” (FREUD, 2005, p. 82).

ensino, *Erziehung*, e também como liberdade do sujeito que é formado na concepção dialético-histórica como método rigoroso de análise desse sistema natural, animal, cultural, humano e inumano. Tal movimento realizado pela consciência reflexiva filosófica revela o outro estranho da cultura que é o próprio animal desejante que tem apenas o sentimento de Si. A natureza, o animal proveniente dela e a cultura não são coisas que se encontram dissociadas. Elas se complementam uma negando a outra no processo de afirmação e de negação. A natureza nega o absoluto para o vir-a-ser natureza; o animal nega a natureza para ser *devir* animal, a cultura nega a natureza e o animal para criar o seu *ethos* habitacional. Neste caso, ela é o universo subjetivo-objetivo e imediato sensível dessa relação. É a partir desse itinerário que Zizek em seu trabalho *Menos que nada: Hegel e a sombra do materialismo dialético* vai pensar na *tese de Marx* que diz que “a anatomia do homem é a chave para a anatomia do macaco, subverte qualquer evolucionismo teleológico” (ZIZEK, 2013, p. 262). O que este pensador revela é a animalidade que cada ser é em si e para si mesmo: *o animal que sou*. Seguindo o mesmo raciocínio, Kojève se coloca diante desta questão da seguinte forma, a saber (2002, p. 163):

a análise que descobre o papel constitutivo do desejo leva a compreender por que a existência humana só é possível com base na existência animal: uma pedra, uma planta (desprovidas de desejo) nunca chegam à consciência-de-si nem por conseguinte, à filosofia. Mas o animal também não chega. O desejo animal é portanto condição necessária, mas não suficiente, da existência humana e filosófica. (...). O desejo animal - a fome, por exemplo, e a ação dele decorrente - nega, destrói o dado natural. Ao negá-lo, ao modificá-lo, ao fazê-lo seu, o animal eleva-se acima desse dado. Segundo Hegel, o animal, quando come a planta, realiza e revela sua superioridade sobre ela.

Hegel na *Enciclopédia das Ciências Filosóficas*, em “Organismo Animal”, escreveu sobre a natureza animal. Esta estrutura por ser uma individualidade inorgânica e orgânica dotada de *subjetividade*, é exterior e idealizada a partir de seus membros como figura, *Gestalt*, em que habita a sua *unidade do Si*, “selbstische”. Tal organismo difere do Si singular refletido e disposto no universal subjetivo do ser com consciência histórica. O animal não tem consciência histórica. Ele é dotado apenas de um inconsciente disponível no absoluto. Enquanto o animal racional tem uma consciência que faz com que ele se reconheça como um animal, sendo o outro oculto na relação consigo mesmo. O inconsciente animal é puro desejo, um sentimento de Si que sozinho não diz nada. O universo da cultura é uma cisão realizada nas estruturas animais da

própria animalidade. O animal não produz cultura. Ele apenas estar no limiar das relações de forças: fortes, fracos, ricos ou pobres, belos ou feios, magros ou gordos, astutos, corajosos, sagazes e miméticos etc. Os animais apenas emitem sons sem fala articulada. A cultura imediata se encontra no limiar entre a natureza e a cultura. Neste sentido, para Hegel (2011, p. 359),

assim está aqui presente o espírito desse mundo real da cultura: espírito *consciente* de si em sua verdade e [*consciente*] de seu *conceito*.

Esse espírito é esta absoluta e universal inversão e alienação da efetividade e do pensamento: a *pura cultura*.

O espírito verdadeiro da pura *Bildung* é manifestado no mundo e para o mundo como realidade dessa consciência segundo as suas razões realizadas na matéria trabalhada durante longos processos de devastação e criação.¹⁵¹ A imagem deste fenômeno se encontra ancorado em seus respectivos aspectos naturais, intelectuais, ético e moral, religioso e lógico, como também é estético e cultural; ou seja, é uma coisa que requer formação por um longo período de tempo realizado na informidade da matéria que ganha uma forma e um sentido de ser segundo a formação da consciência que trabalha em cima dela mesma. Não existe cultura sem a transformação da matéria realizada por um trabalho disposto na *physis*. O ser cultural é engendrado por um coletivo, um nós animalesco que o antecede, e por isso mesmo ele é um animal racional que se forma “dentro de um rebanho”. Kojève declara que “o homem, portanto, só aparece na Terra dentro de um rebanho. Por isso a realidade humana só pode ser social” (KOJÈVE, 2002, p. 13). É histórico esse desvelamento da natureza pelo trabalho intelectual do sujeito.

151 Sons, signos, símbolos, palavras e escritas. Este degrau que articula as formas de emissão de sons que formam palavras, por exemplo, refere-se ao desenvolvimento deste animal falante e criador com as afecções do espírito da natureza *natura*. Derrida em *O poço e a pirâmide*, texto encontrado no livro “Hegel e o pensamento moderno”, mostra que a natureza e a cultura se inserem em seus respectivos movimentos de progressão lógica, natural e espiritual. “1) O espírito subjectivo: referência (*rapport*) a si do espírito e totalidade somente ideal da ideia. É o ser-junto-a-si na forma da liberdade somente interior. 2) O espírito objectivo, enquanto mundo a produzir e produzindo na forma de realidade e não somente de idealidade. A liberdade torna-se aí necessidade existente presente (*vorhandene Notwendigkeit*). 3) O espírito absoluto: unidade sendo em si e para si da objectividade do espírito e da sua idealidade ou do seu conceito, unidade eternamente em produção, o espírito na sua absoluta verdade, - *o espírito absoluto*” (DERRIDA, 1979, p. 45).

A estrutura cindida do pensamento do duplo recalque da *Bildung* não pode ser vista com um fato natural ou como uma intuição simplesmente. Para compreender o princípio da negação absoluta é necessário fazer uma diferenciação entre as coisas que são do reino da natureza com as coisas que são do reino da cultura. A cultura de culturas se dirige ao saber imediato como refutação filosófica aos ditames falsificados deste saber. Hegel exemplifica isto num texto sobre Zenão. “Na Bíblia diz Cristo: ‘pois não sois melhores que os pardais?’ Nós o somos enquanto pensamos - enquanto seres sensíveis, tão bons ou tão maus como os pardais. O sentido da dialética de Zenão possui maior objetividade que esta dialética moderna” (1973, p. 213). Por ser um estudioso da natureza, Zenão parte do princípio da negação desta mesma natureza para conhecê-la, que já em sua época era algo a ser considerada como sendo da ordem da aniquilação e não da ordem similitude. Não existe romantismo em seu pensamento científico.

Estes estudiosos da *physis* citados quebraram com as estruturas mentais da consciência radicada nos mitos e nas meras opiniões populares, se diferenciando com isso da natureza sensível. Hegel também identificou esse impasse demonstrando que já não se está no tempo do mito. Ele desconstrói todo argumento baseado na construção mito-poética da realidade que se diz verdadeira para si mesma, mas não é verdadeira para a compreensão da Ciência que a investiga. Ele utiliza o método da dupla negação para afirmar o momento presente deste acontecimento sediado nas malhas que fica entre o poder-de-cultura filosófica e o poder-de-Estado. Na cultura hindu imediata em que o rito de sua verdade se eleva numa aversão ao direito que não é natural dado como também na disposição da ética, por exemplo, que não se encontra na natureza como um dado. Sobre este “O saber imediato”, Hegel diz que (1995, p. 151):

para o hindu não é em virtude de um saber que se diz mediatizado, nem de raciocínios e silogismos, que a vaca, o macaco ou o Brâmane, o Lama, contam como Deus; mas o hindu *crê* neles. Contudo os desejos e as inclinações naturais colocam espontaneamente seus interesses na consciência; os fins imorais encontram-se na consciência de modo totalmente imediato; o caráter - bom ou mau - exprimiria o ser determinado da vontade, que seria conhecido nos interesses e fins, e decerto de maneira mais imediata.

O pensamento conceitual filosófico, neste sentido, mostra a pobreza atrelada a este universo natural que é da ordem da imoralidade imediata por ser ela mesma vida anímica e não uma vida humana que aparece. Eles são contra o direito e a ética

intelectual. A sua vontade como conteúdo é suprasumida num desejo justificado como verdade para si desejosa e animalesca.

Quando há uma cisão no mundo anímico, religioso, em que o sujeito é separado de seus objetos primeiros, a certeza que se tem deste mundo é distorcida neste aqui e agora. Sujeito e objeto são separados, então é a partir daí que se constata que são ambos aqui averiguados pela Razão examinadora e observadora que difere da natureza puramente animal. Para Hegel, na *Fenomenologia*, esta natureza primeira está representada como sendo ela mesma “O reino animal do espírito e a impostura - ou a Coisa mesma” que

é semelhante à vida animal indeterminada que infunde seu sopro de vida ao elemento da água, do ar, ou da terra - e na terra ainda a outros princípios determinados - e imerge nesses princípios todos os seus momentos; mas apesar dessa limitação do elemento mantém-se em seu poder e mantém-se na sua unidade, permanecendo a mesma vida animal universal enquanto esta organização particular. (2011, p. 278)

O sistema deste saber concebido pela natureza é compreendido a partir da totalidade da realidade como ela é segundo a obra da natureza, como ela foi feita e tudo aquilo que há nela de semelhante, de indeterminado, de determinado, de univocidade e de diversidade. Tal conhecimento é apreendido pelo método especulativo-dialético que se divide em lógica do repouso e do movimento. Os corpos sensíveis animais são dotados de vidas próprias enquanto coisa [*Ding*] da certeza sensível que é percepção do mundo universal que está acoplada a Coisa [*Sache*] vinculado ao Ser absoluto. Neste aspecto, o animal se encontra na perspectiva do Si e do para Si na relação universal de sua subjetividade determinada pela sensação que se configura como diferença específica. Eis aqui a sua natureza distintiva.¹⁵² É a partir disso que o movimento dialético do absoluto que engendra este tipo de natureza anímica¹⁵³ universal dupla é o

152 Ou seja, o animal, para Hegel, “é um verdadeiro Si, um Si para-si-essente, que atinge a individualidade, por isso ele se exclui e se particulariza, segrega-se da substância universal da terra, e esta tem um ser-aí exterior para ele. (...). Esta relação à natureza inorgânica é o conceito universal do animal: ele é um sujeito individual que se relaciona como tal ao individual, não, como planta, a [algo] elementar, também não a [algo] subjetivo, exceto no processo genérico. O animal também a natureza vegetal, uma relação à luz, ao ar, à água; além disso, porém, a sensação, ao que, no homem, ainda cresce o pensamento. Assim Aristóteles fala das três almas, da vegetativa, da animal e da humana” (1997, p. 453-454).

153 Isto é o que Freud chama de “animismo” no seu célebre trabalho *Totem e tabu*. “O animismo, em seu sentido mais estrito, é a doutrina de almas e, no mais amplo, a doutrina de seres espirituais em real. O termo ‘animatismo’ também foi usado para indicar a teoria do caráter vivo daquelas coisas que nos

princípio de todo movimento, de toda a vida, e de toda atividade na efetividade, tal como a dor, o prazer, a necessidade de beber, comer, vê, ouvir, emitir sons para destacar suas necessidades como a fome e a guerra, o cio para demarcar o desejo de reprodução, a alegria. O animus também se movimenta no espaço, dorme, realiza necessidade fisiológicas, caça para sobreviver e se reproduz para manter intacta a espécie. Esta natureza primeira é o outro da natureza que lhe deu a vida, isto é, um microcosmo dentro do cosmos realizado pela natureza inorgânica como processo de sua subjetividade individual orgânica. Na *Enciclopédia das Ciências Filosóficas*, sobre “O organismo animal”, diz Hegel (1997, p. 455):

a vida animal é, como seu próprio produto, como-fim-de-si-mesma [autotélica], fim e meio juntamente. O fim é uma determinação ideal, que já é existente antes, e, quando depois entra a atividade da realização, a qual deve ser conforme à determinação existente, então não vem nada de fora. A realização é como o retorno a si. O fim alcançado tem o mesmo conteúdo que já está presente no ativo [agente, eficiente]; o ser vivo, portanto, com todas as suas atividades não o conduz mais além.

Dito isso, por exemplo: entre o animal e a matéria, existe a cultura e isso não é um dado da natureza. É sim uma cisão profunda dentro deste *organismo animal* que a transforma para os seus próprios fins existenciais. A Filosofia, como um saber humano negador desta vida animal que não tem finalidade, é um saber que se funda na totalidade da realidade entre o Eu e o outro de forma duplicata: absoluto e cosmos, natureza e animal, animal e razão. Este saber estar inserido naquilo que não tem nada fora dela, ele tem como objeto a si mesmo. Um saber verdadeiro que se identifica com o seu próprio objeto que é o Uno para esta consciência. O seu conteúdo não é separado do sujeito-objeto. Para compreender este sistema baseado na certeza sensível animal, os filósofos tiveram que negá-la para apreendê-lo enquanto tal segundo a Ideia mesma de Razão. É com esta certeza negativa que a linguagem científica vai mostrar toda contradição advinda do universo imediato e é por isso mesmo que ele é dito como dialético.

A formação filosófica do sujeito cria um tipo específico de consciência desvinculada das leituras míticas que não têm o mesmo conhecimento vinculado a este saber. Mas a Filosofia parte deste saber para conhecê-lo enquanto tal. Com essa quebra

parecem ser objetos inanimados e as expressões ‘animalismo’ e ‘hominismo’ também são empregadas em relação a isto” (FREUD, 2005, p. 82).

de paradigma, o caminho se abre para a *dúvida* e para o *desespero* como forma de superá-los.¹⁵⁴ A dupla negação é determinada pela abstração que surge como limite cindido do sujeito pensante na História universal. É a partir daí que uma nova figura da consciência aparece como a manifestação do Eu superior e racional. A consciência é a própria medida de seu objeto universal como experiência justificada que fornece o conteúdo conceitual do saber absoluto na forma do movimento dialético total. Na perspectiva abordado por Hegel, “esse movimento *dialético* que a consciência exercita em si mesma, tanto em seu saber como em seu objeto, *enquanto* dele *surge o novo objeto verdadeiro* para a consciência, é justamente o que se chama *experiência*” (2011, p. 80). Além do mais, o filósofo mostra que “isto é a determinação mais exata da dialética objetiva. Nesta dialética não vemos afirmar-se o pensamento simples para si mesmo, mas fortalecido, levar a guerra para o território inimigo” (1973, p. 208). O campo “inimigo” é o solo próprio do saber imediato para esta Ciência.

Tal saber não se encontra estruturado por nenhuma coisa estranha a si próprio. Ele é a não articulação do conhecimento pré-científico conceitual que se desloca a partir desse alicerce em que se estrutura a formação da autoconsciência primeira que não é científica. A sua manifestação se dá na relação com o mundo e para o mundo. É um saber inominável daquilo que é por toda eternidade encontrado na natureza das coisas verdadeiras. A sua relação é mediatizada no tempo e no espaço do Ser. Para Hegel, “a consciência sensível é, nessa determinação do objeto, [o] *perceber*” (1995, p. 190). O Eu pensante apreende a coisa segundo esta percepção sensível em que a dialética da unidade se revela como sendo uma coisa relacionada com outra coisa diferente dela e que a partir disso forma todo o conjunto unido e separado. A simplicidade deste deslocamento é mediada por meio de sua duplicidade que caracteriza este aqui e este agora da autoconsciência duplicata. O Eu absoluto só existe nesta relação universal como causa de primeira ordem, que é para Hegel, “determinações lógicas, postas pelo que-pensa, isto é, aqui, pelo Eu” (p. 190). Aqui, neste ponto, o pensamento se afina com o seu objeto que é em si e para si mesmo o mundo aí revelado pela experiência singular de um certo sujeito que observou a raiz da arquitetura do corpo social atrelada ao

154 Ou seja, para Hegel, “a série de figuras que a consciência percorre nesse caminho é, a bem dizer, a história detalhada da *formação* para a ciência da própria consciência” (2011, p. 75).

organismo animal transformado pelo motor da dialética que cria a cultura segundo as realizações de seu trabalho e alimentação (formação antropogênica).

O animal vive em seu *devoir* com o mundo. Ele passa sem ter a consciência histórica dessa passagem. O exemplo é o mesmo para a noite que passa, para dia de sol ou a noite de chuva. Neste caso, o agora que passa é indiferente a todos os momentos singulares que já passou. Chover, fazer sol e a noite de chuva que passa não representam mais o movimento imediato que já passou. Hegel diz que esta experiência sem conteúdo filosófico tem uma dialética que não é reflexiva, a saber (2011, p. 92):

é claro que a dialética da certeza sensível não é outra coisa que a simples história de seu movimento ou de sua experiência; e a certeza sensível mesma não é outra coisa que essa história apenas. A consciência natural por esse motivo atinge sempre esse resultado, que nela é o verdadeiro, e disso faz experiência; mas torna sempre a esquecê-lo também, e começa de novo o movimento desde o início.

Hegel ao discernir acerca da dialética da certeza sensível animal aponta o caminho que o ser deve seguir para chegar no saber metafísico crítico que difere desta experiência natural vinculada ao reino animal do espírito. Ele tem que comprovar que o que é dito acerca deste saber tem relevância ou não para ser ele auto justificado. Ele parte do mais abstrato para o mais concreto segundo a experiência radicada na verdade da consciência do que é o *Isto* na sua forma pura absoluta. A primeira unidade comporta um nós fragmentário que é identificado pelo filósofo que chegou no final da questão, dando respostas plausíveis para o desvelamento do saber radicado nesta certeza que é a própria consciência universal. Este itinerário percorrido pela consciência de si, sediado pela razão, é ao mesmo tempo toda a realidade pensada e justificada pela experiência dialética. Ao fornecer o conceito de saber absoluto, o filósofo erradica o seu ponto de chegada, e com isso ele expõe a totalidade do que é real e verdadeiro segundo a consciência dignificada pela consciência divina ratificada por este nós explodido nos campos das culturas, formando com isso uma cultura de si filosófica como liberdade abstrata e concreta em que a consciência-de-si desenvolvida é em-Si e para-si sua própria morada.

A cultura deste sujeito identifica a ética da cultura como a obra do espírito de um povo radicada no espírito do tempo, *zietgeist*, e no espírito do mundo, *weltgeist*. O movimento da consciência-de-si que desvela este itinerário que é todo este espírito

fragmentado pela duplicação da consciência na história do mundo em que o Eu só é o que é pela alteridade com um outro que é na verdade o seu duplo recalque visto entre a natureza e a cultura. Para Hegel (p. 90),

a verdade desse Eu não teria a mínima significação se captássemos *posteriormente* ou se ficássemos *distante* dela; pois lhe teríamos suprassumido a imediatez que lhe é essencial. Devemos, portanto, penetrar no mesmo ponto do tempo ou do espaço, mostrá-lo a nós, isto é, fazer de nós [um só e] o mesmo com esse Eu que-sabe com certeza.

A consciência de si nasce de um sentimento diferenciador que nega duplamente os desejos animais para poder afirmar a sua intelectualidade filosófica como “verdade desse Eu” historicizado nos preceitos escolares filosóficos conceituais. A negação como negação pura e simplesmente deste fato sem o caráter afirmador é sinônimo de infelicidade e crime.¹⁵⁵ Isso é o que marca o fim das culturas antigas que tentaram restabelecer os seus sentidos originários através de simulacros criados e tecidos pela consciência-de-si do senhor. Isso aconteceu com os judeus, com os cristãos, e dentre outras culturas religiosas que já não são mais as mesmas dentro de um sistema moderno de governo. O espírito da história universal anda para frente arrastando a terra, o mar e o céu para os cadafalsos do inconsciente natural reificado pelo domínio de uma consciência despótica. Então, na *Enciclopédia das ciências filosóficas*, livro III, sobre a consciência-de-si, Hegel mostra que a verdade da consciência se configura entre o Eu e o mundo numa relação dialética de reconhecimento mútuo, que no primeiro momento, ainda não desfruta da sabedoria de si mesma no plano da história científica do sujeito. Isto é,

a consciência-de-si imediata não tem ainda por objeto o EU=EU, mas somente o Eu; por esse motivo é livre apenas *para nós*, não *para si mesma*, ainda não sabe de sua liberdade; tem somente em si a *base* dessa liberdade, mas ainda não a liberdade verdadeiramente *efetiva*. (1995, p. 195)

A certeza que revela o essente da sensibilidade animal na sua concretude unívoca, é sediada por uma experiência radical que percebe a relação de alteridade que se apresenta na consciência como um duplo movimento de alienação, a saber: entre o

¹⁵⁵ Sobre este assunto, diz Hegel nos *Princípios da filosofia do direito*: “neste domínio do direito imediato, a abolição do crime começa por ser a vingança que será justa no seu conteúdo se constituir uma compensação. Quanto à forma, ela é a ação de uma vontade subjetiva que, em cada dano que se produz, insere o seu indefinido e representa portanto uma justiça contingente” (1997, p. 92).

Eu e o outro em que se forma o nós da cultura. Toda e qualquer relação social é abarcada por este tipo de problemática, que primeiramente está ilustrada na disposição que fica entre os desejos animais e desejos das culturas primeiras. O desejo da cultura se refere ao objeto desejado como partilha que nasce de um sentimento de pertença em consonância com um todo que não é mais os desejos animais, mesmo sendo da mesma matriz constitucional. O animal não morre com o surgimento da cultura. Negar é afirmar a sua posição como algo desejado não como crime ou infelicidade. Embora tais desejos, para muitos homens sem cultura científica, permaneçam como manifestações de zonas escuras atribuídas ao inconsciente animal adormecido no corpo da cultura no geral e no particular. A consciência de si dar um passo atrás para poder realizar o exame histórico do inconsciente e da consciente nela mesma desenvolvida. Hyppolite, em seu *Ensaio de psicanálise e filosofia*, demonstra que (1989, p. 62-63):

permanece ainda um enigma nesta introdução do texto hegeliano: qual é então este ‘nós’ que vê claramente nesta consciência que não se vê a si mesma? A *Fenomenologia* em seu conjunto é precisamente uma resposta a esta questão: é este ‘nós’ que é preciso encontrar, já que é apresentado inicialmente como um ‘para-nós’. Este, digamos este ‘filósofo’ da Introdução da *Fenomenologia*, pode ser compreendido numa referência bastante concreta: a dos ‘romances de cultura’ dos quais *Emile* foi o primeiro.

Essa duplicidade da consciência, entre o Eu e o outro, é a pura totalização do resultado que se objetiva segundo as suas prefigurações determinísticas de ser um Eu e ao mesmo tempo ser um outro, ou seja, o retorno dialético do ser e do ser-outro expresso segundo o desenrolar da consciência-de-si em seu *devoir* histórico epocal na cultura.¹⁵⁶ Pensar que tal unidade absoluta do espírito é a totalidade manifesta enquanto verdade concreta do pensamento originário da *Bildung* como especulação do Espírito visto na História. O estudo iniciado na cultura é a base de todo sistema de pensamento. Hegel mostra que a psicologia do Espírito, ou mais especificamente da mente, concebe todo este movimento a partir da observação histórica que o engendra. Para ele (2011, p. 219):

a psicologia observadora enuncia, primeiro, suas percepções dos modos universais que se lhe apresentam na consciência ativa; encontra numerosas faculdades, inclinações e paixões. Ora, na enumeração de tal coleção não se deixa reprimir a lembrança da unidade da

156 “A substância, dessa maneira, é *espírito*, *unidade* consciente-de-si do Si e da essência; mas os dois têm também, um para o outro, o significado da alienação” (HEGEL, 2011, p. 337).

consciência de si; por isso a psicologia deve, ao menos, chegar até ao [ponto de] maravilhar-se de que possam estar juntas no espírito, como num saco, tantas coisas tão contingentes e heterogêneas, especialmente porque não se mostram como coisas mortas, mas como movimentos irrequietos.

O pensamento filosófico de Hegel visa compreender, segundo a cisão¹⁵⁷ duplicata realizada por esta consciência-de-si “observadora”, a própria psique do sujeito que a investiga pelo fato de ser ele também pertencente a um organismo animal e social. O caminho crítico que envolve o saber observador atribuído a psique do sujeito que estuda o campo da consciência disposto no absoluto segundo o saber filosófico da cultura, ou seja, na sua forma unificada e dialética como verdade e totalidade, o finito e infinito, a consciência e a consciência-de-si, a cultura e a liberdade, estão radicados na Razão do sujeito que tem entendimento histórico do mundo histórico aí revelado por ele mesmo segundo as *leis lógicas* e as *leis psicológicas* de suas ações. A relação que configura essa movimentação em torno da consciência mesma como conceito de verdade revelada em torno do absoluto está em parâmetro distintivo com o negativo e o positivo que se complementam numa perpétua oposição fenomênica e formadora de valores em que a substância ética da verdade sobre a Coisa é disposta sob o poder do essente sensível figurado que é o desejo consciente de si e para si não-sensível, ou seja, ele é Espírito vivo concreto que retorna sobre o objeto que é a sua própria consciência imediata-mediata. A consciência-de-si do filósofo apresenta então a partir desse movimento uma relação de não-sensibilidade, não-natureza, cujo objeto é percebido por esta consciência negadora que estuda a certeza sensível, sendo ela mesma sensível, na sua negação como atos da consciência animal cindida. Kojève demonstra que a cultura como entidade coletiva é o material que aparece primeiro, ou seja, “o que primeiro aparece na realidade-objetiva (*Wirklichkeit*) é o conteúdo material da cultura, ou a realidade cultural bruta, indivisa, não diferenciada, e também: imediata, não refletida, não explicada” (2002, p. 314). Eis aqui a *Substanz* que subjaz a uma certa comunidade cultural primitiva, animal por assim dizer. A consciência-de-si filosófica faz fronteira com a consciência do servo e também com a consciência-de-si do senhor que se bifurca

157 Na *Enciclopédia das ciências filosóficas*, no livro III -, “A filosofia do espírito”, Hegel diz que: “essa cisão entre a consciência-de-si e a consciência forma uma contradição *interna* da *consciência-de-si* consigo mesma, porque ela é ao mesmo tempo o grau que vem logo antes dela – a *consciência* -; por conseguinte, é o contrário de si mesma” (1995, p. 196).

em ceticismo, estoicismo e consciência infeliz. Por isso que ela realiza uma tripla negação como método de análise para afirmar a sua posição em relação as consciências aqui apresentadas.

Neste percurso histórico de formação e de deformação das culturas e dos Estados tem-se o itinerário da devastação apresentada e representada como momento da habitação configurada na consciência-de-si do senhor que transforma o mundo pelo poder da força de escravidão. O animal para habitar na terra tem que devastá-la microfisicamente; a cultura faz o mesmo processo; a máquina política despótica também devasta a natureza e a cultura para forma dentro de seus muros uma força atômica dantes nunca vista na história da cultura primeira. O processo de devastação segue o seu itinerário pelo mundo como objeto de uma programação híbrida programada pelos Estados-estados tiranos na História universal que pilharam, roubaram, mataram, construíram e destruíram o que construíram, formando com isso uma ordem beligerante generalizante para todo o planeta. Sacrificaram animais, mataram culturas, poluíram as águas dos rios e dos mares, envenenaram e queimaram filósofos em fogueiras. Esta máquina de destruir e construir é a negação absoluta, não como a forma de afirmar a alteridade dos outros, mas como a manifestação da guerra sediada pelo poder assentado na justiça do mais forte e do mais rico como emblemas que se sedimentam na afirmação criminosa de uns em relação as mortes dos outros. Este é o curso da História universal com suas contradições internas e externas atrelados ao Estado *kraft* que é o motor dessa história: o inumano sem mundo.

3.3. A vida de si e a morte do Outro

Um outro pensamento duplo é criado a partir da formação entre Estado despótico e cultura filosófica do sujeito cravada na consciência deste sujeito que investiga a formação desta máquina no tempo e no espaço radicado na terra dos verdadeiros povos. Na *Origem da família e da propriedade privada*, Engels mostrara que na constituição da “Gênese do Estado Ateniense” marcado pelo crime cometido contra aqueles que não tinham as mesmas armas para lutar contra um poder de morte da cultura desse povo, se construiu a máquina política que a exterminou por dentro e por fora. Os mais fortes recalcam os mais fracos, os ricos os pobres, os que têm armas de fogo¹⁵⁸ recalcam os que não têm, a massa tenta recalcar o sujeito intelectual. Os verdadeiros filósofos não aceitam os recalques quando tomam conhecimento deles nesta configuração de dominação, opressão e morte. Eles venceram o medo da morte e por isso falam sobre aquilo que não pode ser falado.¹⁵⁹ Com isso quebram com o silêncio que mata as pessoas em vida pelo simples fato de não temer a morte provocada pelos recalcoadores românticos, cruéis, sensualistas e tiranos.¹⁶⁰ Diz Engels na obra citada (1984, p. 120):

em nenhuma parte melhor do que na antiga Atenas podemos observar como o Estado se desenvolveu, pelo menos na primeira fase da sua

158 Hegel expressa algo de suma importância em sua obra *Princípios da filosofia do direito* acerca da morte que resguarda também a sua “Soberania para o exterior” segundo a disposição do Estado e de certos grupos de “ladrões” e “assassinos” que morrem pelas suas astúcias criminosas segundo a coragem que eles acreditam ser a melhor. “Arriscar a vida é, sem dúvida, mais do que recuar à morte. Mas é também algo de simplesmente negativo, que não tem destino nem valor para si. O que há de positivo, a finalidade e o conteúdo, dá à coragem a sua significação. Os ladrões e os assassinos, que têm por finalidade o crime, os aventureiros, que têm por finalidade o que a sua própria opinião fábrica, também possuem a coragem de arriscar a vida. O princípio do mundo moderno - o pensamento e o universal - deu à coragem a sua forma superior: com efeito, manifesta-se ela como mecânica, não é o ato de uma pessoa particular, mas sim dos membros de um todo. Não se dirige ela, por isso, contra indivíduos, mas contra uma totalidade hostil, de modo tal que a coragem pessoal aparece como impessoal. Foi este princípio que inventou as armas de fogo e não é por acaso que a invenção de tais armas transformou a forma puramente pessoal da coragem nesta forma mais abstrata” (1997, p. 300-301).

159 Sócrates identifica os seus possíveis condenadores: Meleto, Licão e Ânito. Por ser um autêntico parresiasta, ele é condenado pela tirania destes homens do comércio e da força armada que odeiam a sabedoria proveniente da filosofia. “Daí a razão de me atacarem Meleto, Ânito e Licão – tomando Meleto as dores dos poetas; Ânito, as dos artesãos e políticos; e Licão, as dos oradores. (...). Eles podem, sim, mandar-me matar, exilar-me, privar-me dos direitos; talvez eles e outros pensem que essas são grandes desgraças; eu não; eu penso que muito pior é fazer o que ele está fazendo, tentando a execução injusta de um homem” (PLATÃO, 1980, p. 10, p. 16).

160 Sobre “A ideia de morte na filosofia de Hegel”, Kojève analisa este caso que abarca a todos os seres finitos. Dirá ele que “o vulgo trata a morte como algo de que se diz: ‘não é nada ou é falso’; e procura afastar-se dela bem depressa, para passar à ordem do dia” (2002, p. 513).

evolução, com a transformação e substituição parciais dos órgãos da constituição gentílica pela introdução de novos órgãos, até completamente instauradas autoridades com poderes realmente governamentais - quando uma força pública armada, a serviço dessas autoridades (e, que, por conseguinte, podia ser dirigida contra o povo) usurpou o lugar do verdadeiro povo em armas, que havia organizado sua autodefesa nas gens, nas fratrias e nas tribos.

Este percurso criminoso assentado num modelo de uma facção criminosa que se apodera dos tesouros dos povos, é a raiz de toda tirania política distendida na cidade e no mundo. A corrupção começa a fazer efeito destrutivo quando o mar e a terra são as vias para se obter *escravos*, *bens* preciosos e *gado*. A violência e o saque são reiterados nesta viagem para justificar o poder que a riqueza proporciona para todos aqueles que dela desfruta.

Numa nota que foi redigida num capítulo anterior desta dissertação, Leo Strauss declarou que o lugar da política é o lugar do crime nas suas *Meditações sobre Maquiavel*. A História universal, como também já foi dito, não é o reino da felicidade na Terra. Ela é a disposição da morte agenciada por castas que sacrificam as vidas dos outros em prol de seus desejos egoístas, caprichosos e aterradores marcados com sangue, dor e prazer de matar. Tal historicidade não existe sem a negação dos outros, sem o extermínio da natureza para extrair dela mesma os seus tesouros como também as substâncias que irão servir a guerra para aniquilá-la. É a partir desse pensamento que o *lógos* hegeliano se concretiza em sua completude científica baseada na História dessa dialética que acaba e se renova quando o vazio e a morte invadem todos os sistemas vitais disponíveis em toda estrutura geológica do cosmos. Neste percurso da morte agenciada por este motor móvel de devastação, o Nós da cultura (o povo em seu sentido ético originário) é morto pela consciência estrangeira despótica maquinadora de perversidades que não reconhece o outro na sua especificidade, criando com isso uma relação de dominação e servidão baseadas na morte dos Outros.¹⁶¹ Sendo esta oposição o sentido de discordância radicada pela guerra por reconhecimento a partir da força e

161 Hegel visualiza esta relação entre senhor e servo na *Fenomenologia*, em “Independência e dependência da consciência-de-si: dominação e escravidão”, mostrando que “o indivíduo que não arriscou a vida pode bem ser reconhecido como pessoa; mas não alcançou a verdade desse reconhecimento como uma consciência-de-si independente. Assim, como arrisca a sua vida, cada um deve igualmente tender à morte do outro; pois para ele o Outro não vale mais que ele próprio. (...). O Outro é uma consciência essente e de muitos modos enredada; a consciência-de-si deve intuir seu ser-Outro como puro ser para-si, ou como negação absoluta” (HEGEL, 2011, p. 146).

não da inteligência ética. Neste sentido, a ação do trabalho da cultura filosófica advém deste encontro entre saberes distintos em que um ser se sobrepõe ao outro numa relação de vida e de morte. A cultura filosófica nega o poder do Estado despótico como algo negativo, só assim ela pode afirmar o seu polo positivo. O déspota nega este tipo específico de cultura para afirmar o seu poder baseado numa unidade não isonômica. O seu caráter de negar não se configura com uma afirmação positiva e sim como uma afirmação negativa, por que ele trabalha com a morte do Outro e não quer reconhecer o humano no Outro. Esta é a força do seu capricho. Segundo Kojève, “o sobrevivente, não podendo ser reconhecido pelo um morto, não pode realizar-se e revelar sua humanidade” (KOJÈVE, 2002, p. 15). Neste mundo sem espírito efetivo, de ontem e de hoje, o que se observa, a partir da Filosofia de Hegel interpretada por Kojève segundo seus preceitos humanos, é a promoção do terror em que o Estado de direito tem que reconhecer esta animalidade para poder impedir a destruição total provocada por esta unidade despótica que começou ser trilhada no mundo antigo asiático, passando pelo Egito, como também caindo no mundo chinês e hindu, tendo como base a loucura infantil enraizada no poder da tirania de um só. Esses modelos anti-humanos de governos foram e são cultivados por déspotas devassos. Estes primeiros déspotas, que não reconhecem a humanidade dos outros, são crianças que brincam com o mundo. Este preceito chega no universo grego e romano já com todas as suas problemáticas psicomotoras de devastações arruinadas, mas que sempre se renovam por que os homens que criaram este tipo específico de maquinação não deixaram de serem o que são nesta história, ou seja, crianças que jogam com o mundo que parece ser só deles. O mundo moderno, na época de Hegel, já estava sendo examinado pela cabeça deste filósofo que vislumbrou nesta história do passado despótico um contínuo deste poder enraizado na modernidade histórica do presente como algo que infecta todo corpo orgânico social com pitadas de humor trágico, tentando reativar a ideia de um povo que já não existe mais em sua formação originária. No “Prefácio” do livro *Princípios da filosofia do direito*, ele coloca o seguinte a respeito deste assunto (1997, p. XXXI):

podemos também aqui observar a forma particular de má consciência que se manifesta na eloqüência com que aquela vulgaridade se enfatua. Em primeiro lugar, onde é menos espiritual é que fala mais do espírito; onde a sua linguagem é mais morta e coriácea é onde mais pronuncia as palavras ‘vida’ e ‘vivificar’; onde manifesta mais amor-próprio e orgulhosa vaidade é onde tem sempre na boca a palavra ‘povo’.

Além do mais, o filósofo citado coloca uma outra coisa importante a respeito desse assunto em sua obra *O sistema de vida ética* acerca desta destruição assentada na perda total dos valores espirituais das culturas dos povos originários da terra em que o Estado despótico novo, como matriz histórica do passado, já é um ente que trabalha com a morte dos Outros, isto é, dentro de um sistema de hospital necessário e desigual radicado pelo capitalismo moderno burguês, a saber (1991, p. 79):

esta desigualdade necessária, que se particulariza no seio do estado mercantil e, de novo, em muitos estados particulares da indústria, e estes estados de riqueza e de fruição diversos, porém, graças à sua constituição quantitativa que se refere a graus, suscita uma relação de dominação. O indivíduo imensamente rico torna-se um poder (...). O primeiro carácter do estado da indústria de ser capaz de uma intuição orgânica absoluta e reverência por um divino, posto no entanto fora dele, esvai-se, e irrompe a bestialidade do desprezo por tudo o que é elevado. O em-si é o desprovido de sabedoria, o puro universal, a massa da riqueza; e o vínculo absoluto do povo, o ético, desapareceu, e o povo dissolveu-se.

No primeiro momento deste combate entre os que têm força e fortuna não existe reconhecimento por parte do vitorioso. Na concepção de Kojève, a respeito do assunto, observa-se o seguinte, a saber: “a dissolução dessa unidade simples-ou-indivisa [*que é o Eu isolado*] é o resultado da primeira experiência [*que o homem faz no momento de sua ‘primeira’ luta, ainda homicida*]” (2002, p. 20). Esta é a primeira e a única experiência que se sedimenta na História universal como doença do governo político que é combatida pelo Estado de direito e este Estado deve ser reconhecido como uma exceção nesta história. Neste sentido, percebe-se que quando não existe reconhecimento por parte de ambas as partes, povo e Estado, sujeito singular e Estado, tem então a partir disso a existência de uma derrota e não de um reconhecimento em curso entre cultura e religiosidade, arte e técnica, autonomia e fé, poder-de-Estado e inteligência. Isso é um fato histórico, preponderante, que remonta a guerra sediada pelo incipiente poder-do-Estado que se instaura no seio destas configurações simbólicas.¹⁶² É a partir desse exemplo que se pode afirmar que a cultura e o poder-de-Estado¹⁶³ não nascem prontos e

162 Para Jaeger, em sua *Paidéia*, isso acontece pelo seguinte motivo: “da dissolução e destruição das normas advém a debilidade, a falta de segurança e até a impossibilidade absoluta de qualquer ação educativa. Acontece isso quando a tradição é violentamente destruída ou sofre decadência interna” (1994, p. 4).

163 Esta organização é quem desestabiliza com a cultura unívoca de um povo originário em sua essência ética. Sobre a origem da “máquina despótica bárbara”, dizem Deleuze e Guattari: “a máquina do estranho

acabados no mundo. Tem que existir um trabalho de ambos os lados para que possam ter um lugar no tempo e no espaço da terra. O Estado não nasce dentro da água como um barco que logo aparece pronto. Isso é fantasia mítica e não a história de sua verdadeira formação. São trabalhos diferenciados que se configuram dentro destas formações eletivas. O universo puro das culturas é destruído por estas castas guerreiras que se territorializaram a partir da destruição do Outro. O seu primeiro aspecto é o crime maquinado como terror que se infiltra e destrói o *ethos* que outrora existia para esta cultura originária.

Maquiavel em sua obra *O príncipe* aconselha a utilização da “arte médica” como forma de curar os males desta doença produzida pelo poder despótico de governo. O corpo orgânico político que não toma conhecimento de suas próprias feridas nunca será curado e não terá mais remédio que o cure deste infortúnio causado pelos poderes dos grandes sobre os pequenos, dos leões (os tiranos travestidos de animais fortes) sobre toda a floresta, isto é, da força animal infantil sem o uso da racionalidade política prudente. Existe uma duplicidade da ação política que tem que ser esclarecida segundo o *ethos* político apresentado por Nicolau. Nem toda ação política tem um cunho de bondade, ou seja, nem toda ação política pode ser considerada vontade boa para todos. O príncipe tem que aprender a utilizar a vontade da besta quando convém contra os infortúnios internos e externos que rodam o Estado no que concerne ao poder, principalmente, do mais forte. No capítulo III desta mesma obra, ele escreve (MAQUIAVEL, 1996, p. 12):

pois os romanos fizeram nestes casos aquilo que todos os príncipes sábios devem fazer: precaver-se não somente contra as discórdias atuais, como também contra as futuras, evitá-la com toda perícia porque, prevendo-as com ampla antecedência, podem facilmente remediá-las, mas esperando que se avizinhe não haverá tempo para tratá-las, pois a doença já se terá tornado incurável. (...). O mesmo acontece nas coisas de estado, já que, quando se conhecem com antecedência (o que só ocorre quando se é prudente) os males que surgem, eles se curam facilmente; mas, quando por não terem sido identificado deixa-se que cresçam a ponto de todos passarem a conhecê-los, não há mais remédio.

é, ao mesmo tempo, a grande máquina paranoica, pois que exprime a luta com o antigo sistema (...), vemos na paranoia um tipo de investimento de formação social” (2010, p. 255).

É com o pensamento político de Maquiavel que a estrutura moderna de pensar o mundo entra em vigor segundo o dispositivo trágico em que não se encontra nenhum medicamento para a tirania do mundo doente do *homo politicus* antigo e moderno. O sujeito que combate o espírito do senhor edipianizador (repressor) sediado pelo poder político e pelo o espírito do servo que trabalha para dar suporte a este poder doentio nesta alegoria, tem a consciência dos riscos que são inerentes dentro deste jogo de vida e de morte. Qual foi o remédio contra a tirania que criaram na história? A cultura filosófica do sujeito nega estas duas consciências para poder afirmar a consciência-de-si filosófica radicada nesta tragédia política ocidental. A sua afirmação coabita a educação para a liberdade do sujeito que revela o *lógos* deste estado edipiano doentio tal como ele é em sua efetividade ou inefetividade unívocas. O juízo do tirano e o juízo do servo não desvelam verdade alguma para o mundo. Não existe produção de conceito científico nesta relação doentia e nem muito menos uma ideia de política isonômica. Eles produzem a não-verdade da verdade baseada numa razão imediata recalcada nos gêneros naturais. O senhor domina o seu rebanho segundo o preceito de dominação natural. Ele recalca o servo a partir de seu poder de comando para a obediência cega. “É natural que seja assim”. Assim pensa o escravo na sua condição de servo. O Estado despótico é criado dentro deste processo de formação de classe antagônica em que a riqueza e a força de seu movimento de destruição se tornam o seu alicerce de sua privação moral e ética. Na história do poder político, seja grego, romano, cristão ou germânico, ou qualquer um outro, a funcionalidade da fortuna fez mover o motor da História universal a partir desse dispositivo acoplado as cobiças e aos interesses particulares diversos surgidos entre os sujeitos. Kojève mostra que o Estado *kraft* tem uma ideia de que começa com a propriedade privada assentada no poder particular de uma família¹⁶⁴ ou de um grupo despótico enquanto uma facção que disputa o poder territorial a serviço de sua crueldade, tal como foi escrita por Engels. O Estado resguarda em si as marcas desta configuração simbólica de dominação e servidão pelo

164 “Mas voltemos ao Estado pagão, ao Estado-cidade dos senhores guerreiros não-trabalhadores. Esse Estado, como todo Estado, só se interessa e só reconhece a ação dos cidadãos que – no caso – reduz-se à ação guerreira. O Estado pagão só reconhece no cidadão o aspecto universal da existência humana. No entanto, o elemento particular não é, nem pode ser, absolutamente excluído. De fato, o senhor não é somente senhor de escravos e cidadão-guerreiro de um Estado. É também necessariamente membro de uma família. E é família - à casa do senhor pagão - que pertence o aspecto particular de sua existência” (2002, p. 179).

fato dele ser a sustentação da propriedade privada de seus entes particulares, ou seja, das famílias que acumularam riquezas. Assim como esta máquina é também a imagem de Deus, pagão ou não, que representa o recalque da Ideia para a propagação da defesa partilhada divina destes mesmos entes particulares de linhagens hereditária e monárquica em sua base primeira. Ele não pode ser interpretado como sendo a felicidade terrena.

Platão (519 a), na sua *República*, livro VII, diz que os homens que desenvolvem atos de perversidade e injustiça não são pessoas de bem. Assim diz ele (1949, p. 321):

mas a faculdade de pensar é, ao que parece, de um caráter mais divino, do que tudo o mais, nunca perde a força e, conforme a volta que lhe derem, pode tornar-se vantajosa e útil, ou inútil e prejudicial. Ou ainda não te apercebeste como a deplorável alma dos chamados perversos, mas que na verdade são espertos, tem um olhar penetrante e distingue claramente os objectos para os quais se volta, uma vez que não tem uma vista fraca, mas é forçado a estar ao serviço do mal, de maneira que, quando mais aguda for a sua visão, maior é o mal que pratica? - Absolutamente.

As castas dos homens perversos são também estudadas por Hegel no que diz respeito aos seus atos anímicos de governos imediatos recalcados nos poderes mágicos e naturais de destruição e agressão.

O movimento em que forma a classe dos que comandam e a classe dos que são comandados engendra esta ação dupla baseada no controle do *agir do outro* e do *agir por si mesmo*. No primeiro caso, cada qual *tende à morte do Outro*. No segundo caso, o que está em jogo é a própria vida daquele que age por si mesmo. Esta luta é exposta a partir do momento da sua relação com a verdade que é diversa para cada um. Existe um desprezo de ambas as partes. Uma não aceita a verdade da outra.

A consciência-de-si do senhor é o espelho da consciência do escravo cativo e trabalhador. A consciência do filósofo é o espelho real do espírito do mundo que quebra com esta lógica binária assentada numa relação de dominação e sujeição. Hegel observa que este duplo movimento que gera um terceiro é realizado, primeiramente, entre duas consciências distintas que gera uma outra completamente diferente de ambas as duas, por exemplo. Uma consciência tem que se espelhar em outra consciência para pode existir enquanto tal: senhor-escravo, filósofo-mundo. A consciência-de-si do filósofo é a negação afirmativa para estas duas consciências que não realizam exames sobre si

próprias. O recém-nascido é educado e socializado por outras consciências e aprende segundo estas consciências a relação social de uma língua, suas leis da cultura em que estão inseridos seus parentes reais ou não reais. A consciência-de-si necessita de outra consciência-de-si para manter relações de reciprocidade tendo uma dupla significação, a saber, primeiro há uma perda de si nessa relação dual em que a consciência-de-si se vê como uma outra consciência. Logo em seguida, esta mesma consciência suprassume o ser outro que não é ela porque não quer se reconhecer no Outro como sendo essência de uma outra consciência. Ela só quer ver o seu eu no outro a partir de si mesma. Este estado de espelho é promovido por esta duplicação da consciência que é sediada por uma relação de estranhamento. Uma consciência é estrangeira para uma outra consciência.

O escravo só aceitou ser escravo porque viu os seus pares morrerem no campo de batalha e não quer morrer do mesmo jeito, pois a partir dessa atitude ele pode conservar a sua vida cedendo as suas forças para o senhor dominador e o opressor. Aparentemente ele não estranha mais a consciência dominadora pelo fato de ter se acostumado com a violência provocada pelo senhor de escravos que quer ser o senhor do mundo da guerra. A violência causada pelo detentor dos meios de produção garante a sujeição inconfessada dentro dessa relação de dominação de uma consciência sobre outra consciência.

“A idéia da morte na filosofia de Hegel”, é apresentada por Kojève, que mostra que (2002, p. 513):

é na luta, em que a força do negativo se manifesta pela aceitação voluntária do risco de vida (o senhor) ou pela angústia provocada pelo aparecimento consciente da morte (o escravo), que o homem cria Seu ser humano, transformando assim, como por magia, o nada que ele é, e que se manifesta a ele e por ele como morte, em uma existência negadora do combatente e do trabalhador criadores de história.

O escravo, neste sentido, é o animal capturado pela potência de um senhor. Por ele não ter o mesmo dispositivo armamentístico atrelado ao poder despótico de governo, se torna um ser doméstico e cativo, isto é, um ente não livre.

A Filosofia carrega consigo uma consciência histórica e cultural baseada na crítica de valor referente a vida atrelada a estas duas consciências que já se encontram cristalizadas em todo corpo político social. Estes homens de formação cultural filosófica

teceram críticas severas ao modelo de governo baseado na tirania de um só, sendo esta subtraída e conhecida pelo uso incorreto da disciplina da ação racional histórica ao universo da política. Neste trabalho filosófico que durou longos séculos de história para se criar uma maturação do intelecto filosófico, desenvolveu-se a partir disso a crítica feita ao conceito puro de cultura, ao *poder-do-Estado*¹⁶⁵ despótico e em contraposição a estas duas formas de atuações históricas, surge a ideia da liberdade assentada no poder político de um Estado de direito que aparece como a contrapartida ao despotismo reinante, uma diferença na História. Isto sendo visualizado, incipientemente na antiguidade, até nos tempos modernos de Estados laicos europeus em que se cria os direitos universais dos homens. A liberdade é um direito para todos. Isso tudo foi manifestado na época de Hegel que já observava o mundo como algo desespiritualizado e corrompido pela maquinação da indústria moderna capitalista. A dupla alienação¹⁶⁶ negativa sem afirmação positiva é disposta pela quebra com as linguagens originárias e logo em seguida no trabalho assentado na terra em que o homem do campo não vai mais dominar. Ora, ambos são capturados pela nova máquina despótica política de destruição e de criação de novos direitos assentados em novas necessidades de produção. A ética dos povos não é mais a mesma. Os povos não falam mais a mesma língua e nem trabalham na mesma terra. O Eu e o outro que formava o Nós da cultura no seu sentido originário caiu por terra dando lugar a um outro desconhecido. Uma época que já era vista por Platão como sendo ela mesma a naturalização da existência do não-ser dentro do sistema efetivo que tornara aparente segundo a forma deste governo sofista. Em “A

165 A cultura é o momento em que o animal ganha um espírito que está alienado segundo a sua relação com a natureza que é transformada a partir de um trabalho realizado nela mesma. Neste momento não existe uma consciência-de-si que reflita sobre esta ação. Aqui não existe fragmentação entre parte e todo. Para Hegel, a cultura se desenvolve como o reino exemplar da efetividade. É com a formação do *poder-do-Estado* que este saber imediato é revelado na história. Este poder resguarda em si as suas ambigüidades intrínsecas a sua formação. “Riqueza”, “resultado”, “trabalho”, “gozo” formam em si o juízo dessa máquina orgânica como *obra universal*. “O poder-do-Estado é tanto a *substância* simples quanto a *obra universal*, a absoluta Coisa mesma, na qual é anunciada aos indivíduos sua essência – e sua singularidade só é pura e simplesmente a consciência de sua *universalidade*. Igualmente, o poder-do-Estado é a obra e o *resultado* e o resultado simples em que desvanece [o fato de], que se origina do agir dos indivíduos; ele permanece a absoluta base e subsistência de todo seu agir. Essa etérea substância simples de sua vida, por essa determinação de sua inalterável igualdade-consigo-mesma, é *ser*, e, portanto, é somente *ser para o Outro*” (HEGEL, 2011, p. 343).

166 Salgado chama de “cisão”, como já foi exposto anteriormente, esse processo realizado pela consciência despótica dobrada nela mesma, que na época moderna da história universal, realiza essa contradição renovada neste *topos* trágico. Pois para ele, “a questão enfrentada por Hegel é da cisão do Espírito. Essa cisão revelava-se no próprio seio do Espírito como atesta a revolução francesa e culmina nas formas superiores de sua manifestação como na arte, na religião e na filosofia” (SALGADO, 1996, p. 66).

dialética e o filósofo”, ele visualiza esta diferença entre o real e o impostor (1979, p. 177):

- Este se refugia na obscuridade do não-ser, aí se adapta à força de aí viver; e é à obscuridade do lugar que se deve o fato de ser difícil alcançá-lo plenamente, não é verdade? (...). - Quanto ao filósofo, é a forma do ser que se dirigem perpetuamente seus raciocínios, e é graças ao resplendor dessa região que ele não é, também, de todo fácil de se ver, pois os olhos da alma vulgar não suportam, com persistência, a contemplação das coisas divinas.

O que Platão visualiza é o obscurantismo em relação a existência do sujeito que lida com a sabedoria divina. É mais fácil ver um encenador político na *pólis* do que um ser real que se dedica a filosofar de maneira verdadeira.

O universo puro das culturas é destruído sistematicamente por estas castas guerreiras que se territorializaram a partir da destruição do Outro segundo a vulgaridade da guerra. E a partir disso cria-se a casa para abrigar o “não-ser” dentro do sistema, ou seja, o encenador social da anti-cultura. Para que isso possa ser efetivado, primeiramente, a consciência cindida rompe com o sistema do Espírito em si dentro de sua própria psique no seu primeiro estágio de devastação em relação com a natureza da própria cultura. No segundo estágio, ela adquire, por intermédio da Razão histórica, a emancipação controlada da consciência-de-si por meio da luta pelo reconhecimento, entre senhor e escravo, dentro do Estado despótico. Com a destruição da cidade antiga grega, o modelo despótico de governo entra em vigor no mundo romano e no movimento que vai do paganismo ao cristianismo até chegar no Estado moderno que é a extensão desta crise que caminha pelo mundo deixando atrás de si os seus fantasmas da destruição. É neste sentido que o conceito de cultura filosófica recalcado no espírito ético de um sujeito vinculado ao seu povo ou fora dele, e a sua religião ou fora dela, são amplamente distorcidos pela guerra histórica em curso. A certeza deste fato é desvelada pela história da Filosofia que percebe, segundo o entendimento histórico, esta ruptura dentro do universo calculador do mundo. É na guerra pelo reconhecimento que a consciência-de-si pode clamar segundo a sua consciência, a independência-de-si diante desse conflito que marca a história da cultura filosófica no terreno grego e no solo germânico. Hegel distingue estas épocas que produziram sistematicamente Filosofia.

A filosofia germânica é a filosofia dentro do cristianismo, enquanto este pertence aos povos germânicos; os povos cristiano-europeus,

enquanto pertencem ao mundo da ciência, têm no seu complexo cultura germânica, visto como a Itália, a Espanha, a França, a Inglaterra etc., receberam nova forma por obra dos povos germânicos. O mundo grego estende-se também ao mundo romano, pelo que devemos falar da filosofia no terreno do mundo romano; mas os romanos não produziram filosofia que lhes fosse peculiar, do mesmo modo que não têm poetas próprios. Não fizeram mais do que receber e imitar, se bem que muitas vezes com inteligência; até a religião deles deriva da grega, e o que ela oferece de peculiar não constitui uma aproximação da filosofia e da arte, porque nem é filosófico, nem artístico. (1980, p. 382)

Hegel observa que a cultura do filósofo cultivada nestes espaços, tal como apresentou Platão em seu discurso a respeito do sofista, no seu sentido científico perde as suas origens de veracidade abrindo espaço para o processo de formação de discursos despóticos ou, dito de outro modo, de estados sofistas estudados por este filósofo.¹⁶⁷ Este caminho que prescreve a derrota do divino advém da promoção dessa força impostora e criminosa que rebate todos os desejos na baixaza da despersonalização do divino. É a partir desse exemplo que se pode afirmar que a cultura e o poder-de-Estado não nascem prontos e acabados no mundo. Primeiro vem as partes (as culturas) e mais tardiamente surge o Estado tirano que destrói o sentido puro da cultura primitiva. Para Aristóteles, em sua *Política* (§ 11), o todo vem antes das partes. “Na ordem natural, o Estado antepõe-se à família e a cada indivíduo, visto que o todo deve, obrigatoriamente, ser posto antes das partes” (ARISTÓTELES, 1966, p. 12). O pensador de Estagira não olhou profundamente para a marca de sangue e nem tão pouco olhou para o dispositivo da crueldade que estão por trás desta primeira formação da máquina política no espaço da terra. Tem que existir um trabalho de ambos os lados para se ter um lugar no tempo e no espaço, tanto para a cultura primitiva como para a formação estatal. Uma criança não nasce falando e andando. Tal como um Estado, ele tem que nascer de algo que não é ele, mas pela disposição da força do trabalho que cria um motor que se desloca no espaço, ele se torna dominante frente ao substrato da cultura primeira mutilada.

167 “A origem do Estado é por um lado a dominação e, pelo outro, a obediência instintiva. A obediência e a força, o temor de um governante, já são uma ligação de vontades. Descobrimos que já nos Estados primitivos a vontade do indivíduo não conta, que há a renúncia da particularidade e que a vontade universal é o essencial. Esta união do universal e o particular, é a própria Idéia, presente como Estado e assim desenvolvendo-se ainda mais. O rumo abstrato mas necessário do desenvolvimento de Estados verdadeiramente independentes começa portanto como o poder da realeza, patriarcal e militar” (HEGEL, 1990, p. 97).

Como também foi dito nesta dissertação que o motor da História é criado por estas castas guerreiras que devastam com o mundo tal como fez Alexandre que recebeu o título de ‘o senhor do mundo’. A vida de si e a morte dos Outros são compostas pela natureza anímica do tirano que constitui o seu néctar baseado na destruição de povos, cidades, florestas e indivíduos singulares. Quem era na verdade Alexandre? E quem era na verdade o preceptor dele? O que ele lhe ensinava? Sobre os *100 tiranos* na história, o autor do texto Nigel Cawthorne fala sobre o poderio bélico de Alexandre, a saber:

Alexandre, o Grande, era um tirano tão sedento de sangue que foi retratado na Bíblia (Livro de Daniel) como ‘A Terceira Fera’, e no Corão como ‘Aquele com Dois Chifres’, que devastará novamente a terra com Satã nos últimos dias. Ele começou sua carreira tirânica em 340 a.C., quando seu pai, Filipe II da Macedônia, o tornou regente. O rapaz de 16 anos esmagou prontamente uma rebelião dos medos da Trácia, apoderou-se de sua principal cidade e deu-lhe o próprio nome, chamando-a de Alexandrópolis. Dois anos mais tarde, ele conduziu uma carga decisiva na Batalha de Queroneia, fazendo em pedaços as tropas de elite de Tebas, o Batalhão Sagrado. (...). Mas a verdade é que seu tutor, Aristóteles, havia lhe ensinado que os povos bárbaros serviam apenas para ser escravos dos gregos. Alexandre derrotou uma força persa entrincheirada ao longo do rio Granico, espartilhando cerca de 4 mil mercenários gregos. Ele enfrentou o rei persa Dario na Batalha de Isso, para a qual as estimativas dos mortos persas variam entre 5 mil e 10 mil. (CAWTHORNE, 2015)

Platão (575 b) desvela o falso caráter atrelado ao desejo do tirano que, em quaisquer esferas do poder, percebe-se que ele atua como ladrão, encenador, falsário, ou seja: “por exemplo, roubam, assaltam casas, vão às carteiras, tiram a roupa, saqueiam os templos, vendem como escravos pessoas livres; há-os que são delatores, quando têm capacidade de falar, que são falsas testemunhas e que aceitam subornos” (1949, p. 416). Esta consciência fora cultivada pela sombria aparência do silêncio que age como um animal que não é dotado de conhecimentos filosóficos, ou seja, de humanidade no coração. Por isso que ela é falsa, gananciosa e cruel.

O pensamento do homem moderno ocidental é a extensão da crise que começa a ser trilhada já na Grécia antiga com o reconhecimento da eticidade trágica que tem a sua gênese na formação de Estados despóticos mutilados. Sófocles reconheceu este processo na sua gestação embrionária. Ele viu a raiz do problema crescer. É a partir desse itinerário que a crítica levantada por Hegel prescreve a formação de uma má consciência que é produzida e revelada neste caminho. Esta consciência é, na verdade, uma consciência cindida duplamente na perversão dos valores da cultura e do Estado. É

a partir desta ruptura com estes *lógos* que a consciência cindida ganha uma forma dentro da história segundo o entendimento sediado pela educação emancipada do sujeito que a revela para o mundo. A essência primeira e a substância são transformadas dentro deste processo histórico que começa na antiguidade e chega na sua saturação no vislumbre moderno de Estado iluminista que já não é Estado nenhum. É o momento de uma consciência sem Espírito reinar na Terra dos seres sem cultura. Para Hegel “essa *sabedoria* própria do Iluminismo aparece-lhe, necessariamente, com a *banalidade* mesma, e ao mesmo tempo como *confissão* da banalidade” (2011, p. 388).

A cultura e o Estado antigo estão condenados pelo excesso de informação que caracteriza a morte mesma da cultura e do Estado de cultura antigo e moderno, respaldados pela crise do Espírito em relação ao saber absoluto (*Überbildung*). Dentro desta perspectiva, a autonomia, o trabalho, a modificação e até mesmo a reformulação do imediatismo mediatizado, cai no limbo dos novos tempos do espírito do mundo sem espírito. O caminho para a conquista da Terra, como foi colocado anteriormente, foi traçado pela razão calculadora atrelada a este espírito que se sobrepôs às demais culturas a partir de seus ditames recalcadores realizados na comercialização de mercadorias, estriamento do espaço como forma de forma campos de produção capitalista e na escravização de povos. Na tese sobre *Hegel e o Estado*, Franz Rosenzweig esclarece esta questão, a saber: “infeliz é o Estado no qual a *Aufklärung*, que é imprescindível à humanidade, não pode abarcar todas as classes sem perigo para sua constituição” (2008, p. 75). Noutro ponto do texto ele coloca: “esta última frase parece evocar a doutrina tardia de Hegel da morte do Espírito de um povo que cumpriu seu papel na história universal; tal relembra a posição do filósofo da história com relação ao lugar reservado a Sócrates no desenvolvimento do Estado grego” (p. 76). É no momento de crise política que a manifestação da repressão se manifesta procurando culpados pela produção de sua própria miséria.

A produção e a reprodução social dentro da dupla alienação concentradas em suas perversões estamentais despóticas percorrem as cidades gregas, as cidades romanas, os povoados cristãos, as culturas germânicas e as modernas cidades operárias com programações festivas controladas pelos tiranos do espetáculo que se diz público, que na verdade, é a privação de todos os desejos controlados pelos déspotas. O espetáculo deforma a visão e a audição dos espectadores que são amplamente

consumidos por estas atividades em que está em jogo é a morte voluntária de todas as almas dos cidadãos que se formam na cidade como massas controladas por este dispositivo técnico-despótico destruidor. Platão (476 b), no livro V de sua *República*, levanta uma crítica muito importante que condiz com o pensamento de Hegel a respeito dessa forma de dominação e subserviência, a saber (1949, p. 255-256):

- É nesse ponto que eu estabeleço a distinção: para um lado os que ainda agora referiste – amadores de espectáculo, amigos das artes e homens de ação – e para outro aqueles de quem estamos a tratar, os únicos que com razão podem chamar-se filósofos. - O que queres dizer? - Os amadores de audição e de espectáculo encantam-se com as belas vozes, cores e formas e todas as obras feitas com tais elementos, embora o seu espírito seja incapaz de discernir e amar a natureza do belo em si. É assim, realmente. Mas aqueles que são capazes de subir até ao belo em si e de contemplar na sua essência, acaso não são muitos raros? Mesmo muito.

Hegel identificou em sua *Fenomenologia* a mesma problemática que remete a frivolidade das massas gerada por este tipo de prazer que enaltece todos os sentidos dos corpos das pessoas que estão envolvidas nessa trama cômica e trágica em que aparecem as *Dionisíacas urbanas* como forma de criar um pseudo sentido de afinidade entre os cidadãos que se tornam bacantes destes desejos mortuários. O espetáculo tem uma função bastante peculiar, a saber, o de criar a ilusão. Os sujeitos são despersonalizados pela massa, isto é, eles não são mais sujeitos de si. As massas são controladas por líderes fanáticos que despertam nestes aglomerados sentimentos anímicos que resguardam dentro de si o arcabouço da tirania vinculada ao despotismo. É neste momento que o prazer do amor, da religião e de tudo aquilo que outrora era denominado sagrado, cultural, caem numa descrença em que o êxtase do momento é despertado por uma armadilha do desejo que se torna “fé” deturpada. Hegel diz que existe uma inteligência que refuta essa “tagarelice do momento”, e é ela mesma uma inteligência ética que difere da multidão sem espírito que despreza as coisas divinas. Ou seja, o momento do espetáculo, no iluminismo moderno em diante, é abstraído por um “sentimento de ser a dissolução de tudo que se consolida, de ser desconjuntado [no suplício] da roda através de todos os momentos de seu ser-aí, e triturado em todos os seus ossos” (HEGEL, 2011, p. 372). Julgar esse mundo dissolvido pela tirania atrelada às massas faz parte do discurso vinculado a esta inteligência ética que é para Hegel a única que prevalece sob o prisma da verdade sobre o seu objeto de estudo que é o próprio mundo sacrificado pela máquina despótica em todos os seus sentidos. Os

recalques sob os preceitos anímicos de governo satisfazem o grande Ego que já não é mais o Ego de Deus e sim o Ego neurótico da multidão que põe a máscara do divino na festa do amor que na verdade é uma *isca para mordiscar* todos os sentidos que já se encontram mortos em vida. Sendo assim, Hegel acrescenta no mesmo texto citado: “aquela massa é a vítima da impostura de um *sacerdócio* que leva a termo sua vaidade ciumenta de permanecer só na posse da inteligência, como também em seus próprios interesses egoísticos e que, ao mesmo tempo, conspira com o *despotismo*” (p. 374). Hegel conceitua o despotismo como algo em que está assentado a unidade sintética atrelada ao seu reino ideal de valores reais que se encontram sobre as cabeças da multidão sem inteligência ética, cuja essência é bastante inconsistente e inconsciente. É uma dominação que se vale da estupidez dos sujeitos e da confusão dos povos com a construção de desejos e caprichos tiranos que são supersticiosos e errôneos.

Freud escreveu um texto sobre a *Psicologia das massas e análise do Eu* (1921) para mostrar como é que acontece o recalque proveniente da força anímica que anima o espetáculo das massas e de suas imposturas contra toda e qualquer individualidade pensante. Vale recordar que os verdadeiros filósofos de ontem e de hoje não se dirigiam às massas. Isso já foi explicitado neste trabalho, mas vale lembrar desse detalhe que é para Freud, o mais capcioso por ser ele o distintivo que distingue o tirano do filósofo.

A massa como um conceito é para Freud uma multidão (*foule*) formada que pode ser também uma aglomeração com chefe ou sem chefe, isto é, um agrupamento ou um grupo que (2011, p. 26):

é extraordinariamente influenciável e crédulo, é acrítica, o improvável não existe para ela. Pensa em imagens que evocam umas às outras associativamente, como no indivíduo em estado de devaneio, e que não têm sua coincidência com a realidade medida por uma instância razoável. Os sentimentos da massa são sempre muito simples e muito exaltados. Ela não conhece dúvida nem incerteza.

Sobre a natureza da consciência da besta, assentada no poder anímico da massa, já foi discernido bastante coisa ao seu respeito neste trabalho dissertativo. Cabe mencionar aqui a ideia de líder de massa, isto é, o sujeito que conduz, lidera, comanda este conjunto disforme e inefetivo: o cabeça da multidão. O estatuto da guerra externa é a dominação sangrenta, mas o estatuto da guerra interna é a morte provocada por paralisia mental, ou seja, é a consciência massacrada que vive sob as rédeas de um senhor visível e invisível. Hegel chama este líder ou ídolo todo sujeito que já não tem

mais coração, “carente-de-consciência”, infectado por não ter espírito nenhum, ele lidera massas como também se utiliza das imagens divinas capturadas dos povos para se autopromover como santo teocrático; ou até mesmo fabricar seus próprios deuses para justificar suas ações de domínio a partir da disposição da crença deturpada. Ele é o senhor que quer ser o dono do céu e da Terra. Isto é na verdade uma ficção inventada por este dispositivo técnico do poder acoplado a criação linguística que está recalcada por fantasias místicas e animais. O seu governo particular é regido por uma “facção” que quer ser o todo organizado, mas não passa de um pedaço pobre desse todo estropeado. Hegel deixa isso bem claro quando ele disserta na *Fenomenologia* sobre “A liberdade absoluta e o terror”. “O que se chama governo é apenas a facção *vitoriosa*, e no fato mesmo de ser facção reside a necessidade de sua queda, [ou] inversamente, o fato de ser governo o torna facção e culpado” (2011, p. 406).

Para Freud não existe massa sem um senhor, ou seja, sem uma docilidade estabelecida, sem um jogo que as mova para lá ou para cá. Le Bon e Elias Canetti identificaram a mesma coisa. O primeiro é estudado por Freud e o segundo é estudado por Deleuze e Guattari no tratamento da questão relacionada ao poder do governo das massas. Diz Freud sobre Le Bon: “servimo-nos das descrições de Le Bon como uma introdução, por ele concordar tão bem com a nossa própria psicologia, ao colocar a ênfase na vida psíquica inconsciente” (2011, p. 31). O modelo da guerra promovida pelo capital nasce com o dispositivo acoplado ao instinto de morte em que as massas são governadas por um sentimento de um paranoico.

No *Anti-édipo: capitalismo e esquizofrenia*, Deleuze e Guattari dizem que “Elias Canetti mostrou muito bem como o paranoico organiza as massas e as ‘matilhas’. O paranoico combina-as, opõe-nas, manobra-as” (2010, p. 369). O governo paranoico é o governo da doença radicado no *anti-humano* e não nas leis justas humanas.¹⁶⁸

168 Duas forças paranoicas que organizam as massas de forma artificial, a saber, a *Igreja* e o *Exército*. No texto sobre *Duas massas artificiais: igreja e exército*, Freud as define como sendo: “Igreja e exército são massas artificiais, isto é, uma certa coação externa é empregada para evitar sua dissolução e impedir mudanças na sua estrutura. Normalmente não se pergunta a alguém, ou não lhe é dada a escolha, se deseja ou não ingressar numa massa desse tipo; a tentativa de desligamento é desestimulada ou severamente punida, ou está sujeita a condições bem determinadas. (...). Na Igreja - podemos, com vantagem, tomar a Igreja católica como modelo - prevalece, tal como no Exército, por mais diferentes que sejam de resto, a mesma simulação (ilusão) de que há um chefe supremo - na Igreja católica, Cristo, num Exército, o general - que ama com o mesmo amor todos os indivíduos da massa” (FREUD, 2011, p. 46-47).

Dito isso, então a partir de agora distinguiu-se o campo de atuação da pesquisa filosófica como ciência, refutando assim o pensamento de Heidegger que diz que “Filosofia não tem nada a ver com ciência”. Pois para Hegel, a Filosofia é ciência primeira das causas e dos primeiros princípios. Neste ponto o filósofo da floresta negra comete um equívoco. Mas seguindo o seu raciocínio a respeito da alegoria segundo os preceitos alegóricos explicitados na obra de Platão, Heidegger a partir desse estudo consegue problematizar tal problemática digna de nota, demonstrando o sentido de ser filósofo no pensamento platônico, a saber, “§ 24. O filósofo como libertador. Seu destino no acontecimento de abertura e encobrimento”. Assim ele pensou a respeito do assunto citado (HEIDEGGER, 2012, p. 190-191):

o homem de que fala Platão, no quarto estágio, o homem que desce e talvez agarre um outro para levá-lo para fora, não é se não o *filósofo*. Sabemos que, em outras passagens, Platão define assim o filósofo: 'O filósofo é aquele cujo empenho mais íntimo é visualizar o sendo como tal. Está na essência da claridade do lugar onde se encontra o filósofo, que nunca é um lugar fácil de ver; pois a visão (*Blick*) da massa não é capaz de ver na direção daquilo que vai além da situação do dia-a-dia'. (...). Um filósofo é, assim, alguém que saiu da caverna, adaptou-se à luz e, então, retornou à caverna como libertador dos presos. *Este* filósofo se expõe ao destino de morrer, da morte da caverna pela mão dos habitantes da caverna que detêm o poder de mando e decisão. Platão quer recordar aqui a morte de *Sócrates*. Há que se dizer aqui que este caso é único, que, em geral, não pertence ao destino do filósofo beber a taça de cicuta. No todo e de maneira geral, os filósofos se têm saído extremamente bem. 'Vivem sentados em suas casas, ocupando-se com seus pensamentos.' No entanto, é o que de fora se pensa. Estamos aqui numa alegoria. Matar não precisa ser apenas dar uma taça de veneno. Não se pensa aqui na morte do corpo. Esta também não é mais difícil, pode ocorrer durante o sono, em estado de coma biológica. (...). Por isso, pertence à essência do filósofo viver *solitário*; a solidão está dada em seu modo de ser, na posição que ele ocupa no mundo. (...). O difícil na morte é, antes, o fato de a morte, em toda sua inexorabilidade inevitável, estar presente aos olhos do homem durante sua vida inteira. É um ser nulo e impotente dentro da vida. (...). *Matar* consiste em o filósofo, e seu questionamento, se transferir, de repente, para a linguagem dos habitantes da caverna, matar está no fato de o filósofo se tornar ridículo na caverna e cair vítima da gozação pública.

Para Heidegger, o filósofo é sempre aquele que se encontra sob olha perverso e miraculoso de um tirano porque ele não acredita nas crenças infantis deste senhor da morte. O investigador por revelar todo o funcionamento do espírito do tirano que age como um animal controlando o universo sensíveis destas certezas dentro da caverna, ele acaba sendo o alvo principal do poder despótico por não fazer parte do recalque-

repressão instaurado como forma de manter enaltecida as cabeças dos habitantes ali controladas. O sujeito singular que é versado na arte da Filosofia “trabalha na solidão” e não quer rebanho perto de si. Foi o que Hegel e Freud identificaram na conduta psíquica deste intelectual. O primeiro visualiza o regime de trabalho que é acatado para si diante da lei do coração em que todos os corações estão envolvidos de forma fragmentária, dissolvidos num mundo anti-ético. Hegel denuncia: “o que parece ser de *ordem* pública é assim essa beligerância geral, em que cada um arranca o que pode, exerce a justiça sobre a singularidade dos outros, consolida sua própria singularidade que igualmente desvanece por obra dos outros” (2011, p. 267). O segundo diz que “as grandes decisões do trabalho do pensamento, as descobertas e soluções de enorme consequência, são possíveis apenas para o indivíduo que trabalha na solidão” (2011, p. 33). Sobre a solidão como um exercício do pensamento, o estudioso de Hegel Manuel J. Carmo Ferreira mostra em seu estudo de tese *Hegel e a justificação da filosofia* que “a solidão surge então como a origem secreta de uma eficácia na compreensão do presente” (1992, p. 189). Então, é a partir desse contexto que o poder da inteligência ética vinculada a produção de conceitos e pensamentos filosóficos abstraídos por esta produção sedimentou na História universal o juízo da criação do conceito em sua plenitude no solo ocidental. Esse foi um golpe da genialidade do juízo científico que conseguiu quebrar com o silêncio vinculado às ordens das castas que governavam as cidades, os templos e as massas. Aqui se explica todo o movimento desta psique que é dobrada no seio de uma comunidade de base aristocrática e é ela mesma o alicerce para a construção das leis vinculadas aos sujeitos que lutam por seus direitos dentro do Estado de direito que não é um Estado de ordem aristocrática.

4. Do juízo criador de conceito

Não existe ciência sem conceito. Toda e qualquer produção científica trabalha sob a égide de sua criação conceitual teórica. A doutrina do juízo do conceito perfaz o exame da consciência-de-si derivada em outro juízo que não é conceitual. Ela só existe nessa relação dialética em que um juízo é a antípoda para outro juízo. Juízo de juízo, desejo de desejo, vontade de vontade.

Na *Enciclopédia das Ciências Filosóficas*, livro I, “ciência da lógica”, Hegel escreve a respeito deste juízo que é formado pelo conceito.

O *juízo* é o conceito em sua particularidade, enquanto *relação* diferenciadora dos seus momentos, que são postos como essentes-para-si, e ao mesmo tempo como idênticos [cada um] consigo, não um com outro. No juízo pensa-se ordinariamente primeiro na *autonomia* dos extremos - do sujeito e do predicado; que o sujeito é uma coisa ou uma determinação para si, assim como o predicado é uma determinação universal [que está] fora do sujeito, por exemplo na minha cabeça; depois essa determinação é reunida por mim com a primeira, e assim se faz o juízo. (...). A significação *etimológica* do juízo em nosso idioma é mais profunda, e exprime a unidade do conceito como o [que é] primeiro, e sua diferenciação como a divisão *originária*; o que o juízo é na verdade. [Urteil = *ursprünglich Teilung*]. (1995, p. 301)

Os tipos de juízos que foram cultuados na História universal são os que foram cunhados no decorrer do processo de formação da cultura, do Estado e da liberdade do sujeito criador de novas eticidades políticas dentro da cidade. Portanto, é neste paradigma que surge a ideia de liberdade individual para aqueles criadores de conceitos em suas atividades científicas.

Todos os filósofos citados nesta dissertação criaram conceitos ou trabalharam em suas obras sob o poder deste mecanismo intelectual de leitura do curso do mundo sob o poder de um juízo conceitual. A relação dual entre sujeito e predicado e de sua relação com o que realmente foi criado é o fundamentado da criação deste princípio, desta causa primeira, deste juízo, desta essência, deste sujeito e desta substancialidade que gera todas as coisas existentes no universo físico e metafísico. Na época de Hegel, estes conceitos são esquecidos e completamente deturpados pela nova forma de fazer “ciência” que é a materialização do novo mundo de operários e de engenheiros sociais, técnicos e engenheiros de guerra mundial. A física newtoniana fez sucesso neste espaço

por satisfazer as necessidades do momento sem Deus, sem natureza e sem Espírito. Uma “ciência” que se encontra, nesse momento da história, a serviço da devastação.

Os cientistas criaram seus conceitos para compreender a vida tal como ela é na sua movimentação dialética que fica entre o todo e as partes inumeráveis distendidas neste universo absoluto, unida e separada. Primeiro se estatui os conceitos para a existência de toda *physis* e depois para a vida de toda ordem e de toda desordem psíquica vinculadas ao aparelho psicomotor da história das culturas dos povos, dos Estado despóticos ou dos Estados de direitos, das massas cotidianas como também dos indivíduos singulares que criaram ciência a partir da leitura da História vinculada a produção da Filosofia. Deleuze e Guattari escreveram sobre “O plano de imanência” em que o conceito é criado. Ou seja, para eles (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p. 74):

a história da filosofia é comparável à arte do retrato. Não se trata de ‘fazer parecido’, isto é, de repetir o que o filósofo disse, mas de produzir a semelhança, desnudando ao mesmo tempo o plano de imanência que ele instaurou e os novos conceitos que criou. São retratos mentais noéticos, maquínicos.

O quadro que está sendo pintado ou narrado aqui é o quadro do mundo pincelado por Hegel segundo a sua composição e decomposição conceituais. Os filósofos gregos deram o pontapé inicial para a tomada de conhecimento deste “retrato” na História universal do mundo.

O conceito demarca um campo de atuação que é vislumbrado pela perspectiva científica na história da filosofia. Ele é criado e abstraído por um juízo singular no campo da metafísica da linguagem. Um objeto conceituado para a consciência é o seu conceituar consciente de ser este conceito o objeto conceituado. Hegel mostra na sua ciência da lógica, livro I, os conceitos que deram sustentação para realizar o trabalho de leitura sobre a gênese de todo universo que para ele começa com o saber absoluto e termina com ele. O conceito não é algo meramente “abstrato”, “morto”, “vazio” de conteúdo, um insight. Não, o conceito não representa estas coisas sem vivacidade. “De fato porém sucede exatamente o inverso, e o conceito é antes o princípio de toda a vida, e assim, ao mesmo tempo, o [que é] pura e simplesmente concreto” (HEGEL, 1995, p. 292). A vida é desvelada segundo esta concretude observadora que não esquece que as partes existentes dentro deste universo são substratos desse modelo concreto substancial.

Neste sentido, o conceito como sendo aquilo que é livre em sua historicidade e que não pode ser separado de um mundo, de uma linguagem que expressa a realidade e também ele não se separa de um sujeito singular dotado de cultura filosófica radical. É partir disso que se conclui que o sujeito que cria o conceito através de seu trabalho científico escolheu o caminho da liberdade em vez de se tornar o camareiro dos tiranos devassos e sonhadores de mundo imaginários. Esta psicologia dominante que está cristalizada em torno do tecido social estabelece uma doutrina que remonta aos campos de guerra como atos de servir, ou seja, ao ato de obedecer às ordens estabelecidas porque o que foi ensinado foi a obediência e não a liberdade do pensamento. Tem que ser assim, não pode ser de outro jeito. O formato desta ideia se apresenta para este sujeito da seguinte forma, a saber: ou cede à força ou morre? O filósofo cria a possibilidade de vencer esta morte em vida a partir de suas criações conceituais filosóficas. Pois para Hegel “a Doutrina do Conceito divide-se na Doutrina 1º) do conceito subjetivo ou *formal*; 2º) do conceito como determinado à imediatez ou [doutrina] da *objetividade*; 3º) da idéia – do sujeito-objeto – da unidade do conceito e da objetividade, da verdade absoluta” (p. 294).

A ideia de liberdade pode ser representada por uma potência que é substancial ao sujeito enquanto algo essente para si que determina a singularidade do ser enquanto ente relativo e absoluto, livre, que não está mergulhado na noite do passado onde dormita todo e qualquer fanatismo. Este estado é apreciado pelos historiadores que não são versados na produção conceitual proveniente da Filosofia. O conceito filosófico é a pura totalidade como princípio concreto de toda vida revelada como metafísica e sendo afirmado como vontade política do sujeito criador.

O absoluto é definido por Hegel a partir da expressão do conceito na sua subjetividade. A sua doutrina se divide em três partes, a saber, primeiro, ele é subjetivo, pode ser também de origem formal; segundo, ele pode determinar aquilo que é imediato, ou, até mesmo aquilo que é objetivo segundo a sua natureza; terceiro, ele perfaz um itinerário que é visto sob um tipo específico de ideia ligada ao sujeito que é uma unidade objetiva e absoluta enquanto juízo verdadeiro radicado em uma verdade inabalada. A sua logística está assentada no pensamento universal, como também se entrelaça numa particularidade que não pode ser vista como uma mera singularidade disponível no imediato. A sua concretude significa que o aspecto singular é representado pelo sujeito que é ao mesmo tempo substância, gênero, espécie. O conceito

é universal, particular, singular, determinado em si e para si. Este é o seu plano subjetivo julgado a partir do seu determinar segundo a criação do conceito desenvolvido por um trabalho objetivo no *lógos*.¹⁶⁹

Hegel diz que (p. 296)

o conceito como tal contém os momentos da *universalidade*, enquanto livre igualdade consigo mesma em sua determinidade; da *particularidade*, da determinidade em que permanece o universal inalteradamente igual a si mesmo; e da *singularidade*, enquanto reflexão-sobre-si das determinidades da universalidade; a qual unidade negativa consigo é o *determinado em si e para si*, e ao mesmo tempo o idêntico consigo ou o universal.

Hegel mostra que o juízo é a sentença ou a proposição que está assentada em algo que se determina, se fixa em algum lugar no tempo e no espaço enquanto palavra que diz alguma coisa sobre algo que condiz com a natureza universal livre. O conceito diz o que é o universal. Por exemplo: a essência de um certo sujeito é o que determina o seu ser. A palavra essência mostra o que ele é. O que é determinado pode exemplificar o caráter negativo, infinito e positivo do juízo que tem uma qualidade contingente enquanto predicado. A reflexão abstraída por esta ciência demonstra que o fator universal, o particular e o individual estão acoplados ao mecanismo psíquico do sujeito como círculo de círculos engendrados pelo mecanismo do absoluto que incide na cultura, nas formações dos Estados e na construção da cultura-de-si de certos sujeitos criadores de perspectivas científicas.

O juízo do conceito, para Hegel, reflete aquilo que é visto e o que não é visto como algo que tem um conteúdo que é o próprio conceito encarnado em sua simplicidade total, universal e na sua determinação completa vinculada ao saber absoluto. Nesta figuração, o sujeito que produz o conceito é visto como um ente singular que tece reflexão sobre o ser-aí que é um particular que se fixa em sua universalidade. Existe aqui uma aprovação daquilo que pode ser concordante ou não de acordo com cada sujeito. Tal juízo concerne a uma avaliação crítica do pensamento pensado a partir da criação do conceito não pensado, segundo o ponto de vista abstrato e concreto criado por um sujeito dotado de cultura filosófica. Para Kojève, o conceito

169 A linguagem deste todo formal e lógico forma em si o seu verdadeiro néctar conteudístico. No livro I, da *Enciclopédia*, diz Hegel: “com certeza o conceito tem de ser considerado como forma; mas como forma infinita, criadora, que em si encerra, e ao mesmo tempo deixa sair de si, a plenitude de todo conteúdo” (1995, p. 292-293).

“aspira à verdade”. Isto pode significar o seguinte, a saber: “para seguir a terminologia de Hegel, podemos chamar de conceito (*Begriff*) o conjunto coerente do conhecimento conceptual que aspira à verdade. Com efeito, a verdade é sempre um conceito em sentido lato, isto é, um conjunto de palavras que-têm-sentido” (KOJÈVE, 2002, p. 319). Ele é o fator determinante para realizar um julgamento acerca de toda realidade tal como ela é na sua essência que é distinta de sua aparência. O conceito está relacionado a palavra que foi enunciada como um juízo que pode ser verdadeiro ou falso segundo a sua determinação lógica. O sujeito e o predicado representados pelo sujeito, pelo particular e pelo universal formam juízos sobre todo o universo, sobre toda terra, sobre todos os animais, sobre toda cultura, sobre todas as relações vinculadas ao saber absoluto¹⁷⁰ que é o Ser e o múltiplo; total e fragmentário. O sujeito que cria o conceito é versado em um valor universal concreto neste sentido unívoco e diverso.¹⁷¹

Toda matéria em movimento ou em repouso está vinculada a um conhecimento determinado pela consciência na qual o sujeito se vincula como algo unitário representado por este mesmo sujeito que diz o que é isto através do conceito. O caráter do movimento criador de conceito infere na função do pensamento tido como conceito que designa algo a respeito do sentido figurativo do conteúdo absoluto que se apresenta diante dos olhos dos pesquisadores em Filosofia. O *lógos* é comum a todos, mas nem todos são capazes de julgá-lo com tal. Hegel determinou o saber absoluto segundo esta doutrina, trabalhando em cima deste conceito para mostrar a diferença que há entre o senso comum e o saber científico. Essa visão macroestrutural e microestrutural demonstra o aspecto total do Espírito na sua plenitude. O absoluto é o círculo em sua totalidade, enquanto o juízo é o sujeito realizado como conceito real e ativo que é a consciência como ela é dentro deste círculo, ou seja, na sua substancialidade esférica. Neste caso, o universal é também um particular e um singular. Para Hegel o conceito representa esta univocidade absoluta que é em si e para si como dupla negação (negação

170 Salgado demonstra que Hegel já tinha identificado a ideia de verdade como “adaequatio rei et intellectus” que é concernente ao que é concreto como sujeito e como substância pura universal da univocidade objetiva e subjetiva. “A Idéia é esse verdadeiro concreto, adequação da coisa (o real) com o intelecto (o racional). Só é verdadeiro o que se mostra ao final do processo da idéia” (SALGADO, 1996, p. 209).

171 Neste sentido, é o que Hegel expõe a respeito do começo da filosofia atrelada a sua história conceitual. “A filosofia começa no momento em que o universal é concebido como Ser que tudo abarca, ou então no qual o Ser é compreendido de modo universal: a saber, quando surge o pensamento que se pensa a si mesmo, o pensamento do pensar. Quando é que isto aconteceu? Quando começou? Eis o aspecto histórico da questão” (1980, p. 377).

da negação) determinada pela consciência-de-si que o cria como algo que é atributo da ciência. Toda ciência opera por conceitos segundo a sua prescrição pedagógica¹⁷² e ontológica. A universalidade é a unificação com esta negatividade absoluta que se torna positiva. Pois, na visão de Hegel (2011, p. 530),

para a consciência-de-si, o negativo do objeto, ou o suprasumir do objeto a si mesmo, tem significação positiva; ou seja, ela sabe essa nulidade do objeto, de uma parte, porque se extrusa a si mesma, pois, nessa extrusão, se põe como objeto, ou põe o objeto como a si mesma em razão da inseparável unidade do ser-para-si.

Na verdade, a determinação da subjetividade sistematizada na diferença e na negação do dado inato relacionado ao ser é formada pelo elemento negativo sobre aquilo que é determinado e negado como síntese diferenciadora do próprio dado. Com isso, a positividade da afirmação do ser resplandece na grandeza deste ato em relação ao objeto que é o em-si e o para-si da consciência-de-si.

O juízo criador do conceito é marcado pela singularidade do sujeito que cria o conceito, a partir deste juízo negativo, como linguagem diferenciada filosófica que é na verdade atributo da cultura-de-si do sujeito emancipado dentro de um Estado que reconhece o direito de liberdade dos outros vinculado a este objeto de estudo.¹⁷³ O ser-em-si e para-si como unidade positiva reconhecida não pode abandonar o objeto vivo que é o próprio mundo. Este está alienado ao juízo criador que existe para a reflexão do mundo como uma espécie de conteúdo determinado da ação singular que é singular em si mesma na qual o modelo abstrato-concreto é determinado pela subjetividade inerente

172 Manuel J. Carmo Ferreira em seu trabalho sobre *Hegel e a justificação da filosofia*, mais especificamente no capítulo “A decisão pela filosofia”, escreve a respeito da pedagogia proferida por Hegel. “A razão do intervir consistirá no estabelecer dos fundamentos da legitimidade do saber. Tal irá ser a função pedagógica que Hegel reivindica para o seu labor intelectual desde os tempos recuados de Tubinga, uma vez descoberta a Filosofia como a definitiva e mais radical pedagogia da vida” (FERREIRA, 1992, p. 24).

173 Carlos Salgado demonstra que este Estado de direito visto no pensamento filosófico de Hegel, é na verdade um Estado que tenta superar o conflito ético radicado na tragédia da cultura ocidental vista por Sófocles em sua obra *Antígona*. Como já foi mencionado em capítulos anteriores, é um conflito entre o sujeito que quer afirmar a sua subjetividade perante o poder estatal. A palavra cindida contra a palavra de ordem. “Hegel representa esse conflito na figura da tragédia de Sófocles, a *Antígona*, cujos personagens, Creonte e *Antígona*, representam, respectivamente, a lei humana ou o Estado e a lei divina ou a família. (...). A tentativa de superação do conflito está num outro tipo de ação. A ação que introduziu a primeira cisão no mundo ético, dividindo a substância ética em duas esferas, que abstratamente se negavam, passa agora a dividi-la no próprio membro da comunidade. O Estado tem a seu cargo a unidade dessa substância e, ao presenciar sua divisão, procura restaurar a unidade pela ação da guerra.” Joaquim Carlos Salgado em “O Mundo Ético e o Estado de Direito: a pessoa” (1996, p. 280, p. 281).

ao seu juízo objetivo.¹⁷⁴ Tal juízo é o reflexo puro de uma consciência-de-si que percorreu o caminho abstraído pelo despertar filosófico segundo uma educação determinada pela afirmação da vida. Este estatuto pedagógico envolve a criação do conceito sob o poder de uma ordem múltipla cuja inscrição está assentada na superfície da terra, no corpo da sociedade, na cultura do sujeito como linguagem que dignifica a sua auto-referência unívoca dentro desta ordem como função da Filosofia científica. Pois, a reflexão sempre é uma manifestação da reflexão que o sujeito tem sobre si em relação com o universal absoluto que é o próprio mundo aí habitado por ele (espaço, tempo, matéria e pensamento reflexivo). Portanto, este si engloba também a reflexão sobre o Outro dentro da linha da consciência, da autoconsciência e da razão prefigurada na história do sujeito dotado de cultura filosófica. Pois o Eu mesmo só pode ser o que é mediante a relação com o outro. O Eu só existe nesta relação binária atribuída ao caráter da consciência cindida em que ele mesmo se auto reconhece neste movimento sócio-educativo. Aqui a dialética circular repousa entre o mundo aparente e a realidade do saber absoluto do conceito.¹⁷⁵ O indivíduo singular dotado de cultura filosófica visa tomar conhecimento a respeito desse movimento lógico absoluto radicado na manifestação da *physis* e também na consciência que é revelada como psique cindida de um povo dominado pela má consciência despótica.

O sujeito criador de conceitos filosóficos revela este itinerário realizado pelo saber científico conceitual segundo a sua perícia tecida a respeito do mundo que é desvelado pela história da Filosofia. O que cria um juízo criador de conceitos? Ele cria um mecanismo de investigação que propõe realizar, segundo um exame profundo sobre

174 O conceito não é algo que não tenha identidade. Ele tem que ter uma expressão que remete a uma produção de ideias, de atos, de comportamentos espirituais, de exercícios particulares referentes ao corpo e a alma. Não existe conceito sem um corpo e alma que o crie. “Descartes, Hegel, Feuerbach não somente não começam pelo mesmo conceito, como não têm o mesmo conceito de começo. Todo conceito é ao menos duplo, ou triplo, etc. Também não há conceitos que tenha todos os componentes, já que seria um puro e simples caos: mesmo os pretensos universais, como conceitos últimos, devem sair do caos circunscrevendo um universo que os explica (contemplação, reflexão, comunicação...). Todo conceito tem um contorno irregular, definido pela cifra de seus componentes. É por isso que, de Platão a Bergson, encontramos a ideia de que o conceito é questão de articulação, corte e superposição. É um todo, porque totaliza seus componentes, mas um todo fragmentário” (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p. 27).

175 Na “Introdução” do livro *O sistema de vida ética*, Hegel diz o seguinte a respeito do assunto citado acima: “para conhecer a Ideia da vida ética absoluta, deve a intuição estabelecer-se de um modo inteiramente adequado ao conceito, pois a Ideia nada mais é do que a identidade dos dois. (...). Mas o que verdadeiramente é o universal é a intuição; o verdadeiramente particular, porém, é o conceito absoluto” (1991, p. 13).

a natureza linguística e não-lingüística das coisas simbólicas desenvolvidas em toda mecânica do *lógos* que se divide em mecânica da lógica absoluta, mecânica da natureza e a mecânica do Espírito, esta tarefa que desvela a Coisa tal como ela é em sua formalidade lógica. São estas as esferas dos desejos que foram apresentadas em capítulos anteriores: desejo de desejos que são sedimentados a partir da configuração simbólica circular primeira, segunda e terceira: lógica, natureza e espírito. Exemplificando: a consciência-de-si singular é desejo de criação em sua imediatez mediatizada, anímica e antropogênica. Não existe vida sem desejo. Ambas são dotadas desse impulso que faz com que os corpos acoplados ao saber absoluto se movam de acordo com seus respectivos desejos que são os motores que os movem.

Tais juízos só serão dissecados mediante o padrão da ciência que os estudam segundo o juízo do conceito, que para Hegel, aparece também como uma antropologia de toda humanidade vista sobre o espaço da terra em que o desejo universal se transmuta em outros desejos como formação de círculo de círculos.¹⁷⁶ Na escrita de Kojève está inscrito o seguinte a respeito do assunto supracitado, a saber: “A filosofia tem de ser científica, a ciência ou a filosofia é necessária e completa; não é uma especulação individual. O sistema tem de ser circular; só então ele é necessário e completo. A circularidade é o critério da verdade (absoluta) da filosofia” (KOJÈVE, 2002, p. 37). Este saber inventa, fábrica e forma seus próprios conceitos científicos segundo essa completude.

O trabalho científico é realizado pelo perito em dialética que sai do útero da não-filosofia para conhecer o mundo e a partir daí conceituá-lo e apreciá-lo entre amigos desse saber. Para Deleuze e Guattari, “os conceitos, como veremos, têm necessidade de personagens conceituais que contribuam para sua definição. Amigo é um desses personagens” (1992, p. 10). O importante é destacar nesta relação dialógica partilhada o conceito de saber absoluto, cultura, Estado, consciência, consciência-de-si, ser, Outro, rosto, amigo¹⁷⁷, inimigo, cisão, liberdade, História, Razão, dialética, ciência, alteridade,

176 Ver Hegel “Antropologia”. Livro III - *A filosofia do Espírito* (HEGEL, 1995, p. 42-181).

177 Para Deleuze e Guattari, Sócrates realiza a filosofia quando ele remete este saber ao plano da amizade como já fora visto anteriormente. Platão distingue diferentes tipos de amigos: o amigo da opinião (*philodoxo*), o amigo do raciocínio (*philologo*), o amigo da ciência (*philomathe*) e o amigo da sabedoria (*philosopho*). A cidade necessita de se reconciliar com seus cidadãos para garantir a isonomia entre as

territorialidade, desterritorialização, enfim, o conceito expressa aquilo que cada objeto específico condiz com a sua realidade efetiva, pois sendo assim, na perspectiva dos autores do livro *O que é filosofia?* (p. 31):

cada conceito tem componentes que podem ser, por sua vez, tomados como conceitos (assim Outrem tem o rosto entre seus componentes, mas o Rosto, ele mesmo, será considerado como conceito, tendo também componentes). Os conceitos vão, pois, ao infinito e, sendo criados, não são jamais criados do nada.

Cada conceito tem o seu componente que o torna ser um objeto gráfico sediado pela escrita e que caracteriza a sua especificidade de ser desse jeito e não de outro jeito. Por exemplo, a terra não pode ser considerada com um ente quadrado, por ser ela mesma de origem esférica comprovada.

O direito da criação do conceito remete a uma Ideia de justiça do ser sedimentada na realidade política dentro da *pólis* em que a presença destes juízos tem vida própria na consciência do sujeito que os cria e tem que defendê-los perante um tribunal histórico. Hegel já tinha observado esta questão acerca da particularidade da consciência criadora perante este tribunal. Heidegger mostra o quanto é perigoso ser filósofo dentro da cidade dominada pela tirania que comanda a massa.

O pedagogo do conceito persegue os preceitos alegóricos discernidos por Platão no livro VII da *República* para a partir daí conhecer os seus rivais dentro da alegoria da caverna. É necessário conhecê-los, pois, só assim podemos refutá-los segundo a legislação proferida pelo desvelamento do filósofo libertador dos presos enquanto justiça do ser. Isso é algo bastante complexo pelo simples fato de que a população leiga não quer se libertar do jugo em que estar aprisionada. O Vulgo nada quer saber a respeito de pedagogia filosófica, desprezam-na com mau olhar. A justiça da cultura filosófica requer uma coragem que é vislumbrada pela intelectualidade como força atribuída ao seu conceito enquanto isonomia política diferenciada que luta contra a tirania do déspota e de seus súditos sem cultura que controla a clareira da caverna.¹⁷⁸

partes dissociadas. “Ele faz do amigo o amigo exclusivo do conceito, e do conceito o impiedoso monólogo que elimina, um após o outro, todos os rivais” (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p. 42).

178 Pois, para Carlos Salgado, “A justiça da lei e sua publicidade” é o conceito em que “a justiça do direito, quanto à forma, tem seu desfecho, por meio da publicidade, no princípio de isonomia e da garantia jurídica. A universalidade da lei e do seu conhecimento traz implícita a igualdade de todos perante a lei, princípio de justiça, embora abstrato, essencial ao direito” (SALGADO, 1996, p. 349).

Na perspectiva de Deleuze e Guattari, o conceito só se efetiva no trabalho pedagógico deveras difícil que o engendra enquanto pensamento pensado e escrito segundo seu acabamento. Ao realizar este exercício científico de suma importância para o campo filosófico, a educação prevalece no sentido criador e problematizador de uma época histórica e a-histórica de múltiplas ambiguidades entre poder e saber.

O Parmênides mostra quanto Platão é mestre do conceito. O Uno tem dois componentes (o ser e o não-ser), fases de componentes (o Uno superior ao ser, igual ao ser, inferior ao ser; o Uno superior ao não-ser, igual ao não-ser), zonas de indiscernibilidade (com relação a si, com relação aos outros). É um modelo de conceito. Mas o Uno não precede todo conceito? É aí que Platão ensina o contrário daquilo que faz: ele cria os conceitos, mas precisa colocá-los como representando o incriado que os precede. (1992, p. 42)

O que seria de Platão sem o seu cabedal conceitual filosófico? Ele criou justamente este mecanismo atrelado a vida do conceito como forma de representar o real sensível e inteligível atrelados ao absoluto da Ideia. O filósofo realiza uma síntese da Ideia recalçada no conceito de universalidade.

Os juízos conceituais se apresentam enquanto juízos de conceitos filosóficos referentes ao quadro trágico do mundo que é pintado pelos filósofos. Platão cria conceitos filosóficos como colocaram Deleuze e Guattari na citação anterior. Para que isso acontecesse de forma criativa, ele teve que colocar em xeque todos aqueles rivais que não estão no plano pedagógico atribuído ao conceito como discurso vislumbrado pela ciência filosófica. O começo desta *episteme* surge na luta pela liberdade como reconhecimento público perante o Estado no qual o filósofo é partícipe e luta contra a lógica binária radicada entre senhor-servo que sedimenta o juízo dominante e o juízo dominado. A síntese histórica atribuída a história da Filosofia é marcada pela liberdade de um juízo que critica e julga o mundo da natureza e da psique do tirano que arrasta o povo escravizado para os cadafalsos de seus valores anti-éticos. É com a real Filosofia que o juízo conceitual quebra com o paradigma da dominação e da servidão assentados nesta lógica de vida e de morte. É aqui que nasce o conceito de liberdade contra a promoção deste sintoma abstraído por este jogo doentio.

O juízo filosófico se bifurca em dois tipos de juízos específicos, a saber: juízo reflexivo e juízo criador de conceitos. O juízo reflexivo do conceito filosófico coabita o mundo do ser como ser do pensamento que faz fronteira com suas antinomias. A

fronteira principal é, com certeza, com o poder do senhor do mundo (governador de escravos) que manda para os matadouros os povos dominados por ele. Este não pode ser um príncipe amigo dos povos no sentido cultivado pela arte do governo. Neste caso, o predicado da liberdade relacionado ao sujeito livre é inerente ao seu respectivo obrar e este está subsumido no singular como algo meramente acidental transcrito nesta luta, conceitual e universal, que conceitua o bem que é comum a todos dentro da vida do absoluto.¹⁷⁹ Tal enfrentamento é necessário segundo a sua natureza subjetiva que se objetiva no desejo de ser livre perante a História do mundo. É meramente ridículo para o filósofo ser um déspota neste mundo de covardes, ladrões, assassinos e prostitutas. O sujeito só pode afirmar a sua identidade segundo a predicação que lhe confere a diferença de ser como gênero da espécie que se distingue de outras espécies perante esta luta. Portanto, o juízo reflete a natureza do sujeito que é predicado segundo o desenrolar interno e necessário de sua ação enquanto sujeito dotado de cultura filosófica adquirida no exterior do mundo aí revelado por ele. Só a educação baseada na prescrição filosófica garante que esta reflexão não seja algo do mundo aparente. O tirano constrói a ilusão para muita gente perante o seu poderio bélico de matar milhares e governar milhares sob a insígnia desta força atrelada à sua posse de riqueza, que na verdade, é a verdadeira posse da miséria. A objetividade desta ação determina a existência concreta do conceito silogístico que rompe com toda subjetividade atrelada a uma má-consciência despótica, isto é, o silogismo deixa de ser algo abstrato para se tornar uma coisa concreta perante esta luta: o real é concreto e racional. O conceito de silogismo é exemplificado por Hegel em sua *Enciclopédia*, livro I, a saber (1995, p. 315):

o silogismo é a unidade do conceito e do juízo: é o conceito enquanto identidade simples, à qual retornaram as diferenças-de-forma do juízo; é o juízo enquanto ao mesmo tempo é posto na realidade, a saber, na diferença de suas determinações. O silogismo é o racional e todo o racional.

Esta lógica silogística abstraída do real é a verdadeira causa motora do juízo criador de conceitos segundo a revelação da racionalidade científica.

179 Neste sentido, Hegel expõe na *Enciclopédia*, livro I, “A Ciência da lógica”, o seguinte: “a idéia absoluta é, antes de mais nada, a unidade da idéia teórica e da idéia prática; e assim, ao mesmo tempo, a unidade da idéia da vida e da idéia do conhecimento. Tínhamos no conhecimento a idéia na figura da diferença e o processo do conhecimento resultou para nós como a superação dessa diferença e como o restabelecimento daquela unidade que como tal e em sua imediatez é inicialmente a idéia da vida” (HEGEL, 1995, p. 366).

O juízo criador de conceito subjetivo e objetivo é o produto convertido do Nós que outrora se configurava na relação entre o Eu e outro (sentido puro da *Bildung* que declinou neste universo vazio) num caso de reflexão intelectual singular posta pelo desejo em movimento conceitual ratificado na ação educadora do sujeito dentro da ótica do poder-de-Estado. Antes do nascimento do Estado não existia tal tipo de juízo. Dupla imanência da natureza e da sociedade, determinações imediatas e diferenças determinadas de cada cultura fazem parte desta composição em que forma o juízo do sujeito dentro do Estado que prescreve as letras, as leis, a constituição, a que dantes estava agarrada a um Nós imediato para si a partir de sua categoria de grupo indiviso, tendo como hipótese a conjunção e a disjunção dos corpos históricos e não-históricos, políticos e sociais, ambos inscritos nos corpos da terra cujas consciências estão fragmentadas pelo curso da História universal da guerra. Os sujeitos ao serem designados segundo seus respectivos predicados qualitativos que estão relacionados com seus caracteres básicos de existências, realizam a ideia da realidade dentro do sistema da cultura de seu tempo segundo a presença do sujeito e do predicado, ambos contendo em si e para si os conteúdos subjetivos e objetivos da cultura desse sujeito, do Estado em que vive o sujeito e do governo livre que concedeu a liberdade para este sujeito enquanto emancipação vista na história como realização de sua cultura singular. O objeto da verdadeira Filosofia conceitual, neste sentido, é sediado pela condução ética que se opõe a outros tantos juízos existentes no mundo que já não são mais éticos e nem muito menos morais: a época de Hegel na sociedade das luzes.¹⁸⁰

Daí advém o juízo do conceito filosófico que encontra no conceito uma unidade libertadora, o seu outro que é ele mesmo e que está unido ao sujeito pensante como sintonia imediatizada e singular do *lógos* que é Espírito universal já no seu estado desespiritualizado, verdadeiro e mediatizado pelo intelecto. Carlos Salgado mostra que os conceitos de

180 Reflexão sobre o juízo que se opõe ao *crime*, a *violência* e a *coação pedagógica* em Hegel. Este juízo é manifestado pelo saber do Filósofo enquanto razão legisladora distendida neste tribunal da História universal. A cultura filosófica se opõe aos tipos específicos de coerções anteriormente citados. No *Princípio elementar da filosofia do Direito*, o filósofo apresenta esta distinção: “a coação pedagógica ou coerção exercida contra a selvageria e a ferocidade aparece sem dúvida como a primeira e não precedida de nenhuma outra. Mas a pura vontade natural é em si mesma violenta contra a ideia de liberdade que é em si existente e deve ser defendida de uma vontade sem cultura (...). A primeira coação, exercida como violência pelo ser livre que lesa a existência da liberdade no seu sentido concreto, que lesa o direito como tal, é o crime – juízo negativo infinito em todo seu sentido” (1997, p. 84, p. 85).

Cosmos e Deus, matéria e espírito, natureza e cultura aparecem em Hegel na síntese especulativa do espírito absoluto que caracteriza o homem no seu momento de pleno conhecimento de si mesmo, portanto da totalidade, sabido que o conhecimento do mundo exterior é apenas mediador do conhecer do Espírito. (1996, p. 15)

O conceito de Deus que abstraído pelas escolas de filosofias é provado pela metafísica como sentimento de pertença a este mundo em que a “matéria”, o “espírito”, a “natureza” e a própria “cultura” estão inseridos numa “totalidade” que é para a consciência-de-si filosófica o seu objeto de estudo como interiorização do mundo subjetivo, e como externalização, do mundo objetivo.

Platão é um filósofo que criou o conceito de Ideia para conhecer o seu próprio espírito universal. Este juízo é transpassado pelo problema que recai sobre o sujeito, a saber: o sujeito é abstração de um acidente que neste caso pode ou não ter correspondência direta com o conceito¹⁸¹ segundo a sua existência filosófica. Outro exemplo: Sócrates é filósofo por acidente. Ele não nasceu com uma carga genética no seu DNA dizendo que ele iria ser um filósofo e que iria criar o conceito de maiêutica. Isso não acontece assim. A pedagogia filosófica conceitual é produto de um trabalho de gerações inteiras condensadas na História de toda humanidade que se torna história da Filosofia. Por que será que nem todos os mortais criam conceitos filosóficos ou se dedicaram a praticar uma ciência sobre o saber humano? Então dito isso, o que se refere ao juízo refere-se tanto ao sujeito como ao predicado a partir da universalidade objetiva mediante a singularidade do gênero singular analógico e lógico radicados no saber do sujeito criador de conceitos. Ele está agenciado na matéria concreta desvelada pelo seu juízo de pesquisador que identifica na máquina social-geológica de produção e de anti-produção a configuração de toda cultura humana no tempo e no espaço. O entrelaçamento entre ambas as partes que estão referenciadas forma o raciocínio lógico que é a verdade silogística encabeçada pelo sistema de pensamento pedagógico montado por Hegel, que visa refletir toda a história da Filosofia até o momento da desvelação total do Espírito na época moderna de estado laico. Este é o seu tempo. O projeto de sua *Enciclopédia filosófica* tenta dar conta desta questão a partir da aplicação

181 Nos *princípio da Filosofia do Direito*, Hegel mostra que “tal movimento constitui uma organização deste novo domínio da liberdade, onde a subjetividade, inicialmente abstrata ou distinta do conceito, se lhe torna adequada e onde a ideia encontra sua verdadeira realização, pois a vontade subjetiva alcança determinações que também são objetivas e portanto verdadeiramente concreta” (p. 98).

de um projeto pedagógico baseado nos preceitos da Filosofia grega que já fora enterrada e sendo esta reativada por Hegel como sendo a base de seu *ethos*. Ele quer atualizar esse Nós das escolas filosóficas antigas e modernas para observar o que se perdeu no percurso da História do mundo. Não existiu ciência sem esses mestres que fabricam os seus conceitos e a partir disso se cria os juízos filosóficos adequados ao objeto que é o próprio mundo aí-revelado pelo próprio conceito. Para quem estuda ciência filosófica deve reportar-se a esta temporalidade criadora da Filosofia para poder atualizar ou até mesmo refutar o seu cabedal conceitual proveniente dessa cultura que desvela o universal para o universal absoluto. O conceito é o osso da arquitetura pedagógica referente ao estudo de Filosofia, sem ele nada poderia se fazer em termos de produção científica conceitual. Deleuze e Guattari levantam a seguinte questão a respeito da criação pedagógica do conceito, a saber: “mas, mesmo na filosofia, não se cria conceitos, a não ser em função dos problemas que se consideram mal vistos ou mal colocados (pedagogia do conceito)” (1992, p. 28). Problematizar tais problemas e criar conceitos filosóficos é tarefa para os criadores de signos linguísticos e geométricos. Assim a pedagogia da vida se apresenta perante a realidade mundana.

Existe uma relação dual entre o modo de pensar subjetivo e o modo de pensar objetivo. Ambos são coexistentes dentro do processo dialético que os engendram na indiferença. O lado interno da Coisa só existe mediante a sua externalidade. Os dois polos se complementam na unidade indivisível do absoluto. O mecanismo na sua forma universal é representado por esta união em que há um estranhamento de valores entre coisas díspares, mas que permanecem juntas no seu vir-a-ser e perecer. O mesmo acontece para as coisas que são conceituadas, ou seja, necessita-se de uma pedagogia que compreenda a lógica desta totalidade para a criação destes meteoritos intelectuais que estão vivos até hoje.

Então foi definido que o conceito de juízo e o conceito de silogismo exemplificam todo o processo de formação da cultura filosófica em sua completude ética originária em que repousa a subjetividade de si do sujeito criador de conceitos.

Para complementar este estudo a respeito do juízo do conceito faz-se necessário apresentar os conceitos de mecanismo e de quimismo. O absoluto não existe sem estes conceitos. O que seria do movimento de translação da terra se não houvesse movimento

e repouso? O que seria da terra, dos animais, das plantas e dos seres de cultura se não houvesse água, ar, fogo e movimento que faz com que eles existam enquanto tais?

A Coisa conceituada é assim vista por Hegel: o objeto absoluto é referenciado por uma mecânica¹⁸² que impulsiona o movimento outrora em estado de repouso; o processo mecânico é acionado segundo a disposição deste deslocamento; o mecanismo tornar-se-á absoluto a partir da ordem que se configura na lei que é determinada por sua imanência e objetividade. A unidade é caracterizada dentro deste panorama em que a lei do mecanismo do governo livre do *lógos* é construída dentro do plano de imanência sediado pelo *quimismo*¹⁸³ onde os objetos estão dispostos no tempo e no espaço. A mecânica que move este espírito enquanto objeto é a totalidade indiferente outrora pensada sobre o prisma da determinação em movimento dialético; enquanto o *quimismo* é abstraído por sua natureza peculiar de ser determinado segundo os seus elementos constitutivos.¹⁸⁴

O conceito é atributo da liberdade de criação do sujeito que o cria quando o mesmo não mais se submete a uma exterioridade objetiva, diga-se, despótica em seu

182 Toda mecânica é abstraída por um tipo de movimento e por uma Ideia de uma não-máquina que produz a *arché* de seu motor. A máquina do mundo, por exemplo, se movimenta segundo sua mecânica específica baseada em leis da natureza que não foram criadas por nenhum homem. No livro I, *A ciência da lógica*, Hegel desvela este “mecanismo” como objeto que é em sua imediatez conceito “em si” segundo a sua forma esférica circular. Diz ele: “também no domínio do mundo do espírito, o mecanismo tem seu lugar; contudo, só um lugar também subordinado. Fala-se, com razão, de memória mecânica, e de todo o tipo de operações mecânicas, como por exemplo ler, escrever, tocar música etc. Quanto à memória mais particularmente, a maneira mecânica de proceder pertence mesmo à sua essência: uma circunstância que, para grande dano da educação dos jovens, é, não raramente, negligenciado pela pedagogia moderna em seu zelo mal compreendidos pela liberdade da inteligência” (HEGEL, 1995, p. 336).

183 Para Hegel, “o quimismo é uma categoria da objetividade que em regra geral não ressaltada em particular, mas reunida com o mecanismo em uma categoria; e nessa reunião, sob a denominação comum de relação mecânica, costuma ser oposta à relação de *finalidade*. O motivo disso deve procurar-se em que o mecanismo e o quimismo tem sem dúvida em comum, um com o outro, serem somente em si o conceito existindo, enquanto o fim deve ser considerado como o conceito existindo para si. Além disso, o mecanismo e o quimismo são também diferentes um do outro, de um modo determinado, e isso de sorte que o objeto, na sua forma do mecanismo, é antes de tudo relação para consigo, indiferente; e, ao contrário, o objeto químico se mostra como pura e simplesmente referido a outra coisa. Mas a relação dos objetos mecânicos, uns com os outros, é somente uma relação exterior, de maneira que os objetos referidos uns aos outros conservam a aparência de autonomia. Assim, por exemplo, na natureza, os diversos corpos celestes que formam nosso sistema solar estão uns com os outros na relação do movimento, e se mostram referidos uns aos outros por meio do movimento” (p. 338-339).

184 Na compreensão apontada por Salgado, observa-se o seguinte sobre esta questão: “no mecanismo há o pressuposto do ‘acaso cego’, como também no quimismo, pois, além de ter como resultado do processo a fusão neutra dos elementos, tem como pressuposto o da sua infinita transformação, o mesmo ‘acaso cego’ do mecanismo. Relação externa de causa e efeito, eis o que caracteriza esses dois modos de pensar sistemático da realidade” (SALGADO, 1996, p. 174).

rasgo originário baseado na violência de Édipo. A visão teológica grega do todo se sobrepõe ao mecanismo e ao quimismo existentes, representando com isso a sua disposição para a verdade elevada, por ter clareza que a finalidade do pensar conceitual é representada pela manifestação da universalidade concreta segundo a sua negatividade negadora destes conceitos. O desejo é impulsionado segundo a vontade divina da criação lógica-metafísica-universal que prevalece no concreto da análise científica a partir desta ação. O presente do fim é visto como algo subjetivo manifestado pela tendência e pela essência do impulso vistos aqui como sendo a causa de todo movimento do vir-a-ser e perecer. Ambos caracterizados dentro da exterioridade criadora como caráter negador e como retorno que é objetivo para si mesmo dentro do absoluto aí revelado por esta teologia cosmológica. A sua identidade reflete, segundo o idêntico, a ideia mesma realizada e convertida em finalidade que é externa e interna ao mesmo tempo. O conceito apreendeu esta unidade que é objetiva, verdadeira e racional. A realidade, neste sentido, apresenta-se como Ideia que expressa o objeto reflexionante, ou seja, o mundo-aí objetivo e subjetivo para o ser vivente e pensante dotado de Razão¹⁸⁵ filosófica. Para Hegel, esta ideia é imediata segundo a vida física que se encontra no mundo metafísico. Ela é também conceito subjetivo disposta no campo de imanência como meio e fim dignificados pela identificação do Eu consigo mesmo. A metafísica é a ciência que estuda a vida do ser enquanto ser como indivíduo que está no mundo objetivo, sendo ele a totalidade da esfera absoluta na sua forma subjetiva. O vitalismo metafísico enquanto processo no qual o sujeito é apresentado na presença universal indiferente, repousa na diferença da unidade processual entre o Eu e os outros. Neste caso, a ideia é determinada dentro da universalidade reinante enquanto material do conhecimento humano.

Esta ideia representa o Ser, a vida dos particulares e dos singulares, enfim a verdade sobre a Coisa tal como ela é na sua essência absoluta. Saindo deste panorama,

185 A história da Razão é sediada no território grego a partir da ruptura política que ocorreu nesta localidade. Salgado diz que “se de um lado o romantismo provoca em Hegel a necessidade histórica de recuperar a unidade ética da vida grega, perdida com a queda da democracia, a unidade da cultura ocidental, dada em primeiro lugar pela religião, de outro essa necessidade mostra-se, pelo dualismo extremado a que chegou a razão humana – cindida pela perda da unidade abstrata dada pelos gregos: razão teórica (natureza – necessidade) e razão prática (mundo ético - liberdade) -, como exigência lógica de unidade, não apenas por força do momento histórico e político, de ordem empírica ou mesmo prática, mas também por exigência de natureza teórica” (p. 17).

encontramos apenas os erros que são comuns nas mentes não-filosóficas: as inconstâncias, os devaneios, a covardia, a gravitação do Espírito fora de si como meios não científicos de análises. Uma coisa que tem validade é a liberdade do Espírito criador, que para Hegel representa aquilo que é essencial para a Filosofia dentro deste jogo de vida e de morte.

O conceito tal como uma máquina de produzir enunciados sempre novos são catalisados dentro do sistema produtivo econômico como algo da ordem do inutilizado. Para que a sociedade baseada no mercado universal capitalista necessitaria de um conceito filosófico para sobreviver?

O que se observa neste tipo específico de pensamento, que diz respeito a toda estrutura conceitual universal, é que ele não pode ser separado do aparelho cognitivo radicado no sujeito e na substância. Sujeito e substância não estão separados deste emaranhado de coisas múltiplas, mas unidos numa só composição. A história, segundo a Filosofia, narra todo este processo que estar assentado na história da vida do absoluto, nas histórias das vidas das culturas, também estes preceitos antropogênicos estão inseridos no trabalho que prescreve a formação de Estado e da cultura filosófica que realiza a síntese geral dentro deste percurso proferido pelo intelecto sintético. É toda essa arquitetura que é desconstruída segundo o paradigma da ciência que é o saber destes saberes.

A ossadura do saber absoluto é desvelada sob o paradigma do conceito como também todas as estruturas microfísicas atreladas aos universos corpóreas que são engendrados por esta substância universal, tais como os ossos, os corações, as carnes e os sangues de todos os animais vivos na Terra. A estrutura arquitetônica humana é derivada da estrutura animal que a cria. É a base primeira que sustenta todo o edifício destes corpos. Os gregos antigos, tal como Anaxágoras, já expressavam o conceito de *homeomerías* para discernir a respeito das coisas particulares que estão misturadas, tais como *os ossos*, contidas não só no universal, mas também nos sujeitos particulares, ou seja, vistas na *matéria individual* embutida nos objetos que são de ordem universal. Não existe um corpo sem uma arquitetura óssea composta. Vale salientar que esta não é a causa primeira da substância. Explica Hegel que este princípio é inscrito na formulação conceitual “sob a expressão: *homeomerías (homoimerés)*; isto significa que o que existe, a matéria individual (os ossos, metal, carne etc), se constitui em si a partir de si

mesmo de partes iguais que são, ao mesmo tempo, não sensíveis (*aídia*)” (1973, p. 276). O mundo começa então a ser dissecado por estes conceitos que dão sustentação a arquitetura do saber absoluto. Sem o osso não existiria os outros materiais que compõe toda a estrutura de um corpo animal e humano. O mesmo raciocínio é promovido para se conhecer a verdadeira natureza do sistema universal. Sem a substância primeira não existiria a substância segunda que é derivada da primeira e assim por diante.

Os conceitos de substância e sujeito são talhados por Aristóteles que sintetiza, de forma refutativa, todas as Filosofias pré-platônica e platônica, para poder discernir a respeito destes conceitos vistos em toda história da Filosofia como base de sustentação da História do mundo inscrita pela Razão de um certo sujeito científico. Hegel foi influenciado por estes arautos da Filosofia para construir o seu sistema de pensamento baseado na teoria do Ser, na teoria da essência e na teoria do conceito. A Coisa como substância espiritual do mundo é desvelada pelo sujeito que a estuda segundo os mecanismos da educação proveniente da inteligência filosófica. Aristóteles, que é um sujeito versado na Filosofia conceitual, mostra que este espírito é o mais robusto por Ser ele próprio a primeira causa e o primeiro princípio de todas as coisas. Sendo assim, o que advém desta robusticidade é a manifestação radicada nestes outros corpos (como causa segunda) que são derivados desta causa primeira. Só um tipo de juízo baseado na consciência-de-si filosófica é capaz de conceituar e compreender toda esta estrutura sistemática do pensamento radicado nesta doutrina como causa universal de toda vida.

Hegel na *Fenomenologia do espírito* cita Aristóteles para falar do eterno motor imóvel, da substância, do Ser e do sujeito. Estes conceitos compõem o cabedal do conceito de saber absoluto. Este saber é visualizado na Filosofia aristotélica. O Ser é sensível e não-sensível, perecível e dito como natureza, cultura, Estado, homem, história e mundo. A Filosofia é a ciência desta verdade que descreve o que é verdadeiro como revelação que visa conhecer todos estes conceitos através do discurso, ou seja, do *lógos* que os revela como antropologia humana que tem raiz na ontologia da *physis* e como também na manifestação da psique (mundo natural e mundo humano). Não é uma mera descrição do objeto e sim uma descrição do objeto estudado pelo ser da fala filosófica experienciada que é traduzida por um discurso trabalhado dentro da luta que o prescreve. Explica Kojève (2002, p. 495):

o filósofo deve descrever a totalidade do que é e existe. Ora, essa totalidade implica de fato o discurso, e em particular o discurso

filosófico. O filósofo lida portanto não apenas com o Ser-estático-dado (*Sein*) ou com a substância, que são o objeto do discurso, mas também com o sujeito do discurso e da filosofia: não lhe basta falar do Ser que lhe é dado; ele deve também falar de si e explicar a si mesmo como quem fala do Ser e de si.

O discurso do filósofo tem que abarcar a *totalidade do que é e do que existe* em sua plenitude finita e infinita mediante a criação conceitual que a sustenta para a partir daí compreender o múltiplo derivado desta causa primeira divina.

Partindo dessa compreensão ontológica a respeito do mundo da *physis* e do mundo da psique, Hegel toma conhecimento sobre toda a verdade atribuída ao sujeito dialético da linguagem que é real na sua categoria negativa em que é o alicerce do pensar dialético histórico é visto em toda sua ontologia positiva. A esfera absoluta desse saber onde está fincado o círculo *do verdadeiro da verdade* resguarda, primeiro, a natureza do Ser Sensível proveniente do universo da pura natureza; segundo, o ser da ação que afirma o seu discurso como ser-criador nega o Ser para afirmar a sua verdadeira identidade como ser mediatizado pela compreensão do *lógos* dialético lógico-formal com *lógos* dialético da natureza e com o *lógos* dialético humano, cindidos entre o Ser absoluto e o sujeito enquanto objeto desse discurso que reconhece a totalidade do *lógos* neste rasgo primordial da História universal. O sujeito do discurso é tanto uma substância como um sujeito. Coisas que não são separadas, mas unidas uma na outra.

4.1. O conceito de substância e o conceito de sujeito

Para começar a discernir acerca dos conceitos de substância e sujeito faz-se necessário tomar conhecimento dos seus antecedentes, ou seja, conhecer os sujeitos criadores de conceitos que deram o ponta pé inicial para criarem este tipo peculiar de linguagem. Estes estudiosos foram pioneiros na construção do pensamento que deu origem a estes conceitos de origem aristotélica. Os filósofos pré-platônicos não consideraram o conceito de sujeito dentro de seus cabedais conceituais. Mas isso foi apenas o início para se chegar no par irreduzível sujeito-substância com os filósofos da psique: os pós-platônicos. Foi necessário haver vários estudos sobre todos os sistemas existentes, solar, celeste, terreno, estelar, marítimo, poético, geométrico, matemático, teatral, etc..., para a síntese aristotélica vir à tona e esclarecer os seus dois principais conceitos aqui explicitados.

O mundo começa a ser decomposto, desconstruído, pelos estudiosos da *physis* que empreenderam estudos sobre a sua composição e decomposição orgânica e inorgânica, ainda no seu estado embrionário. Como já foi dito nesta pesquisa: tudo que existe no universo não surgiu do nada. Partindo deste pressuposto inicial, diz-se que as escolas de Filosofias que surgiram na antiguidade não foram obras do acaso e sim elas foram o produto da história da Filosofia radicada no terreno grego em contraposição ao universo fantasmático da mística poética que já era um universo controlado pela máquina política despótica militar.¹⁸⁶

Antes mesmo do espírito do sujeito tomar conhecimento a respeito de sua verdadeira identidade como substância e também como sujeito, ele teve que passar pelo itinerário conceitual que vai depurando os conceitos talhados pelos filósofos da natureza até chegar na sua forma acaba com Hegel que estuda o *lógos* aristotélico que já faz parte desta síntese geral vista na história da Filosofia que será apresentada a seguir.

Nos registros históricos sobre a cultura filosófica surgida na Grécia, foi visualizada a prefiguração da Filosofia pré-socrática que se configura entre os séculos VI a.C.- V a.C. como o primeiro despertar desse espírito na História universal da

186 É quando o pensamento começa a pensar e a penetrar na essência das coisas existentes do universo, a saber, no mundo da natureza, no mundo do espírito e também no mundo da essência do divino que foi conceituado por estes estudiosos como a causa racional e inteligente do mundo. Para maiores esclarecimento a respeito do assunto citado, ver Hegel “(A) Définition de l’histoire de la philosophie”. *Leçons sur l’histoire de la philosophie* (1954, p. 24).

Filosofia. Hegel estuda o pensamento desses primeiros estudiosos da natureza para demarcar o campo de pesquisa vinculado a estas escolas como a manifestação que empreende uma outra narratividade sobre a história do mundo segundo seus conceitos e métodos. A escola de Mileto aparece como a primeira a ser catalogada neste processo de formação desta consciência, tendo Tales de Mileto¹⁸⁷, Anaximandro de Mileto¹⁸⁸ e Anaxímenes de Mileto¹⁸⁹ como seus representantes. Eles estudaram o princípio único do Cosmos. Pitágoras de Samos é o fundador de uma escola que mescla Filosofia e religião. Para ele, os números determinam a essência das coisas.¹⁹⁰ Xenófanes de Colofão revela o *neoumenon* como sendo ele mesmo a unidade de tudo que existe, ou seja, ele é puro Ser, isto é, Deus, ainda sem conteúdo sediado pela experiência da consciência justificada do sujeito.¹⁹¹ Em seguida vem Heráclito de Éfeso com seu estudo a respeito do *devir* que constata uma luta perpétua dos contrários distendida no

187 Hegel escreveu sobre Tales que foi, dentro da história da Filosofia, o primeiro físico que ousou a estudar as coisas do universo da natureza em sua totalidade. É com a Filosofia baseada nos preceitos antigos de análise que o absoluto começa a ser revelado segundo a ruptura com o saber imediato. O primeiro a se manifesta e a ergue a voz para dizer que é a água o material absoluto em que repousa a vida do universal, o em si e para si na condição de essência e verdade, foi o pensador da jônia. Sua cidade era de grande envergadura para o comércio marítimo, daí advém a natureza de todo processo de transformação do Estado segundo as reformas que se faziam presentes. “Começa aqui um distanciar-se daquilo que é em nossa percepção sensível; um afastar-se deste ente imediato – um recuar diante dele” (1973, p. 15).

188 Estudou matemática, geografia, astronomia e atuou no universo da política. Deixou um livro escrito sobre a natureza. Trabalho este que fora perdido, apenas pouca coisa restou dele: fragmentos dispersos. Dizem que este estudioso confeccionou um mapa a respeito do mundo; utilizou um *gnômon* como ferramenta de trabalho; tentou medir a distância entre uma estrela e outra, com isso foi considerado o primeiro astrônomo grego e talvez do mundo. A sua visão queria, realmente, compreender a totalidade do universo a partir de estudos científicos. Para maiores esclarecimentos a respeito deste cientista, ver dados biográficos contidos na obra *Os pré-socráticos* (N do T).

189 Escreveu uma obra sobre a natureza, sendo esta de origem prosaica. Estudou meteorologia. Dissera ele que a lua é banhada pelos raios provenientes da luz solar. Para Hegel, Anaxímenes descarta a matéria indeterminada vista na perspectiva apontada por Anaximandro. “Em lugar da matéria indeterminada de Anaximandro, põe ele novamente um elemento determinado da natureza (o absoluto numa forma real – em vez da água de Tales, o ar. (...). Ele é menos corpo que a água; não o vemos, apenas experimentamos seu movimento” (1973, p. 58).

190 Originário de Samos. Ele deu origem a uma escola secreta que mesclava filosofia e religião. Tal associação estava mais do lado religioso do que do lado filosófico. “A filosofia pitagórica não possui ainda a forma especulativa da expressão para o conceito. Números são o conceito, mas à maneira da representação, da intuição – diferença na forma do que é qualitativo e não como conceitos puros; uma mistura de ambos” (p. 74).

191 Este pensador da natureza que escreveu toda a sua obra em versos poéticos, foi um estudioso que viveu sem pátria, ou seja, ele não tinha um território de pertença. A sua pátria era todo o Cosmo como religião. Ele sabia que a pátria-mãe era uma criação despótica para manobrar as massas escravizadas sob o julgo de um senhor de escravos. Um habitat da morte e não da vida. “No que se refere à sua filosofia, Xenófanes determinou primeiro o ser absoluto como o um: ‘o todo é um’. Designou isto também Deus; afirmou que Deus está implantado em todas as coisas, que ele é supra-sensível, imutável, sem começo, meio e fim, imóvel” (p. 74-75).

eterno movimento do vi-a-ser e perecer.¹⁹² Parmênides, da escola eleática, dizia que só o Ser é, o não Ser não é. Ele com isso funda uma perspectiva filosófica baseada no Ser e no não-Ser.¹⁹³ Zenão de Eléia, amigo de Parmênides e este o tinha como um filho, se questionava sobre o movimento e a sua negatividade absoluta conhecida pela Razão.¹⁹⁴ Este revela o puro negativo do movimento lógico universal para o mundo. Para ele, é nesta contradição que nasce o poder da harmonia entre o negativo e o positivo. Empédocles estudou a alternância do Uno e do múltiplo, fazendo referência aos quatro elementos imutáveis do mundo.¹⁹⁵ Anaxágoras de Clazômenas estudou os princípios das

192 Filósofo naturalista de origem jônica, sendo natural de Éfeso, cuja família fora fundadora da cidade. Era considerado de *Skoteinós*, ou seja, aquele que é o obscuro. Escreveu a sua obra em prosa para revelar o *lógos*, o *devir*, a unidade e a pluralidade das coisas. Todas as coisas, para ele, estavam repletas de fogo abstraídas pela “rarefação” e “condensação”. Todas as coisas existentes na natureza têm a sua oposição; tudo está prescrito pelo eterno fluir em que o todo tem um limite. Nesse espaço nasce o fogo que é ao mesmo tempo consumido a partir de seu destino de ser eterno entre o nascer e perecer. Segundo Hegel, Heráclito descobre o *princípio lógico, os modos de realidade e o processo como universal e as suas relações com a consciência*. “O racional, o verdadeiro que eu sei é certamente um retroceder e sair do objetivo, enquanto sensível, individual, determinado, existente. Mas o que a razão em si sabe é também a necessidade ou a universalidade do ser; é a essência do pensamento, do mesmo modo como é a essência do mundo” (p. 108).

193 Estudioso da natureza, sendo originário de Vélia, cidade de Eléia localizada na antiga Itália. Deixou uma obra escrita “Sobre a Natureza”, provavelmente, redigida em verso. O pensamento contido neste escrito consagra a diferença entre ciência e opinião. Tal pensador foi contra os pitagóricos e o seu dualismo é baseado no ser e no não ser, no limite e no ilimitado, no cheio e no vazio etc. Na *Introdução à leitura de Hegel*, Kojève refuta a sua doutrina, explicando: “o verdadeiro, ou o Ser-revelado, não é portanto, como pensavam Parmênides e seus discípulos, a identidade primeira e primordial, e até imediata ou dada e natural, do Ser com o pensamento, mas o resultado de um longo processo ativo que começa por opor o homem à natureza da qual ele fala e que ele nega por sua ação” (2002, p. 497).

194 Pensador naturalista, natural de Eléia. Refutou a doutrina pitagórica, lutou contra um tirano Nearco. Deixou um registro de sua aparição em tais obras: *Discussões, contra os físicos, sobre a natureza, explicações críticas de Empédocles*. Foi torturado e morto pelo regime político deste tirano por não compactuar com a ideia de política apresentada. Para ele, *o ser uno, contínuo e indivisível*, são utilizados contra o movimento *descontínuo e divisível* usados pelos pitagóricos. “A dialética como tal é a) dialética exterior, este movimento distinto do com-preender deste movimento; b) não é um movimento apenas de nossa intuição, mas a partir da coisa mesma, isto é, demonstrada para o puro conceito do conteúdo” (HEGEL, 1973, p. 208). Acrescenta Zizek a respeito de Zenão, a saber: “voltemos à crítica hegeliana da inexistência do movimento segundo Zenão: mediante o caráter contraditório do movimento, Zenão pretende provar a existência do Ser tranquilo, imóvel, idêntico a si, para além da falsa aparência do movimento. Pois bem, esse Ser é em si mesmo vazio; Zenão só consegue descrever o próprio movimento de auto-ultrapassagem, de auto-supressão do movimento. Por isso é que o movimento heraclitiano é a ‘verdade’ do Ser dos eleatas: a passagem ao Ser para além da aparência do movimento malogra, e tudo o que nos resta é o movimento mesmo da passagem, o movimento reflexo, auto-referente, da auto-ultrapassagem do movimento” (1991, p. 95).

195 Pesquisador da *physis* que era de origem siciliana, colônia de Agrigento. Estudiosos de seu pensamento dizem que ele escreveu a primeira síntese científica dentro da história da filosofia. Lutou contra a classe dos aristocratas, tomando parte da democracia como forma do justo governo. Deixou dois poemas que resumem a sua obra: *Sobre a natureza e sobre a purificação*. Hegel diz que “Aristóteles resume assim, em poucas palavras, seu pensamento geral: ‘Empédocles acrescentou aos três elementos’ (fogo, ar, água, que antes eram considerados como princípio disto ou daquilo) ‘ainda a terra, como o quarto elemento, dizendo que estes elementos são os que sempre permanecem e nunca devêm mas que

coisas segundo a manifestação da inteligência do universal enquanto uma *ex machina*, o *nous*, como princípio de todas as coisas.¹⁹⁶ Leucipo de Mileto¹⁹⁷ e Demócrito de Abdera desvelam o átomo segundo a materialidade do universo. Este pensador escrevera sobre *a pequena e a grande ordem do mundo*, *Da forma* e *Do entendimento* acerca da teoria, e dentre outras obras. A escola sofista, tendo Protágoras e Górgias como membros principais de um pensamento, vai dizer que a verdade não existe. Este é o momento em que nasce a arte da reflexão política segundo o convencimento atribuído a este tipo específico de reflexão. Nos séculos V a.C. e IV a.C., aparecem em cena Sócrates¹⁹⁸, a Academia e o Liceu. Neste momento, o espírito do homem e do mundo são desvelados

são unidos e separados, segundo o mais e o menos, numa unidade, provindo também de uma unidade.’ Carbono, metais etc., não são entes em si e para si, que permanecem e não devêm; nisto não se esconde nenhuma intenção metafísica. Em Empédocles, põem, isto não é o caso: ele diz que cada coisa surge de algum modo da combinação dos quatro” (1973, p. 246).

196 Estudioso da *physis* que criou uma escola de Filosofia. Era de origem jônica, cidade de Clazômenas localizada no território da Ásia menor. Recebeu o título de ímpio por ter negado os deuses que eram cultuados em sua cidade, tais como o sol e a lua. O primeiro era chamado por ele de *pedra incandescente*; o segundo era considerado como sendo *uma terra*. Obteve conhecimento nas áreas da física, da matemática, da astronomia e da meteorologia. Hegel demonstra que Anaxágoras revela *O universal como princípio do pensamento*, o movimento que se move a si mesmo. Ele também tomou conhecimento das coisas não-sensíveis relacionadas as homeomerías que são os resultados das misturas dos elementos originários disponíveis em toda *physis*, e também tomou sabedoria da relação de ambas as coisas juntas e misturadas sob o ponto de vista da especulação filosófica. Sobre este estudioso da natureza, diz Hegel que ele “tinha como válido o princípio que os eleatas também esposavam: o igual se compõe apenas de igual; não há passagem para o oposto, nenhuma negação de opostos é possível: ‘Do nada nada vem’. Toda transformação é-lhe daí apenas uma separação e união do igual; a mudança como verdadeira mudança seria um devir do nada de si mesmo” (p. 276-277).

197 Natural de Mileto, ou natural de Eléia ou Abdera, segundo consta em registro doxográfico. Foi discípulo de Zenão e Melisso, como dizem os observadores de sua obra. Além disso, ele cunhou a teoria atômica antes de Demócrito. “Leucipo é fundador do célebre sistema *atomístico*, o qual, novamente despertado em tempos bem recentes, valeu como o princípio da pesquisa natural racional. Se tomarmos este sistema por si, ele é, sem dúvida, precário, e pouca coisa nele pode ser encontrada. Mas deve ser atribuído como grande mérito a Leucipo o fato de ele ter, como é expressão em nossa física corrente, distinguindo as qualidades universais dos corpos das coisas sensíveis” (p. 303).

198 Tudo indica que foi Sócrates que deu origem ao conceito de alma que para ele era considerado também como psique. Esse conceito foi utilizado pelos estudiosos da psique no mundo grego para designar o duplo contido nos sonhos, nas visões e nos transe em que o corpo do sujeito está submerso. Um conceito que designa a parte de um todo: um pouco de ar, um pouco de água, um pouco de fogo, um pouco de terra. Ou seja, isso sendo a totalidade mesma em que o absoluto da Razão engendra as partes que a compõe a partir da composição e decomposição deste elementos. Em vida, o pensador das ciências humanas acreditava que a alma poderia ser considerada como algo que faz referência com a consciência normal de qualquer sujeito, ou seja, o seu caráter, que na verdade é algo de interior que faz com que cada indivíduo possa expressá-lo através da linguagem e de ações que dizem respeito aos estados de sabedoria, de ignorância, de bondade no coração, ou até mesmo pode simbolizar os atos de perversidades que podem ser atribuídos da alma de qualquer sujeito vulgar, tais como os tiranos exemplificado por Platão, Hegel e Freud. O saber que está fundamentado na sua *episteme* pedagógica é na verdade a ciência praticada por Sócrates que difere de qualquer opinião comum. Dizem que ele não deixou nada escrito em vida. Para maiores esclarecimento a respeito deste pensador, ver sobre a “Vida e Obra” de Sócrates no livro *Os pensadores* (N do T).

pela ciência humana. Na Academia platônica fundada em 387 a.C., o *lógos* de Sócrates é sistematizado por Platão¹⁹⁹ em seus diálogos socráticos. Ele usa o método dialético para realizar perícia a respeito da essência das coisas que estão prefiguradas na ordem absoluta que dignifica Deus como causa motora do eterno Bem vinculado a esta Ideia, como também nos estudos aprofundados a respeito da natureza e da psique humana. Aristóteles²⁰⁰ funda o Liceu em 387 a.C. Ele escreveu uma obra sistemática de ampla densidade a respeito das categorias do espírito humano e animal. Lógica, metafísica, moral, arte, política, estética, biologia, ética, são estudos desenvolvidos pelo filósofo. O universo é desvelado por estes pensadores.

Depois da criação desta cultura no solo grego, o ciclo da ciência filosófica se abre para novas perspectivas que estão assentadas nestes princípios e fundamentos que são estudados após a sua ruína. Hegel retoma os estudos destes antigos estudiosos gregos para verificar a veracidade de seus conceitos, mostrando que tal problemática

199 Autor de várias obras filosóficas escritas em sua maioria em diálogos. Fundou uma escola em 387 a.C., denominada de Academia. Sendo, esta, a primeira escola de nível superior do mundo. Estudou matemática, geometria, teatro, música, política, Filosofia, jurisprudência, cibernética que seria a arte do governo ou do piloto; formulou as ideias de simulacros que são diferentes do discurso verdadeiro assentado na ideia do mundo visível e inteligível, tendo o Bem como algo que é comum a todos os seres vivos. O mundo da ciência é abarcado pelo universo sensível investigado, pela justiça e pela coragem de certos homens que são sábios. Ele também se utilizava da dialética para conhecer os seus adversários na *politeia*. Por exemplo, os campos dos saberes, em sua concepção, se bifurcaram em: “diánoia” que representaria os objetos matemáticos que são denominados de conhecimentos sensíveis apreendidos pela técnica do cálculo e da representação geométrica formal; a “nôsis” é a representação primeira do saber inteligível como discursão e mediação comprovadas pelo intelecto postas em evidência pela Ideia matemática da justa medida; a “pístis” seria a representação de sombras que é igual a ilusão, conjecturas e fé. O dualismo platônico dualismo está prescrito, primeiro, pelo mundo da ciência; e o segundo é o mundo da opinião. Este filósofo é quem desvela a gênese da psique do tirano para o mundo segundo a sabedoria anímica de Eros. Hegel e Freud, por exemplo, são influenciados por sua maneira de pensar. Para maiores esclarecimentos a respeito do assunto, ver “Vida e Obra” de Platão no livro *Os pensadores* (N do T).

200 Fundou, em 335 a.C., o Liceu. Publicou várias obras de origens acromáticas. O seu *corpus aristotelicum* foi cultuado por Andrônico de Rodes que fora dirigente da escola peripatética no ano I a.C. Neste estudos tratou dos conhecimentos vinculados à lógica, o seu famoso *Organon*, que contém as *categorias* que versam sobre o discurso da linguagem, *Sobre a interpretação* que estuda a questão do juízo e da proposição, sobre *Os Analíticos* que se destina a estudar o raciocínio formal, isto é, silogístico e com isso apresentando a ciência que é demonstrada, sobre os *Tópicos* que trabalha com a natureza de argumentos gerais que são aplicados para compreender o universo prático do senso comum e também o universo teórico vinculado à ciência, sobre *Dos argumentos sofisticos* que examina os principais argumentos de natureza capciosa de certos homens que se dizem sábios. Dedicou também um amplo tratado sobre *Metafísica* que é uma obra de ciência teórica que se chama saber especulativo que versa sobre os primeiros princípios e as primeiras causas assentadas no universo real do mundo que é um organismo vivo como substância e sujeito. Escreveu sobre a origem da natureza, do movimento, do infinito, do vazio, do lugar e do tempo. Escreveu sobre a natureza do Céu em que está assentado o universo sublunar e lunar e todos os fenômenos proveniente da região atmosférica. Redigiu trabalhos sobre Ética e política, sobre *Os animais*, sobre *A arte poética* etc. Para maiores esclarecimentos, ver “Vida e Obra” de Aristóteles no livro *Os pensadores* (N do T).

envolve o saber que se dirige para conhecer todo o mundo a partir da verdade que o representa como unidade e multiplicidade, sujeito e objeto. Este saber foi desvelado pela produção do pensar filosófico que começou a ser dissecado tijolo por tijolo, peça por peça, máquina por máquina a partir da época histórica antiga em diante, tendo seu acabamento com a Filosofia de Hegel que refutou, segundo o deslocamento histórico deste saber universal, a ideia de certos pensadores modernos que negaram o conceito de substância, que para ele é o osso do saber metafísico e físico dentro da história da Filosofia. Kojève mostrou em *Introdução à leitura de Hegel*, que (2002, p. 497)

a adequação perfeita e definitiva do Ser (= substância) ao discurso (= sujeito) só se poderá efetuar nos fins dos tempos, quando acaba o movimento criador do homem. E essa conclusão revela-se pelo fato de o homem não avançar mais e contentar-se em refazer (em seu pensamento filosófico) o caminho já percorrido (por sua existência ativa). Assim, a filosofia absoluta, ou o verdadeiro, no sentido forte do termo, só pode aparecer sob a forma de uma descrição circular da dialética real considerada em sua totalidade. Essa filosofia descreve, por um lado, o caminho que leva do nascimento do discurso (= homem) ao seio do Ser (= natureza) até o advento do homem que revelará por seu discurso a totalidade do Ser.

Na *Física* Aristóteles se questiona sobre este conceito de substância, a saber: “afirmamos não haver substância contrária a substância; como, então, poderia haver substância proveniente da não-substância? Ou como algo que não é substância poderia ser anterior a substância?” (2009, p. 34). Hegel definiu seu sistema lógico-formal baseado nesses preceitos estudados por alguns destes pensadores que empreenderam estudos sobre o Ser puro desvinculado do discurso imediato como qualidade de uma substância mediatizada pelo intelecto que representa o absoluto como Ideia daquilo que é eterno segundo seu conteúdo imediato atrelado ao discurso do sujeito que o compreende como uma Coisa concreta positiva e negativa, ou seja, sendo ela mesma a sua causa formal de sua existência.²⁰¹ Este é o Eu universal imediato que é o espelho para a consciência-de-si mediatizada. Este saber absoluto é para o filósofo uma substância como também um sujeito em sua simplicidade e imediatez. É uma

201 Na *Fenomenologia do espírito*, Hegel define o objeto absoluto da seguinte forma: “o objeto é assim, de uma parte, ser *imediato*, ou uma coisa em geral, o que corresponde à consciência imediata. De outra parte é um *tornar-se outro* de si, sua relação ou ser para outro e ser-para-si: a determinidade - o que corresponde à *percepção*. [E ainda] por outra parte, é essência ou é como universal, o que corresponde ao entendimento. Enquanto todo, o objeto é silogismo ou o movimento do universal, através da determinação, para a singularidade - como é também o movimento inverso da singularidade, através da singularidade como supracompreendida, ou da determinação, para o universal” (2011, p. 531).

efetividade em que o ‘é-aí’ da substância é “antes que sua forma ou figura conceitual” (2011, p. 538). Esta é a Ideia absoluta onde se insere o reino da verdade em que repousa o todo que vem antes das partes.²⁰² Este conteúdo é vislumbrado pela totalidade de um sistema que é designado como forma esférica substancial abstraído pelo método dialético e pelos momentos determinados deste conteúdo fixados em toda matéria do cosmos abstraídos pela consciência de certos sujeitos. Esta é primeira esfera mecânica do saber que se refere ao círculo absoluto. Este é o Deus repleto de conteúdo experiencial visto dentro da Filosofia hegeliana.²⁰³

Hegel se inspira nos trabalhos destes filósofos gregos para traçar seu plano de composição do saber atribuído a consciência-de-si do sujeito. Este ser é negação, cultura de si, ser-posto, ser mediatizado que rompe com a natureza e é também o ser como reflexão científica de si na História de sua liberdade. A sua substância representa tudo aquilo que está subjacente em si e para si no Espírito do mundo que é o sujeito transformado por um trabalho realizado na matéria que garante a sua antropogênese segundo seus atributos existenciais. Portanto, a substância, neste caso, é fruto do entendimento da conclusão metafísica, isto é, ela é tudo que é real em sua totalidade existencial e essencial. A primeira causa se opõe ao que é do mundo mutável e também se opõe ao fluxo do vir-a-ser. Sobre o assunto, esclarece Hegel (p. 538):

portanto, de início, da substância, só pertencem à consciência-de-si os *momentos abstratos*; porém, enquanto esses momentos, como movimentos puros, impelem para diante a si mesmos, a consciência-de-si se enriquece até extrair da consciência a substância toda, a estrutura completa de sua essencialidade.

Em alemão *Die lebendige Substanz* é o próprio ser. Continua Hegel a Explicar o que é realmente este conceito: “aliás, a substância viva é o ser, que na verdade é sujeito, ou – o que significa o mesmo – que é na verdade efeito, mas só na medida em que é o movimento do pôr-se-a-si-mesmo, ou a mediação consigo mesmo do tornar-se outro” (p. 35). Neste caso, o filósofo quer demonstrar que a sua justificativa para compreender

202 Para maiores esclarecimentos a respeito do assunto, ver Hegel “c) A idéia absoluta”. *Enciclopédia das Ciências Filosóficas* – livro I (1995, p. 366-367).

203 Para Kojève, “dever-se-ia deduzir que Hegel compreende o mundo porque o mundo é criado em função do conceito que Hegel tem. E chegamos assim ao pleno paradoxo: o antropoteísmo hegeliano deixa de ser uma imagem; Hegel é efetivamente Deus, Deus criador e Deus eterno. Ora, um homem não pode afirmar que criou o mundo, a menos que esteja louco. Logo, se o pensamento que se revela na Logik é o pensamento do criador do mundo, decerto não é o pensamento de Hegel. É o pensamento de um criador diferente de Hegel, diferente do homem em geral; é o pensamento de Deus” (KOJÈVE, 2002, p. 358).

este sistema lógico baseado numa substância absoluta começa a ser traçado na *Fenomenologia* e acabado com a criação da *Enciclopédia*. Ele é caracterizado pela apresentação dele enquanto *substância* e *sujeito*. Assim diz ele no prefácio da *Fenomenologia*: “segundo minha concepção - que só deve ser justificada pela apresentação do próprio sistema -, tudo decorre de entender e exprimir o verdadeiro não como *substância*, mas também, precisamente, como *sujeito*” (p. 34). Portanto, substância e sujeito representam a universalidade desse conteúdo que exemplifica a imediatez para o saber e o saber mediatizado para o conhecimento do ser absoluto. O que está em jogo é o conhecimento do todo que é revelado a partir da experiência dialética histórica do sujeito com o objeto que é a própria força motriz tomada abstratamente enquanto ser-para-si ou como negatividade pura para o mundo.

O conceito de substância foi criado por Aristóteles para caracterizar o absoluto como causa e princípio da existência de seu movimento e do seu repouso lógico baseados na relação categórica que identifica a Filosofia como ciência da substância na qual é ela mesma a mais divina segundo a demonstração teológica recalcada no saber metafísico. O pensador de Estagira mostrara que o ser estudado por Heráclito e Parmênides é visto sob vários aspectos em relação a uma única natureza que se investiga. Ela é a antinomia do Uno e da multiplicidade.

A ciência do saber sobre o saber sensível é a Filosofia primeira que encontra em seu princípio a substância, a forma e a equidade tendo o ser como causa e princípio deste movimento radicado nos modos de ser. É a *ousia* enquanto *quididade*, universalidade, gênero e sujeito. O primeiro elemento a ser identificado dentro desta configuração é o sujeito lógico como causa primeira radcada na substância em que a Coisa expressa a sua negatividade absoluta. Esta negatividade produz o sentido positivo daquilo que afirmamos de um sujeito. Ele é todo o imaterial e o material, o móvel e o imóvel, o abstrato e o concreto, o singular e o universal, a substância e o sujeito. A substância é na verdade o Ser primeiro e fundamental deste “todo” em seu próprio movimento organizado como lógica, especulação e repouso deste movimento.

Então, a substância é o elemento verdadeiro que se distingue do falso. Ela é o negativo de si mesma como potência positiva que produz toda realidade do campo elétrico cravado na máquina dobrada do mundo. É a partir deste conceito que Hegel afirma a verdade absoluta sob o aspecto de um esboço histórico que respeita as regras da lógica do movimento expresso pela Coisa mesma. Esta é a obra da Filosofia como

ciência da verdade absoluta que demonstra o que é Isto. Tal saber não é saber intuitivo, não é saber imediato, não é saber proveniente de dogmas religiosos ou políticos, enfim, a Filosofia é a expressão da consciência-de-si que realizou todo o percurso digerido por estes conceituadores para adquirir a cultura que está imbuída deste saber. Portanto, o sujeito aqui é para-si e em-si enquanto cultivo da Razão mediada pela História como resultado da reconciliação do homem consigo próprio dentro de uma luta política. Este é o sujeito livre na sua efetividade que revela o Si de todo o sistema simples. É nesse momento que o pensar da cultura filosófica revela a sua substancialidade como automovimentos e círculos que são figuras conceituadas como sendo essenciais espirituais. Aqui estão relacionados mundo, caminho trilhado pelo filósofo, consciência e necessidade como raciocínios que se entrelaçam no juízo do conceito do saber absoluto. Pois sendo assim, para Hegel “O ser está absolutamente mediatizado: é conteúdo substancial que também, imediatamente, é propriedade do Eu; tem a forma do Si, ou seja, é o conceito” (p. 47). O ser aqui pode ser exemplificado pela sua potência e pelo seu ato enquanto sinônimos daquilo que é verdadeiro segundo as formas de sua predicação. O ser da substância não pode ser designado por um conceito *a priori*, e ele não pode também ser aquilo que é inerente a nenhum outro sujeito, isto é, o que é em si faz relação com todo resto na sua relatividade originária e diferenciadora. Um ser não é igual a um outro ser. Neste sentido, a substância é um conceito aplicado ao juízo em sua operação real, essencial e justa. Na *Enciclopédia das ciências filosóficas*, livro I “A ciência da lógica”, Hegel conceitua a substância, a saber: “a substância é, por isso, a totalidade dos acidentes, nos quais ela se revela como sua negatividade absoluta, isto é, como *poder absoluto* e ao mesmo tempo como a *riqueza de todo o conteúdo*” (1995, p. 280). O seu conteúdo é apresentado segundo esta manifestação e a sua determinidade em que está refletida é o momento prefigurado da forma em sua atividade, enquanto o poder de sua necessidade e de todo seu conteúdo, é somente o momento que faz parte deste processo. Forma e conteúdo estão imbricados um no outro a partir dessa transformação dialética. Em si mesma, a substância não pode ser nem sujeito, nem forma e nem predicado por ser ela a negação absoluta de tudo isso.

Salgado diz que “A Ciência Absoluta”, para Hegel, representa a Ideia como *pensamento livre* e como conceito do concreto enquanto objeto verdadeiro de todo saber. Para ele

o saber teórico é o saber que dá ao homem a sua total dignidade e se

põe hierarquicamente no topo da atividade de conhecer. Do mesmo modo que para Aristóteles é o saber teórico que põe o homem no seu grau de suprema beatitude é gáudio, para Hegel é o saber mais alto, de que as técnicas e o saber em geral são apenas instrumentos ou matérias; estão ao seu serviço. (SALGADO, 1996, p. 219)

A essencialidade da Coisa para Aristóteles manifesta-se segundo a potência da realidade que aparece enquanto negatividade pura, totalidade, natureza do primeiro motor imóvel.²⁰⁴ É a expressão mesma do Ser em estado de repouso e de movimento. Isto é, o que se diz de um certo sujeito em que está contido todos os predicados e as suas atribuições, tais como por exemplo: Hegel é homem prussiano; Hegel é um homem branco prussiano. O seu substrato natural faz referência com o seu predicado que é o seu substrato e a sua determinação de qualidade, quantidade, relação, ação, paixão, posse. O predicado é a essência daquilo que se diz de um sujeito qualquer. Ser prussiano e ser branco é a natureza accidental destas coisas que estão impregnadas no sujeito Hegel. Hegel é homem e é homem da família da espécie animal, isto não é um acidente. Hegel é filósofo. Isto é um acidente. O sujeito é o próprio substrato exemplificado por seu predicado. Enquanto seu atributo predicativo tem o caráter de dizer o que é este sujeito, ou seja, Hegel é um homem racional. A Filosofia ao se preocupar com esta questão encontra o seu lócus de existência a partir do conhecimento que lhe é conveniente ao entendimento sediado pela faculdade racional que diz respeito ao ser. A metafísica é a Ciência por excelência que trata deste saber enquanto a casa do ser, ou seja, ela é a representação desta habitação. Ela estuda o ente enquanto ente. É por isso que a história que envolve tal conceito cria um sistema que é peculiar a sua definição. Na transcrição latina *substantia* e na grega *ousia*, ambas retratando a *essentia* da unidade criadora, têm em comum o mesmo sentido, isto é, dizer aquilo que o ser é na sua totalidade. Para tomar conhecimento disto, Aristóteles teve que separar o material que compõe o todo, a substância pura, o Uno, o imutável movimento, a *ousia*, daquilo que não expressa esta unidade, ou seja, os entes mutáveis. Os entes são particulares e determinados, diga-se humanos, accidentais, imutáveis, naturais e contingentes como coisas da natureza do ser; por outro lado, o Ser é imanente e transcendental, universal, negativo, absoluto,

204 A origem do movimento dialético provém da causa que trata da substância como energia, unidade indivisível e robusta (a base lógica desta concepção); sendo múltipla segundo os entes e corpórea e incorpórea segundo a matéria que representa o todo. No livro I da *Metafísica*, o filósofo diz: “que a filosofia seja a ciência de certas causas e de certos princípios é evidente” (ARISTÓTELES, 1973, p. 213).

indeterminado, enfim é temporalidade e espacialidade. A Filosofia neste sentido investigativo, para o pensador de Estagira é a ciência metafísica. “Com efeito, a mais divina é também a mais apreciável, e só em duas maneiras o pode ser: ou por ser possuída principalmente por Deus, ou por ter como objeto as coisas divinas” (ARISTÓTELES, 1973, p. 215).

Sobre *O tempo em Platão e Aristóteles*, Rémi Brague se questiona: “em que sentido pode-se falar de uma prioridade da substância quanto ao tempo?” Neste capítulo do livro citado, ele escreve a respeito da substância, a saber:

no primeiro capítulo do livro VII (Z) da *Metafísica*, Aristóteles inicia suas investigações sobre a substância (ουσία), como todos sabem, praticando uma distinção entre três tipos de prioridade. Essa distinção lhe permitirá afirmar que, se a substância é primeira nos três sentidos que ele distingue, e que esgotam a idéia de prioridade, ela poderá então ser chamada de primeira de modo absoluto. Essas três maneiras de ser primeiro são, em primeiro lugar, a prioridade segundo o discurso (ou segundo a definição) (...), em segundo lugar a prioridade segundo o conhecimento (...), e por fim, a prioridade segundo o tempo. (BRAGUE, 2006, p. 159)

No livro *As Categorias*, o pensador de Estagira define o conceito de substância por intermédio da predicação lógica atribuída dentro do seu sistema de pensamento. Para falar do ser ou dos seres e dos gêneros, ele teve que pensar na unidade que compõe todo o sistema segundo o fundamento ontológico que prefigura a substância primeira. Eis aqui o ponto de partida que tem que ser seguido para acompanhar a reflexão acerca do conteúdo discernido pelo filósofo. Neste círculo existe a essência primária e a essência secundária. Sobre o conceito de substância, Aristóteles acrescenta o seguinte ao seu respeito no livro citado acima (2000, p. 52-53):

a substância que é a mais própria, a que se diz de modo primeiro e que é mais substância, é a que nem se diz de algum sujeito nem está em algum sujeito, como um certo homem ou um certo cavalo. Diz-se que são substâncias segundas aquelas às quais, como espécies, pertencem as substância que se dizem de modo primeiro, e também os gêneros destas espécies; como, por exemplo, um certo homem pertence à espécie homem, sendo o gênero desta espécie o animal; estas substâncias, como por exemplo o homem e o animal, são, pois, ditas segundas.

Para compreender a causa primeira assentada nesta substância faz-se necessário separar aquilo que é verdadeiro daquilo que não é verdadeiro enquanto causa da

existência, *Dasein*. O sujeito é a substância segunda dobrada como conceito segundo seu discurso, ou seja, é o *to hypokeimenon* que é o que subjaz a materialidade imaterial como substância de primeira ordem e como ser dotado de atributos e predicados. Ele é quem deve ser estudado primeiro. A substância como sendo ela mesma a causa primeira da verdade e de seu fundamento está marcada por quatro sentidos fundamentais: a *qüididade*, o universal, o gênero e o sujeito. Portanto, a substância é o ser todo dessa determinação essencial. Aristóteles observa que o Um de Parmênides, os elementos estudados por Empédocles, os números estudados pelos pitagóricos, e as Ideias e as coisas proveniente das matemáticas examinadas por Platão, são tipos específicos de *ousia*, ou seja, essências da substância²⁰⁵ primeira. Esta causa está assentada num ser que é determinado, negativo, subsistente e é só ela que existe por si só pelo fato de manter o indivíduo como sensível e perecível. Então, é a partir disso que Aristóteles nomeia *summum bonum* como sendo a *ousia* mesma na qual estar representada no universo inteligível, sendo positivada pela ação geral e particular abstraídas pela vontade educadora como sendo o verdadeiro sentido da justiça do ser educado nesta cultura de si. Na verdade, o princípio primeiro se configura como ato e como transformação do movimento do corpo, advindo dele mesmo, e isso faz com que o sujeito educado neste preceito possa realizar o seu movimento que é circular cujo seu efeito é agraciado pelo motor desta eticidade singular que promove o movimento positivo e o negativo dele mesmo. Este é o corpo do criador que se espelha no corpo sem órgão de Deus enquanto potência contingente que permeia o princípio de todo ato criador de conceitos para o avanço da contemplação do Ser. O que está fora do céu, e no céu e na natureza, e nos animais e nos homens dotados de cultura dependem deste princípio primeiro para que este mesmo sujeito possa realizar seus respectivos deslocamentos universais como motores lógicos desta ação que propõe educar um certo sujeito na disciplina científica. A inteligência da cultura filosófica, que já é a síntese desta ação, é representada pelo pensar histórico, pelo falar, pelo agir, pelo fazer, pelo

205 Paul Ricoeur desenvolveu na Universidade de Strasbour *Les cours de Sorbonne na Paris - V sobre Platon et Aristote*. Na segunda parte do curso, ele destaca os conceitos de ser e substância retratados por Aristóteles em seus trabalhos científicos. “I. La substance sensible: la substance comme substrat”; “II. La substance sensible (suite), la substance comme forme”; “III. La substance et l’individu”; “IV. La substance ‘séparée’”. Este cabedal conceitual condiz com este estudo sobre a substância que neste trabalho de dissertação corrobora com a perspectiva hegeliana acerca do conceito de substância e de sujeito que se encontram no pensamento de Aristóteles. Ver Ricoeur “Aristote”. *Cours professé à l’Université de Strasbour en 1953-1954*, p. 82-147.

criar novos conceitos micropolíticos para existência; enfim, pelo ato de investigar. Portanto, na visão do pensamento de Aristóteles, observa-se o seguinte a respeito desta cultura (1973, p. 216):

a maior parte dos primeiros filósofos considerou como princípios de todas as coisas unicamente os que são de natureza da matéria. É aquilo que todos os seres são constituídos, e de que primeiro se geram, e em que por fim se dissolvem, enquanto a substância subsiste, mudando-se unicamente as suas determinações, tal é, para eles, o elemento e o princípio dos seres.

Aristóteles utiliza o método dialético para desvelar as funções do espírito (intelecto) segundo a faculdade do conhecimento que são atributos do desejo de conhecer a partir de conceitos, princípios e causas, que no primeiro momento do aparecimento sobre esta forma de filosofar, ainda era visto sob o aspecto da causa material como formulou Aristóteles na citação acima. O homem que é dotado de tal faculdade será capaz de compreender a ideia do conceito na sua totalidade intelectual e singular. As críticas tecidas por Aristóteles a respeito dos conceitos criados por estes estudiosos da natureza, fisiólogos, encontradas na *Metafísica* são refutações aos primeiros conceitos talhados por estes pesquisadores da natureza. Além disso, dentro deste panorama conceitual observa-se as afecções, os dizeres que são ditos deste ser e por esse ser que é o homem dotado de linguagem. Fala-se do elemento primordial segundo a faculdade intelectual de criar conceitos para compreender a Filosofia primeira através do pensamento tecido por Aristóteles e por Hegel segundo a disposição do intelecto.

A *ousia* é o ato que gera a força ou a energia do motor sobre o espaço cósmico, sendo este a potência do Ser que é por si e para si essente, Uno e diverso, corpóreo e incorpóreo. É a passagem da potência ao ato que constitui o movimento desta máquina que é a esfera superior de todo movimento do ser, do vir-a-ser e do perecer que surge da não-máquina. A substância primeira²⁰⁶ é caracterizada por esta natureza cíclica que edifica formas e figuras segundo as suas categorias de ser acidentais. As generalidades

206 O que podemos saber sobre a substância primeira? Nas *Categorias* Aristóteles diz: “e ainda dizemos que as substâncias primeiras, por serem o sujeito para todas as outras coisas, e por todas as outras coisas serem ditas delas ou estarem nelas, são mais substância; e o que as substâncias primeiras são relativamente a todas as outras coisas é o que a espécie é relativamente ao gênero; pois a espécie é sujeito para o gênero; de facto, o gênero é predicado das espécies, mas as espécies não são, por sua vez, predicadas do gênero; e é também por estas razões que a espécie é mais substância que o gênero” (ARISTÓTELES, 2000, p. 54-55).

de tais categorias são definidas por seus predicados referentes as coisas ditas por um juízo verídico. Estas coisas expressam as essências da realidade; sendo que os sujeitos que são predicados dentro deste composto são vistos de outro modo. Portanto, a substância, na sua essencialidade concreta e abstrata, é o que não se pode dizer de outro sujeito, mas ao qual se referem todos os predicados. O motor imóvel²⁰⁷ só existe em função desta substancialidade negativa-positiva que garante o ato puro refletido pelo intelecto seja a causa formal-final de todo seu movimento enquanto pensamento autoreflexivo, não-mecânico, não-material, isto é, forma pura da negação que não cria o universo, mas prescreve o seu *devoir* funcional-movente para toda eternidade revelada pelo intelecto filosófico. Para tomar conhecimento acerca desta verdade, o filósofo tem por necessidade que conhecer a causa primeira que o engendra.

Os filósofos que empreenderam seus conhecimentos acerca da verdade do Espírito do mundo foram os primeiros filósofos da era pré-platônica, ainda no estado da beleza do sonho e com os seus pensamentos voltados para a maneira de refletir sobre a natureza real de todo Ser engendrado. Eles estudaram toda *physis* segundo seus elementos de composição elementar conhecidos pela psique que ainda era separada da natureza. A partir de Sócrates, Platão e Aristóteles, tais psicologias são inseparáveis da arquitetura, edificada e não edificada, engendada pela todidade na qual repousa o saber absoluto, a natureza e o Espírito subjetivo e objetivo destes sujeitos singulares. Estes estudiosos foram versados na arte de sintetizar toda a história da filosofia a partir da compreensão dos conceitos de substância e sujeito. Hegel percorre o mesmo caminho de pensamento para compreender o princípio e a causa primeira atrelados ao sujeito do pensamento que compreende a natureza das três esferas mecânicas segundo a investigação dialética do mecanismo que engendra todo o universo das coisas enquanto máquina do mundo.²⁰⁸ Aqui brota neste contexto histórico a causa real do ser singular

207 Diz Jaeger, em seu trabalho sobre *Aristóteles*: “el movimiento de todas las criaturas semovientes que conocemos por experiencia tiene un comienzo en algún momento; pero el movimiento del mundo no puede imaginarse como habiendo empezado en un instante determinado, pues en tal caso habría pasado a la realidad desde la pura potencia, siendo así que todo ser simplemente potencial puede exactamente lo mismo *no* ser. Aun admitiendo, por consiguiente, que el cielo se mueva a sí mismo, como querría Platón, necesitamos de algo absolutamente inmóvil fuera de él que sea la causa original de su movimiento” (JAEGER, 1995, p. 412).

208 Hegel divide o movimento desta máquina em movimento finito e movimento absoluto. O concreto que é esta univocidade divide-se em espaço positivo e tempo negativo, tendo a matéria como representação da negação dos momentos que são *abstratos*. Na *Enciclopédia das ciências filosóficas*,

que sai da não-filosofia para ser educado no seio do conhecimento científico acumulado pelos humanos durante um longo período de tempo na história. Não é o Eu heroico militar, não é o Eu do poeta, não é o Eu do artífice, nem tão pouco um Eu político democrático que no ano 404 a.C., em Atenas, é arrastado pela tirania dos trinta. É o Eu-filosófico como singularidade do saber proveniente desta cultura filosófica enquanto colheita do pensamento originário que também luta por seus direitos de existência seja em qualquer instância política de governo dos homens e das leis.

Antes da dissecação do conceito de substância e de sujeito, os primeiros filósofos tentaram compreender a gênese do universo a partir de posições que se diziam verdadeiras sobre a verdade da Coisa que ainda era ligada às questões místicas, religiosas, por assim dizer, fora da consciência do sujeito. Nesta perspectiva, Hesíodo mostra que o princípio de tudo é sediado pelo movimento do amor ou representado pelo sentido mesmo do desejo. Parmênides entende a gênese como sendo obra do amor gerado pelo caos que é representado pelo não ente, com isso nascendo a oposição crucial para a sua Filosofia. Empédocles entende que só a amizade pode gerar uma boa obra e o seu contrário que é a discórdia não gera o bem e sim a maldade. O bem é princípio fundador que designa o Ser em sua essência. Tal essencialidade da verdadeira Filosofia é ser ela ciência teórica, divina, que se volta contra a vulgaridade da ignorância radicada no senso comum mítico, religioso e político. A Filosofia, neste sentido, é filha rebelde da religião por dobrar o movimento de seu pensar sobre estes conteúdos que ainda estão presentes em seus discursos que se voltam contra estas chicanarias. O filósofo é aquele que se dedica a aprender todas as coisas que são difíceis de compreender de forma imediata. Ele conhece profundamente as causas e por conhecê-las pode ensiná-las a quem tem aptidão para adquirir este conteúdo filosófico mais facilmente. O filósofo por ter em mente que a Ciência que ele estuda é a mais universal, adquire a partir disso sabedoria a respeito de todos os sujeitos pelo simples fato dele se utilizar deste saber que é o saber sobre os sujeitos e os objetos contidos nos conceitos universais que advém de todos casos particulares, tais como a substância primeira, a substância segunda, a forma do corpo, os modelos psíquicos adquiridos pela

mais especificamente no livro II sobre “Filosofia da natureza”, Hegel diz que “a mecânica considera: A. o totalmente abstrato fora-um-do-outro - *espaço* e *tempo*; B. o singularizado fora-um-do-outro e sua relação naquela abstração - matéria e movimento -, mecânica finita; C. a matéria na liberdade de seu conceito em-si-essente, no movimento livre - mecânica absoluta” (HEGEL, 1997, p. 45).

cultura que estão contidos em todos os sujeitos, sem exceção. Esta Ciência é a ciência que compreende os primeiros princípios e as primeiras causas por admiração. Foi por este tipo de sentimento que o pensar filosófico progrediu a partir do discernimento do que é o Bem e da indagação do que é o porquê. O Bem e o porquê são princípios destas causas. O Bem é também uma coisa de suma importância para o pensar religioso. Mas por trás de todo Bem, advém o eterno Mal disfarçado de religião. Acerca do assunto citado, Aristóteles, no livro I da *Metafísica*, explica que

foi, com efeito, pela admiração que os homens, assim hoje como no começo, foram levados a filosofar, sendo primeiramente abalados pelas dificuldades mais óbvias, e progredindo em seguida pouco a pouco até resolverem problemas maiores: por exemplo, as mudanças da Lua, as do Sol e dos astros e a gênese do Universo. (p. 214)

A Filosofia é um saber livre por excelência e sendo assim ela foi designada como algo que retrata a antropogênese do universo em toda a sua profundidade lógica, física e metafísica.²⁰⁹ É sabedoria divina que nega os infelizes, os invejosos e também os mentirosos para poder a partir daí designar o que é da ordem do Bem universal. A Filosofia tem duas prerrogativas de suma importância para homenageá-la, a saber, a primeira está marcada pela possessão de um Deus²¹⁰ como causa e como princípio, e a segunda é referendada as coisas que estão subsumidas na ordem do divino proveniente deste Bem universal tais como a água para beber, o fogo para cozer os alimentos, o ar para respirar e a terra para produzir os alimentos necessários para a existência de qualquer ser. Para Aristóteles, os pré-socráticos antes dele indicaram o objeto universal segundo os princípios e as causas que o engendra. Na sua concepção de Aristóteles:

é pois manifesto que a ciência a adquirir é a das causas primeiras (pois dizemos que conhecemos cada coisa somente quando julgamos conhecer a sua primeira causa); ora, a causa diz-se em quatro sentidos: primeiro, entendemos por causa a substância e a quidade ('o porquê'

209 Na *Enciclopédia das Ciências Filosóficas*, livro I - "Ciência da Lógica", Hegel demonstra que a Filosofia mais recente é também adornada por preceitos antigos cunhados pelos filósofos pré e pós-socráticos, apesar de seu distanciamento epocal e seus conceitos serem atemporais. Deus para estes filósofos é o mundo revelado por seus próprios conceitos. "Se o antigo deve renovar-se - isto é, uma figuração antiga, pois o conteúdo mesmo é eternamente jovem - a figuração da idéia, por exemplo como *Platão* e muito mais profundamente *Aristóteles* lhe deram, é infinitamente mais digna de recordação; também porque seu desvelamento, por meio da apropriação em nossa cultura pensante, é imediatamente não só um entender dela, mas também um progredir da própria ciência" (1995, p. 31).

210 Na introdução do livro de Hegel sobre "Les preuves de l'existence de Dieu", lê-se: "dès lors, l'affirmation de l'absolu ne sera rien autre que l'acte par lequel nous retrouvons la révélation que Dieu fait de lui-même tout au long de l'histoire" (1947, p. 12-13).

reconduz-se pois à noção última, e o primeiro ‘porquê’ é a causa e o princípio); a segunda [causa] é a matéria e o sujeito; a terceira é a de onde [vem] o início do movimento; a quarta [causa], que se opõe à precedente, é o ‘fim para que’ e o bem (porque este é, com efeito, o fim de toda geração e movimento). Já estudamos suficientemente estes princípios na *Física*; todavia queremos aqui associar-nos aos que, antes de nós, se aplicaram ao estudo dos seres e filosofaram sobre a verdade. (p. 216)

É a partir desse pensamento elaborado pelo pensador de Estagira que o próprio conceito de substância é revelado segundo a noção de verdade sobre a gênese da história do mundo vista sob o prisma conceitual filosófico.

Estes pensadores da *physis* estudaram e narraram a vida dos seres do universo segundo seus conceitos e a partir disso criaram um saber específico sobre a natureza da verdade em seu sentido particular que se confronta com a falsidade do espírito que não produz tal verdade. Para compreender a natureza do Ser é necessário compreender o não-ente. A figura do nada é emblemática na relação que ela tem com todo, tal como a figura do positivo que só existe em função da figura negativa. É o princípio da contradição que permeia a Filosofia de Hegel que é engendradora pela metodologia dialética de análise aristotélica. Dialética do movimento lógico absoluto, dialética da natureza e dialética do espírito formam em-si a tríade ontológica da ciência filosófica utilizada por Hegel como forma de demarcar o campo de estudo deste saber. Para Žižek, na Introdução de seu livro *Menos que nada: Hegel e a sombra de seu materialismo dialético*, diz que: “de fato, é, preciso ser alguma coisa para alcançar o puro nada, e *Menos que nada* discerne esta lógica estranha nos domínios ontológicos mais díspares, em diferentes níveis, da física quântica à psicanálise” (ŽIŽEK, 2013, p. 14). Ou seja, o que Žižek quer dizer é que o ser vem antes do nada pelo fato desta consciência reflexiva ser ela mesma o objeto reflexivo deste puro nada. Dentro desta perspectiva pode-se evidenciar os planos que sustentariam o conceito de substância em sua base radicada no sujeito psíquico em questão, ou seja, o seu pano-de-fundo é a sua concretude radicada nesta “coisa” que é o ser mesmo da existência finita para a sua própria psicologia diante dos outros que não são o mesmo sujeito do refletir filosófico. O esquema metafísico aqui apresentado procura evidenciar primeiro o sentido lógico-metafísico-universal que é caracterizado pela terminologia concreta deste ser que se opõe às categorias conceituais singulares e plurais. O Uno seria, então, em-si e para-si a causa motriz deste movimento que pode ser traduzido pela substância primeira como causa motora? O Uno

não é considerado substância em-si. O plano aqui nesta univocidade é atributo da ontologia que procura diferenciar a substância do acidente. Com esta análise acerca da substância em Aristóteles e Hegel, foi abordado os pontos principais que servem de compreensão a sua estrutura lógica e ontológica dentro deste pensamento elaborado neste trabalho. Sobre este assunto, Kojève diz que

se o ser é de fato uno (ou, mais precisamente, o Uno), isto é, se ele exclui o diverso, qualquer diverso, e portanto qualquer mudança, isto é, se ele é a eternidade que anula o tempo; se o Ser é Uno, repito, não se poderia falar dele, observa Platão. De fato, o discurso teria de ser tão uno como o Ser que ele revela, e não poderia ir além da mera palavra 'uno'. Pois, no fundo, é sempre do tempo que se trata. O discurso deve ser intemporal: ora, sem ter o tempo, o homem não pode pronunciar uma única palavra. Se o Ser é o uno, ou, o que dá no mesmo, se o conceito é a eternidade, o saber absoluto reduz-se para o homem ao silêncio absoluto. (Platão aceita isso: o Uno é inefável). (2002, p. 334-335)

O ciclo Lógico-Metafísico-Universal²¹¹ tecido pelo filósofo será descrito retratado por uma relação de homonímia. Aristóteles a define assim: “Chama-se homónimo àquilo que apenas tem em comum o nome, sendo a definição da essência associada ao nome, como acontece com o animal, que tanto é o homem como uma pintura” (2000, p. 49). Eis as figuras geométricas desta representação que são vistas aqui como fundamento e substância universal segundo a totalidade do movimento que é o ser mais elevado em si mesmo (ser-em-si e para-si), a saber:

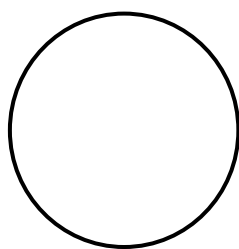


Fig.1. Círculo absoluto da eternidade

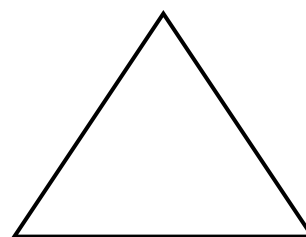


Fig.2. Triângulo = trindade

211 O ciclo lógico-metafísico-universal é representado por este simbolismo em que o círculo, o triângulo, o leão e a raposa são figuras emblemáticas para o pensamento conceitual. Na concepção de Hegel, “o leão, a raposa, possuem eles mesmo por si próprios as propriedades cujo significado devem expressar. Do mesmo modo, o círculo não indica o inacabado ou arbitrariamente limitado de uma linha reta ou de uma outra linha que não retoma para si mesma, a que corresponde igualmente algum intervalo de tempo limitado; e o triângulo possui como um todo o mesmo número de lados e ângulos que resultam da Ideia de Deus, quando as determinações que a religião apreende de Deus são submetidas ao *enumerar*. (...). Assim, o leão por exemplo não é apenas forte, a raposa apenas astuta, e particularmente Deus tem ainda outras propriedades completamente diferentes daquelas que podem ser apreendidas num número, numa figura ou numa forma animal” (2000, p. 26-27).

O que podemos saber a respeito destas figuras geométricas que representam a natureza da totalidade universal da substância? Alguns comentários sobre estas figurações apresentadas, primeiro, na escrita de Hegel e, segundo, na escrita de Derrida, a saber:

se quisermos representar este processo de modo figurativo, diremos: *a)* que o pensamento é, em primeiro lugar, genericamente abstrato, como o espaço universal ou absoluto, pelo qual no entanto muitas vezes entende o vácuo; as mais simples definições do espaço aparecem em seguida, começando pelo ponto para chegar à linha e ao ângulo; até que, em terceiro lugar, se opera a sua conjugação no triângulo, o qual apesar de concreto, permanece ainda no elemento abstrato do plano e é por isso a primeira totalidade e limitação, todavia formal, que corresponde ao *nous*; *b)* ulteriormente, com o fazer que, por sua vez, cada uma das linhas do triângulo se torne um plano, cada uma delas desenvolvendo-se devém a totalidade do triângulo, a figura inteira, da qual faz parte, de modo que, nos lados, opera-se a realização do todo, como vemos no ceticismo e no estoicismo; *c)* na derradeira fase, estes planos e triângulos laterais unem-se para formar um corpo, uma totalidade: o corpo só é a definição espacial completa e é um redobramento do triângulo; como porém o triângulo fundamental está fora da pirâmide, o exemplo não quadra. (1980, p. 383-384)

Contudo, não se fala aqui do saber como conceituar puro do objeto, mas esse saber deve ser indicado somente em seu vir-a-ser ou em seus momentos, segundo o lado que pertence à consciência como tal; e os momentos do conceito propriamente dito, ou do saber puro, devem ser indicados na forma de figurações da consciência. (2011, p. 531)

O leão, por exemplo, é considerado como o símbolo da coragem, a raposa, como o símbolo da astúcia, o círculo como um símbolo da eternidade, o triângulo como símbolo da Trindade. (DERRIDA, 1979, p. 63)

Estas configurações geométricas simples dispostas a representarem o espaço absoluto estão simbolizando as figuras que são as primeiras a serem desenhadas como forma de leitura do espaço absoluto imediato pela consciência que os pintam e os descrevem. Círculo, triângulo, raposa e leão são desenhos representativos destes espaços figurativos, compreendidos meramente pela psique humana mediatizada pela Filosofia.

A premissa aristotélica diz que o ser humano é propriedade dos animais. Só o animal dotado de cultura tem a capacidade de desenhar. Os desenhos geométricos esboçados tentam compreender a totalidade do pensamento filosófico hegeliano a partir de seus conceitos estudados neste estudo, tais como: o de substância que é a causa primeira e interna deste saber atrelada ao sujeito do conhecer, sediado pela simplicidade

e pela complexidade de seus elementos enquanto energia, potência e ato. Primeiro vem o círculo absoluto que é gestado segundo a luminosidade e obscuridade que lhe é própria a partir da relação com o trabalho negativo em que se cria a positividade absoluta; segundo vem a natureza da cultura que é a antropogênese da coisa no seu modo primitivo (matéria e forma) enquanto princípio do movimento interno dobrado sobre a natureza externa do mundo; por último, vem o Espírito do sujeito que é a psique dele mesmo que conhece o sistema lógico segundo o trabalho filosófico realizado por uma pesquisa investigativa a respeito da gênese do universo. Ele é a coisa pensante porque é dotado de intelecto. Só o sujeito dotado desta faculdade de pensar pode descrever tudo isto sobre o prisma do conceito e explicar através da linguagem o que se observa acerca de seu conteúdo formal e lógico. A palavra designando aqui a coisa pensada no tempo e no espaço. Estes dois momentos são quantidades contínuas pelo fato do tempo presente está em contato com o passado e o futuro.

Na concepção de Kojève, o círculo enquanto um conceito materializado pelos geômetras foi visto por Platão como um “esquema metafísico” que propõe investigar a gênese do universo. Assim pensa o estudioso de Hegel citado: “reencontramos assim o esquema da metafísica do Timeu: um tempo circular, a circularidade da qual (e daquilo que está no tempo, sendo temporal) sendo determinado pela relação do que está no tempo com o que está fora do tempo” (2002, p. 322). O Um é a unidade total, o ciclo absoluto, e sendo o múltiplo os ciclos que são gestados dentro do Uno, ou seja, produtos do primeiro círculo lógico-formal. Este círculo absoluto é o círculo mecânico-esférico que edifica outros círculos mecânicos-esféricos para o universal aí revelado por Hegel.

A regência do círculo absoluto é a unidade unificante de todo o movimento que se vincula às partes que são geradas por ele, ou seja, como sendo elas mesmas Ser dos entes. É o movimento do *devenir* eterno, do ser, do fluxo e das coisas inomináveis observadas pela Razão. Este é o estado de mobilidade fenomênica que gera a impressão daquilo que aparece segundo a energia criadora no espaço do *cosmo*. Eis o *locus* onde as coisas são geradas dentro desta espessura complexa. O imediato é esse plano circular mecânico, não-mecânico, que está no plano do pensamento filosófico enquanto conceito e totalidade. Hegel demonstra que esta

determinidade enquanto tal, enquanto ideal, é a própria inocência amigável da beatitude celestial e angelical, o repouso inativo, a

grandiosidade da potência que repousa autonomamente sobre si, bem como a valentia e o fechamento [*Beschlossenheit*] em geral do que é em si substancial. O interior e o espiritual, porém, igualmente apenas são enquanto movimento e desdobramento ativos. Mas o desdobramento não é sem unilateralidade e cisão. O espírito total pleno, que se expande em suas particularidades, sai de seu repouso e defronta-se consigo mesmo em meio à oposição ao mundano confuso e, nesta dissociação [*Zerspaltung*], também não consegue mais subtrair-se ao infortúnio e à desgraça do finito. (2001, p. 188)

O filósofo conclui que este resultado “ideal” do entendimento é somente o começo, porque o começo é o fim desta ação. É neste ponto que a consciência está diretamente relacionada ao conceito e o conceito relacionado com a consciência que foi além do universo limitado referente a consciência natural. O método é exposto por Hegel em seu desenvolvimento prático e teórico²¹² segundo o revelamento deste Espírito. O objeto que é estudado torna-se alguma coisa para a consciência que é designado por ela como um saber que se diferencia daquilo que é tido como comum por ser ele científico. É o saber da experiência dialética que expressa este novo objeto para o conhecimento cuja verdade é o saber absoluto diagnosticado pela consciência do sujeito que trabalha para desvelar as figuras da consciência que destrói as antigas imagens do mundo imediato em que o Em-si não é revelado enquanto algo para-si. A consciência científica realiza uma reversão que cinde dentro da consciência quando ela mesma começa a ser examinada pelo sujeito histórico. Para Hegel *o Em-si se torna um ser-para-a-consciência do Em-si*. Eis a gênese desta nova figura que aparece como objeto que é caracterizado por Aristóteles como substância na qual é sujeito que a revela para a história universal do mundo. O filósofo apresenta um para nós como o resultado desta doutrina dialética atribuída a escola de Filosofia que descobre a origem deste movimento e via-a-ser.

Hegel vivenciou todo movimento de formação do novo mundo que fora construído com base na destruição do mundo antigo. Com a ruína deste antigo mundo o que foi perdido de vista foi o próprio mundo. Uma época marcada pelo niilismo da vida cotidiana em que a morte do presente se mostra visível na sua estruturação lógica de habitação. A sociedade burguesa de sua época está cindida dentro de uma crise que

212 O trabalho para realizar tal tipo específico de atividade requer dedicação, dúvida, desespero, superação. Sendo assim, na perspectiva abordada por Hegel no “Prefácio” da *Fenomenologia*, está escrito o seguinte: “não é a universalidade extraordinária dos dotes da razão que se corrompe pela preguiça e soberba do gênio; mas sim, é a verdade que se desenvolveu até a sua forma genuína, e é capaz de ser a propriedade de toda a razão consciente-de-si” (2011, p. 69).

eclodiu na modernidade com a implementação da máquina movida pela combustão no seio desta sociedade sem espírito. Hegel propõe uma reconciliação do sujeito neste mundo via ciência que revela para o novo mundo o próprio mundo pensado pelos filósofos antigos e pela sua Filosofia moderna que é uma continuação mais elaborada daquele saber. O presente vivido por Hegel na Europa, cujo sopro de vida se transforma em hino de morte, abala todas as estruturas religiosas radicadas pela orientação do divino. Diante dessa crise, o pensador proclama a Filosofia, tal como a define Platão e Aristóteles, como Ciência do absoluto, universal, que conceitua o Bem divino perante esta contradição.

4.2. Do sentido da reconciliação com o divino na era da morte de Deus

Como o sujeito se reconcilia com o divino numa época em que o divino já não é mais a expressão dominante de uma cultura de um povo?

Na tese de Manuel J. Carmo Ferreira sobre *Hegel e a justificação da filosofia*, encontra-se escrito o estudo acerca da promoção da Ciência filosófica como uma forma de superação da própria crise vivenciada por Hegel e por todo mundo na época do terror absoluto. Para ele (1992, p. 89):

toda a evolução-decisão é criada *ad intra* e toda criação é acção negadora do dado; todas as grandes transições hegelianas se apresentam como a reconciliação de uma cisão absoluta: a progressão no interior duma figura determinada interrompe-se bruscamente, 'como o explodir de uma bomba', como um 'salto', como a emergência de uma nova figura já plenamente formada, contida, em gérmen, na interior aniquilada, mas cuja verdade traz consigo.

Este ato de negar o dado que está aí no mundo imediato infectado é uma forma de preparo do intelecto para tomar conhecimento da história velada segundo o misticismo atrelado a este saber decadente. Só a dobra realizada pela mediatização do pensamento científico em relação ao objeto real, e não ao objeto aparente, que o processo do saber evolui no sentido de progredir para as praias da certeza da Razão divina de Deus.

Para o autor da citação acima mencionada, Hegel desenvolve um *devoir* de criação exemplar diante desta infecção social europeia e mundial para justamente demarcar o campo do saber filosófico que se tornar revolucionário por excelência a partir da produção do pensamento livre conceitual. A ética é o motor desta inteligência que visa a partir da construção teórica resgatar os conceitos de vida, felicidade, Ser, Deus como expressão máxima do Bem absoluto, retidão reflexiva e o comprometimento com a verdade, isto é, com o falar franco. A bandeira erguida contra a cegueira vinculada a força do mais forte e contra a violência que arrebatava todo o destino do ser mutilado nesta esfera social, é agraciada por Hegel segundo a proposta do trabalho da Ciência como catalisador da vida filosófica e da liberdade do homem frente a estes poderes mutiladores e devastadores. A natureza da existência divina é provada, segundo este pensador, por comprovação metafísica e não por proposições criadas pela história. Hegel explica isto em « L'existence de Dieu est demontree par des preuves metaphysiques, non par des preuves historiques ». *Les preuves de l'existence de Dieu* (1947, p. 78-84).

No momento em que o espírito deixa de ser criança para adentrar na sua nova figura rejuvenescida, ele cria com isso uma nova visão de mundo que antes não existia. É o caminho que vai sendo traçado não por um grupo de povos organizados, mas pela manifestação singular de certos sujeitos vistos na História universal. Este impulso garante que o espírito possa avançar dentro deste antagonismo que vai desestabilizando cada vez mais os espíritos infantis dos primeiros povos inscritos na Terra como também dos primeiros Estados que são expressões deste despotismo primeiro. Aqui, neste momento da história, o percurso seguido até chegar na ideia de universalidade do Espírito, o homem teve que ruminar todo o processo que deu vida a este caminho, que já na época de Hegel, é vislumbrado pelo avanço da sofistaria calculadora que devastou toda a Terra mediante a sagacidade dos poderes mencionados na época em que toda a história da humanidade se esgota na sua fase adulta indo para velhice. Os gregos eram adolescentes, os romanos e cristãos já são povos adultos, enquanto o moderno europeu ocidental é o espírito envelhecido do mundo. O velho sabe que a sua vida vai se esgotar. A criança não tem a consciência que vai morrer. O jovem quer gozar a sua plena juventude. O velho medita sobre toda a história de sua vida. Assim acontece o mesmo com toda história da humanidade que sai da infância, passando para a fase adulta e chegando na velhice. Certos homens históricos têm a clareza deste percurso que a humanidade atravessou ao longo de sua verdadeira História, mas têm outros pesquisadores que pensam que todos já nasceram adultos.

Hegel mostra essa “progressão” espiritual no livro *A razão na história*. Ele narra desta forma esse fato (2013, p. 154-155):

a progressão determina-se em geral de modo a constituir a série de fases da consciência. O homem começa por ser uma criança com uma abafada consciência do mundo e de si mesmo; sabemos que, desde a consciência empírica, ele tem de percorrer vários estágios até chegar a saber o que é em si e para si. A criança começa com a sensação; daí passa o homem ao estado das representações gerais, em seguida, ao estado do conceito e chega então a conhecer a alma das coisas, a sua verdadeira natureza. - Quanto ao espiritual, a criança vive, de início, na confiança para com seus pais, para com os que rodeiam, para com os que se esforçam por iniciá-lo no que é justo; isto parece ser-lhe prescrito de um modo arbitrário. Uma outra fase é a da juventude; a sua característica é que o homem busque em si a sua autonomia; se funda em si, descobre na sua consciência o que é justo e ético, o que é essencial fazer e levar a cabo. A consciência do homem adulto encerra ainda outras determinações acerca do que é essencial. A progressão é, desde modo, uma formação da consciência, e não é simplesmente quantitativa, mas uma série de fases de diferentes referências ao que é

essencial.

A consciência científica vinculada a pesquisa filosófica não nasceu pronta e acaba no intelecto, isto é, ela não nasceu com a criação da humanidade disposta na sua primeira fase de existência, nos confins da pré-história. Ela é este processo de amadurecimento do intelecto que aflorou no mundo grego na interiorização de sua juventude, tendo a necessidade de se libertar da primeira inscrição assentada nos mitos. A ciência desenvolvida neste terreno é o acabamento que funda a ideia do conceito de liberdade que começa a ser debatido neste mundo onde poucos desfrutavam destes direitos. A criança não é um ser livre porque é ainda dependente de seus progenitores, ou seja, ela não poderia formular por si só uma ideia como essa. Os primeiros povos étnicos são governados por uma determinação que é abstrata segundo um saber formal baseado em leis que representavam apenas o seu *ethos* em sua circularidade fechada cuja individualidade, a sua verdadeira natureza cultural, é prescrita pelas situações de natureza imediata, hábitos, leis ditas naturais assentadas em costumes e religiões.²¹³ É o saber primeiro disponível pelo sentido puro da cultura. Para Hegel, este tipo específico de consciência desconhecia a substância radica no sujeito por que o seu espírito ainda se encontrava na fase inicial da humanidade, isto é, na infância de sua história sem História.²¹⁴ Dando continuidade a este raciocínio, Hegel demonstra que existem qualidades naturais referentes a estas culturas primeiras que não devem ser descartadas por serem eles o substrato que sustentam estas primeiras formações eletivas. Assim diz ele que “os *negros* devem ser tomados como uma nação-de-crianças, que não saiu de sua ingenuidade desinteressada e sem interesse. São vendidos e se fazem vender, sem refletir se isso é justo ou não. Sua religião tem algo de infantil” (1995, p. 57). A base deste governo está proferida pela disposição assentada, primeiramente, em uma

213 Castoriadis, em “Retorno à torção da história da filosofia com Platão”, retorna ao pensamento platônico para mostrar que “às crenças múltiplas e erradas dos povos opõe-se a verdade única, resultado da luz sobrenatural da Revelação divina, que substitui vantajosamente a *theoria* do filósofo contemplando a idéia do Bem” (2007, p. 425).

214 As primeiras culturas manifestavam-se pelas disposições vinculadas ao o saber imediato que seguia o curso de suas almas vinculadas a natureza de seus respectivos *ethos*. Para cada cultura, uma natureza diferenciada. Na mesma terra existia uma variabilidade de culturas que tinham suas vidas universais em climas diferenciados segundo as suas estações. São as naturezas particulares dispersas existentes. Na *Enciclopédia das ciências filosóficas*, livro III – “a filosofia do Espírito”, Hegel declara que “nas articulações do indivíduo-Terra impera algo necessário, cuja análise mais precisa compete à geografia. A diferenciação principal da Terra é a em *velho* mundo e *novo* mundo. Antes de tudo, essa diferença se refere ao momento (mais cedo ou mais tarde) de se tornarem conhecidos os continentes na história universal” (HEGEL, 1995, p. 56).

obediência a doutrina do direito natural, segundo, em uma doutrina dos deveres morais e terceiro em uma doutrina religiosa.

Hegel compreendeu muito bem a crítica tecida por Platão a respeito do avanço do desejo radicado no homem como medida que começa a ser desvelado por esta progressão da consciência humana filosófica e a partir disso tal filósofo citado e estudado por Hegel desenvolveu uma crítica radical contra a domesticação sediada pelo poder da tirania de *Eros*. O desejo de posse cuja infecção é sediada pela desmedida do homem como medida se sobrepõe ao néctar destas primeiras culturas destruindo-as a partir de preceitos políticos arregimentados pelo controle econômico da guerra que possibilitou o avanço desta corrida sobre todo o espaço da Terra. Com isso surge uma nova consciência que mede, calcula, sonha, inventa técnicas de torturas que envolve a arte da guerra criada por estes senhores do mundo antigo e moderno. Isso só alimenta os seus prazeres radicados em egoísmos animais, por que não dizer, trágicos. Numa nota explicativa encontrada no livro VIII, na *República* de Platão, diz que o desejo que dilacera com todo o socius é abarcado pela desmesura do próprio desejo abstraído pelo poder do dinheiro²¹⁵ que fragmenta, dilacera, cinde e corrompe com a consciência de todos os cidadãos. O filósofo mostra, na obra citada, que “os desejos são comparados aos componentes do coro de uma tragédia, cujo corifeu é a riqueza (*ploutos*), deus que, pelo menos desde o séc. V a.C., os Gregos representavam como sendo cego” (PLATÃO, 1949, p. 379). O filósofo já tinha observado que este poder era o poder que iria contaminar com toda a vida na Terra. E foi o que aconteceu. Na *Fenomenologia do espírito* de Hegel há indícios dessa comprovação a respeito deste fato trágico-histórico que já fora observado por Platão na antiguidade. Segundo ele, não existe remédio para a prática da tirania.

As sínteses filosóficas feitas por Sócrates, Platão e Aristóteles referem-se ao fechamento do círculo tecido pelos estudiosos da natureza. Apesar das divergências que existem entre as suas teses e hipóteses, eles deram passos decisivos no que concerne ao saber proveniente da cultura filosófica que agora está completa e acabada a partir do momento em que se cria uma Academia e um Liceu para tratar de suas teorias. E toda

215 Sobre este assunto, diz Ferreira: “a vida econômica, sujeita aos automatismos da economia capitalista, cai na irracionalidade da produção pela produção e é dominada por uma lei de proporcionalidade directa entre a pauperização e a acumulação de riqueza. O dinheiro, suprema abstração vivida como suprema realidade, é erguido à categoria de existência: ser é possuir” (1992, p. 102).

história que vem depois dela só faz ruminar o cabedal conceitual deixado por estes filósofos históricos e criando a partir disso novos conceitos. Eles são estudiosos da *physis* e do intelecto, isto é, aqueles que se dedicaram um dia aos saber das psiques dos sujeitos cognitivos (escravo, tirano, senso comum cotidiano, poeta, político e filósofo) vinculados às suas respectivas naturezas imediatas e mediatizadas. São também os primeiros pesquisadores da história filosófica que reconhecem toda a natureza humana segundo a ciência humana que a investiga a partir da relação intrínseca entre substância e sujeito, natureza e intelecto, Razão e História. Os criadores de conceitos filosóficos, a partir desse entendimento antropogênico de todo processo histórico, compreenderam os componentes que dão sustentação a toda base material da História enquanto motor-devastação revelado pelo saber radicado na Filosofia.

A cultura filosófica do sujeito ganha notoriedade no pensamento antigo radicado pela primeira escola de Filosofia que começa a narrar a história da vida do mundo sob o aspecto científico que visava contemplar o céu e a terra, o universo visível e o inteligível. Platão é quem vislumbra esta trajetória do sujeito que se configura numa alegoria que revelaria o divino na sua autenticidade lógica, geométrica, Unaxperiencial. O primeiro passo para alcançar o poder da inteligência divina é aclamado pela tomada de decisão do sujeito que começa a observar os seres e o mundo com outros olhos partindo de premissas que já foram experienciadas por estudos filosóficos segundo o saber do saber. Este ser passa por um processo de estranhamento consigo próprio e com os outros. Ele se estranha com a visão do todo (dos habitantes na *pólis*) que está aprisionado nos grilhões construídos pelo poder da tirania que infectou a cidade com a roda da fortuna e com a violência dos armadores de espetáculos da visão e da audição. Isso modificou a forma de ver dos residentes da cidade sobre as suas próprias vidas, já na época de Sócrates e Platão. Hegel ao tecer estudos sobre esta história apresenta um itinerário que é marcado por esta alegoria para a construção do pensamento sobre a verdade do ser como o motor ético desta história. O sistema paidêutico de educação montado por Hegel é inspirado nos preceitos platônicos que são reformulados em sua época decadente. Heidegger escreveu uma interpretação sobre esta alegoria inspirado também em Platão para visualizar a situação do filósofo dentro da caverna subterrânea (isto é, na sociedade histórica). A caverna serve de metáfora para compreender o funcionamento da máquina política agenciada na *politeia* radcada no seu funcionamento escravocrata do todo universal como movimento do absoluto que

incide nos motores da vida celestial, da vida animal, da vida da cultura, da vida do Estado e da vida do sujeito singular criador de saber científico. São quatro estágios que são descritos por Heidegger, a saber: no primeiro estágio, o homem se descobre dentro desta habitação na condição de prisioneiro, isto é, como sendo escravo de um senhor imaginário que é o oráculo desta habitação. *É a situação do homem na caverna subterrânea*. É a partir disso que ele começa a desenvolver uma narrativa sobre esta condição que não é só sua, mas é a de todos os habitantes da caverna. No segundo estágio acontece *a libertação do homem dentro da caverna subterrânea*. Ele começa a caminhar em direção a luz da Razão que é a verdadeira sabedoria divina expressa pela luz do sol. No terceiro estágio acontece *a liberação, propriamente dita, do homem para a luz*. No quarto estágio, o prisioneiro volta para a habitação tentando relatar o que aconteceu consigo durante o percurso para os prisioneiros. Uma tarefa infrutífera. Os prisioneiros não querem sair da condição de escravos e acontece o que foi colocado num capítulo anterior sobre o sacrifício do próprio filósofo pelos habitantes da caverna. A questão da verdade é posta em xeque pelo revelador desta história que narra a condição de toda a vida humana na *pólis* e no mundo segundo o desenvolvimento desta perícia antropológica. O conceito de verdade é aqui visto na forma de descobrimento e na forma de correção. Estas são as concepções que dizem respeito ao conceito de verdade vista no *lógos* do pensamento grego. “A filosofia de *Platão* não é senão a luta dessas duas concepções de verdade” (HEIDEGGER, 2012, p. 137). É isso que Aristóteles realiza quando ele faz uma síntese geral dos conceitos filosóficos elaborados por seus antecessores para corrigi-los segundo a realização da fabricação de seus conceitos físicos, metafísicos, políticos e éticos.

No prefácio da *Fenomenologia do espírito*, Hegel demonstra que o percurso que é seguido para chegar até o edifício de toda verdade esboçada pela Filosofia como um sistema científico é visto dentro da perspectiva que remonta ao estudo de toda a história da Filosofia até chegar no seu acabamento final dignificado no espírito da Europa ocidental. O filósofo vê que a crise que abateu o povo grego se espalhou para o mundo. Esta história teve uma gênese que remonta a história desta infecção no espaço da Terra. A visão histórica geral de todos os acontecimentos relacionados ao desenvolvimento do progresso e da evolução no espírito do tempo e no espírito do mundo, é contemplada pela história da Filosofia escrita por Hegel. Para ele o curso da história teve um princípio, que já era observado por Platão, que é clarificado pelo sujeito que dar o

segundo passo em direção ao conhecimento antropológico de toda vida humana a partir desta cisão da consciência com a consciência imediata. Neste caso, é o discurso a respeito da liberdade do sujeito-filosófico que está sendo colocado em jogo mediante a aquisição desta cultura diferenciada. O filósofo, tal como o genealogista ou o arqueólogo, desconstrói toda a história da vida do mundo segundo uma narrativa baseada primeiramente na vida do motor imóvel que é a *arché* do movimento absoluto, depois ele vê que é na antropogênese deste movimento que há possibilidade da esfera da natureza ganhar vida própria e por último, ele faz uma análise destas duas esferas que agora incidem na esfera do Espírito que gera a consciência-de-si do homem a partir deste processo antropológico perante esta transformação que sai do seio do saber absoluto, passando pela criação da natureza e da cultura e depois chega na sua meta final com o reconhecimento do sujeito perante este sistema lógico-metafísico-universal dentro de um Estado. Para Hegel, “do mesmo modo, o espírito que forma lentamente, tranquilamente, em direção à sua nova figura, vai desmanchando tijolo por tijolo o edifício de seu mundo anterior” (2011, p. 31). Ou seja, desconstruindo todo o processo de formação histórica baseada no percurso que fora traçado por Hegel em que as consciências coletiva e individual são formadas na História universal dentro da caverna habitacional.

Após realizar esta tarefa, o sujeito reconhece que já não é mais o mesmo que era outrora. Tal como uma criança que começa aprender a falar a sua língua de origem, a Filosofia também tem sua linguagem simbólica inicial e final que garantem a existência desta cultura filosófica como saber científico, que não é um saber comum apreciado por todos. Os seus educadores que deram o acabamento compreensivo para aquisição de todo este saber são os filósofos citados nesta dissertação: pré-socráticos, socráticos, platônicos, aristotélicos, hegelianos e neo-hegelianos de direita e de esquerda. Este retorno ao passado remonta este caminhar atribuído ao ser que começa a falar as primeiras palavras do universo da cultura filosófica abstraída por este conhecimento histórico e racional.

Sócrates, Platão e Aristóteles tiveram que entrar e sair da caverna para retomar os estudos dos antecedentes históricos que remonta ao pensar filosófico desde suas origens. Hegel segue o mesmo caminho para problematizar este saber na moderna organização social, política e econômica dentro de uma cultura que se volta contra os

deuses, contra a natureza e contra todas as subjetividades existenciais do Espírito entrelaçadas numa cultura originária em extinção. É toda a cultura histórica antiga que está sendo minada por completo dentro do curso da História universal que fecha o seu ciclo com a guerra promovida pelo capitalismo mundial. Os três filósofos antigos citados foram os que desvelaram esta verdade, inicial e final, histórica, assentada no espírito universal da história do mundo. Não é o espírito de um povo que se ergue dentro dos Estados nacionais antigos e modernos, é sim uma sofistaria que se volta contra os povos e contra os sujeitos singulares. Tais sujeitos singulares sofrem pena por não pensarem as mesmas coisas que os ditos cidadãos comuns. Muitos povos desapareceram do mapa por causa desta devastação proferida por esta corrida marcada pela venda de mercadoria, acumulação de riquezas nas mãos de poucos proprietários, pela tentativa de restaurar Estados sob o jugo da força, enfim, é a roda do capital que traça toda a circularidade de nivelamento dos povos e dos sujeitos singulares que não são reconhecidos enquanto entes particulares. Eles são nivelados pela contaminação promovida pela devastação universal na história de toda humanidade. O que isso tudo tem a ver com a questão da alegoria?

A cultura filosófica do sujeito é agenciada dentro de um Estado ativamente preparado para a guerra em que todos estes códigos primitivos já estão sendo minados por completo na sua autenticidade. Montado com todos os aparatos técnicos necessários para engendrar o Teseu, a saber, o Estado da lei, da constituição, da pretensa isonomia, constitui a partir desses emblemas morais todo o seu processo de estriamento do espaço absoluto que é atribuído à normalidade dada ao presente histórico; sendo assim, este barco fomenta a guerra entre as diferenças de classes, povos e indivíduos. O Estado engendra a classe. Na verdade, as cidades e os Estados são verdadeiras máquinas de guerra que lutam pelo poder contra outros Estados, contra os inimigos internos e externos. Sobra muita pouca coisa, leis, direitos e constituição para os “povos” subjugados e os indivíduos que não são domesticados nestas palavras de ordens. Os Estados recalcados no dinheiro e na força guerreiam por riquezas, mulheres, recursos naturais e em decorrência disso nascem novas tecnologias de poder que asseguram o deslocamento absoluto pela Terra, pelo mar e pelo céu. O filósofo na alegoria reconhece este percurso que marca a história humana segundo a descoberta de toda esta trajetória que afirma a potência animal imbuída na cultura enquanto lei do mais forte. Platão

consegue visualizar este panorama porque ele se voltou contra as convenções atribuídas a uma determinada classe de senhores do mundo, que na verdade, são os verdadeiros senhores da devastação do mundo.

Outrora o Espírito era divino, tendo o céu como símbolo máximo dessa adoração. Na época de Hegel o Espírito divino não tinha mais ressonância entre os poderes gestores da sociedade e o céu se tornou um ente capitalizado. No período que marca o renascimento comercial e urbano, a consciência anti-humana, sem espírito, começa a ganhar fôlego segundo a sua alteração histórica marcada pela mutilação dos corpos envolvidos nesta saga alegórica. O filósofo ao lembrar do pensamento religioso antigo efetivado na Grécia antiga (segundo a memória) que contemplava todo o universo cósmico, faz menção a essência e a substância que repousam no coração do Espírito do Ser como uma categoria universal teológica antiga, que é ao mesmo tempo Una e múltipla em que reina a efetividade ética absoluta. A efetividade ética da vida do povo foi destruída, sendo esta contemplada segundo o espírito do pesquisador contemplativo que visualiza esta tragédia no espírito deste povo antigo ou moderno. Enquanto o saber absoluto permanece eterno como uma categoria que continua sendo a mesma por toda eternidade por ser ela mesma eterna, insubstituível, inominável no seu Em-si e ser-para-si que representa o si e o agir, mas encontra-se morta na consciência do homem no mundo novo. Isso não é mais o bem comum de todos. Será que foi um dia?

Diante da crise histórica que percorreu toda humanidade, este mesmo espírito não representa mais nada para o novo modelo de vida que se instaura na moderna sociedade estamental arregimentada pelo espírito do homem burguês. É a morte de Deus que se instaura no osso da produção destas consciências. *A fenomenologia do espírito* é uma resposta a esta perda que se torna uma patologia social que está submersa no universal histórico como a dignificação do *fim da História*.²¹⁶ O divino, neste caso, só é consagrado pelo sujeito que encara o trajeto proferido pelo saber filosófico que cria um sistema de pensamento científico justamente para trazer o espírito de volta para o corpo do sujeito porque o corpo permanece sendo o veículo de sua manifestação segundo a linguagem. Quando as culturas dos povos são mutiladas pela história universal que as marcam com a força do sangue da guerra, neste sentido, os sujeitos só

216 Ver François Châtelet “O fim da história” (1995, p. 152-154).

podem fazer justiça segundo sua virtude de superar toda esta derrota das culturas se conectando com o divino que é abstraído pela consciência-de-si do sujeito emancipado dentro do processo histórico-dialético-estamental. Ele se reconhece experiencialmente como sendo parte de um todo indiviso, realizado pelos trabalhos de sujeitos que teceram filosofias durante longos anos de reflexão, identificando a igualdade do ser com o todo: Eu=Eu. O Eu mesmo é toda a dimensão de seu olhar para o mundo físico e metafísico segundo o seu pensamento.

Este duplo Eu radicado na consciência do sujeito é o território desvelado de toda história da teodicéia humana e anti-humana dignificado por sua consciência filosófica. A consciência animal apresenta-se como a negação radical do homem e do mundo, sem positividade alguma para o todo. Ela não produz cultura. O sujeito que traça este caminho desvelador dentro da alegoria é parte de uma cisão ocorrida no interior da cultura anímica que está também inclusa na cultura de Estado despótico-animal. A reconciliação com o mundo ético-efetivo faz parte da educação do sujeito submerso na cultura filosófica criada pelos filósofos gregos que deixaram este legado para o mundo todo como forma de demonstrar o espírito verdadeiro de certos sujeitos que se contrapõe ao espírito de certos sujeitos que são falsos. Por exemplo, aqueles sujeitos que um dia criaram um sistema pedagógico de educação como forma de minar com a tirania reinante que mata a essência da fé atribuída ao espírito do povo que é açotado pelo crime, é uma forma daquela doutrina criacionista. A história da cisão do espírito do povo, e do espírito do mundo fragmentado, é na verdade este caminhar para as praias obscuras de ideais fundados na destruição dos Outros que não tinham e não têm as mesmas armas, as mesmas forças e os mesmos homens de guerra para combater em seus próprios campos cultivados.

“Somente as mudanças no reino do Espírito cria o novo. Esta característica do Espírito nos permitiu afirmar que no homem há um aspecto totalmente diferente da característica da natureza: um desejo voltado para o *aperfeiçoamento*” (HEGEL, 1990, p. 105). Este ideal de criação é observado na Filosofia hegeliana como sendo ele mesmo o princípio de todo o desenvolvimento radicado neste saber que trabalha perante a tragédia anti-humana para poder confrontar, segundo a educação proferida por certos sujeitos, com a derrota de todo mundo sacrificado. O divino já não é mais o divino. Ele é a sua outra face em que a geração e a corrupção estão engendradas no colapso do

universo político. Mas, o motor imóvel é de natureza divina por ele ser o princípio de todo movimento eterno. Nele não existe mudança, nem muito menos corrupção e por isso mesmo pode ser concebido como “o” divino.²¹⁷ O mundo fora desta perspectiva já é desespiritualizado. Isso foi algo observado por Hegel que compreendeu o funcionamento da máquina política em sua esfera de devastação: habitar é destruir. É a partir desse pensamento lógico que é se tornar compreensivo a ideia de devastação natural, cultural e anti-humana vista no pensamento filosófico elaborado por Hegel.

O sistema científico criado por Hegel identifica, numa escala progressiva e dialética, o princípio que prescreve o conceito de devastação. Criar algo em qualquer lugar é também um ato de devastar em graus diferenciados e sintomáticos. Aqui surge a ideia de natureza, de cultura e de anti-humanismo segundo esta perspectiva atrelada ao conceito de devastação.

O círculo lógico-absoluto formal incide na matéria informe criando com isso a ideia de natureza que é aniquilada pela força proveniente dessa lógica. Só assim ela é oposição a causa universal supressumida na positividade desta relação. É a primeira colisão de forças onde nascem os entes naturais disponíveis em toda Terra. A natureza em seu ser-outro é determinada pela primeira causa ratificada na Ideia. Para acontecer tal ato criador é necessário haver uma transformação, isto é, uma devastação que engendra este ser bruto que gera a natureza segundo o movimento dialético da negação absoluta.

Sobre esta perspectiva de análise, Hegel explica: “mas este ser aniquilado é o puramente negativo, é então dialético, o conhecimento da idealidade e a supressão real da determinidade; o negativo não se fixa, não está em oposição e, portanto, está no absoluto” (1991, p. 41). A natureza como antítese da tese é revelada dentro desse sistema ético natural de entes elementares. Este é o primeiro sentido do conceito de devastação visto no *lógos* científico elaborado por Hegel.

217 Sobre esta prova, Hegel tem algo a dizer, a saber : “le plus explicite dans cette révélation est que ce n’est pas la soi-disant raison humaine et ses limites qui connaît Dieu, mais l’Esprit de Dieu dans l’homme. C’est selon l’expression spéculative, introduite tout à l’heure, la conscience de soi de Dieu qui se sait dans le savoir de l’homme” (HEGEL, 1947, p. 77).

Na visão do filósofo, a natureza nega a manifestação da cultura por ser independente desta cultura, isto é, livre de qualquer agenciamento cultural. A partir disso, observa que a destruição contra o que foi cultivado é pleiteada sem objetivo. Ou seja, para Hegel (p. 44):

a natureza virou-se, pois, contra a cultura, que lhe confere a inteligência, e também contra a sua própria produção de seres organizados; e assim como o elemento, o objectivo, se subsume na intuição e na vida, assim também o elemento subsume de novo em si organizado e o individualizado, e os aniquila; e tal aniquilação é devastação.

Nenhum homem controla as forças provenientes da natureza e a ordem desta devastação não obedece a nenhum programa de governo assentado na cultura, é por isso que este modelo de devastação é o que funda e o que destrói naturalmente.

O desejo humano é um desejo da cultura que é diferente do desejo animal proveniente da natureza. A primeira inscrição que marca a vida primitiva da cultura é a “moral natural” ainda prefigurada no desejo imediato deste saber. Comenta Hegel, no livro *A razão na história*, sobre este assunto (1990, p. 111):

a moral natural e ao mesmo tempo religiosa é a lealdade da família. Nesta sociedade a moral consiste no próprio fato de que seus membros se comportem uns para com os outros não por livre-arbítrio como indivíduos, não como pessoas. É por essa mesma razão que a família continua excluída do desenvolvimento em que a história teve sua origem (ela é pré-histórica).

O desejo animal proveniente da natureza não difere do desejo humano porque o humano provém do animal que é produto da natureza. Para Kojève: “o desejo humano é análogo ao desejo animal” (2002, p.13). O animal para existir devasta a natureza dentro de uma escala microfísica. A cultura enraizada e ao mesmo tempo desprendida da natureza realiza o mesmo procedimento, criando leis segundo o trabalho talhado na matéria que sustenta seu *ethos* a partir da linguagem utilizada para o seu rebanho familiar com o sentido de preservação do mesmo. A eticidade protege a cultura do caos natural.

Na *Fenomenologia do espírito* percebe, nesta passagem, que o ser da cultura é alienação em relação a natureza onde é gestado o néctar da cultura de um povo (*wirklichkeit*), isto é, o seu sistema ético efetivo. Deus, neste caso, é a natureza como

biografia do culto divino sem a consciência-de-si revelada pela história. Mitos, canções folclóricas e tradições, para Hegel, não aparece como sendo parte da História, ou seja, isto são formas de comportamentos de culturas que não são conhecidas como motor da História. A natureza destas culturas primeiras por si só não move a História universal. Isso significa que a cultura, no seu sentido humano, prescreve a certeza deste saber através da verdade imediata encontrada na *Fenomenologia* como também na *Enciclopédia das ciências filosóficas*, livro I. A respeito deste saber, esclarece o autor (1995, p. 143):

o que sabe esse saber imediato é que o infinito, o eterno, Deus – que está em nossa representação – também é; que na consciência está, imediatamente e inseparavelmente unida, com essa representação, a certeza de seu ser.

Este trecho retirado do livro de Hegel “A Ciência da Lógica”, mostra que tal conhecimento pressupõe a existência de uma religião, de uma ética, de um sistema de crenças que são mediados por uma dupla negação que se desenvolve a partir da educação e da cultura enquanto afirmação. Aqui a devastação é promovida pela manifestação da cultura no seu sentido humano, ético e efetivo. O nível de produção da destruição ainda é irrisório em relação ao último modelo de devastação. Por outro lado, o terceiro momento do processo de devastação é atributo da criação da máquina despótica que inicia o curso da história do mundo destruindo com a natureza e com a cultura primeira. Esta configuração social devasta a natureza e a cultura primeira vinculada ao saber imediato, prescrito pela religião, segundo o alvorecer da organização familiar de casta ou de bandos organizados que saqueiam estas culturas para se apropriarem de seus tesouros e com isso, possivelmente, comercializá-los em um mercado.

A inscrição da infância da civilização está prescrita pelo surgimento do Estado despótico na história que cria o impulso da corrida histórica universal. Aqui se configura o começo da História segundo a tomada de consciência-de-si desta máquina que inventa ciências, táticas de guerras, novas leis, constituições, linguagens simbólicas para adorar os novos deuses, os artifícios maquínicos de navegação que garantem o deslocamento pela Terra e pelo mar. Unindo, mapeando, varrendo territórios distintos uns dos outros. Acerca desta questão, Hegel explica (1990, p. 111):

os povos podem ter tido uma longa vida antes de alcançar seu destino de Estado. Durante esse tempo, podem mesmo haver obtido uma grande cultura em algumas direções. Esta *pré-história*, como já foi dito, está fora de nosso plano. Depois disso, esses povos podem ter tido uma história real ou jamais haver chegado à formação de um Estado.

A História universal não é uma conversa entre mudos. O Estado ao criar as suas leis escritas, os seus muros, as suas casas, os seus templos, os seus barcos e carros, oferece o dado histórico para se compreender esta diferença entre Estado e cultura primeira.

Quem prepara a máquina despótica para levar a História universal adiante segundo o seu curso?

Os homens históricos, os indivíduos históricos, tais como César, Alexandre, Júlio César, César Bórgia, Napoleão, são os seres que encabeçam a ideia do Espírito do mundo a partir de seus feitos memoráveis como homens políticos e também como homens práticos. São os heróis e profetas de grandes trabalhos devastadores, ambíguos. Eles deixam seus traços sobre as épocas históricas a partir da conquista de territórios que se tornam privados segundo o poder de domínio que se abate sobre aquilo que é conquistado. Deus aqui serve a História. É assim, para Hegel, que a consciência de “uma personalidade tão poderosa tem de pisar em muita flor inocente, esmagando muitas coisas em seu caminho” (p. 82).

A devastação realizada pela máquina despótica imperial, urbana-militar, na perspectiva estudada pelo filósofo, começa a fazer efeito quando a barbárie da devastação começa a destruir aquilo que outrora fora construído pelas culturas.

Hegel realiza este diagnóstico segundo a visualização deste sintoma que aparece na História do mundo. Povos são aniquilados pela corrida da História universal que é promovida por estes agrupamentos guerreiros que dão impulso ao seu desenrolar marcando com sangue a Terra e o mar. Assim governaram os deuses que fundaram Estados despóticos baseados na mitologia imediato-racional. “Com isso aparece o isolamento dos indivíduos uns dos outros e, em relação ao conjunto, aparecem o seu egoísmo agressivo e a sua vaidade, eles procuram tirar vantagem e satisfação à custa do todo” (p. 128). Esta forma de governar os outros ainda persiste no Espírito do mundo porque é ela mesma recalcada por déspotas fanáticos e ávidos pelo poder proporcionado

pela fortuna em que são formados os egoístas e os corruptos apaixonados por esse sentimento de destruição.

A lei do Estado de direito como contraposição ao despotismo reinante tenta sanar a guerra promovida pela espoliação, pelo roubo, pela pilhagem, pela rapina agenciados dentro deste estado. Tal lei é agraciada contra as facções radicadas em leis cegas da pura natureza e em leis da natureza vinculadas à família criminosa.

O Estado de direito, neste sentido cruel, cria lei para combater as leis dos sem leis promovidas pela dominação de grupos ou castas que dispõem de bons homens e boas armas para imprimir leis arbitrárias em outro agenciamento social. A corrida da História universal é tecida por este joguete conflituoso que se fixa na história de toda humanidade. Nos *Princípios da filosofia do direito*, diz Hegel: “não começa um povo ser um Estado, e a passagem ao estado político de uma horda, uma família, um clã ou uma multidão constitui em geral a realização formal da ideia nesse povo” (1997, p. 310-311). Esta ideia mesma já representa uma dobra na cultura de um povo ético e a reconciliação para conter o caos instaurado acontece via máquina-Estado-direito que cria a História e a leva adiante para todo mundo a partir de suas ambivalências históricas.

Diferente destes seres que fundam Estados, aparecem na Filosofia da história hegeliana aqueles que atuam pelo fanatismo da devastação. Estes não deixam nada sobre a Terra em que devastam. Oprimem indivíduos cultos, destroem os campos cultivados. Matam culturas, saqueiam Estados, não respeitam as leis dos outros. Este amor pela devastação é o que caracteriza o *ethos* dos bárbaros nórdicos. De acordo com Hegel, é com a morte dos outros que eles fruem no deleite do fanatismo da devastação. O sentimento desta ação é observado aqui como um sentimento anti-humano, ou seja, o nada prevalece como crime. Este tipo de devastação suprime o vivo em prol de uma estrutura social que não tem forma alguma. É o momento da progressão mortuária subsumir a “devastação em devastação absoluta” e que revela a partir disso “o seu oposto” que “é a *fúria*” (HEGEL, 1991, p. 45). Deus nesta configuração não serve a natureza e nem tão pouco a História.

Deus *sive nihil* é o traço da quebra com a eticidade da cultura de um povo que não produz mais o seu *ethos* de forma originária. Não existe mais reconciliação sob o

poder desta “pseudo-cultura”. Construir algo novo neste solo contaminado requer uma destruição daquilo que é considerado ineficiente, ou seja, inefetivo. Construir também significa destruir. Este é o sentido próprio do conceito de habitação.

O Estado de direito, segundo esta lógica da criação, tenta realizar uma reconciliação para criar outra lógica de espírito baseado em preceitos nacionais como proposta de sanar este vazio agenciado pelo processo de devastação pleiteada pelo crime. Contra este embrutecimento da consciência advém o caráter, a singularidade da vontade, a inteligência, a paixão criadora da alma, a justiça e a coragem que inventa algo novo neste solo contraditório. Neste sentido, o espírito não se sente estranho perante o Estado. A potência individual do sujeito em que a alma retornar para “si mesma deve tomar-se no sentido de que, para si, a alma tem *efetividade* enquanto ser *singular*” (HEGEL, 2011, p. 165). O direito tem que reconhecer essa potência singular para fazer jus ao seu poder de isonomia e reconhecimento para com a justiça dos entes singulares.

Na modernidade, o Estado é agenciado dentro de uma perspectiva atribuída ao espírito burguês da História universal que não é mais humana e sim anti-humana. Neste sentido, a *hybris* da destruição programada começa a fazer sucesso entre os doutos desta comédia que transita também num universo permeado por tragédias de todos os tipos. Em vez de Estado, o que é prescrito é o estado ideal da fortuna como manifestação de entes particulares, individualistas. Ou seja, este modelo de construir a subjetividade do homem novo é proposto pela desigualdade encarada como necessária.

O homem burguês moderno é fomentado neste contexto em que a indústria domina os meios de produção de uma época histórica açoitada por sucessivas revoluções de ordem sangrenta. Guerras de Estados contra Estados por domínios de riquezas. Guerras de estados contra estados para obtenção de riquezas. Guerra por direitos humanos. O sistema da necessidade capitalista se configura a partir destes desejos disponíveis entre estado e povo despido de sistema ético real e efetivo. Por isso que Hegel justifica o conceito de teodicéia na História universal. “La théodicée consiste à rendre intelligible présence du mal face à la puissance absolue de la Raison” (1965, p. 68). A Razão, por necessidade, tem que reconhecer a natureza da crueldade agenciada

por estas facções criminosas que foram na pré-história a mola propulsora e formadora dos Estados despóticos.

A descoberta do motor imóvel é concebida pela manifestação da inteligência no grau elevado como justiça e bem comum, ele não é uma entidade egoísta que discrimina certos sujeitos, elimina certas culturas e elimina com o direito acoplado a máquina política. Aqui não existe corrupção, perversão, doença da geração. O divino aparece, no pensar hegeliano, como causa formal e final na sua forma de ser *physis* e psique eternas e moventes.

5. Considerações finais

Este trabalho dissertativo sobre *Razão e História em Hegel: a cultura como educação e liberdade do sujeito*, teve como base central o cumprimento dos objetivos propostos que foram elaborados segundo os trabalhos teórico e prático apresentados nesta narrativa científica vinculada a história da filosofia. Foi a partir da leitura bibliográfica que fora apresentada que os textos foram construídos e lapidados, tendo como ideia central desvelar toda a objetividade da ciência²¹⁸ configurada na metafísica que para Hegel se diferencia entre ingênua e crítica. A primeira contém uma crença que diz que os objetos são e nada mais que isso. Esta forma de pensar que é um modelo apenas exterior do pensamento dado, ou até mesmo inato, não é sediado pela experiência do sujeito com o objeto real que não é inato. A carência que recai sobre a consciência mesma nessa visão é ainda uma simples determinação do intelecto que não chegou nas profundezas das coisas que são ou da Coisa que é segundo a experiência singular do sujeito. O Em-si é vislumbrado por uma crença generalizada porque a primeira forma de prescrever a ideia ainda era bastante limitada pela natureza imediata. A reflexividade recai numa obviedade que não vai além desse entendimento superficial em que todos os predicados já se encontram acabados nas representações exteriores do próprio objeto que é o mundo representado. A crítica que Hegel desenvolve ao Deus cultuado pelos orientais vai de encontro com o que está sendo posto a respeito da crença sem o intermédio de uma crítica radical, por exemplo, a partir do sujeito que não se anula no discurso: é o *Dasein* deste ser (1983, p. 34-38). Para os ingênuos, Deus é uma unidade e uma eternidade.²¹⁹ Essas proposições são falsas porque o pensamento deles

218 Outra ciência manifestada nesta obra é a ciência política que vinculada ao motor ético da inteligência, inaugura o ideal da bem governança na *pólis* antiga e moderna segundo preceito da ideia liberdade. Mas, este ideal não superou totalmente o universo real deste saber que se configura também na astúcia criminosa da razão (N do T).

219 Hegel no “Prefácio” de sua *Fenomenologia* esclarece esta questão: “a necessidade de representar o absoluto como *sujeito* serviu-se das proposições: ‘Deus é o eterno’ ou ‘a ordem moral do mundo’ ou ‘o amor’ etc. Em tais proposições, o verdadeiro só é posto como sujeito diretamente, mas não é representado como movimento do refletir-se em si mesmo. Numa proposição desse tipo se começa pela palavra ‘*Deus*’. De si, tal palavra é um som sem sentido, um simples nome; só o predicado diz que *o que Deus é*. O predicado é sua implementação e seu significado; só nesse fim o começo vazio se torna um saber efetivo. Entretanto, é inevitável a questão: por que não se fala apenas do eterno, da ordem moral do mundo etc.; ou, como faziam os antigos, dos conceitos puros do ser, do uno etc.; daquilo que tem significação, sem acrescentar o som sem-significação? Mas é que através dessa palavra se indica justamente que não se põe um ser, ou essência, ou universal em geral, e sim algo refletido em si mesmo: - um sujeito. Mas isso é somente uma antecipação” (2011, p. 37-38).

não tem liberdade e objetividade. São governados por sistemas despóticos em que a divindade aparece com um ser cruel pronta e acabada no pensamento do déspota. Seus pressupostos aparecem prontos. Esta metafísica ingênua resguarda em si um defeito que é o de tratar as coisas que são da ordem do finito como sendo elas mesmas abstraídas por causa e efeito. A força de sua exterioridade é apenas o conhecimento sediado a partir da finitude. Por isso que Hegel vai dizer que esta crença é limitada e inadequada ao que é da ordem da plenitude do mundo. Já na metafísica crítica a coisa concreta é vista segundo o lado interior do espírito como efetividade que é o concreto em si e para si essente na sua produção energética finita, infinita, positiva, negativa, subjetiva e objetiva, exterior, intelectual por assim dizer. Hegel chama de velha metafísica ingênua aquela forma de pensar o cosmo a partir de uma substancialidade imediata contrária a que fora citada. Além do mais, diz ele que Platão e Aristóteles não se enquadraram nessa perspectiva ingênua *a priori* no que diz respeito ao pensar a realidade. Nada sem entrar na água ou buscar o conhecimento que está pronto sem ao menos se questionar se este saber é verdadeiro ou falso, isso é o que é ser da ordem da ingenuidade. Esta característica de conceber o saber é realmente uma crença sem fundamento justificado pela Ciência da experiência. Na *Enciclopédia das ciências filosóficas*, livro I, o filósofo mostra que “nessa crença, o pensar vai direto aos objetos, reproduz de si mesmo o conteúdo das sensações e intuições, fazendo-o conteúdo do pensamento, e nele se satisfaz como na verdade. Toda filosofia e seus começos, todas as ciências e mesmo o agir cotidiano da consciência vivem nessa crença” (HEGEL, 1995, p. 89).

Hegel por ser um filósofo de seu tempo herda toda a herança do pensamento cultuado pelas escolas de filosofia do pensamento, e por isso mesmo que esta época moderna é sintetizada por ele a partir de uma natureza profunda sobre o objeto partindo de pressupostos reiterados por aquele saber. Para ele os antigos pensadores eram seres dotados de uma liberdade esplêndida que descreviam o que estavam sobre o céu e a terra de forma aproximativa. Os escolásticos são filósofos dominados pelas igrejas que não eram homens livres dentro destas casas. A Filosofia crítica de Hegel segue o padrão sintético do exame realizado pela subjetividade da consciência atrelada a uma objetividade que sintetiza toda História universal que não é aparente, nem inata, nem falsa, é sim ela narrada pela filosofia da história que ensina o exercício da liberdade do pensar sobre o tempo presente. Ela é a própria experiência do sujeito no mundo que é revelado enquanto tal segundo seus elementos compositores e decompositores. Tal

metafísica crítica²²⁰ é a união do conhecimento com a atividade do pensar e também de suas formas figurativas diversas que retratam o objeto como conceito provindo da dialética. Diferente da metafísica ingênua que é da ordem da acriticidade, Hegel aposta na autenticidade da Filosofia que não se deixou levar pela angústia da opinião formada que está também adornada pelas pompas do poder despótico como veículo disseminador de falácias ordinárias que agradam os seres do cotidiano. O postulado hegeliano para a sua metafísica crítica, neste sentido, é apresentado aqui como *To prôton on*, ou seja, como narração do ente no seu sentido primeiro e único.

O ataque à Filosofia de Kant é prescrito por Hegel no que concerne a ideia da coisa-em-si e de sua sensualidade dentro desta perspectiva ingênua que não chega a conhecer o saber absoluto Em-si e para-si, mas só conhece o sujeito subjetivo do pensar.²²¹ Na mesma obra diz ele sobre o pensamento kantiano:

o exame kantiano das determinações-de-pensamento padece essencialmente do defeito de que elas não são consideradas em si e para si, mas só sob este enfoque: se são *subjetivas* ou *objetivas*. Por objetivo se entende, no uso-linguístico da vida ordinária, o que está presente fora de nós, e que nos chega de fora pela percepção. Então kant punha em contestação que às determinações-de-pensamento (como por exemplo causa e efeito) lhe coubesse uma objetividade no sentido aqui mencionado, isto é, que fossem dadas na percepção; e, ao contrário, considerava-as como pertencentes a nosso pensar mesmo, ou à espontaneidade do pensar - e, *nesse* sentido, como subjetivas. Ora, Kant chama o pensado, e mais precisamente o universal e o necessário, 'objetivo', e [denomina] 'subjetivo' o que é apenas [por nós] sentido. (p. 109-110)

Ora, se o subjetivo é para Kant²²² apenas o que é sentido, então a faculdade do

220 Hegel distingue estes dois tipos de metafísicas na *Enciclopédia*, livro I (Ciência da lógica), mostrando que “o pensar da velha metafísica não era um livre pensar, porque admitia suas determinações sem mais, como algo preexistente, como um ‘a priori’ que a reflexão não tinha, ela mesma, examinado. A filosofia crítica, pelo contrário, assumiu por tarefa examinar em que medida, de modo geral, as formas do pensar são capazes de proporcionar o conhecimento da verdade. Mais precisamente, seria preciso examinar a faculdade-de-conhecimento antes do [ato de] conhecer” (1995, p. 109).

221 Hegel critica Kant no seu trabalho sobre *Zenão de Eléia*. Para ele a filosofia kantiana só quer saber dos fenômenos e não da verdade que faz com que estes fenômenos sensíveis existam em-si e para-si. Para ele, todo pensamento que supera este universo fenomênico é uma maldade. “O mundo torna-se não-verdadeiro pelo fato de lhe jogarmos em cima uma massa de determinações. Isto é uma grande diferença. Este conteúdo também é nulo em Zenão; mas, em Kant, porque é obra nossa. Em Kant é o elemento espiritual que arruína o mundo; segundo Zenão, é o mundo, o que aparece em si o que é não-verdadeiro. Segundo Kant, é nosso pensar, a atividade de nosso espírito o elemento mau - é uma enorme humildade do espírito não ter confiança no conhecimento” (1973, p. 213).

222 Em *Fé e saber*, Hegel retoma esta mesma crítica ao sistema de pensamento kantiano para superar o romantismo vinculado a crença. Ou seja, “toda tarefa e conteúdo dessa filosofia não é o conhecimento do

pensamento se alinha neste sentido ao saber imediato da crença que para este pensador o filosofar tinha que ser julgado pela crença popular para se tornar reconhecido perante aqueles que não são versados na ciência filosófica. O animal também sente o mundo tal como sente o sujeito adornado pelo saber imediato, mas não cria o conceito de substância a partir da linguagem, por exemplo, sobre o mesmo mundo que é sentido. Sobre Kant, Hegel ainda acrescenta:

mas além disso a objetividade kantiana, por sua vez, é também apenas subjetiva, enquanto os pensamentos segundo Kant - embora sejam determinações universais e necessárias - são contudo somente nosso pensamento, e diferente do que a coisa é em si, por um abismo intransponível. (p. 110)

Com isso Hegel quer demonstrar que o pensamento kantiano não está em sintonia com a verdadeira objetividade do pensar que é o “Em-si das coisas e do objeto em geral” (p. 110). O pensar nesse sentido é proclamado como uma razão particular de um certo sujeito subjetivo, sensível. Hegel mostra nesta mesma obra citada que o saber enquanto saber do real é a realização da faculdade teórica sediada por uma experiência singular do sujeito que visa tomar conhecimento do mundo enquanto tal segundo a Razão. A Coisa é narrada pelo juízo silogístico que unifica o subjetivo com o objetivo; o inconsciente com o consciente.

Dentro dessa perspectiva, o *lógos* freudiano faz relação com o *lógos* hegeliano, sendo que há também divergências entre um e outro.²²³ E isso foi demonstrado neste trabalho dissertativo como forma de demarcar o campo da pesquisa filosófica relacionada com outras formas de saber. Então, criou-se segundo o conceito de recalque a relação entre ambos os *lógos* que se inter cruzaram dentro desta pesquisa que visou uma abertura para com a psicanálise freudiana. Hegel antes de Freud estudou a psique da humanidade, coletiva e individual, tendo em vista a elaboração de uma ciência da mente, ou seja, um saber do Espírito subjetivo e objetivo. Hegel estudou a obra de Platão a respeito do assunto.²²⁴ Zizek faz menção a esta ciência que tem como precursor

absoluto, mas o conhecimento dessa subjetividade ou uma crítica da faculdade do conhecer” (2009, p. 36).

223 Deleuze e Guattari, no livro *Anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia*, dizem que “a psicanálise tem a sua metafísica: Édipo” (2010, p. 104).

224 Vale salientar que Freud fora formado na ciência médica e não na escola de Filosofia. Sobre a psicanálise como a manifestação de uma ciência empírica, Freud diz que este saber “não é como um sistema filosófico, que parte de conceitos fundamentais claramente definidos, procura com eles apreender

o próprio Freud. Só que Zizek ao fazer um estudo mais pormenorizado acerca do assunto vais demonstrar que Hegel é quem foi o precursor dessa ciência que já era vislumbrada pelo mestre Platão. Até mesmo o próprio Freud menciona o nome de Platão como o precursor da psicanálise. Diz ele que *o Eros do filósofo Platão coincide perfeitamente com a força amorosa, a libido da psicanálise*. O fundamento da ciência freudiana é a ciência natural proveniente da medicina²²⁵, e o fundamento da ciência humana é a psique do *homo politicus* humano ou anti-humano. O filósofo que escreveu sobre a alegoria da caverna por ter revelado o funcionamento da consciência do homem tirano em sua base anímica e infantil de dominação e de destruição em sua *República*, livro IX, foi considerado pelo psicanalista como alguém que deu os primeiros passos a ser pensado sobre esta questão de suma importância não só para a psicanálise mas também para a pesquisa em Filosofia. Para Hegel e seus estudiosos hegelianos e pós-hegelianos o que prevalece na pesquisa é este diálogo de aproximação e de distanciamento. O que aproxima os estudiosos mencionados com a Filosofia de Hegel é o processo antropogênico de criação da cultura, do Estado despótico, do Estado-exceção de direito, da formação singular abstraída por uma cultura de si do sujeito e do entendimento sobre a verdadeira biografia de Deus explicitada. Hegel além de identificar as formações destas consciências para o mundo, ele também revela o verdadeiro sentido de Ser do absoluto que para muitos estudiosos é algo da ordem do abstrato, mas este abstrato é o que gera a vida do todo resto porque ele é também o real concreto. Neste caso, o *lógos* hegeliano vai nas profundezas da noite do passado para investigar a realidade de formação do ser humano que começa com o processo antropogênico que sai da animalização gregária puramente animal para cindir com esta forma de iniciação. Só que Hegel não fica fncado nesta noite que passou, pois a sua dialética é da ordem do progresso e do desenvolvimento, tanto no bem como no mal ou além deles, que caminha para frente como a marcha do espírito, ou até mesmo, como a

o mundo como um todo e depois, quando completado, não tem mais lugar para novos achados e melhores percepções” (2011, p. 301).

225 A perspectiva histórica sobre a cultura e a sua tragédia elaborada por Freud é ainda aproveitada para analisar o conteúdo da História universal da guerra mundial seguido do desenvolvimento de neuroses de guerra vinculadas a ela no curso mesmo desta História. Foucault em *A psicologia de 1850 a 1950*, revela o seguinte a respeito dessa crítica: “mas nenhuma forma de psicologia deu mais importância à significação do que a psicanálise. Sem dúvida, ela ainda permanece, no pensamento de Freud, ligada às suas origens naturalistas e aos preconceitos metafísicos ou morais, que não deixam de marcá-la. (...). Sem dúvida, há na sua teoria dos instintos (instinto de vida ou de expansão, instinto de morte ou de repetição) o eco de um mito biológico do ser humano” (FOUCAULT, 2006, p. 141).

marcha do demônio. A sua dialética vinculada a educação se encontra ao lado da liberdade do Espírito.

O recalque das forças concerne a formação do universal como também a formação da própria cultura. Forças subjugando forças. Eis a ideia que é apresentada não só por Hegel, mas também por Freud no processo de recalque originário que sai de seu estado pré-inconsciente interno, passando pelo inconsciente até chegar na consciência. É o que Freud demonstra nas experiências arcaicas que são o pano de fundo da formação do motor psíquico social e individual.

O tirano com a sua máquina tiranizada é quem inventa o motor da História universal a partir do deslocamento do peso através da força e é a partir disso que toda massa de escravos é dominada pela cabeça do déspota²²⁶. O motor da História é o mecanismo de devastação: o que Hegel chama de “vassouras de Deus” que arrasta tudo para o buraco. A *pólis* é uma máquina de guerra de destruição onde nasce o ideal de homem livre e o prenúncio da existência de um Estado de direito baseado nas leis, que no período grego ainda era bastante limitado ou até mesmo inexistente. Assim pensa o filósofo sobre a questão supracitada em seu trabalho *O sistema da vida ética* (1991, p. 44-45):

por conseguinte, no gênero humano, a formação alterna com a destruição; quando a formação causou durante bastante tempo dano à natureza inorgânica e determinou por todos os lados a sua ausência de forma, então irrompe a indeterminidade oprimida e a barbárie da destruição cai sobre o cultivado, limpa, liberta, nivela e iguala tudo. No seu maior esplendor, a devastação surge no Ocidente, e um Gengiscão, um Tamerlão limpam regiões inteiras do mundo como vassouras de Deus.

Em nome do divino falsificado, os homens promoveram guerras sangrentas segundo a perversidade de culto em que estes impostores do mundo reinam sob o poder da dominação do mundo em nome de Deus dos cegos.

O caminho que dá passos para trás e para frente é também o mesmo caminho

226 Sobre as origens e fundamentos do Estado despótico, Deleuze e Guattari, na mesma obra citada anteriormente, mostram que esta máquina desenvolve um sistema “físico” e “metafísico”, como também sentimentos de perversões, de paranoias, de esquizofrenias, de neuroses, de psicoses, de cinismos e de repressões e recalques, organizados, que se encontram ancorados sob o poder despótico, ou seja, “no paradoxo monstruoso: o Estado é desejo que passa da cabeça do déspota ao coração dos súditos, e da lei intelectual a todo o sistema físico que dela se desprende ou se liberta. Desejo de Estado, a mais fantástica máquina de repressão é ainda desejo, sujeito que deseja e objeto de desejo. Desejo - é esta a operação que consiste sempre em reinsuflar o *Urstaat* original no novo estado de coisas, em torná-lo tanto quanto possível imanente ao novo sistema, interior a este” (2010, p. 294).

que é percorrido por todos os estudiosos que estudam, a partir do tribunal da Razão que fora instaurado na Grécia antiga por Sófocles e seus descendentes, os rasgos da História proferidos pela Ciência filosófica que desmonta as ordens de destino abstraídas pela força anímica despótica e proferidas pela cisão que cria novas leis vinculadas ao convívio dos homens em suas respectivas cidades. Leis, diga-se de passagem, que não são seguras porque são crivadas pela força do poder despótico. A lei de isonomia legal é sediada no enfrentado como ele. A palavra nunca venceu completamente a força da arma tirânica. É o destino trágico desta máquina que é conclamado como sendo ele mesmo a sua própria contradição. No Oriente, na África antiga, na China, no Egito antigo, e dentre outros lugares, falar cientificamente a respeito do motor psíquico do tirano era pedir para morrer.

Neste estudo foi demarcado alguns acontecimentos a respeito dessa luta de enfrentamento em que os filósofos aparecem em cena lutando contra a tirania segundo o discurso da *parresía* filosófica e em função disso observa-se o distúrbio psíquico causado na consciência destes lutadores da liberdade. Hegel sofria de hipocondria²²⁷ antes da publicação de sua *Fenomenologia*. Ele era censurado, vigiado e perseguido por este poder. A repressão política causa danos fisiológicos nas cabeças das pessoas mutiladas pela guerra engendrada por tal força de destruição. Freud desenvolveu estudos sobre a histeria nas mulheres. Será que todo o tempo da história as mulheres foram histéricas? O sistema de terror que é instaurado causa problemas mentais que são disseminados pela tirania para todo o corpo social derrubado por ela.²²⁸ Platão manda investigar este dispositivo acoplado aos ditames da força justamente para aqueles sujeitos que investigam esta alma possam tomar conhecimento dessa situação causada pelo dispositivo do poder. A ideia mesma de bem comum é criticada por Platão e por Aristóteles, mesmo mostrando que o Bem é que é o fundamento da Ciência que eles proferem: a Filosofia. Tal saber não conspira com a tirania e não pode imitá-la para não

227 Hegel ao tomar conhecimento da cultura perdida e do esfacelamento do Estado, tenta superar a crise da época histórica sentida em toda Europa de seu tempo com a construção da real filosofia que cria mecanismo de defesa contra os delírios provenientes da guerra que dilacera com todos os sentidos da humanidade que fora destruída por este mecanismo de destruição habitacional e técnica. Para maiores esclarecimentos a respeito do assunto, ver Ferreira “A razão infeliz: fenomenologia da crise”. *Hegel e a justificação da filosofia* (1992, p. 27-34).

228 Nietzsche em seu *Zaratustra* identifica a consciência deste primeiro e último criminoso, mostrando que ela é “um monte de doenças, que, através de seu espírito, extravasam para o mundo: aí pretendem elas fazer as suas vítimas” (1998, p. 44).

ser contradizer em seus próprios discursos.²²⁹ Só que nem todos querem saber de Filosofia, ou seja, nem todos querem o Bem universal para todos. Hegel e Freud também observaram a mesma coisa: o futuro arregimentado por esta força animalesca é uma ilusão. O trabalho intelectual erguido pela inteligência ética é a única forma de seguir outro caminho para a consciência que não quer ser contaminada por esta doença do pensar e do agir. Não existe nenhuma doença no éter eterno que é o todo e ao mesmo tempo é o Ser da perfeição do sujeito que é o mundo vivo desta substância. Para Hegel, no “Prefácio” da *Fenomenologia*,

a ciência, por seu lado, exige da consciência-de-si que se tenha elevado a esse éter, para que possa viver nela e por ela; e para que viva. Em contrapartida, o indivíduo tem o direito de exigir que a ciência lhe forneça pelo menos a escada para atingir esse ponto de vista, e que lhe mostre dentro dele mesmo. (2011, p. 40)

Existem três perspectivas de analisar e de observar o mundo que estão em conflito no presente: o primeiro é de origem imediata, cultural por assim dizer; o segundo é radicado na formação dos primeiros Estados que recalcar o poder da cultura imediata para seus usos e fins; o terceiro é formado pela visão da ciência que é a realização da leitura racional mediante a reflexão solitária de certos sujeitos que empreenderam este estudo com objetivo de revelarem a consciência-de-si para o mesmo mundo múltiplo sob a perspectiva do direito apresentado. O sujeito, neste sentido, se eleva ao grau mais elevado ao *adquirir uma ciência superior* atrelada ao Estado de direito.

Hegel propõe escrever a sua história da Filosofia baseada em suas origens pré-platônica, socrática-platônica e aristotélica, passando por Roma, pelo cristianismo, pelo mundo germano até chegar em sua época moderna, como já fora demonstrado nesta dissertação. Além do mais, distinguindo a moral nobre do saber proveniente da Filosofia que luta contra uma moral disseminada para pedreiros. O filósofo segue os preceitos conceituais criados por Aristóteles que é o último filósofo que realiza uma síntese geral dentro da história da Filosofia com a criação dos conceitos de substância e de sujeito. Hegel²³⁰ visualiza isso em sua *Fenomenologia*. Os sujeitos não deixam de serem sujeitos e a substância primeira continua sendo a mesma.

229 Este pensador não queria ser trucidado por tirano nenhum porque sabia dos acontecimentos que envolveram as mortes de Zenão e de Sócrates, mas se tornou o preceptor de um grande tirano da História universal (N do T).

230 Ver D'Hondt “Hegel l’obscur” (1982, p. 26-37).

O escritor da metafísica não tinha os preceitos físico-corpóreos proferidos pelos gregos na situação estética do corpo. Ele era gago e tinha as pernas finas. Não servia para a guerra agenciada por esta máquina que queriam corpos robustos e submissos para serem a válvula de exploração desta cidade que alimenta a sua máquina de guerra a partir disso. Mas, diante deste infortúnio, o filósofo desenvolveu outras habilidades relacionadas ao uso do intelecto e do corpo, tornou-se a partir disso um dos maiores pensadores da História universal dentro da filosofia. Então, a origem de seu pensamento começou com a sua entrada na academia platônica. Jaeger ao escrever sobre a entrada dele neste recinto intelectual de produção de saberes, diz que o mesmo entrou para esta casa com 17 anos de idade. Redigiu uma carta para o rei Felipe da Macedônia para poder conhecer Platão e estudar com ele em 348 a.C/347 a.C. Saiu da academia com quarenta anos de idade (1995, p. 19). A partir desta experiência com o mestre Platão e outros estudiosos matemáticos, físicos, astrônomos, estudiosos da natureza, e dentre outros, que Aristóteles começa a escrever sobre as origens da Filosofia seguindo a ideia da história do mundo narrada por este saber vinculado a sua cultura filosófica. Sócrates também foi uma referência de suma importância para a construção de sua episteme.

Aristóteles começa a discernir sobre a Ideia relacionada com a mimesis e a *mathesis* que compõem o ser Sensível do entendimento concreto, que naquela época, era determinado pelo ente matemático relacionado a grandeza, a pequenez e ao Uno. Então, é com essa demonstração que o elemento da Ideia mesma se conecta com os elementos numéricos que abrem a possibilidade de realizar uma diferenciação e uma aproximação entre a Filosofia de Platão com o pensamento matemático tecido por Pitágoras e seus discípulos.²³¹ É a partir dessa diferenciação e aproximação que o

231 Tal como Sócrates, Pitágoras não deixou nenhum documento escrito sobre seus trabalhos. Para a sua comunidade de religiosos e pensadores, a ciência que eles cultuam é a matemática que se volta contra a doutrina proferida pelos eleatas. A realidade do vir-a-ser é um cálculo subsumido pela força, sem substância, sem sujeito, sem causa formal lógica, para os estudiosos dessa doutrina secreta. E além do mais, a música é ritmo, número e harmonia para estes pesquisadores. Eis a imagem do universo que é abstraída pelos números segundo esta escola de pensamento. Nietzsche escreveu um escrito sobre “Os pitagóricos”, manifestando o seguinte a respeito desse saber: “os matemáticos pitagóricos acreditavam nas leis que haviam descoberto; bastava-lhe que fosse afirmada a existência da Unidade para deduzir dela também a pluralidade. E acreditavam discernir a essência verdadeira das coisas em sua relação numérica. Portanto, não há nada de qualidade, não há nada além de quantidades, não quantidades de elementos (água, fogo, etc.), mas delimitações do ilimitado, do *Ápeiron*; este é análogo ao ser potência de *hýle* de Aristóteles. Assim todas as coisas nascem de dois fatores opostos. De novo, aqui, dualismo. Notável quadro estabelecido por Aristóteles (*Metaf.* I, 5): delimitado, ilimitado; ímpar, par; uno, múltiplo; direita, esquerda; masculino, feminino; imóvel, agitado; reto, curvo; luz, trevas; bom, mau; quadrado,

próprio Platão começa a pensar no conceito numérico vinculado a dialética e também ao princípio da causa material, formal e final. É daí que advém o princípio das quatro causas que tem como matriz a causa material, que segundo Platão, geraria o todo a partir de seu *devenir*. Seria essa a sua primeira navegação? Aristóteles refuta esta ideia dizendo que é um erro admitir que a causa material seja o princípio que gera a totalidade das coisas. Não existem coisas sensíveis encontradas nos números e estes são separáveis das coisas que são da ordem do Sensível. Nos números não existe *devenir*. Numa nota no livro *A República* (498 b), lê-se algo sobre Heráclito que formulou este conceito, a saber: “todos os dias há um sol novo” (1949, p. 289). Para Platão a verdade estaria ao lado desta luz que para ele se configura como Bem. Ao negar a causa formal-lógica, o mestre do aluno de Estagira não adentrou na discussão a respeito do elemento de origem, ou seja, ele não concebeu a lógica formal a partir de uma visada empírica absoluta, quer, sem falhas, vinculado ao conceito de substância. Com isso Aristóteles vai refutando os seus antecedentes tais como Empédocles, Anaxágoras, Pitágoras e Platão para sanar os erros de suas teorias e alcançar a perfeição entre objeto-sujeito.

A ideia mesma de causa primeira está relacionada com o objeto da Ciência que também é negação, uma coisa que está em repouso e em movimento transitório em relação a todos os elementos que estão compostos na cabeça do pesquisador e não fora dela como queriam os primeiros estudiosos da natureza. Para Aristóteles, a *ousia*, isto é, o *quindi*, não pode ser um número. Ele também demonstrou que Platão concebeu uma dualidade originária que paira entre o elemento comum que é indeterminado, não tendo valor de um princípio que fica sobre o saber geométrico que se encontra entre duas grandezas, a saber: o grande e o pequeno. Este princípio é falso para o pensador de Estagira. O mundo Sensível concreto, dentro desta perspectiva, não pode ser explicado a partir do conceito de Ideia pura e simplesmente, pelo simples fato de que a Ideia em si não é nem movimento, nem a substância da coisa mesma e nem tão pouco pode ser a causa eficiente e final. A Ideia do conceito de substância vinculada ao sujeito revela a Coisa concreta tal como ela é. Ele também concebeu a Filosofia como uma Ciência que visa aquilo que é a verdade de todas as coisas visíveis e invisíveis, sem demonstrar que

oblongo. De um lado, têm-se, portanto: delimitado, ímpar, uno, direita, masculino, imóvel, reto, luz, bom, quadrado. De outro lado, ilimitado, par, múltiplo, esquerda, feminino, agitado, curvo, trevas, mau, oblongo. (...). O *ser* é luz e, portanto, sutil, quente, ativo; o *não-ser* é noite e, portanto, denso, frio, passivo” (1973, p. 61-62).

ela seria algo do inato, tal como relatou Hegel que disse que tal saber é a Ciência por excelência da própria experiência de um sujeito vinculado na história da Filosofia. Tais estudos ainda eram considerados obscuros para o exercício da inteligência matemática que só observa os entes a partir da relação numérica que os identificam enquanto tais no mundo visível. Para adquirir esta sabedoria filosófica é necessário praticá-la com intuito de superar as dificuldades existentes que serão enfrentadas pelo próprio filósofo no decorrer desse caminho em que a verdade sobre o todo está em jogo. Um saber cuja práxis é resguardada por uma ação de cunho verdadeiro, particular e também de ordem relativa. Eis a verdade de ser de todas as coisas segundo o pensamento metafísico tecido por Aristóteles. Jaeger escreveu sobre *El lugar de Aristoteles en la historia* para fazer relação com o pensamento do pensador de Estagira em relação no que diz respeito ao conceito, ao juízo, ao raciocínio lógico, a palavra e a Coisa (1995, p. 423).

A Ciência metafísica concebe a causa primeira segundo este princípio, sem ela seria impossível realizar a Filosofia. Por exemplo: a causa do *devoir* só pode ser concebida a partir do envolvimento consciente com este movimento ou de uma transformação imediata percebida pela inteligência que identifica a sua origem que não numérica. A causa formal-lógica para Aristóteles é o processo infinito do motor imóvel, ser negativo tal como concebeu Hegel ao estudar o *lógos* aristotélico, e a causa final é vista como a realização da ação humana na matéria que não se enquadra como algo da ordem da infinitude por ser ela perecível, mortal. Estes estudos só poderão vir à tona segundo a maneira de pensar corretamente mediante a linguagem que é discurso verdadeiro sediado por uma retórica cuja metodologia não é vista por entes matemáticos. O seu método verdadeiro é aquele que está em consonância com o objeto que é o verdadeiro mundo para esta consciência poética. Então é a partir desse preceito que a metafísica apresenta os seguintes problemas relacionados ao seu estudo, a saber: estudo da causa primeira, estudo do princípio lógico-formal e o estudo da substância que é única e inigualável segundo o entendimento do sujeito. A universalidade é a Razão de ser desse princípio em que aparece o Uno e o Ser mesmo da Coisa. Ela é todo o gênero, sendo o Uno indivisível e não substancial. A matéria como causa material é necessária ao *devoir* do movimento como também a prefiguração da forma que é esférica que nega também este mesmo *devoir*. Para Aristóteles o Uno não pode ser substância. A Ideia é determinada como também ela é de ordem substancial e não accidental. Nesse

sentido, a *ousia* como a Ideia do ser concreto é desvelada pela metafísica que se preocupa em estudar o ser enquanto ser na sua formalidade universal, tendo a negação como objeto de sua própria afirmação motora que expressa a sua diferenciação positiva. Neste sentido, toda cultura no seu sentido imediato recalca este conceito vinculado ao divino que é motor. Philip Merlan, em *Os motores imóveis de Aristóteles*, demonstra neste trabalho que Platão concebera “o sensível”, “Objetos matemáticos”, “As formas” que são, para ele, iguais ao motor imóvel. Para outros estudiosos do platonismo, o imóvel é representado pelo “Sensível” que é igual ao “O Imóvel = As formas = Objetos matemáticos; ou Objetos matemáticos apenas (negada a existência das formas)”; por outro lado, Aristóteles diz que “O imóvel” é o universo “Sensível e perecível”, como também o “Sensível e imperecível” (2005, p. 30). Estes seriam os princípios da realidade em geral fundamentados no universo Sensível em suas respectivas particularidades, subjetivas e concreta? O motor é o objeto concreto de toda e qualquer criação no mundo terreno e fora dele entendido por estes estudiosos.

Os conceitos de Razão e História estão postos nesta dissertação com intuito de visualizar o sentido da teodicéia e o seu fim prescrito por estes dois conceitos em que o motor é a base da destruição, da libertação e também de todo nivelamento da terra em um único sistema econômico de produção voltado para a destruição do mundo. E a partir disso que o conceito de cultura é investigado sob o aspecto metodológico provindo da dialética histórica que realiza uma antropogênese junto à natureza, transformando-a e sacrificando-a para o uso de sua alienação humana e anti-humana. O motor da cultura é esse processo que dar vida ao corpo social, sendo o motor da História despótica a sua sobrecodificação que segue o rumo da devastação promovido pela força da fortuna que produziu a energia da roda do sacrifício da História universal que é este matadouro mundano-aí revelado por Hegel.

A História da vida do mundo é narrada, primeiramente, sobre a cultura original de um povo, em seguida sobre a natureza real do Estado e logo após sobre a verdade do sujeito que cria Filosofia e narra a História da vida do mundo segundo a metodologia proveniente da metafísica que é a Ciência que cinde dentro destas outras narrativas que são anteriores a ela. O começo da História só tem validade para Hegel quando ele é criticado em sua base romântica primitiva. Essa ideia do começo que está sedimentado por um estado de natureza em que a liberdade do sujeito e o seu direito estão em

harmonia, é uma ideia falsa sobre o começo da História universal. Por exemplo, na Bíblia a verdade divina é revelada para um único homem. Sobre “A pré-história da Razão”, dirá Hegel: “tal afirmação retoma novamente a velha idéia de um estado paradisíaco e primitivo do homem que fora aperfeiçoado pelos teólogos à sua maneira ao afirmarem, por exemplo, que Deus falara com Adão em hebraico” (HEGEL, 1990, p. 109). Essa narrativa que identifica a gênese do mundo segundo esta revelação é refutada por Hegel. Continua ele dizendo sobre o assunto: “chegava-se a insinuar, embora isso fosse deixado em certo grau de obscuridade, que nessa condição primitiva os homens já estivessem de posse de um conhecimento indefinido e bastante amplo das verdades religiosas logo reveladas por Deus” (p. 109).

O método utilizado pela Filosofia para investigar o começo da História é abstraído pela identificação do motor da História criado por castas guerreiras que levam a História para frente segundo a devastação promovida por seus deslocamentos no espaço do Estado e não fora dele. A pré-história da razão é mítica enquanto a História depois de sua pré-história tem como base a Razão desvelada no mundo. As consciências despertadas de certos sujeitos que criaram vidas para a existência da História do curso do mundo, segundo as suas vontades egoístas emanadas por super-Egos, fomentam a ação mesma do deslocamento desta corrida promovida pela ambição do dinheiro. Neste sentido, é o Estado que cria a condição real para que isso possa ser o curso da História a partir de leis, regras de jogos, normas de cunho universal, criação de uma memória que constrói a sua formação física, e metafísica, para o mundo a partir desse entendimento.

O estudo da metafísica não é tão simples de apreender porque tal saber se preocupa com o que é da ordem do universal, outras ciências se opõem a ele por se preocuparem com o particular, com o múltiplo ou o singular. Isso não anula o estudo da metafísica que dialoga com estes saberes de forma refutativa e aproximativa. A Ciência primeira utiliza a dialética como método que se contrapõe a uma sofística, neste sentido da refutação, por que ela trabalha com axiomas que são princípios lógicos desse saber do saber que revela o princípio da não-contradição referente a verdadeira natureza do objeto. Ela não é uma sensação sobre o mundo. É um conhecimento que desvela para o mundo a gênese da Coisa mesma tal como pensou Aristóteles que refletiu sobre todo o conjunto que a compõe, a saber, Coisa, natureza, matéria e forma, tendo toda a verdade produzida pelo conceito que é a unidade da substância indivisível, ou seja, a sua própria

casa linguística. Para o estagirita, a substancialidade da Coisa é representada por um corpo geométrico simples, sem estriamento espacial. A figura sólida deste espaço é em sua eternidade sempre a substancialidade relacionada ao ser que é também o sujeito concreto de sua causa experiencial que a revela pelo intelecto reflexivo e conceitual.

O juízo que cria o conceito como uma atividade intelectual objetiva e subjetiva vinculada ao sujeito produtor desse conhecimento identifica o que é da ordem do verdadeiro e do falso segundo a natureza do lugar, do tempo, do movimento, da potência, da ordem e do conhecimento verdadeiro sobre o mundo e de sua real identidade. A Ciência metafísica opera por conceitos tais como *dynamis*, potência, força, substância, sujeito, energia etc.

Para compreender o cabedal conceitual utilizado por Hegel nesta pesquisa, que não é tão simples de aprender e compreender, foram desenvolvidas atividades tais como exercícios físicos, musicais, poéticos e teóricos. Para chegar num ponto ótimo de análise, houve necessariamente um trabalho de ruminação realizado em cima das obras apresentadas para melhor compreender a totalidade substancial do pensamento hegeliano. Pois só assim a investigação de seus conceitos foram se tornando clara mediante a exaustão e dedicação exclusiva de estudo integral que envolveu também uma práxis relacionada com um recital poético musical, que de forma múltipla e unívoca, tenta compor o drama do destino trágico de toda a história da inumanidade civilizada em questão. Então, a união dos saberes que foram sedimentados na construção desta dissertação serviu de base para apresentar o pensamento de Hegel no que diz respeito a ligação dele como os conceitos de Razão, de História, de liberdade, de sujeito, de educação e de ser e não-ser, enfim, de pedagogia da vida afirmadora.

É a partir da Filosofia moderna de Hegel que o sistema de filosofia ganha um corpo sintetizador geral proveniente da análise feita pelo filósofo em relação a História universal de todo mundo. Hegel começa a elaborar o seu sistema de pensamento conceitual com a *Fenomenologia* e conclui o seu *lógos* sistemático com a publicação da *Enciclopédia* que está dividida em três livros, a saber, *Ciência da lógica*, *Filosofia da natureza* e *A filosofia do espírito*. Com a publicação desta obra, Hegel chega a condecorar a Filosofia como a real Ciência da verdade sobre a doutrina do ser e da essência, sobre a doutrina do conceito; sobre o estudo da mecânica (espaço, tempo,

lugar, movimento, matéria, choque e queda) e da mecânica do espaço absoluto e a sua física, como também a física orgânica vinculada a natureza geológica, vegetal e animal. Esta Ciência trabalha investigando o espírito objetivo e subjetivo radicados em uma antropologia humana universal que se vê enredada por uma fenomenologia do espírito em que aparece a consciência e a consciência-de-si, ambas sendo desejo e razão; ela é uma psicologia do espírito que se divide em espírito teórico, espírito prático e espírito livre. Estes são os espíritos objetivos radicados em certos sujeitos e no mundo-objeto aqui apresentado. Uma Ciência que não é apenas *noumenon*, mas fenômeno do espírito objetivo inserido no universal, no direito, na moralidade e na eticidade da cultura no seu sentido originário. Estes preceitos também estão elaborados nas culturas e nos Estados, despóticos ou de direitos, e na cultura de si de certos sujeitos históricos que escreveram conceitos como forma de demarcar o terreno da História da Filosofia. A metafísica crítica é para Hegel a Ciência por excelência do saber absoluto. “La science est la connaissance conceptuelle de l’esprit absolu” (§ 208, 1963, p. 223). A sua filosofia crítica é vista sob este prisma em que a reflexão teórica é abstraída por uma experiência singular do corpo do sujeito que é versado nesta ciência com a História universal que a engendra como causa concreta e abstrata vinculadas com a causa filosófica de certos sujeitos históricos.

A cultura como liberdade e educação do sujeito revela a identidade originária deste sujeito atrelada ao ser e ao objeto (universo) em sua contradição com a sociedade burguesa europeia do presente e do passado cujo espírito sem espírito repousa no idealismo devastador romântico, sensualista, utilitário e alienante. A Filosofia de Hegel abre a possibilidade de dialogar com outras formas de saberes porque o seu conteúdo nasce do não-saber sobre o seu verdadeiro objeto de estudo que é marcado pelo estudo das consciências: mundo e sujeitos. O ato de ver, e não ver, o absoluto com suas causas e princípios, é a marca do idealismo hegeliano que está disposto no saber absoluto que é a essência do próprio objeto. Neste sentido, a Razão vinculada a História é necessariamente crítica e negativa, tendo a dialética como a substância de seu *lógos* científico. O conceito verifica a verdade como ato de julgar o progresso do curso desta história do mundo a partir do trabalho negativo cuja seriedade do espírito do pesquisador, que neste caso, é o espírito criador e científico de Hegel que a coloca no tribunal da Razão. É a partir desse julgamento realizado pelo intelecto filosófico que

trabalha, segundo o espírito efetivo vinculado a esta racionalidade, criando o conceito como demonstração de uma sobriedade inigualável. A sua metafísica crítica é prescrita por um sistema de pensamento que também avalia o antagonismo de toda realidade política, ética, moral, natural e psíquica (substância e ser). A Razão, por ser o motor subsumido de toda História universal dilatada em sua compreensão absoluta, é narrada segundo o discurso de Hegel de forma crítica e livre de qualquer poder arbitrário de natureza. Só assim ele pode afirmar positivamente o conceito de cultura filosófica para seus fins científicos e humanos. Sendo assim, a metafísica de Hegel segue os preceitos aristotélicos que estão baseados também na sua física.

6. Anexos

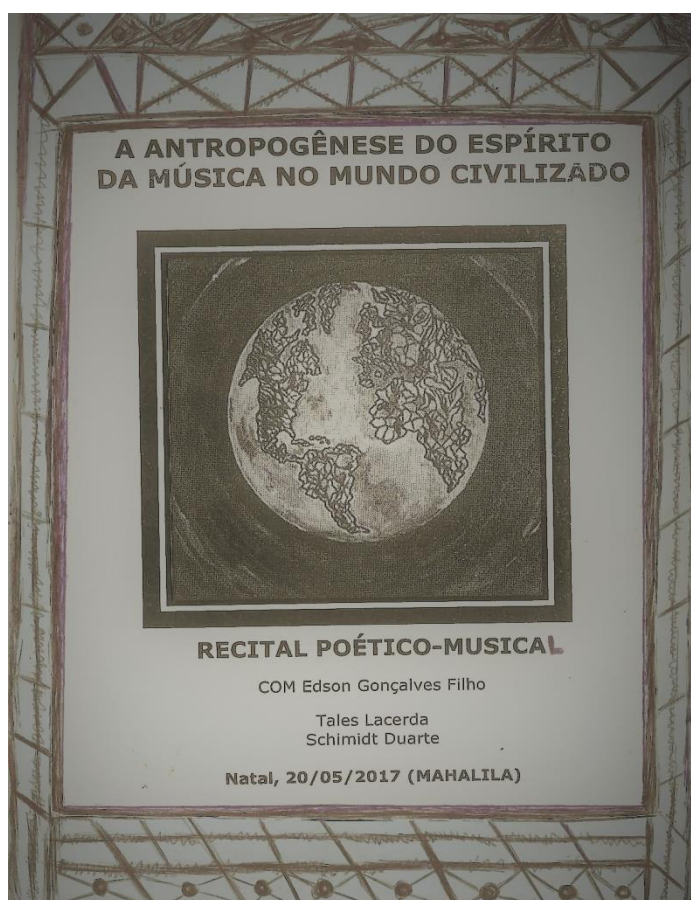
6.1. Anexo I

Cartaz de divulgação da apresentação do grupo musical-poético *Experimento fluxos* no Mahalila em 2017.

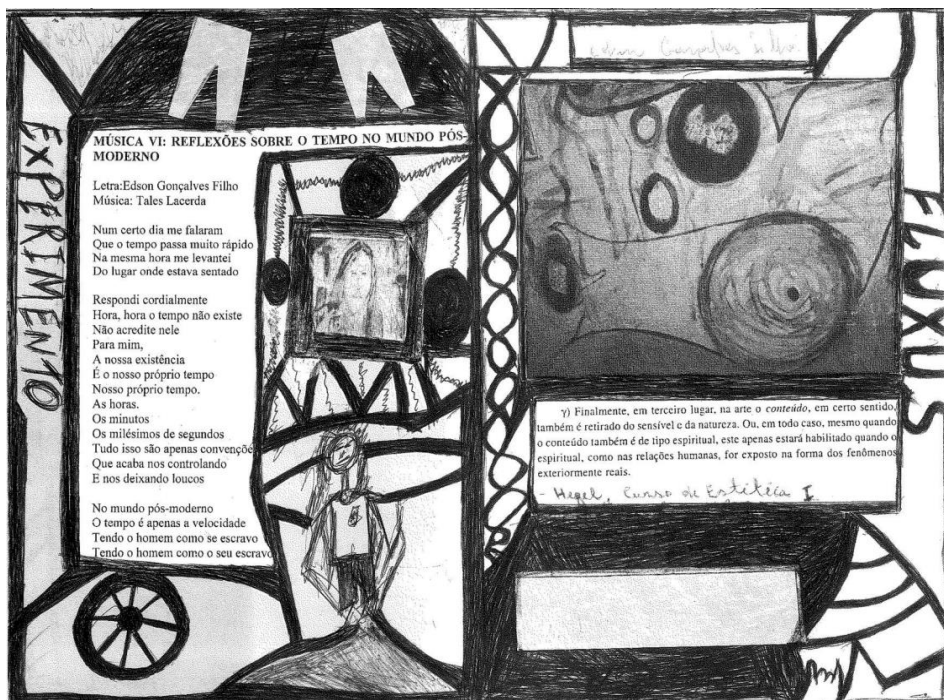
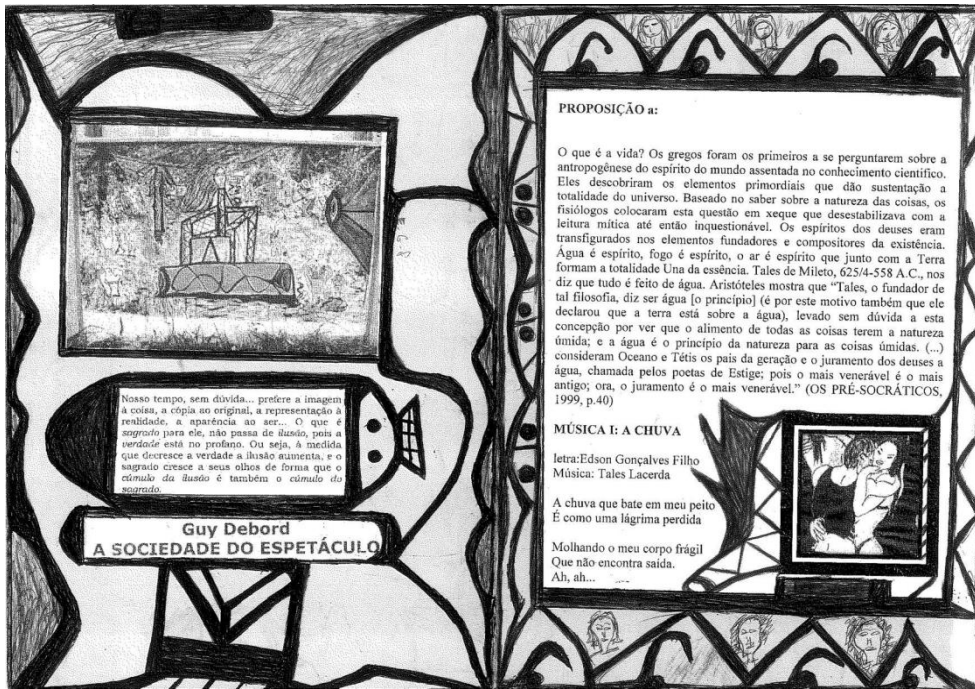


6.2. Anexo II

No dia do evento foi lançado um fanzine de apresentação do trabalho. Este material foi distribuído gratuitamente entre os ouvintes presentes no local. Fanzine produzido conceitualmente com técnica de bricolagem e pintura com caneta preta; e editado por Edson Gonçalves Filho. Foram dez poemas, nove escritos por Gonçalves Filho e um poema de Allen Ginsberg musicados e dez proposições filosóficas elaboradas e também escritas pelo escritor desta dissertação que falam sobre a antropogênese do universo a partir da perspectiva do primeiro topos trágico (antigo) revelado por Sófocles a.C., como também do segundo topos trágico (moderno) revelado por Hegel d.C.



A palavra alemã *Bildung* (formação, configuração) é a que designa do modo mais intuitivo a essência da educação no sentido grego e platônico. Contém ao mesmo tempo a configuração artística e plástica, e a imagem, 'idéia', ou 'tipo' normativo que se descobre na intimidade do artista. (JAEGER, 1994, p.13)



A arte tem à sua disposição não somente todo o reino das configurações naturais em suas aparências múltiplas e coloridas, mas também a imaginação criadora que pode ainda, além disso, manifestar-se em produções *próprias inesgotáveis*. (HEGEL, 2001, p. 31)

7. BIBLIOGRAFIA

7.1. Referências citadas

ARANTES, Paulo Eduardo. (2000) “A prosa da História”. *Hegel: a ordem do tempo*. Trad. Rubens Rodrigues. 1 ed. São Paulo: Hucitec / polis, p. 192, p. 189, p. 193.

ARISTÓTELES. (2000). “Categorias de Aristóteles”. *Categorias*. Trad. Maria José Figueiredo. Lisboa: Instituto Piaget, p. 52-53, p. 54-55.

ARISTÓTELES. (2009). “Capítulo 5”, “Capítulo 6”. *FÍSICA I – II*. Trad. Lucas Angioni. 1 ed. Campinas, SP: Editora Unicamp, p. 32-33, p. 34.

ARISTÓTELES. (1973). “Capítulo I”, “Capítulo II”, “Capítulo III”. *Metafísica (livros I e II)*. Trad. Vincenzo Cocco. 1 ed. Portugal: Atlântica, p. 213, p. 215, p. 216, p. 214.

ARISTÓTELES. (1966). “Capítulo I”. *Política*. Trad. Torrieri Guimarães. São Paulo: Hemus, p. 12.

BENJAMIN, Walter. (1987). “O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov”. *Magia e técnica, arte e política: ensaio sobre literatura e história da cultura*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. 3 ed. São Paulo: Brasiliense, p. 214.

BRAGUE, Rémi. (2006). “Em que sentido pode-se falar de uma prioridade da substância quanto ao tempo? (Aristóteles, Metafísica, z 1, 1028 a 31 ss)”. *O tempo em Platão e Aristóteles*. Trad. Nicolás Nyimi Campanário. São Paulo, p. 159.

CASTORIADIS, Cornelius. (2007). “A propósito da dialética do ser e do nada em Hegel. A introdução do devir por Hegel não é arbitrária e artificial?”, “As questões do sistema hegeliano”, “Retorno à torção da história da filosofia com Platão”. *Sujeito e verdade no mundo social-histórico: seminário 1986-1987: a criação humana I*. Trad. Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: civilização brasileira, p. 439, p. 428, p. 425.

CAWTHORNE, Nigel. (2015). “Alexandre, O grande”. *História viva - 100 Tiranos*. Trad. Carlos Eduardo Mattos, Jaime Biaggio e Davi Figueiredo de Sá. Rio de Janeiro: Ediouro.

CHÂTELET, François. (1995). “O fim da história”. *Hegel*. Trad. Alda Porto. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, p. 152-154.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. (1992). “O plano de imanência”, “O que é um conceito?”, “Introdução: assim pois a questão...” *O Que é Filosofia?* Trad. Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. Rio de Janeiro: Ed.34, p. 74, p. 27, p. 10, p. 42, p. 31, p. 28.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. (2010). “Representação mítica, trágica e psicanalítica. O teatro. Representação subjetiva e representação estrutural”, “Estranho culto da morte na psicanálise: o pseudoinstinto”, “Pai e filho. Édipo, uma ideia de pai”, “Primado do investimento social: seus dois polos, paranoia e esquizofrenia”, , “Repressão e recalçamento”, “Os elementos em profundidade da representação: representante recalcado, representação recalcante, representado deslocado”, “A máquina territorial primitiva”, “A máquina despótica bárbara”, “Molar e molecular”, “Uso transcendente e uso imanente”, “Evolução do Estado: devir-concreto e devir-imanente”. *O anti-édipo: capitalismo e esquizofrenia*. Trad. Luiz B. Orlandi. 1 ed. São Paulo: Ed. 34, p. 406, p. 440, p. 361, p. 368, p. 154-184, p. 220, p. 194, p. 255, p. 369, p. 104, p. 294.

DERRIDA, Jacques. (1979). “O poço e a pirâmide. Introdução a semiologia de Hegel: 1. semiologia e psicologia”, “A semiologia hegeliana”. *Hegel e o pensamento moderno*. Trad. Rui Magalhães e Sousa Dias. Porto: Rés, p. 45, p. 63.

ENGELS, Friedrich. (1984). “Gênese do Estado ateniense”. *A origem da família, da propriedade privada e do Estado*. Trad. Leandro Konder. 9 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, p. 120.

FERREIRA, Manuel J Carmo. (1992). “A estrutura circular do saber sistemático”, “O exercício solitário do pensar e o saber, comunicação em acto”, “O pressentimento da razão”, “A cisão do presente e a exigência da filosofia”, “A razão infeliz: fenomenologia da crise”. *Hegel e a justificação da filosofia*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, p. 218, p. 189, p. 24, p. 89, p. 102, p. 27-34.

FOUCAULT, Michel. (2006). “O cuidado de si como atitude geral, relação consigo, conjunto de práticas”, “Filosofia e espiritualidade”, “As interpretações do preceito

délfico ‘conhece-te a si mesmo’. *A hermenêutica do sujeito*. Trad. Márcio Alves da Fonseca. Salma Tannus Muchai. 2 ed. São Paulo: Martins fontes, p. 16, p. 22, p. 7.

FOUCAULT, Michel. (2010). “Parresía e cultura de si”. *O governo de si e dos outros: curso no Collège de France*. Trad. Eduardo Brandão. 1 ed. São Paulo: Martins Fontes, p. 43.

FOUCAULT, Michel. (2006). “A Psicologia de 1850 a 1950”. *Problematização do sujeito: psicologia, psiquiatria e psicanálise*. Trad. Vera Lucia Avellar Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, p. 141.

FREUD, Sigmund. (1996). “Verdade histórica”, “O desenvolvimento histórico”, “O grande homem”. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Trad. Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 142-145, p. 146-150, p. 147, p. 123.

FREUD, Sigmund. (2014). “O futuro de uma ilusão”. *Obras completas, volume 17: Inibição, sintoma, e angústia, O futuro de uma ilusão e outros textos (1996-1929)*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Ed. Companhia das Letras, p. 257-258, p. 284, p. 278, p. 246, p. 240, p.301, p. 265, p. 269, p. 270, p. 252, p. 277.

FREUD, Sigmund. (2014). “Inibição, sintoma e angústia”. *Obras completas, volume 17: inibição, sintoma e angústia, O futuro de uma ilusão e outros textos (1926-1929)*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Ed. Companhia das Letras, p. 32-45, p. 68, p. 74, p. 26.

FREUD, Sigmund. (2014). “A negação”. *A negação*. Trad. Marilena Carone. São Paulo: Cosac Naify, p. 21.

FREUD, Sigmund. (196-). “Civilização e cultura”, “Introdução ao estudo das neuroses de guerra”, “Desilusões da guerra”. *Psicanálise dos tempos neuróticos*. Ed. Edimax, p. 89-108, p. 86, p. 93, p. 29.

FREUD, Sigmund. (2005). “Animismo, magia, e a onipotência de pensamentos”. *Totem e tabu*. Trad. Órizon Cameiro Muniz. Rio de Janeiro: Ed. Imago, p. 82.

FREUD, Sigmund. (2011). “O instinto gregário”, “Sugestão e libido”, “A alma coletiva segundo Le Bon”, “Outras abordagens da vida anímica coletiva”, “Duas massas artificiais: igreja e exército”, “Psicanálise”. *Psicologia das massas e análise do Eu e*

outros textos. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Ed. Companhia das letras, p. 78, p. 44, p. 26, p. 31, p. 46-47, p. 33, p. 301.

GADAMER, Hans-Georg. (2012). “Hegel e a dialética antiga”. *Hegel-Husserl-Heidegger*. Trad. Marco Antonio Casa Nova. Rio de Janeiro: Vozes, p. 25.

GIRARD, René. (1990). “O sacrifício”, “Freud e o complexo de Édipo”, “Do desejo mimético ao duplo monstruoso”, “Édipo e a vítima expiatória”, “Lévi-Strauss, o estruturalismo e as regras do casamento”. *A violência e o sagrado*. Trad. Martha Conceição Gambini. 3 ed. São Paulo: Universidade estadual paulista, p. 13-55, p. 207-233, p. 191, p. 101, p. 179, p. 300.

HARTMAN, Robert S. (1990). “O significado da história para Hegel”. *A razão na história: uma introdução geral à filosofia da história*. Trad. Beatriz Sidou. 1 ed. São Paulo: Moraes, p. 23.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. (2011). “A cultura e o seu reino da efetividade”, “A ação ética. O saber humano e o divino, a culpa e o destino”, “Força e entendimento; fenômeno e mundo suprassensível”, “Prefácio”, “A virtude e o curso do mundo”, “O espírito alienado de si. A cultura”, “A lei do coração e o delírio da presunção”, “Liberdade da consciência-de-si: estoicismo, cepticismo e a consciência infeliz”, “A consciência infeliz”, “A luta do iluminismo contra a superstição”, “O Estado de direito”, “A verdade da certeza de si mesmo”, “A individualidade que é para si real em si e para si mesma”, “O reino animal do espírito e a impostura – ou a Coisa mesma”, “Introdução”, “A certeza sensível ou: o isto ou o visar”, “A observação da consciência-de-si em sua pureza e em sua referência à efetividade exterior: leis lógicas e leis psicológicas”, “Independência e dependência da consciência-de-si: dominação e escravidão”, “O Iluminismo”, “A liberdade absoluta e o terror”, “O saber absoluto”. *A fenomenologia do espírito*. Trad. Paulo Meneses. 6 ed. São Paulo: Universitária São Francisco, p. 340, p. 320-331, p. 111, p. 35, p. 51, p. 41-42, p. 330, p. 274, p. 324-325, p. 31, p. 53-54, p. 68, p. 356, p. 49, p. 337, p. 265, p. 153, p. 165, p. 53, p. 338, p. 376, p. 27, p. 374, p. 333-334, p. 67, p. 339, p. 137, p. 121, p. 29, p. 46-47, p. 116, p. 37, p. 342, p. 277, p. 42, p. 27, p. 53, p. 69, p. 67-68, p. 53-54, p. 62, p. 267, p. 275, p. 336, p. 359, p. 278, p. 75, p. 80, p. 92, p. 90, p. 219, p. 146, p. 343, p. 388, p. 372, p. 374, p. 406, p. 267, p. 530, p. 531, p. 538, p. 35, p. 34, p. 47, p. 165, p. 37-38, p. 40.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. (2008). “Passagem da arquitetura autonômica para clássica”. *A arquitetura*. Trad. Olliver Tolle. 1 ed. São Paulo: Editora da universidade de São Paulo, p. 121.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. (1990). “Rumo do desenvolvimento”, “Os meios para compreensão: a. A idéia e o indivíduo”, “O Estado como condição da história”, “A razão com base na história”, “O indivíduo como sujeito da história”, “A dialética dos princípios nacionais”, “O curso da História do mundo”, “Três métodos de escrever a História”, “A dialética dos princípios nacionais”, “A origem da história: a pré-história da Razão”, “A razão como base na história”, “O fundamento religioso do Estado”, “O princípio de um povo”, “A lei como realização da liberdade”, “A idéia de liberdade”, “O fundamento jurídico do Estado (A Constituição)”. *A razão na história: uma introdução geral à filosofia da História*. Trad. Beatriz Sidou. 1 ed. São Paulo: Moraes, p. 120, p. 72, p. 112, p. 55, p. 79-80, p. 127, p. 80, p. 82, p. 78, p. 112-115, p. 105-130, p. 47, p. 46, p. 45, p. 48, p. 49, p. 50, p. 49-50, p. 51, p. 52, p. 128, p. 108-110, p. 58, p. 100, p. 120, p. 92, p.59, p. 65, p. 61, p. 79, p. 97, p. 105, p. 111, p. 109.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. (2013). *A razão na história*. Trad. Artur Morão. Portugal: edições 70, p. 154. Em: <https://books.google.com.br/books?isbn=9724417735>

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. (1965). “La théodicée”, “Le progrès de la conscience”, “L’idée de la Raison”. *La Raison dans l’Histoire*. Trad. Kostas Papaioannou. Paris: Plonc, p. 67-69, p. 83-85, p. 48, p. 68.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. (1954). “Manière de traiter les philosophies anciennes”, “Représentation et pensée”, “Notion de la philosophie”, “Définition de l’histoire de la philosophie”. *Leçons sur l’histoire de la philosophie*. Trad. J. Gibelin. Paris: Gallimard, p. 88, p. 217, p. 68, p. 75-76, p. 79, p. 24.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. (1947). “L’existence de Dieu est demontree par des preuves metaphysiques, non par des preuves historiques”, “La connaissance de Dieu”. *Les preuves de l’existence de Dieu*. Trad. Henri Niel. Paris: Montaigne, p. 78-84, p. 77.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. (1997). “A sociedade civil”, “A violência e o crime”, “A soberania para o exterior”, “Prefácio”, “A moralidade subjetiva”, “A história

universal”. *Princípios da filosofia do direito*. Trad. Orlando Vitorino. São Paulo: Martins Fontes, p. 172, p. 92, p. 300-301, p. XXXI, p. 84, p. 85, p. 98, p. 310-311.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. (1972). “L’être: quel doit être le commencement de la Science?”. *Science de la logique: premier tome. Premier livre l’être*. Trad. et notes par Pierre-Jean Labarrière et Gwendoline Jarczyk. Paris: Montaigne, p. 39-52.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. (1995). “A Idéia”, “Terceira posição do pensamento quanto à objetividade: o saber imediato”, “O juízo”, “A doutrina do conceito”, “O conceito subjetivo”, “A idéia absoluta”, “O silogismo”, “O mecanismo”, “O quimismo”, “A ideia absoluta”, “Relação de substancialidade”, “Prefácio à segunda edição (1827)”, “Primeira posição do pensamento a respeito da objetividade metafísica”, “Filosofia crítica”. *Enciclopédia das ciências filosóficas em compêndio (1830). V. I – A ciência da lógica*. Trad. Paulo Meneses. São Paulo: Loyola, p. 350, p. 348, p. 151, p. 301, p. 292, p. 294, p. 292-293, p. 296, p. 366, p. 315, p. 336, p. 338-339, p. 366-367, p. 280, p. 31, p. 143, p. 89, p. 109, 109-p. 110, p. 110.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. (1997). “Conceito da natureza”, “Mecânica absoluta”, “A natureza geológica”, “O organismo animal”, “A mecânica”. *Enciclopédia das ciências filosóficas em compêndio (1830). V. II - A filosofia da natureza*. Trad. José Machado. São Paulo: Loyola, p. 26, p. 90, p. 357, p. 357-447, p. 453-454, p. 455, p. 45.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. (1995). “A consciência como tal”, “A consciência de si”, “Antropologia”, “Qualidades naturais”. *Enciclopédia das ciências filosóficas em compêndio (1830). V. III – A filosofia do espírito*. Trad. Paulo Meneses. São Paulo: Loyola, p. 190, p. 195, p.196, p. 42-181, p. 56, p. 57.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. (1991). “O governo universal”, “Governo absoluto”, “O primeiro sistema de governo. Sistema da necessidade”, “Introdução”, “Negativo, ou a liberdade, ou crime”. *O sistema da vida ética*. Trad. Artur Morão. 1 ed. Lisboa: edições 70, p. 73, p. 68, p. 79, p. 13, p. 41, p. 44, p. 45, p. 44-45.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. (2001). “Introdução”, “Autonomia individual: a época dos heróis”, “A ação”, “Delimitação da estética e refutação de algumas objeções contra a filosofia da arte”. *Curso de estética I*. Trad. Marco Aurélio Werle. 2 ed. v. I. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, p. 35, p. 197, p. 188, p. 31.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. (2000). “Do símbolo em geral”. *Curso de estética II*. Trad. Marco Aurélio Werle. v. II. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, p. 26-27.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. (1980). “O elemento religioso deve ser excluído da história da filosofia”, “A história da filosofia como galeria de opiniões”, “Esclarecimentos sobre a diversidade das filosofias”, “Início da filosofia na Grécia”, “Relação da filosofia com o conhecimento científico”, “Conceito da história da filosofia”, “O desenvolvimento das várias filosofias no tempo”, “Diferença entre filosofia e religião”, “A história da filosofia”, “A liberdade de pensamento como primeira condição”, “Divisão da história da filosofia”. *Introdução à história da filosofia*. Trad. Antônio Pinto de Carvalho. 2 ed. São Paulo: Abril Cultural, p. 374, p. 330, p. 334, p. 329, p. 380-381, p. 357-358, p. 328, p. 331, p. 333-334, p. 342, p. 362, p. 373, p. 381, p. 382, p. 377, p. 383-384.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. (1983). “Introdução”, “A existência (*Dasein*)”. *Introdução à história da filosofia*. Trad. Euclidy Carneiro da Silva. 1 ed. São Paulo: Ed. Hemus, p. 12, p. 34-38.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. (1973). “Tales de Mileto”, “Zenão de Eléia”, “Anaxágoras de Clazômenas”, “Leucipo de Mileto”, “Empédocles de Agrigento”, “Heráclito de Éfeso”, “Anaxágoras de Clazômenas”, “Leucipo de Mileto”, “Xenófanes de Colofão”, “Anaximenes de Mileto”. *Os pré-socráticos: vida e obra*. Trad. Ernildo Stein. São Paulo: Abril S.A. Cultural e Industrial, p. 15, p. 204-205, p. 275, p. 279, p. 272, p. 278, p. 277, p. 305, p. 205, p. 206, p. 247, p. 248, p. 249, p. 99, p. 99-100, p. 100, p. 101-102. p. 304, p. 105, p. 101, p. 106, p. 102, p. 98, p. 305, p. 103, p. 75, p. 213, p. 208, p. 276, p. 58, p. 74, p. 74-75, p. 108, p. 246, p. 276-277, p. 303, p. 213.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. (1989). “Sobre o ensino de filosofia nas universidades”. *Sobre o ensino da filosofia*. Trad. Artur Morão, p. 23. Em: «LusoSofia: press. WWW.lusofia.net».

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. (1963). “Introduction”, “La Science”. *Propédeutique philosophique*. Trad. Maurice de Gandillac. Paris: Minuit, p. 36, p. 223.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. (2009). “A filosofia kantiana”. *Fé e saber*. Trad. Olliver Tolle. 1 ed. São Paulo: Hedra, p. 36.

HEIDEGGER, Martin. (1979). “Hegel e os Gregos”. *Conferências e escritos filosóficos*. Trad. Ernildo Stein. São Paulo: abril cultural, p. 209, p. 205, p. 205-206.

HEIDEGGER, Martin. (2012). “O filósofo como libertador dos presos. Seu destino no acontecimento de abertura e encobrimento”, “Verdade e liberdade. Uma interpretação da alegoria da caverna na *Politeia* de Platão. *Ser e verdade: a questão fundamental da filosofia: da essência da verdade*. 2 ed. Trad. Emmanuel Carneiro Leão. Bragança Paulista, SP: Petrópolis: Ed. Universidade São Francisco; vozes, p. 190-191, p. 137.

HERÁCLITO, Éfeso de. (1973) “Sobre a natureza”. *Os pré-socráticos*. Trad. José Cavalcante de Souza. São Paulo: Abril S.A cultural e industrial, p. 90.

HONDT, Jacques d'. (1982). “Hegel l’obscur”. *Hegel et L’Hégélianisme*. 3 ed. Paris: Universitaires de France, p. 26-37. <<https://pt.slideshare.net/fracisbatt/jacques-dhondthegelianismeqsj1029pufparis1982>> Acesso em: 08 de jan. 2017.

HONDT, Jacques d'. (1993). “A vida”. *Hegel*. Trad. Emília Piedade. 1 ed. Lisboa: Edições 70, p. 19.

HONDT, Jacques d'. (1979). “Situação do capítulo teleológico na «lógica»”. *Hegel e o pensamento moderno*. Trad. Rui Magalhães e Sousa Dias. Porto: Rés, p. 11.

HYPPOLITE, Jean. (1946). “L’esprit immédiat”, “Histoire et phénoménologie”, “Le monde de la culture et de l’aliénation”, “La certitude sensible”. *Genèse et structure de la phénoménologie de l’esprit de Hegel*. Paris: Mouton, p. 334-335, p. 34, p. 397, p. 364-412, p. 379, p. 81, p. 84.

HYPPOLITE, Jean. (1989). “‘Fenomenologia’ de Hegel e psicanálise”. *Ensaio de psicanálise e filosofia*. Trad. André Telles. Rio de Janeiro: Taurus-Timbre, p. 62, p. 65, p. 74-75, p. 62-63.

JAEGER, Werner. (1994). “O homem trágico de Sófocles”, “A doutrina das formas de Estado como patologia da alma humana”, “Lugar dos Gregos na história da educação”.

Paidéia: formação do homem grego. Trad. Artur M. Pereira. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, p. 330, p. 958, p. 5, p. 4, p. 13.

JAEGER, Werner. (1995). “La revision de la teoria del primer motor”, “‘La academia’. La academia por el tiempo de la entrada de Aristóteles”, “El lugar de Aristóteles en la historia”. *Aristóteles: bases para la historia de su desarrollo intelectual*. Trad. José Gaos. México: Fondo de Cultura Económica, p. 395, p. 397, p. 412, p. 19, p. 423.

LÉVI-BRUHL, Lucien. (2013). “A Teoria do Estado em Hegel”. *Princípios: revista de filosofia*. Trad. Danilo Vaz-Curado Ribeiro de Meneses Costa, v. 20, n. 33, Natal (RN): Ed. UFRN. CCHLA, p. 657.

LIMA VAZ, Henrique de. (2002). “Introdução”, “O modelo platônico”, “Conclusão”, “O modelo hegeliano”, “Cultura e filosofia”. *Filosofia e cultura*. 2 ed. São Paulo: Loyola, p. 4-5, p. 20, p. 79, p. 46, p. 24, p. 18, p. 85.

MAQUIAVEL, Nicolau. (1996). “Ao magnífico Lorenzo de Medici”, “Por que Razões os príncipes da Itália perderam seus Estados”, “De que modo devem os Príncipes manter a palavra dada”, “Dos principados mistos”. *O Príncipe*. Trad. Maria Julia Goldwesser. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, p. 130, p. 117-118, p. 83, p. 12.

MENESES, Paulo. (2003). “Estrutura da obra”. *Hegel & A fenomenologia do espírito*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, p. 16.

MERLAN, Philip. (2005). “Os motores imóveis de Aristóteles”. *Sobre a Metafísica de Aristóteles: textos selecionados*. Trad. Marcos Zingano. 1 ed. São Paulo: Odysseus Editora, p. 30.

NIEDERLAND, William G. (1981). “A paranoia e a sua história”. *O caso Schreber: um perfil psicanalítico de uma personalidade paranóide*. Trad. Carlos Roberto Oliveira. Rio de Janeiro: Campus, p. 49-52.

NIEL, Henri. (1947). “Introduction: Hegel et el probleme de Dieu”. *Les preuves de l'existence de Dieu*. Trad. Henri Niel. Paris: Montaigne, p. 12-13.

NIETZSCHE, Friedrich. (1998). “Dos pregadores da morte”, “Do novo ídolo”, “Do amigo”, “Do pálido criminoso”. *Assim Falava Zaratustra: um livro para todos e para*

ninguém. Trad. Paulo Osório de Castro; prefácio de Antonio Marques, Lisboa: Ed. Relógio D'Água, p. 51, p. 55, p. 58, p. 65, p. 44.

NIETZSCHE, Friedrich. (1995). “Notas”. *Ecce homo: como alguém se torna o que é*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das letras, p. 121, p. 122.

NIETZSCHE, Friedrich. (1973). “Anotações sobre Demócrito”, “Pitágoras de Samos”. *Os pré-socráticos: vida e obra*. Trad. Rubens Rodrigues Filho. São Paulo: Abril S.A cultural e industrial, p. 359, p. 61-62.

PLATÃO. (1949). “Livro IX”, “Livro I”, “Livro III”, “LIVRO VII”, “Livro VIII”, “Livro VI”, “Livro V”. *A República*. Trad. Maria Helena da Rocha Pereira. 9 ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, p. 413-416, p. 25, p. 113-114, p. 315-359, p. 413, p. 268, p. 308, p. 344-345, p. 301, p. 321, p. 416, p. 255-256, p. 379, p. 289.

PLATÃO. (1979). “A dialética e o filósofo”. *Platão: o sofista*. 1 ed. Trad. Jorge Paleika e João Cruz Costa. São Paulo: Abril cultural, p. 177.

PLATÃO. (1980). “Ciência e missão de Sócrates”, “Quem perderia mais com a condenação”. *Platão: defesa de Sócrates*. Trad. Jaime Bruna. 2 ed. São Paulo: Abril cultural, p. 8, p. 10, p. 16.

KOJÈVE, Alexandre. (2002). “À guisa de introdução”, “Der Geist (O Espírito)”, “Freiheit des selbstbewusstseins (liberdade da consciência-de-si): estoicismo”, “Cepticismo”, “Consciência infeliz”, “Resumo do curso 1934-1935”, “Resumo dos seis primeiros capítulos da Fenomenologia do Espírito”, “Nota sobre a eternidade, o tempo e o conceito”, “Descrição ontológica”, “A dialética do real e o método fenomenológico de Hegel”, “Interpretação da segunda parte do capítulo VIII”, “A idéia da morte na filosofia de Hegel”, “Nota sobre a eternidade, o tempo e o conceito”, “Lugar da Fenomenologia no sistema da ciência”. *Introdução à Leitura de Hegel*. Trad. Estela dos Santos Abreu. 1 ed. Rio de Janeiro: contraponto, p. 11, p. 13, p. 101, p. 28, p. 60, p. 61, p. 62, p. 65, p. 71, p. 162, p. 325, p. 322, p. 321, p. 326-327, p. 49, p. 423, p. 163, p. 314, p. 513, p. 15, p. 20, p. 179, p. 319, p. 37, p. 495, p. 497, p. 358, p. 334-335.

RICOEUR, Paul. (1953-1954). “Essence et langage”, “Signification de l'eidos platonicien”, “Aristote”. *Platon et Aristote*. Centre de Documentation Universitaire. 5

Place de la Sorbonne. Paris - V. Cours professé à l'Université de Strasbourg, p. 5, p. 2-3, p. 82-147.

ROSA FILHO, Sílvio. (2010). "Hegel na sala de aula: (notas para leitura de uma pequena antologia)". *Friedrich Hegel / Jürgen-Eckardt Pleines*. Trad. Sílvio Rosa Filho. Recife: Editora massagana, p. 27.

ROSENFELD, Denis L. (2005). "A vida". *Hegel*. 2 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, p. 23.

ROSENZWEIG, Franz. (2008). "Sexta seção: Frankfurt", "Terceira seção: Tübingen", "Oitava seção: Jena (a partir de 1804)", "Quarta seção: Berna", "Décima primeira seção: Prússia", "Segunda seção: Stuttgart". *Hegel e o Estado*. Trad. Ricardo Timm de Souza. 1 ed. São Paulo: Perspectiva, p. 155, p. 91, p. 301, p. 109-110, p. 457, p. 75, p. 76.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. (1996). "Do direito do mais forte". *O contrato social*. Trad. Antonio de Pádua Danesi. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, p. 13.

SALGADO, Joaquim Carlos. (1996). "O Ser", "A verdade absoluta", "O começo e o objeto da lógica", "O Mundo Ético e o Estado de Direito: a pessoa", "A justiça da lei", "Introdução", "O conceito", "A ciência absoluta". *A idéia de justiça em Hegel*. São Paulo: Loyola, p. 111, p. 109, p. 107, p. 110-111, p. 112, p. 210, p. 66, p. 209, p. 280, p. 281, p. 349, p. 15, p. 174, p. 17, p. 219.

SAFLATE, Vladimir. (2014). "Aquele que diz 'não': sobre um modo peculiar de falar de si". *A negação*. Trad. Marilena Carone. São Paulo: Cosac Naify, p. 43.

SÓFOCLES. (1982). *Édipo Rei*. Trad. Alberto Guzik. São Paulo: Abril Cultural, p. 132.

STRAUSS, Leo. (1964). "Introduccion". *Meditacion sobre Maquiavelo*. Trad. Carmela Gutierrez de Gamba. Madrid: instituto de estudios políticos, p. 14.

ZIZEK, Slavoj. (2013). "Parataxe: figuras do processo dialético", "Fenômenos, númenos e limite", "Introdução - *EPPUR SI MUOVE*", "Ainda é possível ser hegeliano?", "Não como Substância, mas também como Sujeito". *Menos que nada*:

Hegel e a sombra do materialismo dialético. Trad. Rogério Bettoni. 1 ed. São Paulo: Boitempo, p. 117, p. 126, p. 14, p. 33, p. 262.

ZIZEK, Slavoj. (1991). “O suprasensível é o fenômeno como fenômeno ou como Hegel ultrapassa a Coisa-em-si kantiana. Kant com McCullough; O ne expletivo; ‘O suprasensível é o fenômeno como fenômeno’”, “Os paradoxos de Zenão”, “A ‘astúcia da razão’ ou a verdadeira natureza da teleologia hegeliana”. *O mais sublime dos histéricos: Hegel com Lacan*. Trad. Vera Ribeiro. 1 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, p. 109, p. 27, p. 95.

7.2. Referências consultadas

BEISER, Frederick C. (1993). “Hegel’s dialectical method”. *The Cambridge Companion to Hegel*. 1 ed. Cambridge: University Press, p. 130-170.

BOBBIO, Norberto. (1991). “Hegel e o jusnaturalismo”. *Estudos sobre Hegel: direito, sociedade civil, Estado*. Trad. Luíz Sérgio Henrique e Carlos Nelson Coutinho. 2 ed. São Paulo: Brasiliense, p. 23-55.

FORTUNATO, Lucas; GONÇALVES FILHO, Edson; LORETO, Lisandro. (2010). “Sobre a guerra e o Estado”. *Machinapolis e a caosmologia do ser*. 1 ed. Natal, RN: EDUFRN, p. 150-159.

FOUCAULT, Michel. (2002). “Conferência II”. *A verdade e a forma jurídica*. Trad. Roberto Cabral de Melo e Eduardo Jardim Morais. 3 ed. Rio de Janeiro: NAU, p. 29-51.

FOUCAULT, Michel. (1999). “História e constituição”. *Em Defesa da Sociedade: curso no collège de france*. Trad. Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, p. 163-166.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. “Da subjetividade poética”. *Estética: poesia*. Trad. Álvaro Ribeiro. 1 ed. Lisboa: Guimarães editores, p. 65-68.

HEIDEGGER, Martin. (2012). “§ 29 Complemento: e renovação em relação ao solo da investigação ontológica grega em O sofista de Platão”. *Platão: o sofista*. Trad. Marco Antônio Casa Nova. Rio de Janeiro: Forense Universitária, p. 230-234.

HEIDEGGER, Martin. (1942). “La metafísica absoluta”. *Dilucidación de la ‘introducción’ de la ‘Fenomenología del espíritu’ de Hegel*. Edición electrónica de www.philosophia.cl/ Escuela de Filosofía Universidad ARCIS, p. 48-56.

HONNETH, Axel. (2003). “Presentificação histórica: a ideia original de Hegel”. *Luta por reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais*. Trad. Luiz Repa. 1 ed. São Paulo: Ed. 34, p. 29-30.

JAEGER, Werner. (1998). “Heráclito”. *La teología de los primeros filósofos griegos*. Trad. José Gaos. 1 ed. México: Fondo de Cultura Económica, p. 111-155.

JANKÉLÉVITCH, Vladimr. (1986). “De la mort”. *Philosophie première: introduction à une philosophie du ‘presque’*. 2 ed. Paris: Quadrige, p. 46-61.

LIMA VAZ, Henrique de. (1991). “A concepção hegeliana de Homem”. *Antropologia filosófica*. v. I. 7 ed. São Paulo: Loyola, p. 105-114.

LYOTARD, Jean-François. (1990). “Deus e a marionete”. *O inumano: considerações sobre o tempo*. Trad. Ana Cristina Seabra e Elisete Alexandre. 1 ed. Lisboa: Estampa, p. 155-165.

LUKÁCS, Gyögy. (1979). “A dialética de Hegel em meio ao ‘esterco das contradições’”. *Ontologia do ser social: a falsa e a verdadeira ontologia de Hegel*. Trad. Carlos Nelson Coutinho. 1 ed. São Paulo: Ciências Humanas, p. 9-64.

LUKÁCS, Gyögy. (1970). “La opinión política y la concepción de Hegel en el período de la ‘Fenomenología del espíritu’”. *El joven Hegel y los problemas de la sociedad capitalista*. Trad. Manuel Sacristan. 2 ed. Barcelona: Ediciones Grjalbo, S.A, p. 259-270.

MANSION, Suzanne. “A primeira doutrina da substância: a substância segundo Aristóteles”. *Sobre a Metafísica de Aristóteles: textos selecionados*. Trad. Marcos Zingano. 1 ed. São Paulo: Odysseus Editora, p. 73-91.

MARCUSE, Herbert. (1970). “El acaecer de la vida en su historicidad: a) La realización de la autoconciencia como razón”. *Ontología de Hegel y teoría de la historicidad*. Trad. Manuel Sacristán. Espana: Ediciones Martinez, p. 259-270.

PEREIRA, Oswaldo Porchat. (2001) “O saber científico”. *Ciência e dialética em Aristóteles*. São Paulo: Editora UNESP, p. 35-77.

PLATÃO. *Carta VII*. (2008). Trad. José Trindade Santos e Juvino Maia Jr. 2 ed. São Paulo: Loyola.